



WALTER TEVIS
GAMBITO
DE DAMA

NETFLIX

UMA SÉRIE
ORIGINAL
NETFLIX

SUMA
PRODUCTIONS

WALTER TEVIS

**GAMBITO
DE DAMA**

Tradução de
C. SANTOS





Para Eleanora

*Que as torres sem tecto ardam
E que os homens se recordem desse rosto,
Move-te gentilmente se mover te é necessário
Neste solitário sítio.
Ela pensa, parte mulher, três partes criança,
Que ninguém olha; os seus pés
Praticando uma dança de remendos
Aprendida numa rua.
Como um insecto de longas pernas sobre um riacho
A sua mente move-se no silêncio.*

W. B. Yeats, «*Long-legged Fly*»

Nota do autor

O xadrez soberbo dos grandes mestres Robert Fischer, Boris Spassky e Anatoly Karpov tem sido, desde há muitos anos, fonte de prazer para jogadores como eu. Uma vez que *Gambito de Dama* é uma obra de ficção, pareceu-me prudente não os incluir no elenco de personagens, quando mais não fosse para prevenir eventuais inconsistências com a realidade.

Gostaria de expressar a minha gratidão a Joe Ancrile, Fairfield Hoban e Stuart Morden, excelentes jogadores, pela ajuda oferecida relativamente a livros, revistas e regras dos campeonatos. Tive ainda a sorte de poder contar com a benevolente e diligente ajuda do mestre norte-americano Bruce Pandolfini na revisão do texto, que me fez evitar erros relativos ao jogo que ele tão invejavelmente domina.

UM

Beth soube da morte da mãe por uma mulher com uma prancheta. No dia seguinte, a sua fotografia apareceu no *Herald-Leader*. A imagem, captada no alpendre da casa cinzenta em Maplewood Drive, mostrava Beth num vestido simples de algodão. Já nessa altura era claramente vulgar. A legenda da fotografia dizia: «Tornada órfã pelo choque em cadeia ocorrido ontem na New Circle Road, Elizabeth Harmon tem pela frente um futuro difícil. Elizabeth, de oito anos, ficou sem família devido ao acidente, no qual morreram duas pessoas e várias outras ficaram feridas. Elizabeth estava sozinha em casa quando tudo aconteceu, tendo sabido do sucedido pouco antes de a fotografia ser tirada. Segundo as autoridades, receberá o apoio necessário.»

*

Na Instituição Methuen, em Mount Sterling, no Kentucky, era-lhe dado um calmante duas vezes ao dia. O mesmo acontecia a todas as outras crianças, de modo a «estabilizar a sua disposição». A disposição de Beth era boa, tanto quanto se conseguia perceber, mas ela não se importava nada de receber o pequeno comprimido verde. Aliviava-lhe qualquer coisa dentro do estômago e ajudava-a a alhear-se das horas tensas passadas no orfanato.

Os comprimidos eram-lhes dados dentro de um pequeno copo de papel pelo senhor Fergusson. Além do verde, que estabilizava a disposição, havia

também comprimidos cor de laranja e castanhos, para a formação de um corpo forte. As crianças tinham de formar uma fila para os receberem.

A rapariga mais alta era a negra, Jolene. Tinha 12 anos. Beth ficou atrás dela na Fila das Vitaminas, ao segundo dia, e Jolene voltou-se, olhando-a de cima com um ar desconfiado.

— És uma órfã a sério ou uma bastarda?

Beth não soube o que dizer. Sentia-se assustada. Estavam no final da fila, e ela tinha de ficar à espera até poder dirigir-se ao postigo onde se encontrava o senhor Fergusen. Beth já tinha ouvido a mãe chamar «bastardo» ao pai, mas não sabia o que isso queria dizer.

— Como é que te chamas, rapariga? — perguntou Jolene.

— Beth.

— A tua mãe está morta? E o teu pai?

Beth ficou a olhar para ela. As palavras «mãe» e «morta» eram-lhe insuportáveis. Queria fugir, mas não havia para onde.

— Os teus familiares — perguntou Jolene num tom que não era antipático — estão mortos?

Beth não conseguiu encontrar o que dizer ou fazer. Ficou quieta, apavorada, à espera dos comprimidos.

*

— Vocês não passam de um bando de chupa-pilas!

Foi Ralph quem gritou aquilo, na Ala dos Rapazes. Ela ouviu porque estava na biblioteca, onde havia uma janela virada para essa ala. Não tinha uma imagem mental para «chupa-pilas», e a palavra era estranha. Mas, a julgar pelo som, de certeza que era o suficiente para lhe lavarem a língua

com sabão. Tinham-lhe feito isso por causa de um «caraças» — e a sua mãe dizia «caraças» constantemente.

*

O barbeiro fê-la ficar absolutamente imóvel na cadeira.

— Se te mexeres, podes ficar sem uma orelha.

Não havia nada de jovial na sua voz. Beth permaneceu o mais quieta que conseguiu, mas era impossível ficar completamente imóvel. Cortar-lhe o cabelo e fazer-lhe a franja que todas elas usavam demorou uma eternidade. Beth tentou entreter-se a pensar naquela palavra, «chupa-pilas». Lembrava-lhe «papilas», mas tinha a sensação de que não devia ter que ver com isso.

*

O zelador era mais gordo de um lado do que do outro. Chamava-se Shaibel. Senhor Shaibel. Um dia, disseram-lhe para ir à cave limpar os apagadores dos quadros de ardósia, batendo-os uns nos outros, e ela encontrou-o sentado num banco de metal ao pé da caldeira, a encarar um tabuleiro de xadrez verde e branco com uma expressão carregada. Mas, no lugar das peças, estavam umas coisas de plástico, pequenas, com formas estranhas. Umas eram maiores do que as outras. O zelador levantou o olhar. Ela saiu em silêncio.

À sexta-feira, todos comiam peixe, fossem católicos ou não. Vinha aos cubos, panado numa crosta escura, castanha e seca, e coberto por um espesso molho cor de laranja, a fazer lembrar molho *cocktail*. O molho era doce e horrível, mas o peixe que se escondia por baixo conseguia ser pior.

O seu sabor quase fez Beth engasgar-se. Mas era preciso comer tudo até ao fim; caso contrário, contavam à senhora Deardorff e não se era adoptado.

Algumas crianças eram adoptadas depressa. Uma menina de seis anos, chamada Alice, entrou um mês depois de Beth e em três semanas tinha ido com uma família de pessoas bonitas com sotaque. Atravessaram a ala no dia em que vieram buscar Alice. Beth teve vontade de os abraçar, pareciam-lhe ser felizes, mas virou-lhes as costas e foi-se embora quando olharam para si. Outras crianças já lá estavam havia muito tempo e sabiam que nunca se iriam embora. Auto-intitulavam-se «condenados». Beth ficava a pensar se seria uma condenada.

*

Ginástica era mau e voleibol era o pior. Beth nunca conseguia acertar na bola como devia ser. Ou lhe batia de mão aberta com toda a força ou a empurrava com os dedos hirtos. Numa das vezes, aleijou o dedo de tal maneira que acabou por inchar. A maioria das raparigas ria-se ou gritava enquanto jogava, mas Beth nunca o fez.

Jolene era, de longe, a melhor jogadora. Não se tratava apenas de ser mais velha e mais alta: sabia sempre o que fazer, e quando a bola era batida por cima da rede em altura, ela conseguia posicionar-se debaixo dela sem ter de gritar às outras raparigas que saíssem da frente, e então saltava e disparava-a para o campo oposto com um longo e suave movimento de braço. A equipa que tivesse Jolene ganhava sempre.

Na semana após Beth ter magoado o dedo, Jolene interceptou-a no final da aula de ginástica, enquanto as outras raparigas corriam para os balneários.

— Deixa-me mostrar-te uma coisa — disse ela.

Mostrou as mãos, abrindo os seus longos dedos e mantendo-os ligeiramente flectidos.

— Faz assim.

Dobrou os cotovelos e subiu as mãos suavemente, impulsionando uma bola imaginária.

— Experimenta.

Beth experimentou, a medo, inicialmente. Jolene voltou a mostrar-lhe como se fazia, rindo-se. Beth tentou mais algumas vezes, com melhores resultados. Depois, Jolene pegou na bola e fez com que Beth a apanhasse com as pontas dos dedos. Após algumas tentativas, tornou-se fácil.

— Continua a praticar isso, ouviste? — disse Jolene, correndo para o balneário.

Beth continuou a praticar na semana seguinte, e depois disso já não se importava nada de jogar voleibol. Não se tornou boa jogadora, mas o jogo deixou de a assustar.

*

Todas as terças-feiras, a menina Graham mandava Beth limpar os apagadores depois da aula de Aritmética. Era considerado um privilégio, e Beth era a melhor aluna da sua turma, apesar de ser a mais nova. Não gostava da cave. Cheirava a mofo, e ela tinha medo do senhor Shaibel. Mas queria saber mais acerca do jogo que ele jogava naquele tabuleiro, sem companhia.

Certo dia, aproximou-se e ficou de pé junto a ele, à espera de que movesse uma peça. Estava a tocar numa com uma pequena cabeça de cavalo sobre um pedestal. Passado um momento, ele ergueu a cabeça e olhou-a com uma expressão irritada.

— O que é que *queres*, criança? — inquiriu.

Regra geral, ela fugia de qualquer contacto humano, especialmente com adultos, mas desta vez não se afastou.

— Como é que se chama esse jogo? — perguntou.

Ele fixou-a.

— Devias estar lá em cima com as outras crianças.

Ela olhou para ele tranquilamente; havia algo naquele homem e na segurança com que jogava o seu jogo misterioso que a ajudava a não abrir mão daquilo que queria.

— Não quero estar com as outras crianças — disse ela. — Quero saber que jogo é esse.

Ele observou-a com mais atenção. Depois encolheu os ombros.

— Chama-se xadrez.

*

Uma lâmpada nua pendia dum cabo negro entre o senhor Shaibel e a caldeira. Beth tinha cuidado para que a sombra da sua cabeça não tapasse o tabuleiro. Era domingo de manhã. Estavam a ter catequese na biblioteca quando ela levantou a mão para ir à casa de banho e desceu até à cave. Há dez minutos que observava, de pé, o zelador a jogar xadrez. Nenhum dos dois tinha dito uma palavra, mas ele parecia aceitar a sua presença.

Ele olhava fixamente para cada peça durante alguns minutos, sem se mexer; olhava-as como se as detestasse, depois inclinava-se sobre a barriga, pegava numa delas com a ponta dos dedos, segurava-a durante alguns momentos, como se estivesse a pegar num rato morto pela cauda, e colocava-a noutro quadrado. Não olhava para Beth.

Beth ficava de pé, com a sombra negra da sua cabeça no chão de

cimento, junto aos pés, e olhava para o tabuleiro, nunca desviando o olhar, observando cada movimento.

*

Ela tinha aprendido a guardar os calmantes até à noite. Ajudavam-na a dormir. Colocava o comprimido oblongo na boca quando o senhor Fergussen lho entregava, guardava-o debaixo da língua, dava um pequeno gole no sumo de pacote que vinha com o comprimido, engolia, e então, quando o senhor Fergussen voltava a atenção para outra criança, tirava o comprimido da boca e escondia-o no bolso da blusa com gola de marinheiro. O comprimido tinha um revestimento duro que aguentava debaixo da língua sem amolecer.

Dormira muito pouco nos primeiros dois meses. Tinha tentado, ficando quieta na cama, com os olhos bem fechados. Mas conseguia ouvir as outras raparigas nas suas camas a tossirem, a virarem-se ou a sussurrarem, ou, então, uma auxiliar nocturna passava no corredor e a sombra percorria a sua cama e ela conseguia vê-la, mesmo de olhos fechados. Um telefone longínquo tocava ou um autoclismo era descarregado. Mas o pior era quando ouvia as vozes que conversavam à secretária, no final do corredor. Não importava o quão baixo a auxiliar falasse com o porteiro nocturno, não importava o quão amavelmente o fazia — Beth sentia-se de imediato tensa e completamente desperta. O seu estômago contraía-se, a boca sabia-lhe a vinagre; e dormir estava completamente fora de questão nessa noite.

Agora, aninhava-se na cama deixando que a sensação de tensão no seu estômago a enchesse de uma espécie de entusiasmo, uma vez que sabia que, em breve, acabaria por desaparecer. Ficava à espera, no escuro, sozinha, avaliando-se, aguardando que a agitação dentro de si atingisse o ponto

máximo. Nesse momento, engolia os dois comprimidos e deitava-se de costas até que uma sensação de relaxamento começasse a espalhar-se pelo seu corpo, como as ondas de um mar morno.

*

— Ensina-me?

O senhor Shaibel não respondeu, nem sequer fez um movimento de cabeça que desse a entender ter ouvido a pergunta. Acima deles, vozes distantes cantavam *Bringing in the Sheaves*^[1].

Ela esperou durante vários minutos. A sua voz quase falhou com o esforço exigido pelas palavras, mas forçou-se a empurrá-las para fora da boca:

— Quero aprender a jogar xadrez.

O senhor Shaibel esticou uma mão gorda na direcção de uma das maiores peças pretas, segurou-a habilmente pela cabeça e colocou-a noutro quadrado, no lado oposto do tabuleiro. Fez a mão regressar e cruzou os braços sobre o peito. Continuou a não olhar para Beth.

— Não ensino estranhos a jogar.

A frieza da voz teve o efeito de uma estalada. Beth virou costas e foi-se embora, subindo as escadas com um mau gosto na boca.

— Não sou uma estranha — disse-lhe ela dois dias depois. — Vivo cá.

Atrás da sua cabeça, uma pequena traça voava em redor da lâmpada, e a sua sombra pálida passava por cima do tabuleiro a intervalos regulares.

— Pode ensinar-me. Já aprendi coisas, de estar a ver.

— As raparigas não jogam xadrez.

A voz do senhor Shaibel continuava fria.

Ela ganhou coragem e deu um passo em diante, apontando, sem tocar,

para uma das peças cilíndricas que, na sua imaginação, tinha já o nome de «canhão».

— Esta mexe-se para cima e para baixo, e para a frente e para trás. E vai de um lado ao outro, se houver espaço.

O senhor Shaibel ficou em silêncio durante um momento. Depois, apontou para uma peça cujo topo parecia um limão golpeado ao meio.

— E esta?

O coração de Beth deu um salto.

— Anda na diagonal.

*

Era possível juntar comprimidos se se tomasse apenas um à noite, guardando-se o outro. Beth deixava os comprimidos sobejantes no copo da escova de dentes, onde ninguém ia espreitar. Só tinha de se lembrar de secar a escova o máximo que conseguisse com papel higiénico, depois de a usar, ou então não a usar sequer e limpar os dentes com o dedo.

Nessa noite, pela primeira vez, tomou três comprimidos, um a seguir ao outro. Sentiu pequenas picadas na linha dos pêlos, na parte de trás do pescoço; tinha acabado de descobrir uma coisa importante. Deixou que uma onda de calor se espalhasse sobre si, deitada na cama, dentro do pijama de um azul gasto, no pior sítio da Ala da Raparigas, ao pé da porta que dava para o corredor, mesmo em frente à casa de banho. Algo na sua vida se tinha decidido: sabia sobre peças de xadrez e sobre como se mexiam e eram capturadas, e sabia o que usar para que o seu estômago e as articulações tensas dos seus braços e pernas se sentissem bem: os comprimidos que o orfanato lhe tinha dado.

*

— Pronto, criança — disse o senhor Shaibel —, agora podemos jogar xadrez. Eu jogo com as brancas.

Ela tinha os apagadores consigo. Tivera Aritmética e a aula de Geografia começava dentro de dez minutos.

— Não tenho muito tempo — respondeu ela.

Tinha aprendido todos os movimentos no domingo anterior, durante a hora que a catequese lhe permitira passar na cave. Ninguém sentia a sua falta na catequese desde que aparecesse no início, graças ao grupo de raparigas que vinha das Crianças, no outro lado da cidade. Mas com Geografia era diferente. Tinha um medo terrível do senhor Schell, apesar de ser uma das melhores alunas.

A voz do zelador era fria.

— É agora ou nunca — disse ele.

— Tenho Geografia...

— Agora ou nunca.

Bastou pensar um segundo para se decidir. Tinha visto uma grade de garrafas de leite atrás da caldeira. Arrastou-a para o outro lado do tabuleiro, sentou-se e disse:

— Vamos.

Ele venceu-a com aquilo que, mais tarde, ela viria a saber que se chamava Mate Pastor, após quatro jogadas. Foi rápido, mas não o bastante para que evitasse chegar quinze minutos atrasada à aula de Geografia. Disse que tinha estado na casa de banho.

O senhor Schell ficou de pé diante da secretária, com as mãos na cintura. Olhou para a turma.

— Alguma das meninas aqui presentes viu esta menina na casa de banho

das meninas?

Ouviram-se risos abafados. Nenhuma das mãos se levantou, nem sequer a de Jolene, apesar de Beth ter mentido por ela um par de vezes.

— E quantas das meninas aqui presentes estiveram na casa de banho das meninas antes da aula?

Ouviram-se mais risos e levantaram-se três mãos.

— E alguma de vocês viu lá a Beth? A lavar as mãozinhas, por exemplo?

Não houve qualquer resposta. O senhor Schell virou-se para o quadro, onde tinha estado a fazer uma lista de exportações da Argentina, e adicionou a palavra «prata». Por momentos, Beth julgou que o assunto estivesse resolvido. Mas foi então que ele falou, ainda de costas para a turma:

— Cinco deméritos — disse.

Com dez deméritos, levava-se com uma correia de couro no traseiro. Beth só tinha sentido a correia na sua imaginação, mas esta expandiu-se momentaneamente com uma visão de dor, ardente como chamas, nas suas partes sensíveis. Pôs uma mão junto ao coração, sentindo o comprimido da manhã no fundo do bolso da blusa. O medo reduziu de intensidade significativamente. Visualizou o copo da escova de dentes, o longo recipiente de plástico rectangular; tinha mais quatro comprimidos, ali, na gaveta da pequena mesa-de-cabeceira de metal, junto à cama.

Nessa noite, deitou-se de barriga para cima. Ainda não tinha tomado o comprimido que tinha na mão. Escutou os ruídos nocturnos e reparou que pareciam ficar mais altos consoante os seus olhos se habituavam à escuridão. Ao fundo do corredor, o senhor Byrne começava a conversar com a senhora Holland, à secretária. O corpo de Beth retesou-se com o som. Pestanejou e fixou o tecto escuro sobre si, forçando-se por visualizar os quadrados verdes e brancos do tabuleiro de xadrez. Depois, colocou as

peças nas suas posições iniciais: torre, cavalo, bispo, rainha, rei e a linha de peões à frente deles. Depois, moveu o peão do rei branco para a quarta linha. Empurrou o peão preto para a frente. Ela era capaz de fazer aquilo! Era simples. Continuou, começando a jogar novamente o jogo que perdera.

Moveu o cavalo do senhor Shaibel para a terceira linha. Aí permaneceu, claro na sua mente, no tabuleiro verde e branco do tecto da ala.

Os ruídos tinham-se tornado um rumor de fundo, branco e harmonioso. Beth ficou deitada na cama, feliz, a jogar xadrez.

*

No domingo seguinte, bloqueou o Mate Pastor com o seu cavalo do rei. Tinha revisto a partida mentalmente uma centena de vezes, até eliminar por completo todos os resquícios de raiva e humilhação, e ter unicamente diante de si, na sua visão nocturna, as peças e o tabuleiro. Ao chegar à cave para jogar contra o senhor Shaibel, no domingo, tinha tudo planeado, e, ao mover o cavalo, teve a sensação de estar dentro de um sonho. Adorava sentir a peça nos dedos, a cabeça de cavalo em miniatura na palma da sua mão. Quando pousou o cavalo no respectivo quadrado, o zelador ganhou uma expressão carregada. Pegou na rainha pela cabeça e fez xeque ao rei de Beth com ela. Mas Beth estava preparada; tinha-o visto acontecer na noite anterior.

Foram precisas catorze jogadas do zelador para conseguir encurralar a rainha de Beth. Ela tentou prosseguir o jogo, mesmo sem rainha, ignorando essa perda fatal, mas ele esticou a mão e impediu a dela de tocar no peão que estava prestes a mover.

— É altura de desistires — disse ele com uma voz arranhada.

— Desistir?

— Nem mais, criança. Quando perdes a rainha desta maneira, desistes.

Ficou a olhar para ele, sem compreender. Ele largou-lhe a mão, pegou no rei preto dela e deitou-o ao lado do tabuleiro. A peça rolou ligeiramente para a frente e para trás, e acabou por parar.

— *Não* — disse ela.

— Sim. Tens de abandonar o jogo.

Teve vontade de lhe bater com qualquer coisa.

— Não me falou nisso, nas regras.

— Não é uma regra. É desportivismo.

Ela não sabia o que isso significava, mas não gostava.

— Quero acabar o jogo — disse ela, pegando no rei e voltando a colocá-lo no tabuleiro.

— Não.

— Tem de acabar — insistiu.

Ele ergueu as sobrancelhas e levantou-se. Ela nunca o tinha visto de pé na cave, só nos corredores, a varrer, ou nas salas de aula, a lavar os quadros. Teve de permanecer ligeiramente dobrado para não bater com a cabeça nas vigas do tecto baixo.

— Não — disse ele. — Perdeste.

Não era justo. Ela não queria saber de desportivismo. Queria jogar e ganhar. Mais do que qualquer outra coisa na vida, queria ganhar. Disse duas palavras que não pronunciara desde que a mãe tinha morrido:

— Por favor.

— O jogo terminou.

Olhou para ele, completamente furiosa.

— Você não passa de um...

Ele deixou os braços penderem ao longo do corpo e disse lentamente:

— Chega de xadrez. Vai-te embora.

Se, ao menos, ela fosse mais alta. Mas não era. Levantou-se da grade onde estava sentada e caminhou até às escadas, enquanto o zelador a observava, em silêncio.

*

Na terça-feira, depois de percorrer o corredor até à porta da cave com os apagadores nos braços, descobriu que esta estava trancada. Empurrou-a com a anca, mas a porta não cedeu. Bateu com os nós dos dedos, primeiro devagar e, depois, com força, mas não se ouviu um único som do outro lado. Era horrível. Sabia que ele estava lá dentro, sentado diante do tabuleiro, e estava só zangado com ela por causa do que se tinha passado na última vez, mas não havia nada que pudesse fazer. Ao regressar com os apagadores, a menina Graham nem sequer notou que eles não tinham sido limpos ou que Beth tinha demorado menos do que o habitual.

Na quinta-feira, teve a certeza de que ia acontecer o mesmo, mas enganou-se. A porta estava aberta e, quando ela desceu as escadas, o senhor Shaibel agiu como se nada tivesse acontecido. As peças estavam colocadas no tabuleiro. Beth limpou os apagadores apressadamente e sentou-se para jogar. O senhor Shaibel já tinha movido o peão do rei. Ela moveu o seu peão do rei dois quadrados para a frente. Não ia cometer erros, desta vez.

Ele respondeu à sua jogada com rapidez, e ela respondeu de igual modo. Não trocaram uma única palavra, mas continuaram a mover peças. Beth conseguia sentir a tensão, e gostava.

Na vigésima jogada, o senhor Shaibel avançou com o cavalo no momento errado e Beth conseguiu avançar um peão até à sexta linha. O senhor Shaibel fez recuar o cavalo. Era uma jogada desperdiçada, e ela sentiu uma ponta de entusiasmo ao vê-lo fazer isso. Beth trocou o bispo

pelo cavalo. Depois, na jogada seguinte, voltou a fazer avançar o peão. Tornar-se-ia rainha na jogada seguinte.

Ele olhou para a peça e, com alguma raiva, alcançou o seu rei e fê-lo tombar. Nenhum dos dois disse palavra. Era a sua primeira vitória. Toda a tensão se tinha dissipado, e o que Beth sentia dentro de si era a coisa mais maravilhosa que alguma vez experimentara.

*

Ela descobriu que podia faltar ao almoço de domingo e ninguém dava pela sua falta. Isso concedia-lhe três horas com o senhor Shaibel, até ao momento em que ele fosse para casa, às duas e meia. Nenhum dos dois falava. Ele jogava sempre com as peças brancas, abrindo o jogo, e ela, com as pretas. Já tinha pensado em perguntar porquê, mas achou melhor não o fazer.

Num domingo, depois de um jogo vencido por pouco, o senhor Shaibel disse:

— Devias aprender a Defesa Siciliana.

— O que é isso? — perguntou ela, irritada.

Ainda estava furiosa com a derrota. Tinha-o vencido em dois jogos, na semana anterior.

— Quando as brancas movem o peão para a quarta casa da coluna da dama, as pretas fazem isto.

Baixou a mão até ao tabuleiro e moveu o peão branco dois quadrados para cima, o que era quase sempre a sua primeira jogada. Depois, pegou no peão que estava em frente ao bispo da rainha preta e fê-lo avançar dois quadrados em direcção ao centro. Era a primeira vez que ele lhe mostrava algo do género.

— E depois? — perguntou ela.

Ele pegou no cavalo do rei e pousou-o mais abaixo e à direita do peão.

— Cavalo para 3BR.[2]

— O que é 3BR?

— Terceira casa da coluna do bispo do rei. Onde acabei de pôr o cavalo.

— Os quadrados têm nomes?

Ele anuiu, sem expressão. Ela ficou com a sensação de que ele lhe estava a dar toda aquela informação contrariado.

— Se souberes jogar, têm nomes.

Ela inclinou-se para o tabuleiro.

— Mostre-me.

Ele olhou para ela com arrogância.

— Não. Agora, não.

Ficou furiosa. Percebia que uma pessoa quisesse guardar para si os seus segredos. Também tinha os seus. Ainda assim, apeteceu-lhe debruçar-se sobre o tabuleiro, dar-lhe uma estalada e obrigá-lo a explicar tudo. Inspirou com força.

— A Defesa Siciliana é isso?

Ele pareceu aliviado por ela ter abandonado a questão do nome dos quadrados.

— Ainda há outras coisas — disse ele.

Continuou a explicar, mostrando-lhe as jogadas básicas e algumas variantes. Mas não usou o nome dos quadrados. Mostrou-lhe a Variante Levenfish e a Variante Najdorf, e disse-lhe que as experimentasse. Ela assim fez, sem cometer um único erro.

Mas, ao jogarem uma partida a sério, ele fez avançar o seu peão da dama, e ela percebeu imediatamente que, naquela situação, tudo aquilo que ele lhe tinha ensinado era inútil. Olhou para ele, furiosa, com a certeza de que, se

tivesse uma faca, seria capaz de o esfaquear. Depois, olhou novamente para o tabuleiro e fez avançar o seu próprio peão da dama, concentrada em derrotá-lo.

Ele moveu um peão para o lado do seu peão da rainha, em frente ao bispo. Era uma jogada que fazia com frequência.

— Isto é uma daquelas coisas? Como a Defesa Siciliana? — perguntou ela.

— Chama-se abertura — respondeu ele sem olhar para ela; estava focado no jogo.

— Ai sim?

Ele encolheu os ombros.

— O Gambito de Dama.

Ela sentiu-se melhor. Tinha aprendido mais uma coisa com ele. Decidiu não capturar o peão oferecido, deixando a tensão permanecer no tabuleiro. Gostava disso. Gostava do poder das peças, exercido ao longo das colunas e das diagonais. A meio de uma partida, quando as peças estavam espalhadas pelo tabuleiro, as forças que o cruzavam deixavam-na entusiasmada. Fez avançar o cavalo do rei, sentindo a emanção do seu poder.

Em vinte jogadas, tinha capturado ambas as torres, e ele desistiu.

Ela rebolou-se na cama, tapou a cabeça com uma almofada, de modo a bloquear a luz que entrava por baixo da porta que dava para o corredor, e começou a pensar numa maneira de usar um bispo e uma torre em conjunto para fazer um xeque súbito ao rei. Movendo o bispo, o rei ficava em xeque, e o bispo, livre para fazer o que quisesse na jogada seguinte — inclusivamente, capturar a dama. Ficou assim durante um bocado, a pensar alegremente neste poderoso ataque. Destapou a cabeça, virou-se de barriga para cima, visualizou o tabuleiro no tecto e voltou a jogar todas as partidas com o senhor Shaibel, uma a uma. Encontrou duas hipóteses de criar a

situação torre-bispo que acabara de inventar. Numa delas, podia forçá-la através de uma ameaça dupla; na outra, era provável que a conseguisse criar discretamente. Recriou essas duas partidas na mente, utilizando as novas jogadas, e venceu ambas. Sorriu para si mesma, feliz, e adormeceu.

*

A professora de Aritmética atribuiu a tarefa de limpeza dos apagadores a outro aluno, declarando que Beth precisava de uma folga. O que não era justo, uma vez que Beth continuava a ter notas perfeitas à disciplina, mas não havia nada que pudesse fazer. Ficava sentada no seu lugar a ver o rapazinho ruivo sair da sala com os apagadores, a fazer as suas adições e subtracções sem sentido com a mão a tremer. A cada dia que passava, a sua vontade de jogar xadrez tornava-se mais desesperante.

Tomou só um comprimido na terça e na quarta, e guardou os outros. Na quinta-feira, conseguiu adormecer depois de jogar xadrez mentalmente durante mais ou menos uma hora, e conseguiu guardar os dois comprimidos desse dia. Fez o mesmo na sexta. Durante o dia de sábado, enquanto executava o seu trabalho na cafetaria da cozinha, à tarde, durante o filme cristão na biblioteca, e durante a Sessão de Aperfeiçoamento Pessoal logo antes do jantar, Beth conseguia sentir uma pequena onda de calor sempre que quisesse, por saber que tinha seis comprimidos no copo da escova de dentes.

Nessa noite, depois de as luzes serem apagadas, tomou-os a todos, um a um, e esperou. A sensação, ao chegar, foi deliciosa: uma espécie de doçura fácil na barriga e uma descontracção nas zonas rígidas do corpo. Forçou-se a manter-se acordada durante o máximo de tempo possível, de modo a sentir o calor dentro de si, a profunda felicidade química.

No domingo, ficou surpreendida ao ouvir o senhor Shaibel perguntar onde é que ela tinha estado, por ele querer saber.

— Não me deixaram sair da sala — respondeu.

Ele anuiu. O tabuleiro estava pronto e, para sua surpresa, Beth notou que as peças brancas estavam do seu lado e a grade das garrafas de leite estava arrumada junto à mesa.

— Começo eu a jogar? — perguntou, incrédula.

— Sim. A partir de agora, abrimos o jogo à vez. É assim que deve ser jogado.

Ela sentou-se e avançou o peão do rei. Sem dizer uma palavra, o senhor Shaibel moveu o peão da rainha. Ela não se tinha esquecido das jogadas. Nunca se esquecia das jogadas de xadrez. Ele seguiu com a Variante Levenfish; ela manteve-se atenta ao comando que o bispo dele exercia sobre a longa diagonal, ao modo como se mantinha imóvel, à espera do momento certo para atacar. E descobriu uma maneira de o neutralizar à décima sétima jogada: sacrificando o seu próprio bispo, mais fraco. Depois, avançou com o cavalo, fez surgir a torre e, em dez jogadas, tinha-o em xeque-mate.

Tinha sido fácil; fora unicamente uma questão de manter os olhos abertos e visualizar os vários cenários de jogo que poderiam surgir.

O xeque-mate apanhou-o de surpresa; ela apanhou o rei na linha de trás, esticando o seu braço por cima de todo o tabuleiro e colocando a torre directamente no quadrado de mate.

— Mate — disse ela friamente.

O senhor Shaibel parecia diferente. Não fez má cara, como fazia sempre que ela o vencia. Inclinou-se para a frente e disse:

— Vou ensinar-te a notação do xadrez.

Ela olhou para ele.

— O nome das casas. Agora, vou ensinar-te.

Ela pestanejou.

— Já sei jogar o suficiente?

Ele ia começar a dizer qualquer coisa, mas parou.

— Quantos anos tens, criança?

— Oito.

— Oito anos. — Inclinou-se para a frente, tanto quanto a sua enorme barriga permitia. — Se queres que te diga a verdade, criança, és extraordinária.

Não compreendeu o que ele queria dizer.

— Dá-me licença.

O senhor Shaibel baixou-se e pegou numa garrafa de meio litro quase vazia. Inclinou a cabeça para trás e bebeu.

— Isso é *whiskey*?

— Sim, criança. Não contes a ninguém.

— Não contarei — respondeu ela. — Ensine-me a notação do xadrez.

Ele voltou a pousar a garrafa no chão. Beth seguiu-a com o olhar durante um momento, perguntando-se que sabor teria o *whiskey* e o que se sentiria ao bebê-lo. Depois, voltou o olhar e a atenção novamente para o tabuleiro e para as 32 peças, cada uma delas emanando a sua singular força silenciosa.

*

Algures a meio da noite, foi acordada. Estava alguém sentado à beira da cama. Ela ficou tensa.

— Tem calma — sussurrou Jolene —, sou eu.

Beth não respondeu, limitando-se a ficar deitada, à espera.

— Achei que talvez te estivesse a apetecer experimentar uma coisa

divertida — disse Jolene.

Enfiou uma mão debaixo do lençol e colocou-a sobre a barriga de Beth. Beth estava deitada de costas. A mão aí permaneceu, e Beth continuou tensa.

— Não sejas chata. Não te vou fazer mal — sussurrou Jolene, rindo-se baixinho. — Estou só excitada. Sabes como é estar excitada?

Beth não sabia.

— Relaxa. Vou só esfregar um bocadinho. Vai-te saber bem, se deixares.

Beth virou a cabeça para a porta do corredor. Estava fechada. Como de costume, entrava luz por baixo. Conseguia ouvir as vozes na distância, ao pé da secretária.

A mão de Jolene começou a deslizar para baixo. Beth abanou a cabeça.

— Não... — sussurrou.

— Fica tranquila — disse Jolene.

A sua mão continuou a descer, e um dedo começou a esfregar para cima e para baixo. Não magoava, mas havia algo em Beth que resistia. Sentia-se a suar.

— Foda-se — disse Jolene —, aposto que te sabe bem.

Encostou-se um pouco mais a Beth, pegando na sua mão com a que tinha livre e puxando-a na sua direcção.

— Toca-me também, vá — disse.

Beth deixou a mão mole. Jolene guiou-a por baixo da sua camisa de dormir até que os dedos de Beth roçaram um sítio que estava morno e húmido.

— Vá, carrega um bocadinho — sussurrou Jolene.

A intensidade do sussurro era assustadora. Beth fez o que lhe mandaram e pressionou com um pouco mais de força.

— Vá, linda — sussurrou Jolene —, mexe para cima e para baixo.

Assim.

Começou a mover o seu dedo contra Beth. Era aterrador. Beth esfregou Jolene algumas vezes, tentando ao máximo concentrar-se em simplesmente fazer isso. Tinha o rosto suado e a sua mão livre agarrava-se ao lençol com toda a força que tinha.

Então, o rosto de Jolene estava pressionado contra o dela, e o seu braço em redor do seu peito.

— Mais depressa — disse Jolene —, *mais depressa*.

— Não! — exclamou Beth, assustada. — *Não, não quero fazer isso*.

Retirou a mão para longe.

— Estúpida de merda — disse Jolene em voz alta.

Ouviram-se passos apressados a percorrer o corredor e a porta abriu-se. A luz entrou. Era uma das funcionárias da noite que Beth não conhecia. A senhora ficou no mesmo sítio durante um longo minuto. Estava tudo sossegado. Jolene tinha desaparecido. Beth não se arriscava a mexer para ver se ela tinha voltado para a sua cama. Passado um bocado, a mulher saiu. Beth olhou por cima do lençol e viu o contorno do corpo de Jolene na cama. Beth tinha três comprimidos na gaveta; tomou os três. Depois, deitou-se de costas e esperou que o mau gosto desaparecesse da boca.

No dia seguinte, na cafetaria, Beth sentia-se arrasada de não ter dormido.

— És a rapariga *mais feia* que já existiu — disse Jolene, fingindo sussurrar.

Tinha vindo ter com Beth na fila de entrega das pequenas caixas de cereais.

— O teu nariz é feio e a tua cara é feia e a tua pele parece lixa. Branquela encardida de merda.

E afastou-se, de cabeça erguida, em direcção aos ovos mexidos.

Beth não respondeu, sabendo que era verdade.

*

Rei, cavalo, peão. A tensão no tabuleiro era tanta que podia deformá-lo. E, de repente, *pum!* A dama caía. As torres no fundo do tabuleiro, cercando num primeiro momento, mas sempre prontas, pressionando e eliminando a pressão num único movimento. Em Ciências, a menina Hadley tinha falado de ímanes, de «linhas de força». Beth, prestes a adormecer de tédio, acordou subitamente. Linhas de força: bispos nas diagonais, torres nas linhas.

Os lugares na sala de aula podiam ser as casas. Se o ruivo chamado Ralph fosse um cavalo, ela poderia pegar nele e movê-lo dois lugares para cima e um para o lado, sentando-o no lugar vazio ao lado de Denise. Quem ficava em xeque era Bertrand, que se sentava na primeira fila e era, decidiu ela, o rei. Sorriu ao pensar nisso. Não falava com Jolene havia mais de uma semana, mas Beth não podia chorar por causa disso. Já tinha quase nove anos, não precisava de Jolene. Não interessava o que sentia. Não precisava de Jolene.

*

— Toma — disse o senhor Shaibel, entregando-lhe uma coisa embrulhada em papel castanho.

Era meio-dia de domingo. Ela abriu o embrulho. Era um livro pesado: *Modern Chess Openings*^[3].

Sem acreditar no que via diante de si, começou a folheá-lo. Estava repleto de longas colunas verticais com notações de xadrez. Havia também pequenos diagramas de tabuleiros e cabeças de página com nomes como

«Aberturas com Peão da Dama» e «Sistemas de Defesa Indianos». Beth olhou para cima.

Ele observava-a com uma expressão carregada.

— É o melhor livro para ti — disse ele. — Vai ensinar-te o que queres saber.

Ela não respondeu, mas sentou-se em cima da sua grade de garrafas de leite, apertando o livro contra o peito, à espera do início do jogo.

*

Inglês era a disciplina mais aborrecida de todas, com a voz lenta do senhor Espero e os poetas com nomes como John Greenleaf Whittier e William Cullen Bryant. «Que destino, de entre o orvalho cadente,/ Enquanto irradiam os céus com a última passada do dia...» Era estúpido. E ele entoava cada uma das palavras carinhosamente.

Beth segurava o *Modern Chess Openings* debaixo da carteira enquanto o senhor Espero lia. Estudava uma variante de cada vez, executando-as mentalmente. Ao terceiro dia, as notações — P4R, N3BR — voaram para dentro da sua mente como peças sólidas colocadas em casas reais. Conseguia vê-las claramente; não era preciso um tabuleiro. Bastava-lhe ficar ali sentada com o *Modern Chess Openings* aberto no colo, sobre a saia plissada de sarja azul da Instituição Methuen, e enquanto o senhor Espero cacarejava sobre a elevação do espírito proporcionada pela grande poesia ou lia versos em voz alta, como «Àquele que por amor à Natureza se entrega/ em comunhão com as suas formas visíveis, ela lhe fala em línguas várias», as jogadas de xadrez encaixavam-se diante dos seus olhos semiabertos. No fim do livro, surgiam continuações que detalhavam o desfecho de alguns jogos clássicos, desistências ao fim de 27 jogadas ou

empates na quadragésima, e ela aprendeu a guiar as peças através de todo esse *ballet*, por vezes sustentando a respiração diante da elegância de uma combinação de ataque ou de um sacrifício ou do cirúrgico equilíbrio de forças de uma posição. E a sua mente focava-se unicamente na vitória ou na potencialidade dela.

«Para as suas horas de júbilo tem ela voz de regozijo/ e no sorriso e eloquência a beleza...», leu o senhor Espero enquanto a mente de Beth bailava, maravilhada com o rococó geométrico do xadrez, em êxtase, arrebatada, mergulhando em grandiosas permutações que se abriam à sua alma, e esta, abrindo-se a elas.

*

— *Branquelas de merda* — silvou Jolene ao saírem da aula de História.

— *Escarumba* — silvou Beth de volta.

Jolene parou e voltou-se, olhando-a fixamente.

*

No sábado seguinte, Beth tomou seis comprimidos e entregou-se à sua doce química, colocando uma mão sobre a barriga e a outra na cona. Essa palavra conhecia. Tinha sido uma das poucas coisas que a mãe lhe ensinara antes do desastre. «Limpa-te», dizia a mãe na casa de banho. «Vê lá se limpas a cona.» Beth mexeu os dedos para cima e para baixo, tal como Jolene tinha feito. Não sabia bem. A ela, não. Afastou a mão e deixou-se cair no sossego mental dos comprimidos. Talvez fosse demasiado nova. Jolene era quatro anos mais velha e tinha pêlos encaracolados a crescer nesse sítio. Beth tinha-os sentido.

*

— Bom dia, branqueiras de merda — disse Jolene suavemente.

O seu rosto estava tranquilo.

— Jolene — disse Beth.

Jolene aproximou-se. Não havia ninguém por perto, apenas elas. Estavam no balneário, depois da ginástica.

— O que é que queres? — perguntou Jolene.

— Quero saber o que é um chupa-pilas.

Jolene fitou-a durante um momento. Depois, riu-se.

— Foda-se — disse. — Sabes o que é uma pila?

— Acho que não.

— É aquilo que os rapazes têm. Está no fim do livro de Saúde. Parece um polegar.

Beth anuiu. Conhecia a imagem.

— Bem, queridinha — disse Jolene com gravidade —, há raparigas que gostam de chupar esse polegar.

Beth pensou sobre isso.

— Isso não é o sítio por onde fazem chichi? — perguntou.

— Imagino que o limpem bem — respondeu Jolene.

Beth afastou-se, chocada. E continuava confusa. Já tinha ouvido falar de assassinos e torturadores; tinha visto um rapaz, que era seu vizinho, a espancar o cão sem piedade com um pau pesado; mas não conseguia compreender como é que alguém fazia aquilo que Jolene tinha dito.

*

No domingo seguinte, venceu cinco jogos de seguida. Havia três meses

que jogava com o senhor Shaibel, e sabia que ele já não era capaz de a vencer. Nem uma vez. Beth antecipava cada finta, cada ameaça que ele conseguia fazer. Não havia maneira de ele a confundir com os seus cavalos, de manter uma peça firme numa casa perigosa ou de a envergonhar ao capturar uma peça importante. Ela previa-o e era capaz de o evitar enquanto continuava a preparar o seu ataque.

Quando terminaram, ele disse:

— Tens oito anos?

— Faço nove em Novembro.

Ele anuiu.

— Apareces no próximo domingo?

— Sim.

— Ainda bem. Não faltes.

No domingo seguinte, estava outro homem na cave com o senhor Shaibel. Era magro e exibia uma camisa às riscas, com uma gravata.

— Este é o senhor Ganz, do clube de xadrez — disse o senhor Shaibel.

— Clube de xadrez? — repetiu Beth, olhando para ele.

Fazia vagamente lembrar o senhor Schell, apesar de estar a sorrir.

— Jogamos num clube — respondeu o senhor Shaibel.

— E eu sou o treinador da equipa da escola secundária. A Duncan — disse o senhor Ganz.

Ela nunca tinha ouvido falar de tal escola.

— Gostavas de jogar uma partida comigo? — perguntou ele.

Como resposta, Beth sentou-se na grade de garrafas de leite. Havia uma cadeira desdobrável aberta ao lado do tabuleiro. O senhor Shaibel depositou lentamente o seu corpo sobre ela, e o senhor Ganz sentou-se no banco. Inclinou-se para a frente num movimento rápido e nervoso, e agarrou dois peões: um preto e um branco. Fechou as mãos em redor deles, abanou-as

durante um momento e depois estendeu os braços na direcção de Beth, de punhos fechados.

— Escolhe uma mão — disse o senhor Shaibel.

— Porquê?

— Jogas com a cor que te calhar.

— Ah. — Beth esticou um braço, mal tocando na mão esquerda do senhor Ganz. — Esta.

Ele abriu-a. Na palma da mão estava o peão preto.

— Lamento — disse ele a sorrir.

O seu sorriso deixava-a desconfortável.

O tabuleiro tinha já as peças pretas viradas para Beth. O senhor Ganz voltou a pousar os peões nas respectivas casas, avançou com o seu para a quarta casa da coluna do rei, e Beth começou a descontrair. Graças ao livro, tinha aprendido todas as linhas da Siciliana. Moveu o peão do bispo da dama para o seu quarto quadrado. Quando ele avançou com o cavalo, ela decidiu utilizar a Najdorf.

Mas o senhor Ganz não se deixava levar com tanta facilidade. Era melhor jogador do que o senhor Shaibel. Contudo, após seis jogadas, ela sabia que não seria um adversário difícil de bater, e assim fez, calma e metodicamente, forçando-o a desistir após 23 jogadas.

Ele deitou o rei ao lado do tabuleiro.

— Não há dúvida de que conheces o jogo, minha menina. Tens alguma equipa aqui?

Olhou para ele, confusa.

— As outras raparigas; têm algum clube de xadrez?

— Não.

— Então, jogas onde?

— Aqui em baixo.

— O senhor Shaibel disse-me que vocês jogam algumas partidas todos os domingos. O que fazes entretanto?

— Nada.

— Mas como é que te treinas?

Ela não queria falar sobre os jogos de xadrez que aconteciam na sua mente durante as aulas e, à noite, na cama. Para o distrair do assunto, disse:

— Quer jogar outra vez?

Ele riu-se.

— Pode ser. É a tua vez de jogar com as brancas.

Ela venceu-o ainda mais habilmente, usando a Abertura de Réti. O livro designava-a como um sistema «hipermoderno»; ela gostava do modo como usava o bispo do rei. Após 20 jogadas, ela interrompeu-o e chamou-lhe a atenção para o facto de nas três jogadas seguintes fazer mate. Ele precisou de meio minuto para conseguir ver como. Abanando a cabeça, incrédulo, fez tombar o seu rei.

— És impressionante — disse ele. — Nunca vi nada assim.

Levantou-se e caminhou até à caldeira, junto da qual Beth tinha notado um saco de compras.

— Tenho de me ir embora. Trouxe-te um presente.

Entregou-lhe o saco de compras. Ela olhou para dentro dele, na esperança de encontrar mais um livro sobre xadrez. Havia algo embrulhado em papel de seda cor-de-rosa.

— Abre a tua prenda — disse o senhor Ganz com um sorriso.

Ela levantou-a e afastou o papel que a cobria com bastante folga. Era uma boneca cor-de-rosa, com um vestido azul estampado, cabelo louro e uma boca a fazer beicinho. Beth segurou-a durante um momento, olhando-a.

— Gostas? — perguntou o senhor Ganz.

— Quer jogar outra vez? — respondeu Beth, segurando a boneca por um braço.

— Tenho de me ir embora — disse o senhor Ganz. — Talvez volte para a semana.

Ela anuiu.

No final do corredor, havia uma grande lata de óleo que era utilizada como caixote do lixo. Ao passar por ela, a caminho do filme da tarde de domingo, Beth deitou a boneca lá para dentro.

*

Durante a aula de Saúde, Beth encontrou a imagem no final do livro. Numa das páginas, estava uma mulher, e, na página ímpar, um homem. Eram desenhos de traço, sem sombreado. Estavam ambos com os braços ao longo do corpo, de palmas das mãos viradas para fora. No V abaixo da barriga plana, a mulher tinha uma simples linha vertical. O homem não tinha essa linha ou, se tinha, não era visível. Aquilo que existia assemelhava-se a uma pequena bolsa com uma coisa arredondada a pender na parte frontal. Jolene disse que era como um polegar. Era aquilo, então, a pila.

O professor, o senhor Hume, estava a dizer que eles deviam comer verduras pelo menos uma vez por dia. Começou a fazer uma lista de vegetais no quadro. Atrás da grande janela à esquerda de Beth, a japoneira começava a florir. Ela estudou o desenho do homem nu, tentando em vão descobrir algum segredo.

*

O senhor Ganz regressou no domingo seguinte. Trazia o seu próprio tabuleiro. Tinha quadrados pretos e brancos, e as peças estavam guardadas numa caixa de madeira forrada a feltro vermelho. Eram de madeira polida; Beth conseguia notar o grão nas peças brancas. Enquanto o senhor Ganz as dispunha no tabuleiro, Beth esticou um braço e pegou num dos cavalos. Era mais pesado do que os que ela usava e, na base, tinha feltro verde. Nunca tinha pensado em ter coisas, mas queria aquele conjunto de xadrez.

O senhor Shaibel tinha preparado o seu tabuleiro no sítio do costume, e arranjou outra grade para o tabuleiro do senhor Ganz. Os tabuleiros ficaram lado a lado, a 30 centímetros um do outro. Estava um dia ensolarado, e a sua luz brilhante entrava pela janela, filtrada pelos arbustos baixos que existiam no passeio, no final do edifício. Nenhum deles falou enquanto as peças eram colocadas nos lugares. O senhor Ganz retirou gentilmente o cavalo da mão de Beth e colocou-o na sua posição inicial.

— Pensámos que podias jogar connosco em simultâneo — disse ele.

— Ao mesmo tempo?

Ele anuiu.

A grade de Beth tinha sido colocada entre os tabuleiros. Em ambas as partidas, tinha peças brancas, e em ambas as partidas avançou com o peão para a quarta casa da coluna do rei.

O senhor Shaibel ripostou com a Siciliana; o senhor Ganz jogou um peão para quarta casa da coluna do rei. Ela nem sequer teve de fazer uma pausa para pensar nas continuações. Fez as duas jogadas e olhou pela janela.

Venceu os dois jogos sem esforço. O senhor Ganz reorganizou as peças e recomeçaram. Desta vez, ela avançou o peão para a quarta casa da coluna da dama em ambos os tabuleiros, dando continuidade com peão para quarta casa da coluna do bispo da dama — o Gambito de Dama. Sentia-se profundamente descontraída, quase como se estivesse a sonhar. Tinha

tomado sete comprimidos pela meia-noite, e permanecia nela uma réstia de languidez.

Mais ou menos a meio-jogo, quando estava a olhar pela janela para um arbusto com rebentos cor-de-rosa, ouviu a voz do senhor Ganz:

— Beth, movi o meu bispo para a quinta casa da coluna do bispo.

Ao que ela respondeu distraidamente:

— Cavalo para 5C.

O arbusto parecia brilhar ao sol primaveril.

— Bispo para a quarta casa da coluna do cavalo — disse o senhor Ganz.

— Dama para a quarta casa da coluna da dama — respondeu Beth, ainda sem olhar.

— Cavalo para a terceira casa da coluna do bispo da rainha — disse o senhor Shaibel bruscamente.

— Bispo para a quinta casa da coluna do cavalo — disse Beth, com os olhos fixos nos botões cor-de-rosa.

— Peão para a terceira casa da coluna do cavalo.

A voz do senhor Ganz tinha uma suavidade estranha.

— Dama para a quarta casa da coluna da torre, xeque — disse Beth.

Ouviu o senhor Ganz inspirar com força. Passado um segundo, ele disse:

— Rei para a primeira casa da coluna do bispo.

— Isso é xeque-mate daqui a três jogadas — disse Beth sem se voltar. —

O primeiro xeque é com o cavalo. O rei tem as duas casas pretas e o bispo faz xeque. E, depois, o cavalo faz xeque-mate.

O senhor Ganz deixou o ar sair lentamente dos pulmões.

— Jesus! — exclamou.

DOIS

Estavam a ver o filme de sábado à tarde quando o senhor Fergussen apareceu para a levar ao gabinete da senhora Deardorff. Era um filme sobre boas maneiras à mesa chamado *Etiqueta à Mesa de Jantar*, por isso Beth não se importou de sair. Mas estava com medo. Será que tinham descoberto que ela nunca ia à catequese? Que ela guardava os comprimidos? As suas pernas tremiam e os seus joelhos estavam estranhos ao acompanhar o senhor Fergussen, com as suas calças e *T-shirt* brancas, ao longo do comprido corredor, sobre as rachas pretas no linóleo verde. Os seus pesados sapatos castanhos rangiam a cada passo, e ela teve de semicerrar os olhos sob o brilho das luzes fluorescentes. Tinha feito anos no dia anterior. Ninguém prestara atenção a isso. Como de costume, o senhor Fergussen não tinha nada a dizer: caminhava rapidamente à sua frente pelo corredor. Parou em frente da porta com o painel de vidro fosco onde se liam as palavras Helen Deardorff — Directora. Beth empurrou a porta e entrou.

Lá dentro, na sua blusa branca, a secretária disse-lhe que podia entrar no gabinete. A senhora Deardorff estava à sua espera. Beth empurrou a grande porta de madeira e entrou. O senhor Ganz estava sentado no cadeirão vermelho e vestia um fato castanho. A senhora Deardorff estava sentada à secretária. Olhou para Beth através dos seus óculos com armação de tartaruga. O senhor Ganz sorriu timidamente e semiergheu-se da cadeira quando ela entrou, voltando logo a sentar-se desajeitadamente.

— Elizabeth — disse a senhora Deardorff.

Beth tinha fechado a porta atrás de si e estava agora de pé no meio do

gabinete. Olhou para a senhora Deardorff.

— Elizabeth, o senhor Ganz estava a dizer-me que és uma... — ajustou os óculos no nariz — ... uma criança dotada.

A senhora Deardorff olhou para ela durante um momento, como se estivesse à espera de que Beth negasse. Ao ver que esta continuava em silêncio, prosseguiu.

— E tem um pedido um pouco incomum que nos quer fazer. Ele gostaria que tu fosses à escola secundária na...

Olhou novamente para o senhor Ganz.

— Na quinta-feira.

— Na quinta-feira. À tarde. O senhor Ganz diz que és uma jogadora de xadrez fora de série. Gostava que jogasses no clube de xadrez.

Beth permaneceu em silêncio. Continuava assustada.

O senhor Ganz pigarreou.

— Temos uma dúzia de membros, e eu gostava que tu jogasses contra eles.

— Então — perguntou a senhora Deardorff —, gostavas de ir? Podemos tratar disso como se fosse uma visita de estudo. — Sorriu sombriamente para o senhor Ganz. — Gostamos de dar uma oportunidade às nossas meninas de experimentarem o exterior.

Era a primeira vez que Beth ouvia aquilo; não conhecia ninguém que alguma vez tivesse ido aonde quer que fosse.

— Sim — respondeu Beth —, gostava.

— Muito bem — declarou a senhora Deardorff —, então está combinado. O senhor Ganz virá buscar-te depois de almoço, na quinta-feira, com uma das raparigas da escola secundária.

O senhor Ganz levantou-se para sair e Beth começou a segui-lo, mas a senhora Deardorff chamou-a.

— Elizabeth — disse, ao ficarem sozinhas —, o senhor Ganz fez-me saber que tens jogado xadrez com o nosso zelador.

Beth não sabia exactamente o que dizer.

— Com o senhor Shaibel.

— Sim, senhora Deardorff.

— Isso é altamente irregular, Elizabeth. Desceste à cave?

Por um momento, pensou em mentir. Mas a senhora Deardorff descobri-lo-ia sem qualquer dificuldade.

— Sim, senhora Deardorff — respondeu novamente.

Beth estava à espera de ver irritação, mas a voz da senhora Deardorff soou surpreendentemente tranquila.

— Isso não pode acontecer, Elizabeth — disse. — Por muito que a Methuen acredite na excelência, não podemos ter-te na cave a jogar xadrez.

Beth sentiu o estômago apertar-se.

— Tenho a impressão de que existem tabuleiros de xadrez no armário dos jogos — continuou a senhora Deardorff. — Vou pedir ao senhor Fergusen que verifique.

Ouviu-se um telefone tocar fora do gabinete e uma pequena luz começou a piscar no telefone da senhora Deardorff.

— Podes sair, Elizabeth. Tem atenção aos modos na escola secundária e não te esqueças de limpar as unhas.

*

Na *Funnies*[4], o major Hoople pertencia ao Owl's Club. Era um sítio onde os homens se sentavam em cadeirões antigos a beber cerveja e a falar acerca do presidente Eisenhower e do dinheiro que as mulheres gastavam em chapéus. O major Hoople tinha uma barriga enorme, igual à do senhor

Shaibel, e, quando estava no Owl's Club com uma garrafa de cerveja preta nas mãos, as palavras saíam-lhe da boca com bolhinhas. Dizia coisas como «Humpf!» e «Caramba!» num balão acima das bolhinhas. Isso era um «clube». Tal e qual a sala de leitura na biblioteca da Methuen. Talvez o jogo com as doze pessoas fosse numa sala assim.

Não contou a ninguém. Nem sequer a Jolene. Ficou deitada na cama, depois de as luzes serem apagadas, a pensar no assunto com um friozinho na barriga. Seria capaz de jogar tantas partidas? Virou-se de costas e apalpou nervosamente o bolso do seu pijama. Tinha lá dois. Faltavam seis dias até quinta-feira. Talvez o que o senhor Ganz quisesse dizer era que ela ia jogar uma partida com uma pessoa e, depois, uma partida com outra, se é que era assim que as coisas funcionavam.

Tinha procurado o significado de «fora de série». O dicionário dizia: «extraordinário; espantoso; notável». Ela repetiu essas palavras para si mesma, em surdina: «extraordinário; espantoso; notável». Tornaram-se uma cantiga, na sua mente.

Tentou visualizar doze tabuleiros de uma só vez, alinhados em fila, no tecto. Só via claramente quatro ou cinco. Escolheu as peças pretas e atribuiu as brancas a «eles», e fez com que «eles» avançassem o peão para a quarta casa da coluna do rei, ao que ela respondia com a Siciliana. Apercebeu-se de que era capaz de manter cinco partidas em andamento, concentrando-se numa de cada vez, enquanto as restantes quatro ficavam à espera da sua atenção.

Vinda da secretária lá fora, ao fundo do corredor, uma voz disse «Que horas são agora?», e outra voz respondeu: «Duas e vinte.» A mãe costumava falar das «horas pequenas, pequeninas». Esta era uma delas. Beth continuou a jogar xadrez, mantendo as cinco partidas imaginárias em simultâneo. Tinha-se esquecido dos comprimidos guardados no bolso.

Na manhã seguinte, o senhor Fergussen deu-lhe um pequeno copo de papel, como habitualmente, mas, ao olhar para o fundo, Beth viu apenas duas vitaminas cor de laranja e nada mais. Voltou a olhar para ele, atrás do postigo da farmácia.

— Já está — disse ele. — Próxima.

Ela não se mexeu, apesar de a rapariga atrás de si ter começado a empurrá-la.

— Onde é que estão os verdes?

— Já não os recebes — disse o senhor Fergussen.

Beth pôs-se em bicos de pés e olhou por cima do balcão. Ali estava, atrás do senhor Fergussen, o grande frasco de vidro, ainda com um terço cheio de comprimidos verdes. Deviam lá estar centenas, como pequenas gomas.

— Estão ali — disse ela, apontando.

— Vamos livrar-nos deles — respondeu o senhor Fergussen. — É uma nova lei. Nada de calmantes para as crianças.

— É a *minha* vez — disse Gladys, atrás dela.

Beth continuou sem sair do sítio. Abriu a boca para falar, mas não emitiu qualquer som.

— É a minha vez de receber as vitaminas — repetiu Gladys, mais alto.

*

Tinham existido noites em que ela ficava tão envolvida no xadrez que adormecia sem os comprimidos. Mas esta não era uma dessas noites. Não conseguia pensar em xadrez. Tinha três comprimidos no copo da escova de dentes e nada mais. Por várias vezes, decidiu tomar um, mas acabou por decidir não o fazer.

*

— Ouvi por aí dizer que te vais *exibir* — disse Jolene, rindo-se mais para si do que para Beth. — Que vais jogar xadrez à frente de pessoas.

— Quem é que te disse? — perguntou Beth.

Estavam no balneário, depois do voleibol. Os seios de Jolene, inexistentes no ano anterior, abanaram por baixo da camisola da ginástica.

— Miúda, simplesmente sei das coisas — respondeu Jolene. — Isso não é aquilo que parece damas, mas em que as peças andam aos saltos que nem doidas? O meu tio Hubert jogava isso.

— Foi a senhora Deardorff que te contou?

— Nunca me chego perto dessa senhora. — Jolene sorriu como se fosse contar um segredo. — Foi o Fergusen. Disse que ias à escola secundária, na baixa. Depois de amanhã.

Beth olhou para ela, incrédula. O pessoal do orfanato não contava segredos aos órfãos.

— O Fergusen...?

Jolene inclinou-se na sua direcção e falou com seriedade.

— Eu e ele somos amigos, de vez em quando. Não te quero por aí a falar disso, ouviste?

Beth anuiu.

Jolene afastou-se e continuou a secar o cabelo com a toalha branca da ginástica. Depois do voleibol podiam sempre demorar-se um pouco mais, a tomarem duche e a vestirem-se, antes de irem para a sala de estudo.

Ocorreu algo a Beth. Depois de um momento, falou, num tom baixo.

— Jolene.

— Diz.

— O Fergusen deu-te comprimidos verdes? A mais?

Jolene olhou duramente para ela. Depois, a sua expressão suavizou-se.

— Não, querida. Quem me dera. Mas eles têm o Estado inteiro à perna por causa do que andaram a fazer com esses comprimidos.

— Ainda cá estão. No frasco grande.

— A sério? Não reparei — disse Jolene, continuando a olhar para Beth.

— Mas reparei que tens andado enervada ultimamente. Estás com sintomas de abstinência?

Beth tinha tomado o seu último comprimido na noite anterior.

— Não sei — respondeu.

— Olha em volta — disse Jolene. — Isto vai estar cheio de órfãos nervosos nos próximos dias.

Acabou de secar o cabelo e alongou-se. Em contraluz, com o seu cabelo frisado e com os seus grandes olhos, Jolene era linda. Beth sentia-se feia, sentada a seu lado no banco. Pálida e pequena e feia. E tinha medo de ir para a cama nessa noite sem os comprimidos. Só tinha dormido duas ou três horas nas últimas duas noites. Sentia os olhos a arranhar e a parte de trás do pescoço estava suada, mesmo depois do duche. Continuava a pensar naquele grande frasco atrás de Fergussen, um terço cheio de comprimidos — o suficiente para encher o copo da sua escova de dentes várias centenas de vezes.

*

A ida à escola secundária foi a sua primeira viagem de carro desde que chegara a Methuen. Havia catorze meses. Quase quinze. A mãe tinha morrido num carro, num carro preto como este, com uma parte afiada do volante enfiada no olho. Quem lho disse foi a mulher da prancheta, enquanto Beth olhava para a verruga que ela tinha na bochecha, sem dizer

uma palavra. Também não tinha sentido o que quer que fosse. A mãe tinha falecido, disse a mulher. O funeral seria daí a três dias. O caixão ia estar fechado. Beth sabia o que era um caixão: o Drácula dormia dentro de um. O pai tinha falecido no ano anterior por causa de «uma vida sem preocupações», como diria a mãe.

Beth sentou-se no banco de trás, ao lado de uma grande rapariga tímida chamada Shirley. Shirley fazia parte do clube de xadrez. O senhor Ganz arrancou. Beth sentia um nó muito apertado à volta do estômago. Manteve os joelhos pressionados um contra o outro e olhou em frente, para a parte de trás do pescoço do senhor Ganz, que despontava de um colarinho às riscas, e para os carros e autocarros que seguiam à frente, de um lado para o outro na parte de fora do pára-brisas.

Shirley tentou fazer conversa.

— Conheces o Gambito de Rei?

Beth anuiu, mas tinha medo de falar. Não dormira rigorosamente nada na noite anterior, e muito pouco nas outras antes dessa. Na noite anterior, tinha ouvido Fergussen a conversar e a rir com a senhora da Recepção; o seu riso pesado tinha rolado pelo corredor, passado por debaixo da porta e entrado na ala onde ela estava deitada, rígida como ferro, na sua cama.

Mas tinha acontecido uma coisa, uma coisa inesperada. Quando estava prestes a sair com o senhor Ganz, Jolene apareceu a correr, lançou um dos seus olhares dengosos ao senhor Ganz e disse:

— Posso falar com ela um bocadinho, assim, depressa?

O senhor Ganz disse que não havia problema, e Jolene puxou Beth para o lado e deu-lhe três comprimidos verdes.

— Toma, queridinha — disse ela. — Dá para perceber que precisas deles.

Depois, Jolene agradeceu ao senhor Ganz e desapareceu a correr para a aula com o livro de Geografia debaixo do braço.

Mas não havia hipótese de tomá-los. Beth tinha-os no bolso nesse exacto momento, mas estava com medo. Sentia a boca seca. Sabia que era capaz de os engolir e que, provavelmente, ninguém daria por isso. Mas tinha medo. Em breve, chegavam à escola secundária. Sentia-se zozna.

O carro parou num semáforo. Do outro lado do cruzamento estava uma estação de serviço, Pure Oil, com o seu grande letreiro azul. Beth aclarou a garganta.

— Preciso de ir à casa de banho.

— Daqui a dez minutos chegamos à escola — disse o senhor Ganz.

Beth abanou a cabeça com firmeza.

— Não consigo aguentar.

O senhor Ganz encolheu os ombros. Quando ficou verde, atravessou o cruzamento e entrou na estação de serviço. Beth entrou nos lavabos com a indicação Senhoras e trancou a porta atrás de si. A casa de banho estava imunda, com rastos de fezes pelos azulejos brancos e o lavatório lascado. Abriu a torneira da água fria durante um momento e meteu os comprimidos na boca. Fazendo uma concha com a mão, encheu-a com água e engoliu-os. Já se sentia melhor.

*

Era uma grande sala de aula com três quadros de ardósia na parede mais distante. No quadro do meio, em maiúsculas, estava «Bem-Vinda, Beth Harmon!» escrito a giz, e acima, penduradas na parede, fotografias do presidente Eisenhower e do vice-presidente Nixon. A maior parte das secretárias tinha sido retirada da sala e alinhada ao longo da parede do corredor, na parte de fora; as restantes tinham sido empurradas para o lado mais distante da sala. Ao centro da sala, estavam montadas três mesas

desdobráveis de modo a fazerem um U e, em cada uma delas, quatro tabuleiros de xadrez verdes e beges, de papel, com peças de plástico. Havia cadeiras de metal na parte de dentro do U, viradas para as peças pretas, mas nenhuma virada para as peças brancas.

Tinham passado vinte minutos desde a paragem na estação de serviço, e ela já não estava a tremer, mas tinha os olhos a arder e as articulações doridas. Trazia a sua saia plissada azul e uma camisa branca com letras vermelhas sobre o bolso, escrevendo a palavra «Methuen».

A sala estava vazia quando entraram; o senhor Ganz abriu a porta com uma chave que tinha no bolso. Um minuto depois, soou um toque e ouviram o som de passos e alguns gritos no corredor, até que os alunos começaram a entrar. Eram, na sua maioria, rapazes. Rapazes grandes, grandes como homens; eram dos anos mais avançados. Usavam camisolas e andavam com as costas curvadas e as mãos nos bolsos. Beth tentou perceber onde seria o seu lugar. Mas não podia estar sentada, se tinha de jogar contra toda a gente ao mesmo tempo: teria de andar de tabuleiro em tabuleiro, a fazer as jogadas.

— Ei, Alan! Tem cuidado! — gritou um rapaz para outro, apontando para Beth com o polegar.

De um momento para o outro, sentiu-se insignificante — uma órfã de cabelo castanho vulgar, dentro de roupas institucionais deselegantes. Tinha metade do tamanho daqueles alunos descontraídos e insolentes, de vozes sonantes e camisolas de cores vivas. Sentiu-se incapaz e ridícula. Mas, então, voltou a olhar para os tabuleiros, para as peças arrumadas naquela disposição familiar, e os sentimentos desagradáveis atenuaram-se. Podia estar deslocada naquela escola secundária pública, mas não o estava quando se tratava daqueles doze tabuleiros.

— Sentem-se e fiquem calados, por favor. — A voz do senhor Ganz soou

com uma autoridade surpreendente. — O Charles Levy fica no Tabuleiro Número Um, uma vez que é o nosso melhor jogador. Os restantes podem sentar-se onde quiserem. Não é permitido conversar durante as partidas.

De um momento para o outro, fez-se silêncio e os jogadores começaram a olhar para Beth. Ela devolveu o olhar sem pestanejar, sentindo surgir dentro de si um ódio tão negro como a noite.

Virou-se para o senhor Ganz.

— Começo agora? — perguntou.

— Com o Tabuleiro Número Um.

— E depois vou para o seguinte?

— Isso mesmo — disse ele.

Ela apercebeu-se de que ele nem sequer a tinha apresentado à turma. Aproximou-se do primeiro tabuleiro, aquele atrás do qual se sentava Charles Levy, com as peças pretas do seu lado. Ela esticou um braço, pegou no peão do rei e moveu-o para a quarta linha.

O mais surpreendente era o quão mal eles jogavam. Todos eles. Mesmo nos primeiros jogos da sua vida já entendia mais do jogo do que eles. Deixavam peões atrasados por todo o lado, e as suas peças ficavam completamente desprotegidas contra garfos. Alguns deles tentaram ataques toscos para xeque-mate. Ela repeliu-os como se fossem moscas. Movia-se rapidamente de tabuleiro para tabuleiro, sentindo o estômago tranquilo e a sua mão esquerda firme. Bastava-lhe um olhar de relance a cada tabuleiro para conseguir ler a posição e perceber qual o caminho a tomar. As suas respostas eram rápidas, seguras e mortíferas. Charles Levy, segundo constava, era o melhor de entre eles; ela tinha bloqueado as peças dele sem remédio com meia dúzia de jogadas; nas seis seguintes, tinha-o em xeque na última linha com uma combinação cavalo-torre.

A sua mente estava iluminada e a sua alma cantava para si nos doces

movimentos do xadrez. A sala de aula cheirava a pó de giz e os seus sapatos rangiam enquanto ela caminhava ao longo das filas de jogadores. A sala estava silenciosa; ela sentia a sua própria presença no centro de tudo, pequena e sólida e em controlo. Lá fora, os pássaros chilreavam, mas ela não os ouvia. Lá dentro, alguns dos alunos olhavam para ela. Houve rapazes a entrar na sala e a alinhar-se contra a parede do fundo para verem aquela rapariga singela, vinda do orfanato nos limites da cidade, que se movia de jogador para jogador com a determinação enérgica de um César no campo de batalha, uma Pavlova sob as luzes do palco. Havia cerca de doze pessoas a assistir. Algumas exibiam um sorriso ao canto da boca ou bocejavam, mas as outras conseguiam sentir a energia que pairava na sala, a presença de algo que nunca, na longa história daquela velha sala de aulas cansada, ali se sentira.

Os seus gestos eram, no mínimo, escandalosamente triviais, mas a energia da sua mente espantosa crepitava na sala. Para aqueles que soubessem ouvi-la, as jogadas dela faiscavam. Ao fim de uma hora e meia, tinha vencido cada um deles sem um único movimento em falso ou perdido.

Ela parou e olhou em volta. As peças capturadas repousavam em pequenos montes ao lado de cada tabuleiro. Alguns dos alunos olhavam-na fixamente, mas a maioria desviava o olhar. Houve aplausos dispersos. Ela sentiu-se corar; algo nela se lançou desesperadamente na direcção dos tabuleiros, das posições mortas sobre eles. Nada restava. Ela voltara a ser uma criança, sem poder.

O senhor Ganz ofereceu-lhe uma caixa de um quilo de chocolates *Whitman's* e levou-a até ao carro. Shirley entrou sem dizer uma palavra, com cuidado para não tocar em Beth no banco de trás. Conduziram em silêncio na viagem de regresso à Instituição Methuen.

A sala de estudo das cinco da tarde era insuportável. Tentou jogar xadrez

mentalmente, mas parecia-lhe, por uma vez, aborrecido e inútil, depois da tarde na escola secundária. Tentou estudar Geografia, visto ter um teste no dia seguinte, mas o grande livro era composto praticamente por imagens, e imagens diziam-lhe pouco. Jolene não estava na sala, e ela queria desesperadamente ver Jolene, para saber se havia mais comprimidos. De vez em quando, tocava no bolso da camisa com a palma da mão, com uma espécie de esperança supersticiosa de poder sentir a pequena e dura superfície de um comprimido. Mas não a encontrava.

Jolene estava a jantar, a comer o seu esparguete italiano, quando Beth entrou e pegou no seu tabuleiro. Dirigiu-se à mesa de Jolene antes sequer de ir buscar comida. Havia outra rapariga negra sentada à mesa. Samantha, uma das novas. Ela e Jolene conversavam.

Beth foi direita a elas e disse a Jolene:

— Tens mais?

Jolene franziu a testa e abanou a cabeça. Depois, disse:

— Como é que foi a exibição? Estás bem?

— Bem — disse Beth. — Não tens nem um?

— Queridinha — disse Jolene, virando lentamente as costas a Beth —, não quero saber disso.

*

O filme de sábado à tarde na biblioteca era *A Túnica*. Tinha o Victor Mature e era religioso; numa fila especial de cadeiras ao fundo da sala, junto ao projector que tremia, estava todo o pessoal do orfanato. Durante a primeira meia hora, Beth manteve os olhos praticamente fechados; estavam vermelhos e doridos. Não tinha dormido nada na quinta-feira, e, na sexta, pouco mais do que dormitado durante uma hora ou assim. Sentia o

estômago enrolado e o gosto a vinagre na garganta. Afundou-se na sua cadeira desdobrável com uma mão dentro do bolso da saia, tocando na chave de fendas que lá tinha guardado de manhã. Entrara na oficina de marcenaria dos rapazes depois do pequeno-almoço e tirou-a de cima de um banco. Ninguém a vira. Apertou-a até magoar os dedos, respirou fundo, levantou-se e encaminhou-se para a porta. O senhor Fergusen estava lá sentado, a controlar.

— Casa de banho — sussurrou Beth.

O senhor Fergusen anuiu, sempre de olhos postos no peito nu de Victor Mature, no meio da arena.

Decidida, percorreu o estreito corredor sobre as placas ondulantes de linóleo gasto, passando a casa de banho das raparigas e descendo até à Sala de Actividades, cheia das suas *Christian Endeavour* e colectâneas da Reader's Digest, e, na parede ao fundo, o postigo trancado a cadeado onde se lia Farmácia.

Havia alguns bancos de madeira baixos pela sala; ela pegou num deles. Estava completamente sozinha. Conseguia ouvir os gritos dos gladiadores no filme, na biblioteca, mas nada mais, além dos seus próprios passos. Pareciam ressoar.

Colocou o banco defronte do postigo e subiu para ele. Isto deixou o seu rosto ao nível do ferrolho e do cadeado. O postigo, de vidro fosco coberto por uma malha de rede, tinha um rebordo de madeira. A madeira tinha sido grosseiramente esmaltada. Beth observou os parafusos que prendiam o ferrolho pintado. Havia tinta nas ranhuras. Franziu o sobrolho e o seu coração começou a bater mais depressa.

Das raras vezes que o pai tinha estado em casa, e sóbrio, gostava de fazer pequenos trabalhos. Era uma casa antiga, numa das zonas mais pobres da cidade, e as madeiras estavam cobertas por camadas grossas de tinta. Beth,

então com cinco ou seis anos, tinha ajudado o pai a retirar as caixas dos interruptores e das tomadas nas paredes com a sua grande chave de fendas. Tinha jeito para fazê-lo, e o pai elogiava-a por isso.

«Tu aprendes mesmo depressa, meu amor», dissera ele.

Ela nunca se sentira tão feliz. Mas, quando havia tinta nas ranhuras dos parafusos, ele dizia «Deixa o pai ajudar-te com isso» e fazia alguma coisa para ter as cabeças dos parafusos prontas, de modo a que Beth só precisasse de encaixar a chave e rodar. Mas o que é que ele fazia para retirar a tinta? E para que lado é que se gira a chave de fendas? Por um momento, num acesso súbito de inaptidão, quase ficou sem ar. Os gritos vindos da arena do filme elevaram-se quase até um rugido, assim como o volume da música frenética que os acompanhava. Bastava-lhe descer do banco e regressar ao seu lugar.

Contudo, se o fizesse, passaria o resto do dia a sentir-se como agora. Teria de ficar deitada na cama, à noite, com a luz que entrava por debaixo da porta a bater-lhe na cara e os sons do corredor nos ouvidos e o mau gosto na boca, e não haveria descanso, qualquer alívio para o seu corpo. Agarrou no cabo da chave de fendas e bateu com ela nas grandes cabeças dos dois parafusos. Ficou tudo na mesma. Ela cerrou os dentes e pensou com toda a força. Depois, anuiu com gravidade, agarrou novamente o cabo da chave de fendas com força e, usando os cantos metálicos da ponta, começou a descascar a tinta. Era o que o pai faria. Fez pressão com as duas mãos, pisando firmemente o banco, e empurrou a chave ao longo da ranhura. Parte da tinta saltou, expondo o metal do parafuso. Continuou a empurrar a tinta com a ponta aguçada e houve mais um pouco que descascou. Até que caiu um grande floco de tinta e a ranhura ficou à mostra.

Pegou na chave com a mão direita, alinhando-a cuidadosamente na ranhura, e girou-a — para a esquerda, como o pai a tinha ensinado. Tinha-

lhe voltado à memória. Ela era boa a lembrar-se de coisas. Girou a chave com toda a força que tinha. Ficou tudo na mesma. Retirou a chave da ranhura, agarrou o cabo com as duas mãos e voltou a inserir a chave na ranhura. Aproximou os ombros e girou a chave até as mãos serem percorridas por pontadas de dor. E, subitamente, algo rangeu e o parafuso afrouxou. Beth continuou a girar a chave até lhe ser possível desenroscar o resto do parafuso com os dedos e guardá-lo no bolso da camisa. Depois, atirou-se ao outro parafuso. A parte do ferrolho em que ela trabalhava deveria estar presa por quatro parafusos — um em cada canto —, mas só estavam colocados dois. Tinha reparado nisso nos últimos dias, tal como tinha verificado diariamente, à Hora das Vitaminas, se os comprimidos verdes ainda se encontravam dentro do frasco grande.

Guardou o outro parafuso no bolso, e uma das pontas do ferrolho soltou-se sozinha, ainda com o grande cadeado, estando a outra ponta sustentada pelos parafusos que prendiam o ferrolho ao rebordo do postigo. Beth não tinha demorado muito a perceber que só era necessário remover metade do ferrolho, e não todo ele, ao contrário do que inicialmente lhe parecera.

Puxou o postigo para si, inclinando-se para trás para que não lhe batesse, e enfiou a cabeça lá dentro. A luz estava desligada, mas ela conseguia distinguir o contorno do frasco grande. Enfiou os braços pela abertura e, em bicos de pés, empurrou-se para a frente, tanto quanto conseguia. Isso fez com que a sua barriga ficasse no parapeito. Começou a contorcer-se, e os seus pés deixaram de tocar o banco. O parapeito tinha uma margem ligeiramente aguçada, e a sensação era a de que a estava a cortar. Ela ignorou-a e continuou a contorcer-se, metodicamente, centímetro a centímetro. Ouviu e sentiu a sua camisa a rasgar-se. Ignorou-o; tinha outra camisa no balneário, podia trocar-se.

As suas mãos tocavam agora na fria e suave superfície da mesa de metal.

Era a estreita mesa branca a que o senhor Fergussen se encostava quando lhes dava os remédios. Avançou mais uns centímetros e o seu peso ficou sobre as mãos. Havia algumas caixas em cima da mesa. Ela afastou-as, arranjando espaço para si mesma. Agora era mais fácil movimentar-se. Com o parapeito debaixo das ancas, inclinou o seu peso para a frente até aquele ficar a raspar o início das suas pernas e ser possível deixar-se cair lentamente para cima da mesa, girando sobre si mesma no último momento, de modo a não cair de cima dela. Tinha conseguido entrar! Respirou fundo um par de vezes e desceu da mesa. Havia luz suficiente para que conseguisse ver com facilidade. Caminhou até ao fundo da minúscula sala e, na penumbra, parou diante do frasco. Tinha uma tampa de vidro, na qual ela pegou, pousando-a silenciosamente sobre a mesa. Depois, colocou devagar as duas mãos dentro do frasco. As pontas dos dedos tocaram a superfície macia de dezenas de comprimidos, centenas de comprimidos. Ela afundou as mãos, enterrando-as até aos pulsos. Inspirou profundamente e susteve a respiração durante muito tempo. Libertou-a finalmente num suspiro e subiu o braço direito, com uma mão-cheia de comprimidos. Não os contou, limitou-se a metê-los na boca e a engoli-los um a um.

Depois, enfiou outras três mãos-cheias de comprimidos no bolso da saia. Na parede à direita da janela havia um dispensador de copos de papel. Conseguia alcançá-lo pondo-se em bicos de pés e esticando-se. Retirou quatro copos. Tinha-se decidido por esse número na noite anterior. Levou-os numa pilha até à mesa onde estava pousado o frasco, dispô-los com cuidado e encheu cada um deles. Depois, afastou-se e olhou para o frasco. O nível tinha baixado quase para metade. Parecia ser um problema sem solução. Teria de esperar para ver o que aconteceria.

Deixando os copos, foi até à porta que o senhor Fergussen usava quando trabalhava na farmácia. Sairia deste modo, destrancando-a por dentro e

fazendo duas viagens com os comprimidos até à mesa-de-cabeceira de metal junto à sua cama. Tinha uma caixa de lenços de papel praticamente vazia onde os guardar. Colocaria algumas folhas de papel no topo e arrumaria a caixa no fundo da mesa-de-cabeceira esmaltada, debaixo das meias e da roupa interior lavada.

Mas a porta não abria. Estava trancada a sério. Beth observou a maçaneta e o trinco, palpando-os cuidadosamente com as mãos. Sentia algo espesso e pesado ao fundo da garganta enquanto fazia isto, os seus braços estavam dormentes, como os braços de um cadáver. As suas suspeitas sobre o motivo pelo qual a porta não abria confirmaram-se: era preciso uma chave, mesmo da parte de dentro. E ela não seria capaz de trepar de novo pelo postigo com os quatro copos de papel cheios de calmantes.

Começou a ficar desesperada. Iriam dar por falta dela na biblioteca. Fergusson viria à sua procura. O projector iria estragar-se e eles iriam enviar todas as crianças para a Sala de Actividades, com Fergusson a vigiar, e ali estaria ela. Mas, mais do que isso, sentia-se encurralada, a mesma sensação miserável, avassaladora, que experimentara quando a tinham tirado de casa e colocado na instituição e feito dormir numa ala com vinte pessoas que lhe eram estranhas e, durante toda a noite, feito ouvir barulhos que, de algum modo, eram tão maus como os gritos que ouvia em casa quando o pai e a mãe estavam lá — os gritos vindos da cozinha fortemente iluminada. Beth dormia na sala de jantar, num berço desdobrável. Sentira-se encurralada também aí, e com os braços dormentes. Havia um grande espaço debaixo da porta que separava a sala de estar da cozinha; a luz passava por baixo, juntamente com as palavras gritadas.

Beth agarrou a maçaneta e manteve-se imóvel durante um longo momento, respirando superficialmente. O seu coração começou, então, a bater a um ritmo quase normal e os seus braços e mãos recuperaram

lentamente a sensação. Podia sempre sair dali trepando pelo postigo. Tinha um bolso cheio de comprimidos. Poderia alinhar os copos de papel na mesa branca, dentro do postigo, e depois, tendo regressado ao banco, já na parte de fora, poderia inclinar-se e alcançar os copos à vez, um a um. Conseguia visualizar todas essas acções, como uma posição de xadrez.

Transportou os copos para a mesa. Começava a ser invadida por uma enorme sensação de calma, igual à que sentira naquele dia, na escola secundária, quando soube que era imbatível. Depois de pousar o quarto copo, virou-se e encarou o frasco de vidro. Fergussen aperceber-se-ia de que tinham roubado comprimidos. Era impossível escondê-lo. Às vezes, o pai dela dizia: «Perdido por cem, perdido por mil.»

Transportou o frasco até à mesa, despejou o conteúdo dos copos para dentro dele, afastou-se e observou-o. Não seria difícil debruçar-se sobre o parapeito, levantar o frasco e tirá-lo. E também sabia onde havia de o esconder: na prateleira de um antigo armário de zelador, agora sem uso, na casa de banho das raparigas. Tinha um balde de zinco que nunca era utilizado; o frasco caberia lá dentro na perfeição. Estava lá também uma pequena escada que ela poderia utilizar em segurança, já que era possível trancar a casa de banho das raparigas por dentro. Assim, se houvesse uma busca dos comprimidos desaparecidos, e mesmo que os encontrassem, não os conseguiriam ligar a si. Levaria consigo apenas alguns de cada vez, e não contaria a ninguém — nem sequer a Jolene.

Os comprimidos que ela tinha engolido há alguns minutos começavam a alcançar a sua mente. Toda a réstia de nervosismo se tinha dissipado. Com o seu propósito bem definido, trepou para cima da mesa branca do senhor Fergussen, espreitou para o lado de fora do postigo e olhou em redor da sala ainda vazia. O frasco com os comprimidos estava a poucos centímetros do seu joelho esquerdo. Ela contorceu-se pelo postigo para fora da farmácia e

para cima do banco. Ao endireitar-se, sentia-se calma, poderosa, em controlo da sua vida.

Inclinou-se sobre o parapeito sonhadoramente e pegou no frasco pelo gargalo com as duas mãos. Por todo o seu corpo tinha-se espalhado um relaxamento suave. Deixou-se ficar mole, olhando fixamente para as profundezas dos comprimidos verdes. Ouvia-se a música imperial do filme, vinda da biblioteca. A ponta dos seus pés continuava a tocar no banco e o seu corpo estava molemente dobrado em dois por cima do parapeito; já não sentia o rebordo aguçado. Era como uma boneca de trapos. Os seus olhos deixaram de conseguir focar, o verde tornou-se numa mancha brilhante e luminosa.

— Elizabeth!

A voz parecia vir de um sítio dentro da sua cabeça.

— Elizabeth!

Ela pestanejou. Era uma voz de mulher, severa, como a da mãe. Não olhou em volta. Os seus dedos em redor do frasco tinham perdido a força. Ela apertou-os uns contra os outros e levantou o frasco. Sentia que se movia em câmara lenta, como a câmara lenta num filme em que alguém cai de um cavalo, num *rodeo*, e conseguimos vê-lo pairar lentamente até ao chão, como se a queda não pudesse magoar. Ela ergueu o frasco com as duas mãos e virou-se, e a base do frasco bateu contra a borda do postigo, retinindo secamente, e os seus pulsos dobraram-se e o frasco soltou-se das suas mãos e explodiu ao embater no rebordo do banco a seus pés. Os estilhaços, misturados com centenas de cápsulas verdes, caíram em cascata para o chão de linóleo. Com a luz a incidir-lhes, os pequenos pedaços de vidro pareciam brilhantes, tremeluzindo no mesmo sítio enquanto os comprimidos verdes rolavam para longe, como uma queda de água cristalina, na direcção da senhora Deardorff. A senhora Deardorff estava a

poucos metros dela, repetindo «Elizabeth!» uma e outra vez. Depois do que lhe pareceu muito tempo, os comprimidos deixaram de se mexer.

Atrás da senhora Deardorff estava o senhor Fergusen, com as suas calças e *T-shirt* brancas. Ao lado dele encontrava-se o senhor Schell e, logo atrás, amontoando-se para verem o que se tinha passado, as outras crianças, algumas delas ainda a pestanejar por causa do filme, que tinha acabado de findar. Todas as pessoas naquela sala estavam a olhar para ela, no topo do palco em miniatura que era o seu banco, com as mãos afastadas um palmo uma da outra, como se ainda segurasse no frasco de vidro.

Fergusen foi com ela no carro castanho do pessoal e levou-a ao colo para dentro do hospital, para a pequena sala onde as luzes eram brilhantes e eles a fizeram engolir um tubo cinzento de borracha. Era fácil. Nada interessava. Ainda era capaz de ver a montanha de comprimidos dentro do frasco. Estavam a passar-se coisas estranhas dentro dela, mas não interessava. Adormeceu e só acordou por um breve momento, quando alguém lhe espetou uma agulha hipodérmica no braço. Não sabia quanto tempo ali esteve, mas não passou lá a noite. Fergusen levou-a para casa nessa mesma tarde. Foi sentada no banco da frente, desperta e despreocupada. O hospital era no *campus* universitário, onde Fergusen estudava; ele apontou para o Pavilhão de Psicologia, ao passarem por ele.

— É aqui que eu tenho aulas — disse.

Ela limitou-se a fazer que sim com a cabeça. Estava a imaginar Fergusen enquanto estudante, a fazer testes de verdadeiro ou falso e a levantar a mão quando queria ausentar-se da sala de aula. Nunca tinha gostado dele, sempre o vira como um dos outros.

— Nem te digo, miúda — disse ele. — Achei que a Deardorff ia *explodir*.

Ela via as árvores passarem do outro lado da janela do carro.

— Quantos é que tomaste? Vinte?

— Não contei.

Ele riu-se.

— Aproveita — disse. — Amanhã, ressaca.

*

Ao chegar à Methuen, Beth foi directamente para a cama e dormiu profundamente durante 12 horas. De manhã, depois do pequeno-almoço, Fergusson, novamente a pessoa distante do costume, disse-lhe para ir ao gabinete da senhora Deardorff. Curiosamente, Beth não estava assustada. O efeito dos comprimidos tinha passado, mas ela sentia-se repousada e tranquila. Tinha feito uma descoberta extraordinária enquanto se vestia. Bem no fundo da sua saia de sarja, sobreviventes da sua captura, da sua ida para o hospital, do tirar a roupa e voltar a vesti-la, estavam 23 calmantes. Foi preciso tirar a escova de dentes do copo para que coubessem lá todos.

A senhora Deardorff fê-la esperar durante quase uma hora. Beth não se importou. Leu um artigo na *National Geographic* sobre uma tribo indígena que vivia em escarpas, dentro de buracos na pedra. Pessoas castanhas com cabelo preto e dentes estragados. Nas fotografias, viam-se crianças em toda a parte, muitas das vezes aninhadas contra as pessoas mais velhas. Tudo aquilo era estranho; Beth nunca tinha sido muito tocada por pessoas mais velhas, excepto em castigos. Não se deixou pensar muito no assentador de navalhas da senhora Deardorff. Se ela o queria usar, Beth aguentaria. De algum modo, tinha a sensação de que o que tinha feito era de uma magnitude que ultrapassava o castigo típico. E, mais ainda, tinha noção da culpa do orfanato, que, para os ter menos agitados e mais dóceis, os fizera tomar comprimidos, tanto a ela, como a todos os outros.

*

A senhora Deardorff não lhe disse para se sentar. O senhor Schell estava sentado no pequeno sofá de chita azul da senhora Deardorff e o cadeirão vermelho era ocupado pela menina Lonsdale. A menina Lonsdale era a responsável pela catequese. Antes de começar a escapulir-se para ir jogar xadrez, Beth tinha ouvido algumas das palestras da menina Lonsdale. Eram sobre o trabalho cristão, sobre como dançar e o comunismo eram maus, além de outras coisas mais vagas.

— Estivemos a discutir o teu caso nesta última hora, Elizabeth — disse a senhora Deardorff.

O seu olhar, fixo em Beth, era gélido e perigoso.

Beth olhou para ela e permaneceu em silêncio. Sentia que o que estava a acontecer era parecido com o xadrez, e no xadrez não se dava a entender qual seria a próxima jogada.

— Aquilo que fizeste foi um profundo choque para todos nós. Nunca — por um momento, os músculos do maxilar da senhora Deardorff retesaram-se como cabos de aço —, *nunca* vi uma coisa tão lastimável na história da Instituição Methuen. É imperativo que não se repita.

O senhor Schell interveio.

— Estamos terrivelmente decepcionados...

— Não consigo dormir sem tomar os comprimidos — declarou Beth.

Fez-se um silêncio súbito. Ninguém esperara que ela falasse. A senhora Deardorff disse:

— Mais um motivo para não os teres disponíveis.

Mas havia algo estranho na sua voz, como se estivesse assustada.

— Nem sequer no-los deviam ter dado — disse Beth.

— *Não admito impertinências a uma criança* — disse a senhora

Deardorff, levantando-se e inclinando-se sobre a secretária na direcção de Beth. — Se me voltares a falar nesse tom, garanto que te arrependes.

A respiração ficou presa na garganta de Beth. O corpo da senhora Deardorff parecia agigantar-se. Beth recuou bruscamente, como se tivesse tocado numa superfície a esquentar.

A senhora Deardorff voltou a sentar-se e ajustou os óculos.

— Ficas proibida de ir à biblioteca e ao recreio. Ficas proibida de ir ver os filmes, ao sábado, e estás na cama às oito da noite em ponto. Percebeste?

Beth acenou afirmativamente.

— *Responde.*

— Sim.

— Estás na catequese meia hora mais cedo e ficas responsável por arrumar as cadeiras. Se negligenciares, seja de que modo for, as tuas obrigações, a menina Lonsdale virá falar comigo. Se fores vista a conversar com outra criança durante a catequese ou as aulas, recibes automaticamente dez deméritos. — A senhora Deardorff fez uma pausa. — Sabes o que significa dez deméritos, Elizabeth?

Beth acenou afirmativamente.

— *Responde.*

— Sim.

— Elizabeth, a menina Lonsdale disse-me que é comum ausentares-te da catequese durante longos períodos. Isso acabou. Ficas na catequese durante os 90 minutos. Escreverás um resumo de cada palestra de domingo, que quero ter em cima da minha secretária na segunda-feira de manhã. — A senhora Deardorff recostou-se na cadeira de madeira e cruzou as mãos sobre o colo. — E, Elizabeth...

Beth olhou-a cautelosamente.

— Sim, senhora directora.

A senhora Deardorff sorriu sombriamente.

— Acabou-se o xadrez.

*

Na manhã seguinte, Beth foi para a Fila das Vitaminas, depois do pequeno-almoço. Reparou que o ferrolho do postigo tinha sido substituído e, desta vez, havia parafusos nos quatro buracos.

Ao chegar ao postigo, Fergusson olhou para ela e sorriu.

— Queres servir-te? — perguntou.

Ela abanou a cabeça e estendeu a mão para receber as vitaminas. Ele colocou-lhas na palma e disse:

— Vai com calma, Harmon.

A sua voz era agradável; ela nunca o tinha ouvido falar naquele tom, na Fila das Vitaminas.

*

A menina Lonsdale não era tão má como isso. Parecia desconfortável com o facto de Beth ter de aparecer às nove e meia, mostrando-lhe nervosamente como armar e arrumar as cadeiras para a catequese e ajudando-a com as duas primeiras filas. Beth conseguia fazê-lo sem grandes problemas, mas ter de ouvir a menina Lonsdale discorrer acerca da heresia do comunismo e do modo como se estava a espalhar pelos Estados Unidos era bastante mau. Beth sentia-se sonolenta e não tivera tempo de terminar o pequeno-almoço. Mas precisava de prestar atenção para poder escrever o resumo. Ouviu a menina Lonsdale falar interminavelmente, sempre no seu tom mortalmente sério, sobre o cuidado que todos eles deviam ter, sobre o

comunismo ser como uma doença que podia infectar as pessoas. Beth não sabia exactamente o que era o comunismo. Qualquer coisa perversa em que as pessoas acreditavam, noutros países, igual a ser-se nazi e torturar milhões de judeus.

Se a senhora Deardorff não o tivesse avisado, o senhor Shaibel estaria naquele momento à sua espera. Beth queria estar a jogar xadrez com ele, para experimentar o Gambito de Rei durante uma partida. Podia ser que o senhor Ganz aparecesse com alguém do clube de xadrez para jogar com ela. Permitiu-se pensar nisso apenas por um momento e o seu coração pareceu encher-se de alegria. Sentiu os olhos a arder.

Pestanejou, abanou a cabeça e continuou a ouvir a menina Lonsdale, que falava agora sobre a Rússia, um sítio horrível para se estar.

*

— Devias ter-te *visto* — disse Jolene. — Em cima daquele banco. A abanares-te em cima dele enquanto a Deardorff gritava contigo.

— Foi uma sensação esquisita.

— Porra, aposto que sim. Aposto que soube *bem*. — Jolene aproximou-se um pouco mais. — Quantos drunfos é que engoliste, já agora?

— Trinta.

Jolene fitou-a.

— Fo-da-se! — exclamou.

*

Era difícil dormir sem os comprimidos, mas não impossível. Beth guardou os poucos que tinha para emergências e decidiu que, se tivesse de

passar várias horas por noite acordada, as usaria para aprender a Defesa Siciliana. Havia 57 páginas dedicadas ao tema no *Modern Chess Openings*, com 170 linhas derivativas de P4BD. Iria memorizar cada uma e jogá-las mentalmente durante a noite. Depois de o fazer e de conhecer todas as variantes, poderia passar para a Piré e para a Nimzovich e para a Ruy Lopez. O *Modern Chess Openings* era um livro grosso e denso. Ela ficaria bem.

Ao sair de uma aula de Geografia, certo dia, viu o senhor Shaibel no final do longo corredor. Tinha um balde de metal à frente e estava a lavar o chão com uma esfregona. Os alunos iam todos no sentido oposto, para a porta que dava para o pátio, para o recreio. Beth caminhou até ele, parando ao pé do chão molhado. Aí ficou durante um minuto até que ele levantou os olhos na sua direcção.

— Desculpe — disse ela. — Não me deixam jogar mais xadrez.

Ele franziu o sobrolho, anuiu e manteve-se em silêncio.

— Estou a ser castigada. Queria... — Olhou-o nos olhos. — Queria muito ainda poder jogar consigo.

Durante um segundo, pareceu que ele ia falar, mas, em vez disso, desceu o olhar para o chão, dobrou o seu corpo gordo e voltou à lavagem. Beth sentiu subitamente um gosto amargo na boca. Virou-se e foi-se embora.

*

Jolene disse que, na altura do Natal, havia sempre adopções. No ano em que proibiram Beth de jogar, houve duas, no início de Dezembro. «As duas bonitas», pensou Beth.

— As duas brancas — disse Jolene em voz alta.

As duas camas permaneceram vazias durante algum tempo. Então, numa

manhã, antes do pequeno-almoço, Fergussen entrou na Ala das Raparigas. Algumas delas soltaram um risinho ao vê-lo ali, com as suas chaves pesadas penduradas no cinto. Ele aproximou-se de Beth, que estava a calçar as meias. Era véspera do seu décimo aniversário. Calçou a segunda meia e olhou para ele.

Ele franziu a testa.

— Tenho um sítio novo para ti, Harmon. Vem comigo.

Ela seguiu-o enquanto ele percorria a ala até à parede do fundo. Uma das camas vazias ficava ali, por baixo da janela. Era um pouco mais larga do que as restantes e tinha um pouco mais de espaço à sua volta.

— Podes arrumar as tuas coisas na mesa-de-cabeceira — disse Fergussen, ficando a olhar para ela durante um momento. — Ficas num sítio mais agradável.

Ela ficou parada, surpresa. Era a melhor cama da ala. Fergussen anotava qualquer coisa na sua prancheta. Ela esticou o braço e tocou-lhe no antebraço com a ponta dos dedos, onde cresciam pêlos escuros, acima do relógio de pulso.

— Obrigada — disse ela.

TRÊS

— Daqui a dois meses fazes 13 anos, não é, Elizabeth? — perguntou a senhora Deardorff.

— Sim, senhora directora.

Beth estava sentada na cadeira de espaldar direito, defronte da secretária da senhora Deardorff. Fergusson tinha aparecido na sala de estudo e conduzira-a ao gabinete. Eram onze da manhã. Havia mais de três anos que não ia àquele gabinete.

A senhora sentada no sofá falou de repente, cheia de uma alegria tensa.

— Os 12 anos são uma idade maravilhosa! — exclamou ela.

A senhora usava um casaco de malha azul por cima de um vestido acetinado. Poderia ser bonita, não fosse todo o *rouge* e batom e a maneira nervosa como mexia a boca quando falava. O homem sentado ao seu lado vestia um fato cinzento de *tweed* sal-e-pimenta, com um colete por baixo.

— A Elizabeth tem tido bons resultados em todo o seu trabalho escolar — continuou a senhora Deardorff. — É a melhor da turma em Leitura e Aritmética.

— Isso é tão bom! — disse a senhora. — Eu era tão distraída em Aritmética.

Sorriu abertamente para Beth.

— Eu sou a senhora Wheatley — segredou ela.

O homem aclarou a garganta, mas não disse palavra. Tinha a expressão de quem queria estar noutra sítio qualquer.

Beth acenou com a cabeça ao comentário da senhora, mas não sabia o

que dizer. Porque é que a tinham trazido ao gabinete?

A senhora Deardorff continuou a falar do desempenho escolar de Beth, enquanto a senhora do casaco de malha azul prestava toda a atenção. Em momento algum se referiu a questão dos comprimidos verdes ou dos jogos de xadrez; a voz da senhora Deardorff parecia estar carregada de um elogio distante a Beth. A sala encheu-se de um silêncio desconfortável quando a senhora Deardorff acabou de falar. E, então, o homem voltou a aclarar a garganta, ajeitou-se com dificuldade no sofá e olhou na direcção de Beth, dando a impressão de que olhava para lá do cimo da sua cabeça.

— Tratam-te por Elizabeth? — O homem falava como se tivesse uma bolha de ar presa na garganta. — Ou será Betty?

Ela olhou para ele.

— Beth — respondeu —, chamam-me Beth.

Durante as semanas seguintes, Beth esqueceu-se completamente da visita ao gabinete da senhora Deardorff e embrenhou-se nas aulas e na leitura. Tinha encontrado um conjunto de livros de raparigas e lia-os sempre que tinha oportunidade — na sala de estudo, na cama, à noite, durante as tardes de domingo. Eram sobre as aventuras da filha mais velha de uma grande família pouco convencional. Seis meses mais tarde, a Methuen arranhou uma televisão para a sala de estar, e esta ligava-se durante uma hora, à tarde. Mas Beth descobriu que preferia as aventuras de Ellen Forbe ao *I Love Lucy* e ao *Gunsmoke*. Deitava-se na cama, com as costas encostadas à cabeceira, e, sozinha do dormitório, lia até as luzes se apagarem. Ninguém a incomodava.

Numa tarde a meio de Setembro, estava ela a ler, sozinha, quando Fergusson entrou no dormitório.

— Não devias estar a fazer as malas? — perguntou.

Ela fechou o livro, usando o polegar para marcar a página.

— Porquê?

— Não te disseram?

— Não me disseram o quê?

— Foste adoptada. Vêm buscar-te depois do pequeno-almoço.

Ela não conseguiu fazer mais do que permanecer sentada na beira da cama, a olhar para a *T-shirt* branca de Fergussen.

*

— Jolene — disse ela —, não encontro o meu livro.

— Que livro? — perguntou Jolene, ensonada.

Faltava pouco para as luzes serem apagadas.

— O *Modern Chess Openings*. Tem uma capa vermelha. Estava na mesa-de-cabeceira.

Jolene abanou a cabeça.

— Não faço a mínima ideia.

Beth não olhava para o livro havia semanas, mas lembrava-se claramente de o colocar no fundo da segunda gaveta. Tinha uma mala castanha de *nylon* junto à cama; lá dentro, os seus três vestidos e quatro conjuntos de roupa interior, a sua escova de dentes, pente, uma barra de sabão *Dial*, dois ganchos para o cabelo e alguns lenços brancos de algodão. A sua mesa-de-cabeceira estava completamente vazia. Tinha procurado o livro na biblioteca, mas não estava lá. Não havia mais onde procurar. Não jogava uma partida de xadrez havia mais de três anos, se não se contassem os jogos mentais, mas o *Modern Chess Openings* era a única coisa sua que lhe era importante.

Semicerrou os olhos na direcção de Jolene.

— Não o viste por aí, pois não?

Jolene pareceu ficar zangada durante um momento.

— Vê lá quem é que estás a acusar — avisou ela. — Um livro desses não me serve para nada.

A sua voz tornou-se mais suave.

— Ouvi dizer que te vais embora.

— É verdade.

Jolene riu-se.

— O que é que se passa? Não queres ir?

— Não sei.

Jolene enfiou-se debaixo do lençol e puxou-o até ao pescoço.

— Só tens de dizer «sim, senhor» e «sim, senhora» e vais ver que corre tudo bem. Diz-lhes que estás muito feliz por viver numa casa cristã como a deles, e talvez te ofereçam uma televisão para teres no quarto.

Havia qualquer coisa de estranho no tom de Jolene.

— Lamento, Jolene — disse Beth.

— Lamentas o quê?

— Lamento que não tenhas sido adoptada.

Jolene bufou.

— Esquece — disse —, safo-me perfeitamente por aqui.

Virou as costas a Beth e enroscou-se na cama. Beth esticou um braço na sua direcção, mas a menina Furth apareceu à porta nesse preciso momento e disse:

— Horas de apagar as luzes, meninas!

Beth regressou à sua cama, pela última vez.

No dia seguinte, a senhora Deardorff acompanhou-os até ao parque de estacionamento, permanecendo ao lado do carro enquanto o senhor Wheatley se sentava ao volante e a senhora Wheatley e Beth se sentavam no banco de trás.

— Porta-te bem, Elizabeth — recomendou a senhora Deardorff.

Beth anuiu e, ao fazê-lo, notou que havia alguém atrás da senhora Deardorff, no pátio de entrada do edifício da Administração. Era o senhor Shaibel. Tinha as mãos enfiadas nos bolsos do macacão e olhava na direcção do carro. Beth queria sair e ir ter com ele, mas a senhora Deardorff estava à frente, por isso, recostou-se. A senhora Wheatley começou a falar e o senhor Wheatley ligou o carro.

Quando arrancaram, Beth voltou-se e acenou para o senhor Shaibel através do vidro de trás, mas ele não acenou de volta. Beth não saberia dizer se ele a tinha visto ou não.

*

— Devias ter visto a cara deles — disse a senhora Wheatley.

Vestia o mesmo casaco de malha azul, mas, desta vez, tinha um vestido cinzento-claro por baixo, e as meias de *nylon* estavam enroladas até aos tornozelos.

— Inspeccionaram todos os armários. Até o frigorífico foram ver. Percebi imediatamente que estavam impressionados com a minha comida. Come mais um pouco da caçarola de atum. Dá-me muito gosto ver uma criança comer.

Beth serviu-se de mais um pouco de comida. O problema era que estava demasiado salgado, mas Beth não fez qualquer comentário. Era a sua primeira refeição na casa dos Wheatley. O senhor Wheatley tinha partido numa viagem de negócios a Denver e estaria fora durante várias semanas. Uma fotografia sua repousava sobre o piano vertical que existia junto à janela cheia de cortinas da sala de jantar. A televisão da sala de estar estava ligada, sem ninguém a assistir; e uma voz masculina declamava algo sobre o *Anacin*[5].

O senhor Wheatley tinha-as conduzido até Lexington em silêncio e subido imediatamente as escadas quando entraram em casa. Desceu passados alguns minutos com uma mala na mão, deu um beijo distraído na bochecha da senhora Wheatley, disse adeus a Beth com um aceno de cabeça e saiu.

— Queriam saber tudo acerca de nós. Quanto dinheiro faz o Allston por mês. Qual o motivo para não termos filhos. Até perguntaram — a senhora Wheatley inclinou-se por cima do pires e sussurrou dramaticamente —, até perguntaram se eu alguma vez tinha recebido apoio psiquiátrico.

Encostou-se novamente à cadeira, suspirando.

— Consegues imaginar uma coisa destas? Consegues imaginar uma coisa destas?

— Não, senhora — respondeu Beth, preenchendo o silêncio súbito.

Meteu uma nova garfada de atum na boca, acompanhando-a com um gole de água.

— Foram *meticulosos* — continuou a senhora Wheatley. — Mas, enfim, imagino que tenham de fazer as coisas desta forma.

Ainda não tinha tocado na comida. Nas duas horas passadas desde que tinham chegado a casa, a senhora Wheatley saltitara entre as várias cadeiras em que se ia sentando e o forno, garantindo que estava tudo bem com a comida, a moldura com a impressão de Rosa Bonheur que tinha pendurada na parede, endireitando-a, e o seu cinzeiro, esvaziando-o. Tagarelava quase incessantemente, enquanto Beth participava com um «sim, senhora» ou um «não, senhora» ocasional. Beth ainda não tinha visto o seu quarto; a sua mala castanha de *nylon* continuava ao pé da porta da rua, junto do porta-revistas, que transbordava, completamente cheio, no sítio onde a tinha deixado às dez e meia dessa manhã.

— Sabe Deus — dizia a senhora Wheatley —, sabe Deus que eles têm de

ser meticolosos com as pessoas que vão receber esta responsabilidade. Não podemos ter patifes a cuidar de crianças.

Beth pousou o garfo com cuidado.

— Posso ir à casa de banho, por favor?

— É claro que podes.

Apontou para a sala de estar com o garfo. A senhora Wheatley tinha estado a segurar no garfo durante todo o almoço, apesar de não ter comido nada.

— É a porta branca, à esquerda do sofá.

Beth levantou-se, espremeu-se contra o piano, que praticamente ocupava toda a pequena sala de jantar, e entrou na sala de estar, passando por entre a confusão de mesa de café e candeeiros de mesa e a gigantesca televisão de pau-rosa, que transmitia agora a série da tarde. Pisou cuidadosamente o tapete felpudo da Orion e entrou na casa de banho. A casa de banho era minúscula e completamente pintada de azul-turquesa — o mesmo tom do casaco de malha da senhora Wheatley. Tinha um tapete de casa de banho azul e toalhas azuis e um tampo de sanita azul. Até o papel higiénico era azul. Beth levantou o tampo, vomitou o atum para a sanita e puxou o autoclismo.

*

A senhora Wheatley teve de descansar durante um momento ao chegarem ao topo das escadas, encostando a anca ao corrimão enquanto respirava com dificuldade. Depois, percorreu um pouco do corredor alcatifado e, com um gesto dramático, abriu uma porta.

— O teu quarto é este — disse ela.

Uma vez que a casa era pequena, Beth imaginou que o seu quarto

também assim fosse, mas, ao entrar, quase perdeu o ar. Parecia-lhe enorme. O quarto era simples, pintado de cinzento, com um pequeno tapete cor-de-rosa, oval, ao lado da cama de casal. Beth nunca tinha tido um quarto só para si. Ficou quieta, de mala nas mãos, a olhar em volta. Havia uma cómoda e uma secretária feitas da mesma madeira alaranjada, sobre a qual estava um candeeiro cor-de-rosa, e, sobre a enorme cama, uma colcha de felpa também cor-de-rosa.

— Não imaginas como é difícil encontrar móveis de ácer com qualidade — dizia a senhora Wheatley —, mas acho que não me saí nada mal, se queres saber.

Beth mal a ouvia. Este quarto era para *si*. Olhou para a porta pintada de branco; tinha uma chave por baixo da maçaneta. Podia trancar a porta e ninguém entraria.

A senhora Wheatley mostrou-lhe onde ficava a casa de banho, ao fundo do corredor, e deixou-a sozinha a arrumar as coisas, fechando a porta ao sair. Beth pousou a mala no chão e andou pelo quarto, parando apenas por breves instantes ao pé de cada janela e espreitando para a rua ladeada de árvores lá em baixo. Havia um guarda-vestidos, maior do que o que a mãe tinha, e uma mesa-de-cabeceira junto à cama, com um candeeiro de leitura. Era um quarto lindo. Se ao menos Jolene estivesse ali para vê-lo. Por um momento, sentiu vontade de chorar, por causa de Jolene. Queria que ela estivesse ali consigo, passeando pelo quarto e observando a mobília, e enquanto Beth pendurava as suas roupas no guarda-vestidos.

Na viagem de carro, a senhora Wheatley tinha dito que estavam muito felizes por terem adoptado uma criança mais velha. «Então, porque não adoptaram a Jolene?», pensou Beth na altura. Mas não disse nada. Olhou para o senhor Wheatley, com o seu maxilar severo e as suas mãos pálidas

agarradas ao volante, e depois, para a senhora Wheatley, e soube imediatamente que nunca adoptariam Jolene.

Beth sentou-se na cama e afastou essa memória. Era uma cama maravilhosamente macia, com um cheiro limpo e fresco. Dobrou-se, tirou os sapatos e deitou-se de costas, esticando-se naquela confortável extensão, virando alegremente a cabeça para a porta bem fechada que tornava o quarto todo seu.

Ficou deitada de olhos abertos durante várias horas, nessa noite, sem vontade de adormecer de imediato. Havia um candeeiro de rua mesmo por baixo da sua janela, mas eles tinham estores de qualidade, pesados, que ela poderia descer caso quisesse bloquear a luz. Antes de dar as boas-noites, a senhora Wheatley tinha mostrado o seu próprio quarto a Beth. Era do outro lado do corredor, exactamente do mesmo tamanho do de Beth, mas com uma televisão, cadeiras estofadas e uma colcha azul na cama.

— Na verdade, é um sótão remodelado — disse a senhora Wheatley.

Na cama, Beth conseguia ouvir o som distante da tosse da senhora Wheatley e, mais tarde, o som dos seus pés a atravessarem o corredor até à casa de banho. Mas Beth não se importava. Ninguém podia abrir a porta e fazer com que a luz batesse no seu rosto. A senhora Wheatley estava sozinha no quarto e não haveria ruído ou conversas ou discussões — apenas música e vozes sintéticas baixas vindas do televisor. Seria maravilhoso ter Jolene ali, mas, se assim fosse, o quarto não seria só para si e Beth não poderia deitar-se sozinha no centro daquela cama gigantesca, de braços e pernas esticados, com os lençóis lavados e todo o silêncio só para si.

*

Foi para a escola na segunda-feira de manhã. A senhora Wheatley

acompanhou-a num táxi, apesar de a escola ficar a pouco mais de um quilómetro. Beth entrou para o 7.º ano. Era muito parecida com a escola pública naquela outra cidade, onde fora jogar xadrez, e Beth sabia que não estava vestida com a roupa certa, mas ninguém lhe prestou muita atenção. Alguns dos outros alunos ficaram a olhar para ela quando a professora a apresentou à turma, mas pouco mais. Deram-lhe os livros e indicaram-lhe qual seria a sua Sala de Estudo. Pelos livros e por aquilo que os professores diziam nas aulas, Beth soube que ia ser fácil. Encolhia-se um pouco perante sons altos nos corredores, entre as aulas, e sentia-se por vezes insegura quando outros alunos olhavam para si, mas isso não era difícil. Sentia que seria capaz de lidar com tudo o que pudesse surgir naquela escola pública ensolarada e barulhenta.

À hora de almoço, tentou sentar-se sozinha na cafetaria, com a sua sandes de fiambre e o seu pacote de leite, mas uma rapariga aproximou-se e sentou-se à sua frente. Nenhuma delas falou durante um bocado. A outra rapariga era vulgar, como Beth.

Depois de comer metade da sandes, Beth olhou para a rapariga.

— A escola tem um clube de xadrez? — perguntou.

A outra rapariga ergueu o olhar, apanhada de surpresa.

— O quê?

— A escola tem um clube de xadrez? Quero entrar.

— Não — disse a rapariga —, acho que não há nada disso. Podes tentar as animadoras de claqué.

Beth acabou de comer a sandes.

*

— Estou a ver que passas muito tempo a estudar — disse a senhora

Wheatley. — Não tens passatempos?

Na verdade, Beth não estava a estudar: lia um romance, que requisitara na biblioteca da escola. Estava sentada num cadeirão ao pé da janela, no seu quarto. A senhora Wheatley tinha batido à porta e entrado, num roupão de felpa cor-de-rosa e chinelos de cetim cor-de-rosa. Entrou e sentou-se na beira da cama de Beth, sorrindo distraidamente, como se estivesse a pensar noutra coisa. Beth vivia com ela há uma semana e já tinha reparado que a senhora Wheatley ficava assim frequentemente.

— Costumava jogar xadrez — disse Beth.

A senhora Wheatley pestanejou.

— Xadrez?

— Gosto muito de jogar.

A senhora Wheatley abanou a cabeça como se quisesse tirar alguma coisa do cabelo.

— Ah, *xadrez!* — disse. — O jogo dos reis. Que bom.

— Joga? — perguntou Beth.

— Não, meu Deus, não! — respondeu a senhora Wheatley com um riso amargo. — Não tenho cabeça para isso. Mas o meu pai costumava jogar. O meu pai era cirurgião, de modos muito refinados; acredito que fosse um jogador acima da média, no seu tempo.

— Será que eu podia jogar xadrez com ele?

— Impossível — disse a senhora Wheatley. — O meu pai faleceu há anos.

— Há alguém com quem eu possa jogar?

— Jogar xadrez? Não faço ideia.

A senhora Wheatley fitou-a durante um momento.

— Isso não é maioritariamente um jogo de rapazes?

— As raparigas também jogam — respondeu Beth.

— Que bom!

Mas a senhora Wheatley estava claramente a pensar noutra coisa.

*

A senhora Wheatley passou dois dias a limpar a casa para receber a menina Farley, e, na manhã da visita, disse por três vezes a Beth para escovar o cabelo.

Atrás da menina Farley entrou um homem alto, com um blusão de futebol americano. Beth nem pôde acreditar ao ver que era Fergusson, e este parecia vagamente envergonhado.

— Olá, Harmon — disse ele. — Fiz-me de convidado.

Entrou na sala de estar da senhora Wheatley e aí ficou, parado, de mãos nos bolsos.

A menina Farley trazia um conjunto de formulários e uma lista. Queria saber como estava a alimentação de Beth e as suas notas e quais os planos que tinha para o Verão. Quem falou mais foi a senhora Wheatley. Beth notava como, pergunta a pergunta, se tornava mais expansiva.

— Não imagina — dizia ela — como a Beth se tem adaptado ao ambiente escolar, tem sido maravilhoso. Os professores estão muito impressionados com o desempenho dela...

Beth não se recordava de ter visto a senhora Wheatley conversar com os seus professores, mas não fez qualquer comentário sobre isso.

— Tinha a esperança de também poder conversar um pouco com o senhor Wheatley — disse a menina Farley. — Acha que ainda vai demorar a chegar a casa?

A senhora Wheatley sorriu.

— O Allston ligou esta manhã para informar que tinha muita pena, mas

não conseguiria estar presente. Ele tem andado com muito trabalho. — Olhou para Beth, ainda a sorrir. — O Allston toma conta de nós muito bem.

— O senhor Wheatley tem tido oportunidade de passar algum tempo com a Beth? — perguntou a menina Farley.

— Ora, claro que *sim!* — respondeu a senhora Wheatley. — O Allston é um pai maravilhoso para a Beth.

Apanhada de surpresa, Beth olhou para as mãos. Nem Jolene mentia tão bem. Durante um segundo, ela própria acreditara nas palavras da senhora Wheatley e vira um Allston Wheatley preocupado, paternal — um Allston Wheatley que só existia nas histórias da senhora Wheatley; mas logo se lembrou do verdadeiro: sombrio, distante e silencioso. Que não tinha feito qualquer telefonema.

Durante a hora em que estiveram presentes, Fergusen praticamente não falou. Ao levantarem-se para partir, estendeu a mão a Beth, e o coração dela partiu-se.

— Foi bom ver-te, Harmon — disse ele.

Ela apertou-lhe a mão, com vontade de que ele, de algum modo, não tivesse de ir, para poder ficar com ela.

*

Alguns dias depois, a senhora Wheatley levou-a à baixa para comprarem roupa. Quando o autocarro chegou à paragem, Beth entrou sem qualquer hesitação, apesar de ser a primeira vez que andava de autocarro. Era um sábado quente de Outono, e Beth, desconfortável com a sua saia de lã da Methuen, mal podia esperar para comprar uma nova. Começou a contar os quarteirões até à baixa.

Saíram na décima sétima paragem. A senhora Wheatley pegou-lhe na

mão, apesar de ser desnecessário, e conduziu-a durante alguns metros de passeio movimentado até às portas giratórias dos Grandes Armazéns Ben Snyder. Eram dez da manhã e os corredores estavam cheios de mulheres com grandes malas de mão pretas e sacos de compras. A senhora Wheatley atravessou a multidão com a segurança de uma especialista. Beth seguiu-a.

Antes de procurarem roupa, a senhora Wheatley levou Beth pela larga escadaria até à cave, onde passaram trinta minutos num balcão que dizia «Guardanapos Sortidos», juntando seis azuis a partir de um monte multicolorido e rejeitando dezenas entretanto. Beth esperou enquanto a senhora Wheatley, numa espécie de transe, compunha o seu conjunto através de um processo de tentativa e erro, acabando por decidir que, afinal, não precisavam de guardanapos. Foram a outro balcão, identificado como «Livros em Saldo». A senhora Wheatley leu o título de variadíssimos livros a 39 cêntimos em voz alta, escolheu alguns, folheou-os e não comprou nenhum.

Após tudo isto, subiram as escadas rolantes até ao rés-do-chão. Aí, pararam num balcão de perfumaria para a senhora Wheatley poder aspergir um dos pulsos com *Evening in Paris* e o outro com *Emeraude*.

— Pronto, minha querida — disse finalmente a senhora Wheatley —, vamos ao quarto piso.

Sorriu para Beth.

— Pronto-a-Vestir de Rapariga.

Entre o terceiro e o quarto pisos, Beth olhou para trás e viu uma placa num balcão em que se lia Livros e Jogos, e, imediatamente ao lado da placa, três jogos de xadrez.

— Xadrez! — exclamou Beth, puxando a manga da senhora Wheatley.

— O que foi? — disse ela, visivelmente irritada.

— Vendem jogos de xadrez — respondeu Beth. — Podemos voltar atrás?

— Não fales tão *alto* — repreendeu a senhora Wheatley. — Passamos por lá quando descermos.

Mas não o fizeram. A senhora Wheatley passou o resto da manhã a obrigar Beth a experimentar casacos em promoção e a virá-la para ver as bainhas e a ir para junto da janela para que pudessem olhar para o tecido à «luz natural». Por fim, compraram um e apanharam o elevador até ao rés-do-chão.

— Não vamos ver os jogos de xadrez? — perguntou Beth.

Mas a senhora Wheatley não respondeu.

Beth sentiu-se magoada, e estava a suar. Não gostava do casaco que trazia consigo dentro de uma caixa de cartão. Era do mesmo azul-turquesa que o omnipresente casaco de malha da senhora Wheatley, e não lhe servia. Beth não sabia muito acerca de roupas, mas tinha a certeza de que naquele armazém só vendiam roupa barata.

Quando o elevador parou no terceiro piso, Beth voltou a referir os jogos de xadrez, mas a porta fechou-se e elas desceram até ao rés-do-chão. A senhora Wheatley pegou na mão de Beth e conduziu-a pela rua até à paragem do autocarro, queixando-se da dificuldade que era encontrar fosse o que fosse, nos tempos que corriam.

— Mas, enfim — rematou filosoficamente ao chegar à paragem —, conseguimos comprar o que queríamos.

Na semana seguinte, na aula de Inglês, um grupo de raparigas conversava atrás de Beth antes de o professor entrar na sala.

— Compraste esses sapatos onde? Nos Ben Snyder? — perguntou uma delas.

— Nem morta me apanhavam nos Ben Snyder — respondeu a outra, rindo-se.

*

Beth ia a pé para a escola todas as manhãs, à sombra das árvores que existiam nos relvados das casas daquela rua sossegada. Havia mais alunos a fazerem esse caminho, e Beth reconhecia alguns, mas ia sempre sozinha. Tinha entrado com um atraso de duas semanas no primeiro semestre e, depois da sua quarta semana de aulas, começavam os primeiros exames. Na terça-feira, tinha a manhã livre de exames e deveria ir para a Sala de Estudo. Em vez disso, apanhou o autocarro para a baixa, levando consigo o seu caderno e 40 cêntimos que acumulara da sua semanada. Tinha o dinheiro contado para o bilhete quando entrou no autocarro.

Os jogos de xadrez continuavam no balcão, mas, de perto, conseguia perceber que não eram muito bons. Ao pegar na rainha branca, ficou surpreendida com a leveza que a peça tinha. Virou-a ao contrário. Era oca, de plástico. Voltou a pô-la no sítio quando a vendedora se aproximou e perguntou:

— Posso ajudá-la?

— Tem o *Modern Chess Openings*?

— Temos xadrez, damas e gamão — respondeu a mulher —, além de uma série de jogos para crianças.

— É um livro — disse Beth —, um livro sobre xadrez.

— A zona dos livros é do outro lado.

Beth dirigiu-se às prateleiras e começou a vasculhá-las. Não havia um único livro sobre xadrez. Do mesmo modo, também não havia ninguém na caixa a quem pudesse perguntar. Regressou à mulher do balcão anterior e demorou muito tempo até conseguir chamar-lhe a atenção.

— Estou a tentar encontrar um livro sobre xadrez — disse-lhe Beth.

— Não vendemos livros nesta zona — respondeu a mulher, começando a

virar as costas.

— Há alguma livraria aqui perto? — perguntou Beth rapidamente.

— Tente a Morris.

A mulher dirigiu-se a uma pilha de caixas e começou a endireitá-la.

— E onde fica?

A mulher não respondeu.

— Peço desculpa, minha senhora, onde fica a Morris? — repetiu Beth num tom mais alto.

A mulher voltou-se e encarou Beth com fúria.

— Na Upper Street — respondeu.

— Onde fica a Upper Street?

Durante um momento, a mulher pareceu ir começar aos gritos. Depois, a sua expressão descontraiu-se e ela disse:

— A dois quarteirões, subindo a Main.

Beth desceu as escadas rolantes.

*

A livraria ficava numa esquina, ao lado de uma drogaria. Beth empurrou a porta e entrou numa grande divisão com muito mais livros do que Beth alguma vez vira na vida. Sentado num banco atrás do balcão, um homem careca fumava um cigarro e lia um livro. Beth aproximou-se e perguntou:

— Tem o *Modern Chess Openings*?

O homem levantou os olhos do livro e fitou-a por cima dos óculos.

— Escolha estranha — disse o homem numa voz agradável.

— Tem o livro?

— Acho que sim.

Levantou-se e foi até ao fundo da livraria. Um minuto depois, voltou

trazendo o livro na mão. Era o mesmo livro grosso de capa vermelha. Ela abriu-o na parte da Defesa Siciliana. Era bom voltar a ver o nome das variantes: Levenfish, Dragão, Najdorf. Eram como encantamentos na sua mente, ou nomes de santos.

Passado um momento, o homem falou.

— Gostas assim tanto de xadrez?

— Sim — disse ela.

Ele sorriu.

— Pensava que este livro era só para grandes mestres.

Beth hesitou.

— O que é um grande mestre?

— Um jogador genial — disse o homem. — Como o Capablanca, tirando o facto de isso ter sido há muito tempo. Hoje em dia, há outros, mas não sei como se chamam.

Beth nunca tinha encontrado ninguém como aquele homem. Tinha uma atitude muito descontraída e falava-lhe como se ela fosse adulta. Fergusson tinha sido o mais próximo que encontrara, mas, por vezes, era demasiado oficial.

— Quanto custa? — perguntou Beth.

— É caro. Noventa e cinco.

Beth receara aquilo. Depois dos dois bilhetes de autocarro, teria consigo apenas 10 cêntimos. Beth estendeu-lhe o livro e disse:

— Obrigada. Não tenho dinheiro suficiente.

— Lamento — disse o homem. — Podes deixá-lo em cima do balcão.

Beth pousou o livro.

— Tem outros livros sobre xadrez?

— Tenho, sim. Na prateleira de Jogos e Desportos. Dá uma vista de olhos.

Ao fundo da loja havia uma prateleira cheia deles, com títulos como: *Paul Morphy and the Golden Age of Chess*; *Winning Chess Traps*; *How to Improve Your Chess*; *Improved Chess Strategy*. Beth retirou um intitulado *Attack and Counterattack in Chess* e começou a ler os jogos, a visualizá-los sem olhar para os diagramas. Ali ficou durante muito tempo, enquanto entravam e saíam clientes. Ninguém a interrompeu. Leu jogo após jogo, surpreendendo-se com as jogadas brilhantes de alguns deles — sacrifícios da dama e mates afogados. O livro continha sessenta jogos, cada um deles com o título no topo da página, como «V. Smyslov — I. Rudakavsky: Moscovo, 1945» ou «A. Rubenstein — O. Duras: Viena, 1908». Neste último, as brancas promoveram um peão a dama na trigésima sexta jogada, ao ameaçar um xeque descoberto.

Beth olhou para a capa do livro. Era mais pequeno do que o *Modern Chess Openings*, e tinha um autocolante que dizia «2,95 dólares». Continuou a folheá-lo, sistematicamente. O relógio na parede da livraria indicava as dez e meia. Teria de sair dali dentro de uma hora, de modo a chegar a tempo ao exame de História. O livreiro, do outro lado da livraria, não lhe prestava atenção, permanecendo absorto na leitura. Beth concentrou-se e, às onze e meia, tinha memorizado doze jogos.

No autocarro de regresso à escola, começou a jogá-los mentalmente. Atrás de algumas jogadas — não as espampanantes, como sacrificar a dama, mas, por vezes, em coisas como fazer um peão avançar uma casa —, conseguia aperceber-se de subtilezas que faziam os pêlos da sua nuca eriçarem-se.

Estava cinco minutos atrasada para o exame, mas ninguém pareceu importar-se, e, de qualquer modo, ela terminou primeiro do que toda a gente. Nos vinte minutos que faltavam para o final do exame, Beth jogou o «P. Keres — A. Tarnowski: Helsínquia, 1952». Era a Abertura Ruy Lopez,

na qual as brancas fazem avançar o bispo de um modo que Beth percebeu significar um ataque indirecto ao peão do rei das pretas. À trigésima quinta jogada, as brancas fazem avançar a torre para a sétima casa do cavalo de um modo tão surpreendente, que Beth quase soltou um grito de entusiasmo no seu lugar.

*

A escola de Fairfield tinha clubes sociais que se reuniam durante uma hora depois das aulas e, por vezes, durante a hora da Sala de Estudo, à sexta. Havia o Apple Pi Club e as Sub Debs e as Girls Around Town. Eram como as irmandades das faculdades, e era preciso fazer um juramento. As raparigas do Apple Pi eram do 8.º e do 9.º anos; a maioria delas usava camisolas de caxemira coloridas e elegantes sapatos de atacadores de camurça gasta, com meias de xadrez. Algumas viviam no campo e tinham cavalos. Puros-sangues. Raparigas assim nunca olhavam para pessoas como Beth, nos corredores; estavam sempre a sorrir para alguém, noutra sítio. As suas camisolas eram amarelo-vivo e azul-escuro e verde-pastel. As meias subiam até ao limite inferior do joelho e eram 100% lã virgem de Inglaterra.

Por vezes, quando Beth se olhava ao espelho na casa de banho das raparigas, durante os intervalos, e via o seu cabelo castanho e liso e os ombros estreitos e o rosto redondo e as sobrancelhas castanhas sem interesse e as sardas por cima da cana do nariz, sentia o velho gosto envinagrado vir-lhe à boca. As raparigas que pertenciam a esses clubes usavam batom e sombra nos olhos; Beth não usava maquilhagem e o seu cabelo ainda pendia numa franja sobre a testa. Em momento algum lhe ocorreu que entraria num clube, tal como a mais ninguém.

*

— Esta semana — disse a senhora MacArthur —, começamos a estudar o binómio de Newton. Alguém sabe o que é um binómio?

Beth levantou a mão, no fundo da sala. Era a primeira vez que o fazia.

— Sim? — disse a senhora MacArthur.

Beth levantou-se, subitamente envergonhada.

— Um binómio é uma expressão matemática que contém dois termos. — Tinham estudado aquilo no ano anterior, na Methuen. — X mais Y é um binómio.

— Muito *bem* — disse a senhora MacArthur.

A rapariga que se sentava à frente de Beth chamava-se Margaret; tinha um cabelo louro radioso e vestia uma camisola cara de caxemira de um lavanda-pálido. Quando Beth voltou a sentar-se, a cabeça loura virou-se ligeiramente para trás.

— *Génio!* — silvou Margaret. — *Génio de merda!*

*

Beth estava sempre sozinha; não lhe tinha ocorrido que pudesse haver outra maneira de estar. A maior parte das raparigas andava aos pares ou em grupos de três, mas Beth nunca tinha companhia.

Certa tarde, ao sair da biblioteca, foi apanhada de surpresa pelo som distante de uma gargalhada e, ao olhar para o fim do corredor, viu as costas de uma rapariga negra e alta, envolta na luz do Sol da tarde. Estavam duas raparigas mais baixas junto dela, ao pé do bebedouro, olhando-a no rosto enquanto ela se ria. Não era possível distinguir as suas feições e a luz por detrás delas obrigava Beth a semicerrar os olhos. A rapariga mais alta

virou-se ligeiramente e, ao ver um jeito de cabeça familiar, o coração de Beth quase parou. Beth dirigiu-se a elas com passos rápidos.

Mas não era Jolene. Beth estacou e virou-se. As três raparigas saíram de junto do bebedouro e empurraram ruidosamente a porta da frente do edifício. Beth continuou a olhá-las durante muito tempo.

*

— Podes ir ao Bradley's comprar-me cigarros? — perguntou a senhora Wheatley. — Acho que estou constipada.

— Sim, senhora — disse Beth.

Era sábado à tarde e Beth tinha um romance no colo, apesar de não o estar a ler. Revia um jogo entre P. Morphy e alguém simplesmente chamado «grande mestre». Havia algo de estranho na décima oitava jogada de Morphy, cavalo para a quinta casa do bispo. Era um bom ataque, mas Beth sentia que Morphy podia ter sido mais destrutivo com a torre da sua dama.

— Levas um recado escrito por mim, já que ainda és um bocadinho nova para fumares.

— Sim, senhora — disse Beth.

— Três maços de *Chesterfield*.

— Sim, senhora.

Só tinha ido ao Bradley's uma vez, com a senhora Wheatley. A senhora Wheatley deu-lhe um recado a lápis, uma nota de dólar e 20 cêntimos. Beth entregou o recado ao senhor Bradley, no balcão. Atrás de Beth havia uma longa estante cheia de revistas. Depois de comprar o tabaco, virou-se e começou a olhar para elas. Tanto a *Time* como a *Newsweek* tinham uma fotografia do senador Kennedy na capa; era candidato à presidência e provavelmente não iria ganhar por ser católico.

Havia uma fila de revistas para mulheres, e os rostos nas capas eram todos como os de Margaret e de Sue Ann e de todas as outras raparigas do Apple Pi. Os cabelos eram brilhantes; os lábios, cheios e vermelhos.

Tinha acabado de decidir ir-se embora quando algo lhe chamou a atenção. No canto inferior direito, ao pé das revistas sobre fotografia e banhos de sol e bricolagem, via-se uma revista com uma peça de xadrez na capa. Beth aproximou-se e tirou-a da estante. Na capa estava o título, *Chess Review*, e o preço. Abriu a revista. Estava repleta de jogos e de fotografias de pessoas a jogarem xadrez. Havia um artigo intitulado «Releitura do Gambito de Rei» e um outro intitulado «O Brilhantismo de Morphy». Ela tinha acabado de estudar um dos jogos dele! O seu coração começou a bater com força. Continuou a folhear a revista. Havia um artigo sobre xadrez na Rússia. E aquilo que continuava a aparecer constantemente era a palavra «torneio». Havia toda uma secção intitulada «A Vida nos Torneios». Beth não fazia ideia de que houvesse torneios de xadrez. Achava que o xadrez era, simplesmente, uma coisa que se fazia, tal como a senhora Wheatley bordava tapetes ou montava *puzzles*.

— Menina — disse o senhor Bradley —, ou compra a revista ou arruma-a.

Beth voltou-se, sobressaltada.

— Não posso só...

— Leia o aviso — interrompeu o senhor Bradley.

Mesmo diante de Beth estava um aviso escrito à mão: Se Quer Ler A Revista, Compre-a. Beth só tinha 50 cêntimos consigo. A senhora Wheatley dissera-lhe na semana anterior que teria de passar sem semanada durante algum tempo; que estavam com pouco dinheiro e que o senhor Wheatley se tinha atrasado a regressar do Oeste. Beth arrumou a revista e saiu.

A meio do quarteirão, parou, pensou durante um momento e regressou à

loja. Havia uma pilha de jornais em cima do balcão, junto ao cotovelo do senhor Bradley. Beth entregou-lhe 10 centavos e pegou num. O senhor Bradley estava ocupado a atender uma senhora que lhe pagava uns medicamentos. Beth foi até à estante das revistas com o jornal debaixo do braço e esperou.

Passados alguns minutos, o senhor Bradley disse à cliente:

— Temos três tamanhos.

Beth ouviu-o ir ao fundo da loja, com a senhora atrás. Nessa altura, pegou no exemplar da *Chess Review* e enfiou-o entre as folhas do jornal.

Já na rua ensolarada, Beth fez um quarteirão com o jornal debaixo do braço. Parou na primeira esquina, pegou na revista e entalou-a no cós da saia, cobrindo-a com a camisola azul-turquesa, feita de lã sintética e comprada nos Ben Snyder. Puxou a camisola larga para baixo e deitou o jornal num caixote do lixo. Enquanto caminhava de regresso a casa com a revista bem escondida contra o estômago, voltou a pensar na jogada com a torre que Morphy não fizera. A revista dizia que Morphy era «provavelmente, o jogador mais brilhante na história do xadrez». A torre poderia ir para a sétima casa do bispo, e as pretas que não a capturassem com o cavalo, porque... Beth estacou. Um cão ladrava algures e, do outro lado da rua, dois rapazinhos barulhentos jogavam à apanhada sobre um relvado bem cortado. Depois de o segundo peão avançar para a quinta casa do cavalo do rei, a torre que restava podia avançar, e se as pretas capturassem o peão, o bispo poderia ficar descoberto, e, caso não ficasse...

Beth fechou os olhos. Se as pretas não o capturassem, Morphy poderia forçar o xeque-mate em duas jogadas, começando com o sacrifício do bispo num xeque. Se as pretas o capturassem, o peão branco avançava novamente e o bispo iria na direcção oposta e não havia nada que as pretas pudessem fazer. *Era isso*. Um dos rapazinhos do outro lado da rua começou a chorar.

Não havia nada que as pretas pudessem fazer. O jogo estaria terminado em, pelo menos, 29 jogadas. Segundo o livro, Paul Morphy precisara de 36 jogadas para vencer. Não tinha conseguido ver a jogada com a torre. *Mas ela, tinha.*

O Sol brilhava por cima de si, contra um céu azul limpo. O cão continuava a ladrar. A criança chorava. Beth caminhou lentamente para casa e repetiu o jogo. A sua mente estava tão lúcida como o mais perfeito e deslumbrante diamante.

*

— O Allston devia ter regressado há semanas — dizia a senhora Wheatley.

Estava sentada na cama, com uma revista de palavras cruzadas ao lado. Um pequeno televisor, com o som desligado, repousava sobre a cómoda. Beth tinha acabado de lhe trazer uma caneca de café instantâneo da cozinha. A senhora Wheatley usava o seu robe cor-de-rosa e tinha o rosto coberto de pó-de-arroz.

— E ainda demora? — perguntou Beth.

Na verdade, não tinha vontade de falar sobre o senhor Wheatley; queria voltar à leitura da *Chess Review*.

— Ficou retido indefinidamente — disse a senhora Wheatley.

Beth anuiu. Depois, disse:

— Gostava de arranjar um trabalho, para depois das aulas.

A senhora Wheatley pestanejou.

— Um trabalho?

— Talvez pudesse trabalhar numa loja ou a lavar pratos, nalgum sítio.

A senhora Wheatley fitou-a demoradamente, antes de responder.

— Com 13 anos? — perguntou, por fim. Assoou-se discretamente num lenço, dobrando-o depois de o usar. — Pensava que não te faltava nada.

— Gostava de fazer algum dinheiro.

— Para comprares mais roupa, imagino.

Beth manteve-se calada.

— As únicas raparigas da tua idade que trabalham — continuou a senhora Wheatley — são de cor.

O modo como disse «de cor» fez com que Beth decidisse não dizer mais nada sobre o assunto.

A inscrição na Federação de Xadrez dos Estados Unidos custava seis dólares. Mais quatro para se assinar a revista. Havia um pormenor mais interessante no meio disto tudo: na secção intitulada «A Vida nos Torneios», havia regiões numéricas, incluindo uma para o Ohio, Illinois, Tennessee e Kentucky, e na listagem abaixo existia uma entrada que dizia «Campeonato Estadual do Kentucky, fim-de-semana de Acção de Graças, Auditório da Escola Secundária Henry Clay, Lexington, Sex., Sáb., Dom.», e abaixo disso lia-se «Valor dos prémios: 185 dólares. Jóia: 5 dólares. Reservado a membros da USCF».

A inscrição custava seis dólares e outros cinco para entrar no torneio. Quando se apanhava o autocarro na Main, passava-se pela Escola Secundária Henry Clay; onze quarteirões desde a Janwell Drive. E faltavam cinco semanas até ao Dia de Acção de Graças.

*

— Alguém consegue citá-lo? — perguntou a senhora MacArthur.

Beth levantou a mão.

— Beth?

Ela levantou-se.

— «Em qualquer triângulo rectângulo, o quadrado da hipotenusa é igual à soma dos quadrados dos catetos.»

Sentou-se.

Margaret soltou um risinho de desprezo e inclinou-se para Gordon, que se sentava a seu lado e, de vez em quando, lhe dava a mão.

— Olha o génio! — sussurrou ela numa vozinha suave, carregada de desdém.

Gordon riu-se. Beth olhou pela janela, para as folhas das árvores outonais.

*

— Não faço ideia para onde vai o dinheiro! — lamentou-se a senhora Wheatley. — Pouco mais comprei do que ninharias, este mês, e ainda assim as minhas poupanças foram dizimadas. Dizimadas.

Deixou-se cair no cadeirão de chita e, de olhos muito abertos, fitou o tecto durante um momento, como se esperasse que uma guilhotina se abatesse sobre si.

— Paguei a electricidade e o telefone e da mercearia trouxe apenas coisas simples e necessárias. Deixei de ter as minhas natas para o café matinal, não comprei o que quer que fosse para mim, não fui ao cinema nem à quermesse da Igreja Metodista, e, ainda assim, só tenho sete, em vez dos 20 que devia ter.

Largou as notas de dólar em cima da mesa a seu lado, tendo-as resgatado do fundo da carteira momentos antes.

— Só temos isto para nos sustentarmos até ao final de Outubro. Mal dá para se comprar pescoços de galinha e papas de aveia.

— A Methuen não lhe envia um cheque? — perguntou Beth.

A senhora Wheatley desceu os olhos do tecto e olhou para ela.

— Para o primeiro ano — suspirou a senhora Wheatley. — Como se as despesas que tenho contigo não o levassem todo.

Beth sabia que isso não era verdade. O cheque era de 70 dólares, e a senhora Wheatley não tinha gastado isso tudo consigo.

— São precisos 20 dólares para que possamos viver com os mínimos até ao dia 1 do próximo mês — disse a senhora Wheatley. — Faltam 13 dólares para isso.

Voltou os olhos para o tecto uma vez mais e depois novamente para Beth.

— Tenho de anotar melhor as contas.

— Se calhar é a inflação — observou Beth, com alguma razão.

Só tinha tirado seis dólares para a inscrição.

— Talvez seja isso — reconheceu a senhora Wheatley, com mais calma.

O problema agora eram os cinco dólares para a jóia. Na Sala de Estudo, no dia após a ladainha da senhora Wheatley sobre o dinheiro, Beth rasgou uma folha do seu livro de composições para escrever uma carta ao senhor Shaibel, Zelador, Instituição Methuen, Mount Sterling, Kentucky. Dizia o seguinte:

Caro senhor Shaibel,

Vai haver um torneio de xadrez aqui e o primeiro prémio é de 100 dólares e o segundo prémio é de 50 dólares. Há mais prémios. A inscrição custa 5 dólares e eu não os tenho.

Se me enviar o dinheiro dou-lhe 10 dólares de volta, se ganhar algum dos prémios.

Cordialmente,

Elizabeth Harmon

Na manhã seguinte, enquanto a senhora Wheatley ainda estava na cama,

Beth tirou um envelope e um selo do meio da confusão que estava em cima da escrivaninha da sala de estar. Meteu a carta no correio a caminho da escola.

Em Novembro, tirou outro dólar da carteira da senhora Wheatley. Tinha-se passado uma semana desde que escrevera ao senhor Shaibel, e ainda não tinha recebido resposta. Desta feita, comprou o novo número da *Chess Review*. Descobriu vários jogos que podia melhorar — incluindo um de um grande mestre chamado Benny Watts. Benny Watts era o campeão dos Estados Unidos.

*

A senhora Wheatley parecia estar muitas vezes constipada.

— Tenho propensão para viroses — dizia ela. — Ou elas para mim.

Dava uma receita a Beth para ela aviar no Bradley's, e um centavo para comprar uma *Coca-Cola* para si.

O senhor Bradley olhou para Beth com uma expressão desconfiada quando a viu entrar, mas nada disse. Beth entregou-lhe a receita e dirigiu-se ao fundo da loja, evitando estar ao pé das revistas. A cópia da *Chess Review* que tinha roubado no mês anterior era a única existente. Talvez ele tivesse notado logo na altura.

O senhor Bradley trouxe-lhe um recipiente de plástico com um rótulo impresso. Colocou-o em cima do balcão e foi buscar um saco branco de papel. Beth olhou para o recipiente. Os comprimidos eram oblongos e de um verde-brilhante.

*

— Este vai ser o meu remédio da tranquilidade — disse a senhora Wheatley. — O McAndrews decidiu que eu precisava de tranquilidade.

— Quem é o McAndrews?

— O doutor McAndrews — disse a senhora Wheatley, abrindo o frasco dos comprimidos. — O meu médico.

Tomou dois.

— Trazes-me um copo de água, querida?

— Sim, senhora — disse Beth.

A caminho da casa de banho para ir buscar a água, Beth ouviu a senhora Wheatley suspirar e dizer:

— Porque é que só enchem estes frascos até meio?

*

No número de Novembro havia 22 jogos relativos a um torneio por convite, realizado em Moscovo. Os jogadores tinham nomes como Botvinnik e Petrosian e Laev; eram nomes que soavam a conto de fadas. Havia uma fotografia de dois deles debruçados sobre um tabuleiro, ambos com cabelo escuro e lábios severos. Ambos de fato escuro. Atrás deles, desfocada, uma assistência numerosa.

Num jogo das semifinais entre Petrosian e alguém chamado Benkowitz, Beth notou uma má decisão de Petrosian, que iniciara erradamente um ataque com peões. O jogo estava comentado por um grande mestre norte-americano, que considerava boas as jogadas com os peões, mas Beth conseguia ver para além disso. Como seria possível que Petrosian não tivesse tido noção? Por que motivo não notava o americano essa fraqueza? Era de supor que tivessem passado muito tempo a estudar o jogo, visto a revista afirmar que tinha durado cinco horas.

*

No balneário, Margaret colocou a chave no cadeado do cacifo, mas não o trancou. Estavam nos duches lado a lado, e Beth reparava no peito volumoso de Margaret, como dois cones. O peito de Beth ainda era como o de um rapaz e, mais abaixo, só agora surgiam os primeiros pêlos púbicos. Margaret ignorou Beth e cantarolou para si mesma enquanto se ensaboava. Beth saiu do duche e enrolou-se numa toalha. Ainda molhada, voltou para o balneário. Estava sozinha.

Secou rapidamente as mãos e, do mesmo modo, retirou a chave do cadeado de Margaret, escondendo-a na toalha. O cabelo pingava-lhe as mãos, mas não importava; havia água por todo o lado, depois da aula dos rapazes. Beth retirou o cadeado e abriu o cacifo lentamente, para não ranger. O seu coração batia com força, como se tivesse um pequeno animal dentro do peito.

Era uma bonita mala castanha, de pele verdadeira. Beth secou novamente as mãos e retirou-a da prateleira, atenta aos sons em seu redor. Ouviam-se risos e gritos vindos do duche, mas nada mais. Tinha feito questão de ser a primeira a entrar e de ficar no chuveiro mais próximo da porta, tendo-se despachado com rapidez. Nenhuma das outras raparigas estaria pronta para já. Abriu a mala.

Lá dentro, postais coloridos e um batom com aspecto de ser novo e um pente de tartaruga e um elegante lenço de linho. Beth passou por estes objectos com a mão direita. No fundo da mala, presas por uma mola de prata, estavam notas. Beth retirou-as da mala. Duas de cinco dólares. Hesitou por um momento e guardou as duas, em conjunto com a mola. Voltou a pôr a mala no sítio e a colocar o cadeado.

Tinha deixado o seu cacifo fechado, mas sem estar trancado. Abriu-o e

enfiou as notas dentro do livro de Álgebra. Fechou o cacifo, trancando-o, regressou aos duches e lá se manteve até as outras raparigas terem saído.

Beth ainda estava a vestir-se quando as raparigas se foram embora. Margaret não tinha aberto a mala. Beth respirou fundo, tal como a senhora Wheatley fazia. O seu coração batia descompassadamente. Retirou a mola de dentro do livro de Álgebra e empurrou-a para debaixo do cacifo que Margaret tinha usado. Podia ter aí caído da mala de Margaret e qualquer pessoa poderia ter levado o dinheiro. Dobrou as notas e colocou-as dentro do sapato. Depois, retirou a sua própria mala, azul e de plástico, da prateleira, abriu-a e enfiou a mão na pequena bolsa que tinha o espelho. Retirou dois comprimidos verdes, colocou-os na boca, foi até ao lavatório e engoliu-os com um copo de água.

O jantar nessa noite foi esparguete e almôndegas de lata, com gelatina para sobremesa. Enquanto Beth lavava os pratos, a senhora Wheatley, que estava na sala de estar a ver televisão com o volume cada vez mais alto, disse subitamente:

— É verdade, esqueci-me.

Beth continuou a lavar o tacho do esparguete e, passado um minuto, a senhora Wheatley apareceu com um envelope na mão.

— Chegou isto para ti — disse ela, regressando depois ao *Huntley-Brinkley Report*.

Era um envelope manchado, com a morada escrita a lápis. Beth secou as mãos e abriu-o; lá dentro estavam cinco notas de um dólar, sem qualquer mensagem. Ficou parada junto ao lava-loiça com as notas na mão, durante muito tempo.

*

Um frasco de 50 comprimidos verdes custava quatro dólares. O rótulo dizia: «Três recargas». Beth pagou com quatro notas de dólar. Regressou a casa em passo rápido e colocou a receita novamente na escrivaninha da senhora Wheatley.

QUATRO

Tinha sido colocada uma mesa à entrada do ginásio, à qual se sentavam dois homens de camisa branca. Atrás deles estendiam-se filas de mesas compridas com tabuleiros de xadrez verdes e brancos. O ginásio estava cheio de pessoas a conversar; algumas jogavam. Na sua maioria, eram rapazes, miúdos e adolescentes. Beth viu uma mulher, mas ninguém que não fosse branco. Junto ao homem da esquerda, preso à mesa, via-se um sinal que dizia Jóia de Entrada Aqui. Beth foi ter com o homem, levando os cinco dólares na mão.

— Tens um relógio? — perguntou o homem.

— Não.

O homem apontou para as notas de Beth.

— Tens a certeza de que queres participar?

— Tenho.

— Não temos secção feminina — disse ele.

Beth limitou-se a olhá-lo.

— Pronto, ficas nos Iniciantes — disse o homem.

— Não — disse Beth —, não sou iniciante.

O outro rapaz tinha estado a observá-los.

— Se não tens *rating*, ficas nos Iniciantes, com os sub-16 — disse.

Beth não tinha prestado atenção a *ratings* ao olhar para a *Chess Review*, mas sabia que os mestres tinham, pelo menos, 2200.

— Qual é o prémio para os Iniciantes? — perguntou.

— Vinte.

— E na outra secção?

— O primeiro prémio do Open são cem dólares.

— Há alguma regra que me impeça de participar no Open?

O rapaz abanou a cabeça.

— Não há exactamente uma regra que o proíba, mas...

— Então, quero inscrever-me nesse — interrompeu Beth, entregando as notas.

O homem encolheu os ombros e deu um cartão a Beth, para que o preenchesse.

— Estão ali tipos com pontuações acima dos 1800. O Beltik pode aparecer, e ele é o campeão estadual. Vais ser comida viva.

Beth pegou na caneta e começou a preencher o cartão com o seu nome e morada. No campo «*Rating*», colocou um grande zero. Devolveu o cartão.

O torneio começou com 20 minutos de atraso. Demoraram a afixar os pares. Enquanto penduravam os nomes dos participantes no quadro, Beth perguntou ao homem que estava ao seu lado se era uma escolha aleatória.

— De todo — respondeu ele. — Na primeira volta, organizam-nos por *rating*. Depois disso, os vencedores confrontam vencedores, e os perdedores, perdedores.

O cartão correspondente a Beth foi pendurado; dizia «Harmon — s/ pont. — Pretas». Fora colocado por baixo de um em que se lia «Packer — s/ pont. — Brancas». Os dois cartões eram o número 27. Eram os últimos participantes.

Beth encaminhou-se para o Tabuleiro 27 e sentou-se diante das peças pretas. Era o último tabuleiro, na mesa mais afastada.

Ao seu lado estava sentada uma mulher com cerca de 30 anos. Passado um pouco, aproximaram-se outras duas mulheres. Uma de 20, aproximadamente, e a outra era a oponente de Beth, uma aluna do liceu,

alta e forte. Beth olhou para as filas de mesas, nas quais os outros jogadores se sentavam ou, caso já o tivessem feito, jogavam; eram todos homens, na sua maioria, jovens. Havia quatro jogadoras no torneio e tinham sido todas colocadas juntas na ponta mais distante, para jogarem entre si.

A oponente de Beth sentou-se um pouco desajeitadamente, colocou o seu relógio de duas faces ao lado do tabuleiro e estendeu a mão, apresentando-se.

— Annette Packer — disse ela.

A sua mão era grande e suada.

— Beth Harmon — respondeu Beth. — Não sei como funcionam os relógios.

Annette pareceu aliviada por poder explicar alguma coisa.

— A face do relógio mais próxima de ti contabiliza o teu tempo de jogo. Cada jogador tem 90 minutos. Depois de jogares, carregas no botão que ele tem em cima, o teu tempo pára e começa o do teu oponente. As bandeirinhas vermelhas que estão por cima do 12 baixam quando chegares aos 90 minutos. Se isso acontecer, perdes.

Beth anuiu. Noventa minutos parecia-lhe muito tempo; nunca tinha tido um jogo que durasse mais de 20 minutos. Ao lado de cada jogador havia ainda uma folha de papel pautado, para registar as jogadas.

— Podes iniciar o meu relógio quando quiseres — disse Annette.

— Porque é que põem as raparigas juntas? — perguntou Beth.

Annette levantou as sobrancelhas.

— Não deviam. Mas, se ganhares, mudas de sítio.

Beth esticou o braço e carregou no botão. O relógio de Annette começou a contar. Annette pegou no peão do rei com alguma tensão e moveu-o para a quarta casa do rei.

— É verdade — disse ela —, peça tocada... já sabes.

— O que é isso?

— Não toques numa peça a não ser que a vás mexer. Se lhe tocares, tens de jogar com ela.

— Está bem — disse Beth. — Não devias carregar no botão?

— Desculpa — disse Annette, pressionando-o.

O relógio de Beth começou a contar. Esticou o braço com determinação e moveu o seu peão do bispo da dama para a quarta casa. A Defesa Siciliana. Carregou no botão e pousou os cotovelos na mesa, um de cada lado do tabuleiro, como os russos nas fotografias.

Começou a atacar na oitava jogada. À décima jogada, tinha um dos bispos de Annette, e à décima sétima, a sua dama. Annette nem sequer fez roque; tombou o rei quando Beth capturou a sua dama.

— Bem, foi rápido — disse Annette.

Parecia aliviada por ter perdido. Beth olhou para o relógio. Annette tinha utilizado 30 minutos e Beth 7. O A única dificuldade tinha sido esperar pelas jogadas de Annette.

A ronda seguinte só começaria às 11. Beth tinha registado o jogo com Annette na sua folha de pontuações, fazendo um círculo em redor do seu nome, escrito no topo, como vencedora. Dirigiu-se à mesa central e colocou a folha dentro de um cesto identificado com Vencedores. Era a primeira a deixar lá a folha. Um jovem com aspecto de universitário aproximou-se, no momento em que Beth se afastava, e colocou a sua folha no cesto. Beth já tinha reparado que a maior parte das pessoas presentes não era muito bem-parecida. Muitas delas tinham o cabelo oleoso e má pele; algumas eram gordas e com um ar nervoso. Mas aquele rapaz era alto e entroncado e descontraído, e o seu rosto era franco e bonito. O rapaz acenou com a cabeça a Beth num gesto amigável, reconhecendo-a como outra jogadora rápida, e ela fez o mesmo.

Beth deu uma volta pelo ginásio, espreitando discretamente alguns dos jogos que decorriam. Um outro par terminou e o vencedor foi até à mesa central para deixar o seu registo de jogo. Beth não viu quaisquer posições que lhe parecessem interessantes. No Tabuleiro Número 7, ao pé da entrada, as pretas tinham a hipótese de capturar uma torre numa combinação de duas jogadas, e Beth ficou à espera de que o jogador avançasse o bispo necessário. Mas, chegado o momento, ele simplesmente trocou peões ao centro. Não tinha visto a combinação.

As mesas começavam no Tabuleiro Número 3, em vez de ser no 1. Beth olhou em volta, para as filas de cabeças baixas sobre os tabuleiros, para a Secção de Iniciantes, no fundo do ginásio. Terminadas as partidas, os jogadores levantavam-se. Ao fundo, existia uma porta que Beth não notara até ao momento. Sobre ela havia uma placa a dizer «Jogos Principais». Beth foi até lá.

Era uma divisão mais pequena, não muito maior do que a sala de estar da senhora Wheatley. Havia duas mesas separadas, com um jogo a decorrer em cada uma. As mesas estavam colocadas ao centro, rodeadas por um cordão de veludo apoiado sobre pilares de madeira que mantinha o público afastado dos jogadores. Estavam umas quatro ou cinco pessoas a assistir em silêncio, na sua maioria ao pé do Tabuleiro Número 1, à esquerda de Beth. O jogador alto e bem-parecido era uma dessas pessoas.

Diante do Tabuleiro 1 estavam sentados dois homens, imersos em total concentração. O relógio utilizado por eles era diferente dos outros que Beth tinha visto: maior, mais sólido. Um dos homens era gordo, quase calvo, e exibia uma expressão sombria parecida com as dos russos das fotografias, sendo que, tal como eles, usava um fato escuro. O outro jogador era muito mais novo e estava a usar uma camisola cinzenta sobre uma camisa branca. O homem desabotoou os punhos da camisa e enrolou as mangas até ao

cotovelo, um braço de cada vez, sem nunca tirar os olhos do jogo. O estômago de Beth agitou-se de entusiasmo. Aquilo era a sério. Sem respirar, estudou as posições no tabuleiro. Demorou um pouco a chegar lá; era um jogo equilibrado e difícil, idêntico a alguns dos jogos de campeonato que apareciam na *Chess Review*. Beth sabia que era a vez de as pretas jogarem, visto o relógio delas estar em andamento, e assim que Beth reparou que a jogada a ser feita era mover o cavalo para a quinta casa do bispo, o homem mais velho esticou o braço e moveu o seu cavalo para a quinta casa do bispo.

O rapaz bem-parecido tinha-se encostado a uma parede. Beth aproximou-se dele e sussurrou:

— Quem são eles?

— Beltik e Cullen. O Beltik é campeão estadual.

— E quem é quem? — perguntou Beth.

O homem alto levou um dedo aos lábios. Depois, respondeu baixinho:

— O mais novo é o Beltik.

Isso era surpreendente. O campeão do Estado do Kentucky parecia da mesma idade de Fergusen.

— É um grande mestre?

— Está a trabalhar nisso. É mestre há anos.

— Oh — disse Beth.

— Demora tempo. É preciso jogar contra grandes mestres.

— Quanto tempo? — perguntou Beth.

Um homem que estava à frente deles, junto do cordão de veludo, voltou-se para trás e encarou-os com uma expressão furiosa. O homem alto abanou a cabeça, apertando os lábios com o dedo. Beth virou-se para o cordão e ficou a ver o jogo. Gradualmente, entraram mais pessoas, enchendo o espaço. Beth manteve-se firme no seu lugar, à frente.

Havia muita tensão ao centro do tabuleiro. Beth estudou-o durante alguns minutos, tentando decidir qual seria a sua jogada, se fosse ela a jogar; mas não teve a certeza. Era a vez de Cullen. Beth ficou na expectativa durante aquilo que pareceu ser uma eternidade. Cullen permanecia imóvel, com a testa apoiada sobre os punhos cerrados, de joelhos juntos sob a mesa. Beltik recostou-se e bocejou, olhando divertidamente para a cabeça careca de Cullen, diante de si. Beth notou que tinha os dentes estragados, manchados, com alguns em falta, e o seu pescoço não estava totalmente barbeado.

Cullen fez finalmente a sua jogada. Trocou cavalos, ao centro. Sucederam-se várias jogadas rápidas e a tensão esmoreceu um pouco, com ambos os jogadores a renunciarem a um cavalo e um bispo, nas trocas. Quando era novamente a sua vez de jogar, Cullen olhou para Beltik e sugeriu:

— Empate?

— Nem pensar — respondeu Beltik.

Estudou o tabuleiro com impaciência, com uma expressão tão carregada que se tornava cómica, bateu com o punho na palma da outra mão e levou a sua torre até à sétima linha. Beth gostou da jogada, e gostava do modo como Beltik pegava nas peças com firmeza e as colocava sobre o tabuleiro com um pequeno floreado gracioso.

Após cinco jogadas, Cullen desistiu. Já só tinha dois peões, o bispo remanescente encontrava-se preso na última linha e o seu tempo estava quase a chegar ao limite. Fez tombar o rei com uma espécie de desdém elegante, inclinou-se, deu um aperto de mão rápido a Beltik, levantou-se, passou por cima do cordão, tocando de raspão em Beth, e saiu. Beltik levantou-se e esticou-se. Beth olhou para ele, ao lado do tabuleiro onde o rei estava caído, e foi assolada por uma sensação de entusiasmo. Sentiu arrepios nos braços e nas pernas.

A partida seguinte de Beth foi contra um homem baixo e peludo chamado Cooke; o seu *rating* era 1520. Ela anotou-o no topo da sua folha de registo, colocada ao lado do Tabuleiro 13: «Harmon — s/ pont.; Cooke — 1520». Era a sua vez de jogar com as peças brancas. Moveu o peão para a quarta casa da coluna da dama e pressionou o relógio de Cooke, que reagiu instantaneamente com peão para a quarta casa da coluna da dama. Parecia estar muito tenso e os seus olhos não paravam de vaguear pela sala. Não era capaz de ficar quieto na cadeira.

Beth respondeu também com rapidez, ligeiramente contagiada pela impaciência de Cooke. Num espaço de cinco minutos, tinham ambos desenvolvido o seu jogo e Cooke iniciava um ataque à ala da dama. Beth decidiu ignorá-lo e fez avançar um cavalo. Cooke fez avançar rapidamente um peão e Beth, apanhada de surpresa, apercebeu-se de que não o poderia capturar sem correr o risco de sofrer um perigoso ataque duplo. Hesitou. Cooke era bastante bom. Ter um *rating* de 1500 sempre significava qualquer coisa, pelos vistos. Era melhor jogador do que o senhor Shaibel ou o senhor Ganz, e a sua impaciência dava-lhe algo de assustador. Beth empurrou a torre para a casa de partida do bispo, a caminho do peão que Cooke tinha avançado.

Cooke surpreendeu-a. Pegou no bispo da sua dama e, com ele, capturou um dos peões junto ao rei de Beth, fazendo xeque e sacrificando a peça. Beth ficou a olhar para o tabuleiro, momentaneamente perdida. Qual seria o plano dele? Foi então que o viu. Se ela fosse em frente, ele colocá-la-ia novamente em xeque com um cavalo, eliminando um bispo. Fã-lo-ia capturar o peão e o rei de Beth tombaria. O seu estômago ficou apertado; não gostava de ser apanhada de surpresa. Demorou um minuto para perceber o que deveria fazer. Moveu o rei, mas não capturou o bispo.

Cooke avançou com o cavalo, ainda assim. Beth trocou os peões do outro

lado e abriu uma linha para a sua torre. Cooke continuava a importunar-lhe o rei com complicações. Beth apercebeu-se de que, afinal, ainda não corria assim tanto perigo, se não caísse no *bluff*. Fez avançar a torre e dobrou-a com a dama. Estava satisfeita com esta disposição; na sua imaginação, pareciam-lhe dois canhões alinhados e prontos a disparar.

Bastaram três jogadas para os fazer disparar. Cooke parecia fixado nas manobras que preparava em torno do rei de Beth, completamente alheio àquilo que ela estava realmente a preparar. As suas jogadas eram interessantes, mas Beth notou que não tinham sustentação, uma vez que ele não estava a levar em consideração tudo o que se passava no tabuleiro. Se Beth estivesse a jogar apenas para evitar o xeque-mate, tê-la-ia apanhado à quarta jogada, depois do primeiro xeque com o bispo. Mas ela apanhou-o a ele à terceira. Beth sentiu o sangue subir-lhe ao rosto no momento em que viu a maneira de disparar a torre. Pegou na dama e trouxe-a de volta à última linha, oferecendo-a à torre preta que aí estava, ainda por mover. Cooke parou de se remexer durante um momento e encarou Beth. Ela fez o mesmo. Depois, Cooke estudou a posição e voltou a estudá-la. Finalmente, capturou a dama com a sua torre.

A vontade de Beth era saltar e gritar, mas conteve-se, esticou o braço, empurrou o seu bispo uma casa e, tranquilamente, disse:

— Xeque.

Cooke começou a mover o rei, mas parou. Apercebera-se subitamente do que iria acontecer: iria perder a sua dama, assim como a torre com a qual tinha acabado de capturar a dama oponente. Olhou para Beth, que permanecia impassível. Cooke voltou a sua atenção para o tabuleiro, estudando-o durante vários minutos, remexendo-se no lugar e franzindo a testa. Depois, olhou novamente para Beth e disse:

— Empate?

Beth abanou a cabeça. Cooke voltou a franzir a testa.

— Apanhaste-me. Desisto.

Levantou-se e esticou a mão a Beth.

— Apanhaste-me completamente de surpresa.

O seu sorriso era surpreendentemente afável.

— Obrigada — disse Beth, apertando-lhe a mão.

Houve uma pausa para almoço e Beth comeu uma sanduíche e bebeu um copo de leite na loja de conveniência que existia no fim do quarteirão da escola; comeu sozinha ao balcão e saiu.

O seu terceiro jogo foi contra um homem de mais idade que usava uma camisola de lã sem mangas. Chamava-se Kaplan e tinha um *rating* de 1694. Beth jogou com as pretas, utilizou a Defesa Nimzoíndia e venceu-o em 34 jogadas. Talvez fosse possível tê-lo vencido com mais rapidez, mas Kaplan era ágil na defesa — apesar de, com as brancas, um jogador dever estar a atacar. Quando desistiu, Beth tinha-lhe exposto o rei e estava prestes a capturar um bispo, tendo ainda capturado dois peões *en passant*. Kaplan parecia atordoado. Alguns dos outros jogadores haviam-se aproximado para assistir.

Tinham terminado às três e meia. Kaplan tinha jogado com uma lentidão exasperante, e Beth vira-se obrigada a levantar-se durante algumas jogadas dele só para libertar energia a andar. Quando levou o seu registo à mesa, no qual tinha feito um círculo em redor do seu nome, a maior parte dos outros jogos já tinha terminado e o torneio estava a entrar em pausa para o jantar. Haveria uma ronda às oito da noite e outras três no sábado. A ronda final seria no domingo, às onze da manhã.

Beth foi à casa de banho das raparigas e lavou a cara e as mãos; era impressionante como a sua pele estava pegajosa depois de três partidas de xadrez. Olhou-se ao espelho sob as luzes severas e viu o que via sempre:

um rosto redondo e desinteressante, e cabelo sem cor. Mas, desta feita, havia algo diferente. As bochechas estavam rosadas e os seus olhos mais vivos do que alguma vez os tinha visto. Pela primeira vez, gostou do que viu ao espelho.

Saída da casa de banho, reparou que os dois rapazes que a tinham inscrito estavam a afixar um aviso no quadro. Havia vários jogadores que tentavam ler, entre os quais o rapaz bonito. Beth aproximou-se. As letras no cimo, escritas a caneta de feltro, diziam Sem Derrotas. Havia quatro nomes por baixo, e o último era Harmon; Beth susteve a respiração, quando o viu. No topo da lista estava o nome Beltik.

— A Harmon és tu, não és?

Era o rapaz bonito.

— Sim.

— Bom trabalho, miúda — disse ele com um sorriso.

Nesse momento, o rapaz que a tinha querido inscrever na Secção dos Iniciantes gritou da mesa:

— Harmon!

Beth voltou-se na sua direcção.

— Parece que tinhas razão, Harmon — disse ele.

*

A senhora Wheatley estava a comer um estufado com puré de batata, pré-cozinhado, quando Beth chegou a casa. Na televisão dava a série *Bat Masterson*, com o volume altíssimo.

— O teu está no forno — disse a senhora Wheatley.

Estava sentada no cadeirão de chita com o prato de alumínio pousado no

tabuleiro que tinha ao colo. Os *collants* estavam enrolados até aos sapatos rasos.

Durante os anúncios, enquanto Beth comia as cenouras do seu jantar pré-cozinhado, a senhora Wheatley perguntou:

— Como correu, querida?

— Venci três jogos — respondeu Beth.

— Olha que bom — comentou a senhora Wheatley sem desviar os olhos do senhor de idade que falava do alívio que o *Haley's M.O.*^[6] lhe proporcionava.

*

Nessa tarde, Beth ficou no Tabuleiro 6, à frente de um rapaz de ar simples chamado Klein. Tinha um *rating* de 1794. Alguns dos jogos que apareciam na *Chess Review* eram de jogadores com pontuações mais baixas do que essa.

Beth estava com as brancas e moveu o peão para a quarta casa da coluna do rei, na esperança de que ele avançasse com a Defesa Siciliana, que ela conhecia melhor do que ninguém. Mas Klein fez avançar o peão para a quarta casa da coluna do rei e, depois, flanqueou o seu bispo do rei, colocando-o no canto acima do seu rei em roque. Beth não tinha a certeza, mas ficou com a sensação de que aquele era o tipo de abertura chamado «irregular».

A meio-jogo, as coisas complicaram-se. Beth não sabia exactamente o que fazer e decidiu recuar o bispo. Pôs a ponta do dedo sobre a peça e viu imediatamente que o melhor seria avançar o peão para a quarta casa da coluna da dama. Esticou o braço na direcção do peão da dama.

— Lamento — disse Klein. — Peça tocada.

Beth olhou para ele.

— Tens de mover o bispo — disse ele.

Beth conseguia ver que ele estava feliz com o sucedido. Provavelmente, tinha-se apercebido do que ela poderia fazer, se movesse o peão.

Beth encolheu os ombros, tentando agir com indiferença, mas por dentro sentiu algo que nunca tinha sentido durante um jogo de xadrez: medo. Avançou o bispo para a quarta casa da coluna do bispo, recostou-se e cruzou as mãos sobre o colo. O seu estômago estava apertado. Devia ter mexido o peão.

Observou Klein enquanto ele estudava o jogo. Momentos depois, notou-se um pequeno sorriso malicioso. Klein empurrou o seu peão de dama para a quinta casa, carregou no relógio com confiança e cruzou os braços.

Ia capturar um dos bispos dela. De um momento para o outro, o medo deu lugar à raiva. Beth inclinou-se para o tabuleiro e apoiou as bochechas nas palmas das mãos, estudando atentamente as suas hipóteses.

Demorou quase dez minutos, mas encontrou a solução. Fez a sua jogada e recostou-se.

Klein pareceu não notar. Capturou o bispo, como Beth queria que ele fizesse. Beth avançou o peão da torre da dama até ao lado oposto do tabuleiro e Klein resmungou discretamente, mas reagiu com rapidez, empurrando novamente o peão da dama. Beth fez avançar o cavalo, cobrindo o passo seguinte do peão e, mais ainda, atacando a torre de Klein. Ele moveu a torre. O nó no estômago de Beth começava a desatar-se. A sua visão parecia estar extremamente aguçada, como se fosse capaz de ler a letra mais pequena do outro lado da sala. Beth moveu o cavalo, atacando novamente a torre.

Klein fitou-a, irritado. Olhou para o jogo e moveu a torre exactamente para a casa que Beth havia previsto duas jogadas antes. Beth avançou a sua

dama para a quinta casa da coluna do bispo, para um novo xeque. Klein interpôs o peão, tal como ela previra.

— Xeque-mate em duas jogadas — disse Beth tranquilamente.

Klein encarou-a com uma expressão furiosa no rosto.

— Como assim? — perguntou.

A voz de Beth continuava tranquila.

— A torre avança para o próximo xeque e depois o cavalo faz mate.

Klein exibiu uma expressão de desdém.

— A minha dama...

— A sua dama é capturada — disse ela — depois de o rei ser jogado.

Klein voltou a olhar para o tabuleiro, vendo a posição. E disse:

— Merda!

Não fez tombar o rei nem apertou a mão de Beth. Levantou-se e saiu, enfiando as mãos nos bolsos.

Beth pegou no seu lápis e desenhou um círculo à volta de Harmon, na sua folha de pontuações.

Ao sair, às dez da noite, havia três nomes na lista Sem Derrotas. Harmon continuava no fim. Beltik continuava no topo.

Nessa noite, já no seu quarto, não foi capaz de adormecer por causa do modo como os jogos se repetiam incessantemente diante de si, muito depois de ter deixado de lhe saber bem.

Após várias horas assim, Beth levantou-se da cama e, no seu pijama azul, foi até à janela das águas-furtadas. Levantou um dos estores e olhou para as árvores recentemente despidas de folhas sob a luz dos candeeiros e para as casas escuras atrás delas. A rua estava silenciosa e deserta. Havia um fio de Lua, parcialmente tapado pelas nuvens. O ar estava frio.

Beth tinha aprendido a não acreditar em Deus durante os tempos de catequese na Methuen, e nunca tinha rezado. Mas, naquele momento,

sussurrou: «Por favor, Deus, deixa-me jogar contra o Beltik e fazer xeque-mate.»

Na gaveta da escrivaninha, dentro do copo da escova de dentes, estavam dezassete comprimidos verdes e mais três numa caixa pequena, arrumada na prateleira do guarda-vestidos. Tinha pensado em tomar dois, para a ajudarem a adormecer. Mas não o fez. Voltou para a cama, exausta e com a mente em branco, e dormiu profundamente.

*

Na manhã de sábado, a sua esperança era confrontar um jogador com mais de 1800. O homem na mesa de inscrição tinha dito que havia três jogadores com um *rating* acima daquele valor. Mas, quando os pares foram comunicados, viu que ia jogar com as pretas contra alguém chamado Townes, que tinha um *rating* de 1724. Era mais baixo do que o do oponente da tarde anterior. Voltou à mesa e perguntou o motivo.

— É o que é, Harmon — disse o rapaz de camisa branca. — Tiveste sorte.

— Quero jogar contra o melhor — disse Beth.

— Tens de ter um *rating*, antes de isso acontecer — disse o rapaz.

— E como é que consigo um *rating*?

— Jogas 30 partidas em torneios da USCF e depois esperas quatro meses.

É assim que consegues o teu *rating*.

— Isso é muito tempo.

O rapaz inclinou-se na sua direcção.

— Que idade tens, Harmon?

— Treze.

— És a pessoa mais nova que aqui está. Podes esperar por um *rating*.

Beth ficou furiosa.

— Quero jogar contra o Beltik.

O outro homem que estava na mesa interveio.

— Só se venceres as próximas três partidas, querida. E se o Beltik fizer o mesmo.

— Vou vencê-las — afirmou Beth.

— Não, não vais, Harmon — disse o primeiro rapaz. — Tens de jogar contra o Sizemore e contra o Goldmann, e não és capaz de vencer nenhum dos dois.

— O Sizemore e o Goldmann. Está bem, está... — disse o outro homem. — E o tipo com quem vais jogar agora é muito subestimado. É o jogador principal da equipa universitária e, no mês passado, ficou em quinto lugar em Las Vegas. Não deixes que a história do *rating* te engane.

— O que é que houve em Las Vegas? — perguntou Beth.

— O Open.

*

Beth foi para o Tabuleiro 4. O homem sentado do lado das peças brancas sorriu quando ela se aproximou. Era o homem alto e bem-parecido. Beth sentiu-se um pouco abalada ao vê-lo. Ele quase parecia uma estrela de cinema.

— Olá, Harmon — disse ele, esticando a mão. — Parece que nos andamos a perseguir.

Beth apertou a sua grande mão desajeitadamente e sentou-se. Houve um momento de silêncio e, então, ele disse:

— Queres iniciar o meu relógio?

— Desculpe — disse ela.

Esticou o braço para o iniciar, quase que o fez cair da mesa, mas apanhou-o a tempo.

— Desculpe — disse novamente, de um modo quase inaudível.

Carregou no botão e o relógio começou a contar. Olhou para o tabuleiro, com as bochechas a esquentar.

Ele avançou o peão para a quarta casa do rei, e ela respondeu com a Siciliana. Ele continuou com jogadas clássicas, e ela respondeu com a Variante do Dragão. Trocaram peões ao centro. Beth foi-se recompondo gradualmente, ao longo daquelas jogadas mecânicas, e olhou-o por cima do tabuleiro. Ele observava as peças com atenção, de sobrolho carregado. Mas, mesmo com essa expressão e despendado, era um homem bonito. Quando ele olhou para ela, com os seus ombros largos e pele clara e sobrancelhas tensas de concentração, o estômago de Beth foi percorrido por uma sensação estranha.

Surpreendeu-a ao avançar a dama. Era uma jogada arriscada, e Beth perdeu algum tempo a estudá-la, até acabar por ver que, pelo contrário, não havia nada de vulnerável naquela opção. Fez avançar a sua própria dama. Ele moveu um cavalo para a quinta linha e Beth fez o mesmo com o seu cavalo. Ele recuou o bispo. Beth sentia-se leve, e os seus dedos sobre as peças eram ágeis. Ambos os jogadores começaram a jogar com rapidez e facilidade. Beth fez um xeque pouco ameaçador ao rei, que ele fez recuar, começando depois a fazer avançar peões. Beth travou o avanço com uma imobilização, fíntando-o em seguida com a torre na ala da dama. Sentia-se, de algum modo, à vontade e divertida, mas manteve o rosto sério. Continuaram a sua dança.

Entristeceu-se um pouco quando viu uma maneira de o derrotar. Aconteceu à décima nona jogada e Beth deu por si a resistir, à medida que a estratégia se desenrolava na sua mente. Detestava ter de abandonar o

agradável *ballet* que ambos tinham dançado. Mas ali estava: dentro de quatro jogadas ele ver-se-ia obrigado a perder uma torre ou pior. Beth hesitou, mas fez a primeira jogada da sequência.

Ele só se apercebeu do que estava a acontecer ao fim de duas jogadas, franzindo a testa subitamente e dizendo:

— Não acredito nisto, Harmon! Vou perder uma torre!

Ela adorou o tom da sua voz; adorou o modo como ele falou. Ele abanava a cabeça, com uma surpresa exagerada. Ela adorou isso.

Alguns dos jogadores cujas partidas haviam terminado tinham-se juntado em redor da mesa, e alguns comentavam discretamente a jogada de Beth.

Townes permaneceu em jogo durante mais cinco jogadas e Beth sentiu pena por ele quando o viu desistir, fazendo tombar o rei e exclamando:

— Bolas!

Mas, logo depois, levantou-se, esticou-se e sorriu-lhe.

— És uma jogadora e tanto, Harmon — disse. — Que idade tens?

— Treze.

Ele assobiou de espanto.

— Andas em que escola?

— Fairfield Junior.

— Sim — respondeu ele —, sei onde é.

Era ainda mais bonito do que uma estrela de cinema.

Uma hora mais tarde, ficou com Goldmann no Tabuleiro 3. Beth entrou no ginásio às 11 em ponto, e as pessoas presentes fizeram silêncio à sua entrada. Toda a gente olhou para ela. Ouviu alguém sussurrar «Foda-se, tem 13 anos» e veio-lhe imediatamente à mente um pensamento, acompanhado da sensação de entusiasmo que a voz sussurrada lhe tinha dado: «Podia ter feito isto aos 8.»

Goldmann era duro, silencioso e lento. Era um homem baixo e pesado, e

movia as peças pretas como um rude general treinado em defesa. Durante a primeira hora, todas as jogadas de Beth foram goradas. Cada uma das peças de Goldmann estava protegida; era como se existissem duas fileiras de peões para as protegerem.

Beth ficava irrequieta durante as longas esperas pelas jogadas dele; numa das vezes, depois de avançar um bispo, levantou-se e foi à casa de banho. Havia algo a magoá-la no abdómen, e sentia-se um pouco tonta. Passou o rosto por água fria e secou-o com uma toalha de papel. Quando se preparava para sair, entrou a rapariga com quem tinha jogado a primeira partida. Packer. Packer pareceu feliz por vê-la.

— Estás lançada, tu — disse ela.

— Até agora — disse Beth, sentindo outra pontada na barriga.

— Ouvi dizer que estás a jogar contra o Goldmann.

— Sim — respondeu Beth —, e tenho de voltar.

— Claro — disse Packer. — Olha, dá cabo dele, sim? Dá cabo dele.

Beth sorriu de repente.

— Combinado — disse.

Quando regressou, viu que Goldmann tinha jogado e o seu relógio já estava a contar. Ele estava sentado com um ar aborrecido, dentro do fato escuro. Beth sentia-se refrescada e pronta. Sentou-se e afastou da mente tudo o que não fossem os 64 quadrados do tabuleiro. Passado um minuto, viu que, se atacasse os dois flancos simultaneamente, como Morphy por vezes fazia, Goldmann teria dificuldade em continuar a jogar pelo seguro. Beth moveu o peão para a quarta casa da coluna da torre da dama.

Funcionou. Em cinco jogadas, conseguira abrir um pouco a defesa em torno do rei e, após outras três, estava em cima dele. Não prestava a mínima atenção ao próprio Goldmann ou ao público ou à sensação na parte inferior do seu abdómen ou ao suor que tinha surgido na sua testa. Jogava apenas

contra o tabuleiro, com linhas de força gravadas para si na sua superfície: pequenos pontos de resistência dos peões, uma enorme, da dama, e todas as gradações entre elas. Momentos antes de o tempo de Goldmann chegar ao fim, ela conseguiu o xeque-mate.

Ao desenhar o círculo em redor do seu nome na folha de registo, olhou novamente para o *rating* de Goldmann. Era 1997. Algumas pessoas aplaudiam.

Beth foi directamente para a casa de banho, onde descobriu que tinha começado a menstruar. Por um momento, olhando para a vermelhidão da água da sanita, sentiu que tinha acontecido uma catástrofe. Teria sujado a cadeira no Tabuleiro 3? Estariam lá pessoas que o viram? Mas notou com alívio que as suas cuecas de algodão mal estavam manchadas. Pensou subitamente em Jolene. Se não fosse ela, naquele momento Beth não faria ideia do que se estava a passar. Mais ninguém lhe tinha falado disto — muito menos a senhora Wheatley. Sentiu um carinho súbito por Jolene, lembrando-se também do que ela lhe tinha dito para fazer «em caso de emergência». Beth começou a puxar o rolo de papel higiénico, dobrando-o e pressionando-o num rectângulo. A dor no abdómen tinha abrandado. Estava a menstruar e tinha acabado de vencer Goldmann: 1997. Colocou o rectângulo de papel higiénico nas cuecas, puxou-as bem para cima, ajeitou a saia e saiu com confiança para a zona de jogos.

*

Beth já tinha visto Sizemore — era um homem feio, baixo, de rosto alongado, que fumava sem parar. Alguém lhe dissera que ele tinha sido campeão estadual antes de Beltik. Beth confrontá-lo-ia no Tabuleiro 2, na sala dos «Jogos Principais».

Sizemore ainda não tinha chegado, mas, ao pé dela, no Tabuleiro 1, Beltik estava sentado virado para ela. Beth olhou para ele, mas desviou logo o olhar. Faltavam poucos minutos para as 15 horas. As luzes desta sala, mais pequena — lâmpadas debaixo de uma protecção de metal —, pareciam mais brilhantes do que as da divisão maior, mais brilhantes também do que de manhã, e, por um momento, Beth ficou encandeada com o seu brilho, reflectido no verniz do chão com linhas vermelhas pintadas.

Sizemore entrou, penteando-se com gestos nervosos e rápidos. Trazia um cigarro entre os lábios finos. Quando ele puxou a cadeira para se sentar, Beth sentiu-se a ficar muito tensa.

— Estás pronta? — perguntou ele com a voz arranhada, arrumando o pente no bolso.

— Sim — disse ela, e carregou no relógio.

Sizemore mexeu o peão para a quarta casa da coluna do rei, retirando depois o pente do bolso e mordiscando-lhe a ponta, do modo que uma pessoa mordisca a borracha no final do lápis. Beth avançou o peão para a quarta casa da coluna do bispo da dama.

Alguns a meio-jogo, Sizemore começou a pentear-se depois de cada jogada. Mal olhava para Beth, concentrando-se completamente no jogo, remexendo-se por vezes na cadeira enquanto penteava e ajeitava e voltava a ajeitar o seu cabelo. O jogo estava equilibrado, não sendo notórias quaisquer fraquezas de nenhum dos lados. Tudo o que Beth podia fazer era encontrar as melhores casas para os seus bispos e cavalos, e aguardar. Beth fazia a sua jogada, anotava-a na folha e recostava-se. Passado algum tempo, começaram a aparecer pessoas junto ao cordão. Beth olhava para elas de vez em quando. Havia mais gente a vê-la jogar do que a Beltik. Voltou a focar-se no jogo, à espera de uma abertura. Numa das vezes em que olhou

para o público, viu Annette Packer, ao fundo. Packer sorriu-lhe e Beth acenou-lhe com a cabeça.

De volta ao tabuleiro, Sizemore levou um cavalo para a quinta casa da coluna da dama, colocando-o na melhor posição para um cavalo. Beth ficou com uma expressão carregada; não conseguia tirá-lo de lá. Havia muitas peças ao centro e, por um momento, Beth perdeu a noção de onde estavam. Sentia pontadas ocasionais no abdómen. Conseguia também sentir o grosso maço de papel higiénico entre as coxas. Pôs-se mais confortável na cadeira e olhou para o tabuleiro, semicerrando os olhos. As coisas não estavam a correr bem. Sizemore começava a dominar. Beth olhou para o rosto dele. Tinha guardado o pente e olhava para as peças à sua frente com um ar satisfeito. Beth inclinou-se sobre a mesa, enterrando os punhos nas bochechas, e tentou furar as posições. Ouviam-se alguns sussurros vindos do público. Com um esforço, conseguiu limpar a sua mente de distrações. Era altura de ripostar. Se movesse o cavalo para a esquerda... não. Se abrisse a longa diagonal para o seu bispo branco... *era isso*. Beth empurrou o peão e o poder do bispo triplicou. A imagem do jogo começava a ficar mais clara. Beth recostou-se e respirou fundo.

Nas jogadas seguintes, Sizemore continuou a subir peças, mas Beth, vendo as limitações daquilo que ele lhe podia fazer, manteve a atenção focada no canto superior esquerdo do tabuleiro, na ala da dama de Sizemore; chegado o momento, trouxe o bispo até ao centro do aglomerado de peças oponentes, colocando-o na segunda casa do seu cavalo. Sizemore podia capturá-lo com duas das suas peças, mas, se o fizesse, estaria em apuros.

Beth olhou para ele. Sizemore tinha retirado novamente o pente do casaco e penteava-se. O seu relógio contava.

Demorou 15 minutos a fazer uma jogada e, quando a fez, foi um choque.

Capturou o bispo com a torre. Não se teria apercebido do erro que fora retirar a torre da última linha? Não o via? Beth voltou a olhar para o jogo, reconfirmou a posição e fez avançar a dama.

Só passadas duas jogadas ele se apercebeu do que iria acontecer e o seu jogo colapsou. Ainda tinha o pente na mão, seis jogadas depois, quando Beth levou o peão da sua dama para a sexta linha. Sizemore recuou a torre para a casa imediatamente abaixo. Ela atacou-a com o bispo. Sizemore levantou-se, arrumou o pente no bolso, inclinou-se e fez tombar o seu rei.

— Venceste — disse, amargamente.

Os aplausos foram estrondosos.

Depois de entregar o seu registo, esperou enquanto o jovem o verificava, fazia uma marca numa lista que tinha à sua frente, se levantava e se dirigia ao quadro geral. O jovem retirou os pioneses do cartão que dizia Sizemore e largou-o dentro de um caixote do lixo verde, metalizado. Depois, retirou os pioneses do cartão do fundo e levou-o até ao lugar onde estivera o de Sizemore. A lista Sem Derrotas tinha agora: Beltik, Harmon.

Enquanto se dirigia à casa de banho, viu Beltik sair da sala dos «Jogos Principais» com uma passada rápida, parecendo muito satisfeito consigo próprio. Levava o seu pequeno registo na mão, a caminho do cesto dos vencedores. Não deu mostras de ter visto Beth.

Ela foi até à entrada dos «Jogos Principais» e encontrou Townes de pé. O seu rosto acusava sinais de cansaço; era parecido com o de Rock Hudson, tirando a fadiga.

— Bom trabalho, Harmon — disse ele.

— Tenho pena de que tenha perdido — disse ela.

— Pois — respondeu ele. — É repensar as coisas.

E depois, acenando com a cabeça para Beltik, que estava de pé junto à mesa central com uma pequena multidão à sua volta, disse:

— Ele é um assassino, Harmon. Um assassino a sério.

Beth olhou para o rosto de Townes.

— Precisa de descansar.

Ele sorriu-lhe.

— Do que eu preciso, Harmon, é de algum do teu talento.

Ao passar pela mesa central, Beltik deu um passo na sua direcção e disse:

— Amanhã.

*

Quando Beth entrou na sala de estar, pouco antes do jantar, notou que a senhora Wheatley estava pálida, com um ar estranho. Encontrava-se sentada no cadeirão de chita e tinha o rosto inchado. Segurava um postal de cores vivas.

— Comecei a menstruar — anunciou Beth.

A senhora Wheatley pestanejou.

— Que bom — disse, parecendo muito distante.

— Preciso de comprar pensos ou algo assim — continuou Beth.

A senhora Wheatley pareceu ficar perplexa, momentaneamente. Depois, como que acordou.

— É um momento muito importante para ti, não há dúvida. Sobe até ao meu quarto e abre a primeira gaveta da cómoda. Tira os que precisares.

— Obrigada — disse Beth, encaminhando-se para as escadas.

— E, olha, querida — disse a senhora Wheatley —, traz-me aquele frasquinho de comprimidos verdes que está ao pé da minha cama.

Quando regressou do quarto, Beth entregou os comprimidos à senhora Wheatley. A seu lado estava meio copo de cerveja; a senhora Wheatley tirou dois comprimidos e engoliu-os com ela.

— Preciso de restaurar a minha tranquilidade — disse ela.

— Aconteceu alguma coisa de mal? — perguntou Beth.

— Não sou o Aristóteles — respondeu a senhora Wheatley —, mas pode ser considerado como «mal». Recebi uma mensagem do senhor Wheatley.

— O que dizia?

— Que o senhor Wheatley está retido no Sudoeste por tempo indefinido.

No Sudoeste americano.

— Oh — disse Beth.

— Entre Denver e Butte.

Beth sentou-se no sofá.

— Aristóteles era um filósofo moral — disse a senhora Wheatley —, enquanto eu sou uma esposa e dona de casa. Aliás, era uma esposa.

— Eles podem levar-me de volta, se não tiver marido?

— Se quisermos ser rigorosos — respondeu a senhora Wheatley, dando um pequeno gole na cerveja. — Não te levam, se mentirmos sobre isso.

— Isso é fácil — disse Beth.

— Tens bom fundo, Beth — disse a senhora Wheatley, terminando a cerveja. — Aqueces as duas refeições de galinha que estão no congelador? Põe o forno a 400.

Beth segurava em dois pensos higiénicos.

— Não sei como se colocam.

A senhora Wheatley endireitou-se no cadeirão.

— Já não sou uma esposa — disse —, excepto no campo da ficção legal. Mas acho que posso aprender a ser uma mãe. Explico-te como colocas isso se me prometeres nunca te aproximares de Denver.

*

Beth acordou durante a noite com o som da chuva a bater no telhado e, em rajadas intermitentes, na janela das águas-furtadas. Tinha estado a sonhar com água, consigo própria a nadar tranquilamente num plácido oceano de águas paradas. Colocou a almofada sobre a cabeça e enroscou-se sobre um lado, tentando voltar a adormecer. Mas não era capaz. O barulho da chuva era alto e, à medida que continuava, a languidez melancólica do seu sonho foi sendo substituída pela imagem de um tabuleiro de xadrez cheio de peças que reclamavam a sua atenção, que reclamavam a clareza do seu raciocínio.

Eram 2 da manhã, e Beth não dormiu o resto da noite. Ainda chovia quando desceu, às 7; o quintal, nas traseiras da cozinha, parecia um pântano, e os montículos de relva quase morta, ilhas. Não sabia exactamente como estrear um ovo, mas achou que o saberia cozer. Retirou dois do frigorífico, encheu uma panela com água e colocou-a ao lume. Iria avançar com o peão para a quarta casa da coluna do rei contra ele, esperando pela Siciliana. Cozeu os ovos durante cinco minutos e passou-os por água fria. Conseguia ver o rosto de Beltik: jovem, arrogante e inteligente. Os seus olhos eram pretos e pequenos. Quando se dirigira a ela no dia anterior, parte de Beth achou por momentos que ele lhe ia bater.

Os ovos estavam perfeitos; abriu-os com uma faca, colocou-os num copo e comeu-os com sal e manteiga. Sentia os olhos a arranhar por baixo das pálpebras. O último jogo começava às 11; eram 7h20. Beth gostaria de ter um exemplar do *Modern Chess Openings* para poder estudar algumas variantes da Siciliana. Alguns dos outros jogadores no torneio andavam com cópias amassadas debaixo dos braços.

Pouco chovia quando saiu de casa, às 10, e senhora Wheatley ainda estava no quarto, a dormir. Antes de sair, Beth foi à casa de banho verificar se estava tudo bem com o cinto sanitário que a senhora Wheatley lhe tinha

dado para usar e com o grosso penso higiénico. Calçou as galochas, vestiu o seu casaco azul, tirou o guarda-chuva da senhora Wheatley e saiu de casa.

*

Já tinha reparado que as peças do Tabuleiro 1 eram diferentes. Eram de madeira sólida, como as do senhor Ganz, e não de plástico, ocas, como as restantes utilizadas no torneio. Ao passar pela mesa, a sala ainda vazia às 10h30, pegou no rei branco. Era agradavelmente pesado, com um pequeno chumbo e feltro verde na base. Pousou a peça na sua casa, passou por cima do cordão de veludo e foi à casa de banho. Lavou o rosto pela terceira vez nesse dia, ajustou o cinto sanitário, penteou a franja e voltou ao ginásio. Tinham chegado mais jogadores. Beth enfiou as mãos nos bolsos da saia, de modo a que ninguém notasse que estavam a tremer.

Às 11, Beth estava sentada diante das brancas, no Tabuleiro 1. Os Tabuleiros 2 e 3 já tinham começado o jogo. Sizemore estava no Tabuleiro 2. Não reconheceu os restantes jogadores.

Passaram-se dez minutos e Beltik ainda não tinha aparecido. O director do torneio, de camisa branca, passou por cima do cordão e ficou junto a Beth durante um momento.

— Ainda não chegou? — perguntou o director em voz baixa.

Beth abanou a cabeça.

— Faz a tua jogada e acciona o relógio — sussurrou ele. — Já o devias ter feito às 11.

Beth ficou irritada. Ninguém lhe tinha dito isso. Beth avançou o peão para a quarta casa da coluna do rei e carregou no relógio de Beltik.

Passaram-se mais dez minutos até Beltik aparecer. O estômago de Beth contraiu-se e os olhos arderam-lhe. Beltik parecia descontraído e

despreocupado, vestindo uma camisa vermelha e calças de bombazina creme.

— Desculpa — disse ele num tom de voz normal. — Bebi um café a mais.

Os outros jogadores olharam para ele com irritação. Beth permaneceu calada.

Beltik, ainda de pé, desabotoou um dos botões da camisa e esticou a mão.

— Harry Beltik — disse ele. — Como te chamas?

Ele devia saber como Beth se chamava.

— Beth Harmon — respondeu, apertando-lhe a mão e evitando o seu olhar.

Ele sentou-se atrás das peças pretas, esfregou as mãos com força e moveu o peão do seu rei para a terceira casa. Carregou no relógio com confiança.

A Defesa Francesa. Beth nunca a tinha jogado. Não gostava do aspecto que tinha. A jogada a fazer era avançar o peão para a quarta casa da coluna da dama. Mas o que aconteceria, se ele também o jogasse? Trocaria peões, avançaria com um, ou usaria o cavalo? Beth semicerrou os olhos e abanou a cabeça; era difícil visualizar o jogo depois dessas jogadas. Voltou a olhar para o jogo, esfregou os olhos e avançou com o peão para a quarta casa da coluna da dama. Quando ia carregar no relógio, hesitou. Teria cometido um erro? Mas agora era tarde. Carregou no botão com força e, mal fez clique, Beltik pegou no peão da sua dama, colocou-o na quarta casa da coluna da rainha e bateu no botão do relógio.

Apesar de ser difícil ver com a sua lucidez habitual, Beth não tinha perdido a noção do que era necessário para uma abertura. Fez avançar os cavalos e envolveu-se numa luta pelas casas centrais. Mas Beltik, agindo com rapidez, capturou um dos seus peões e Beth apercebeu-se de que não seria capaz de capturar o peão que ele tinha acabado de utilizar. Tentou

ignorar a vantagem que lhe tinha oferecido e continuou a jogar. Pegou nas peças da última linha e fez roque. Olhou para Beltik por cima do tabuleiro. Ele parecia completamente à vontade; olhava para o jogo que decorria na mesa ao lado. Beth sentiu um nó no estômago; não havia maneira de se sentir confortável na cadeira. O denso amontoado de peças e peões ao centro pareceu, por um momento, não ter um padrão, não ter sentido.

O seu relógio contava. Beth inclinou a cabeça para ver o mostrador; tinham passado 25 minutos e ela continuava com um peão a menos. E, no total, Beltik tinha utilizado apenas 22 minutos, incluindo o tempo que tinha desperdiçado com o seu atraso. Os ouvidos de Beth tiniam e as luzes brilhantes da sala magoavam-lhe os olhos. Beltik estava recostado com os braços esticados, bocejando, mostrando os espaços negros na parte lateral da dentição.

Beth descobriu aquilo que poderia ser uma boa casa para o seu cavalo, esticou a mão e, então, estacou. Essa jogada seria um erro terrível; era preciso fazer alguma coisa acerca da dama de Beltik, antes que ele a colocasse na coluna da torre e ficasse pronta para ameaçar. Beth teria de se defender e atacar em simultâneo, mas não via como fazê-lo. As peças à sua frente permaneciam imóveis. Devia ter tomado o comprimido verde na noite anterior, para dormir.

Foi então que viu aquilo que parecia ser uma jogada sensata e avançou rapidamente. Recuou um cavalo para junto do rei, protegendo-se da dama de Beltik.

Ele ergueu as sobrancelhas de um modo quase imperceptível e capturou imediatamente um peão do outro lado do tabuleiro. Abria-se uma diagonal súbita ao seu bispo. O bispo estava voltado na direcção do cavalo que Beth recuara inutilmente, e agora tinha menos dois peões. Surgiu um sorriso discreto ao canto da boca de Beltik. Beth desviou o olhar, assustada.

Tinha de fazer alguma coisa. Em quatro jogadas ou menos, ele estaria a ameaçar o seu rei por todos os lados. Precisava de se concentrar, de ver as coisas com clareza. Mas, ao olhar para o jogo, tudo parecia denso, interligado, complexo, perigoso. E, então, ocorreu-lhe uma ideia. Com o relógio ainda a contar, levantou-se, passou por cima do cordão, atravessou a pequena multidão silenciosa de espectadores até ao ginásio e dirigiu-se à casa de banho. Estava vazia. Beth foi até ao lavatório, passou o rosto por água fria, molhou uma mão-cheia de papel e pressionou-a durante um minuto na parte de trás do pescoço. Deitou-os fora, entrou num dos cubículos e, sentada, viu se estava tudo bem com o seu penso higiénico. Não havia problema. Deixou-se ficar sentada, a descontraír, a limpar a mente. Tinha os cotovelos apoiados sobre os joelhos e a cabeça caída.

Com um esforço, conseguiu fazer surgir o jogo do Tabuleiro 1 diante de si. Ali estava ele. Conseguia perceber imediatamente que era um jogo difícil, mas não tão difícil como alguns dos jogos que memorizara na livraria Morris. Na sua mente, as peças estavam definidas e completamente focadas.

Deixou-se ficar ali, sem se preocupar com o tempo, até ter penetrado e compreendido o jogo. Depois, levantou-se, passou o rosto por água uma vez mais e encaminhou-se para o ginásio. Tinha descoberto a jogada.

Haviam-se juntado mais pessoas na sala dos «Jogos Principais»: à medida que as outras partidas terminavam, os jogadores vinham assistir à final. Beth furou entre as pessoas, passou por cima do cordão e sentou-se. As suas mãos estavam perfeitamente firmes, e o seu estômago e olhos tranquilos. Beth fez a sua jogada e carregou no botão do relógio.

Beltik estudou a jogada durante alguns minutos e capturou o cavalo de Beth com o seu bispo, como ela previra. Beth não capturou a peça dele; fez

avançar o bispo para atacar uma das suas torres. Ele moveu a torre, carregou no relógio, recostou-se e respirou fundo.

— Não serve de nada — disse Beth. — Eu não tenho de capturar a dama.

— Joga — disse Beltik.

— Primeiro, faço xeque com o bispo...

— *Joga!*

Beth anuiu e fez xeque com o bispo. Beltik, com o tempo a contar, afastou rapidamente o rei e carregou no botão. E foi então que Beth fez o que tinha planeado desde o início: avançou a dama firmemente até ao lado do rei, sacrificando-a. Beltik olhou para Beth, estupefacto. Beth olhou-o de volta. Ele encolheu os ombros, capturou a dama e parou o seu relógio batendo-lhe com a base da peça capturada.

Beth avançou o seu outro bispo desde a última linha até ao centro do tabuleiro e disse:

— Xeque. Xeque-mate na próxima jogada.

Beltik ficou a olhar para o jogo durante um momento, disse «merda» e levantou-se.

— A torre faz mate — disse Beth.

— Merda — disse Beltik.

A multidão que agora enchia a sala começou a aplaudir. Beltik, ainda com a testa franzida, estendeu a mão, e Beth apertou-a.

CINCO

O banco estava quase a fechar quando ela chegou ao balcão. Tivera de esperar pelo autocarro depois da escola e esperar uma vez mais por outro, para chegar à Main. E este era o segundo banco a que ia.

Andara o dia todo com o cheque dobrado no bolso da blusa, debaixo da camisola. Tinha-o na mão quando o homem à sua frente na fila pegou nos rolos de moedas e os enfiou no bolso da gabardina, saindo em seguida do guiché. Nas pontas dos pés, de modo a ver a cara do bancário, Beth colocou então a mão em cima do mármore frio do balcão, segurando o cheque.

— Gostava de abrir uma conta — disse.

O homem olhou de relance para o cheque.

— Que idade tem, menina?

— Treze.

— Lamento — disse ele —, mas tem de vir acompanhada por um progenitor ou outro adulto responsável.

Beth voltou a guardar o cheque no bolso da blusa e saiu.

Em casa, a senhora Wheatley tinha quatro garrafas de cerveja *Pabst Blue Ribbon* em cima da pequena mesa de apoio ao lado do cadeirão. A televisão estava desligada. Antes de entrar, Beth apanhou o jornal vespertino do chão do alpendre; desdobrou-o ao entrar na sala de estar.

— Como correu a escola, querida? — perguntou a senhora Wheatley numa voz apagada e distante.

— Correu bem.

Ao pousar o jornal em cima do apoio de pés de plástico verde que estava

junto ao sofá, Beth viu com surpresa a sua própria fotografia na primeira página, ao fundo. Ao cimo via-se o rosto de Nikita Khrushchev, e, sob ele, à largura de uma coluna, estava o seu, com uma expressão carregada, sob o cabeçalho: Prodígio Local Vence Torneio de Xadrez. Por baixo disto, em letras mais pequenas, a negrito: rapariga de 12 anos surpreende especialistas. Lembrou-se do homem a tirar-lhe uma fotografia, antes de lhe darem o troféu e o cheque. Ela dissera-lhe que tinha 13 anos.

Beth inclinou-se para a frente, lendo:

O mundo do xadrez do Kentucky foi apanhado de surpresa este sábado pelas capacidades de uma jovem local, que triunfou sobre jogadores experientes e venceu o Campeonato do Estado do Kentucky. Elizabeth Harmon, aluna do 7.º ano na Fairfield Junior, demonstrou «uma mestria do jogo sem comparação com qualquer outra xadrezista feminina», segundo as palavras de Harry Beltik, com o qual a menina Harmon disputou o título estadual, vencendo-o.

Beth fez uma careta; detestava a sua fotografia. Mostrava demasiado as sardas e o nariz pequeno.

— Quero abrir uma conta no banco — disse ela.

— Uma conta no banco?

— Tem de vir comigo.

— Mas, minha querida — disse a senhora Wheatley —, queres abrir uma conta com que dinheiro?

Beth levou a mão ao bolso da blusa, retirou o cheque e entregou-lho. A senhora Wheatley endireitou-se e segurou o cheque como se este fosse um dos Manuscritos do Mar Morto. Ficou em silêncio durante um momento, enquanto o lia. Depois, disse suavemente:

— Cem dólares.

— Preciso de um dos progenitores ou outro responsável adulto. No banco.

— Cem dólares — repetiu a senhora Wheatley. — Isto quer dizer que

ganhaste?

— Sim. Diz «Primeiro Lugar» no cheque.

— Estou a ver... — disse a senhora Wheatley. — Não fazia a mais pálida ideia de que se ganhava dinheiro a jogar xadrez.

— Alguns torneios têm prémios maiores do que esse.

— Meu Deus! — exclamou a senhora Wheatley, ainda a olhar para o cheque.

— Podemos ir ao banco amanhã, depois da escola.

— Claro que sim — disse a senhora Wheatley.

No dia seguinte, ao entrarem na sala de estar depois da ida ao banco, estava um número da *Chess Review* em cima da mesa, junto ao sofá. A senhora Wheatley pendurou o casaco no bengaleiro da entrada e pegou na revista.

— Enquanto estavas na escola — disse —, estive a folhear isto. Li que vai haver um grande torneio em Cincinnati, na segunda semana de Dezembro. O primeiro prémio são 500 dólares.

Beth observou-a durante um longo momento.

— Tenho de ir à escola nessa altura — disse. — E Cincinnati é bastante longe.

— Se apanharmos um autocarro da Greyhound, são só precisas duas horas — disse a senhora Wheatley. — Tomei a liberdade de ligar a informar-me.

— E a escola? — perguntou Beth.

— Posso escrever um recado alegando razões de saúde. Digo que tens mono.

— Mono?

— Mononucleose. É uma coisa muito comum entre as pessoas da tua idade, segundo a *Ladie's Home Journal*.

Beth continuou a olhar para ela, tentando disfarçar a surpresa no seu rosto. A desonestidade da senhora Wheatley parecia combinar perfeitamente com a sua. Então, perguntou:

— E ficávamos onde?

— No Hotel Gibson, num quarto duplo, por 22 dólares a noite. Os bilhetes da Greyhound são 11,80 dólares cada um, e temos de contar ainda, claro, com a alimentação. Fiz as contas. Se venceses o segundo ou o terceiro prémio, ainda temos lucro.

Beth tinha 20 dólares e um livro de dez cheques na sua carteira de plástico.

— Tenho de comprar alguns livros sobre xadrez — disse ela.

— Mas claro, à vontade — disse a senhora Wheatley, sorrindo. — E se me passares um cheque de 23,60 dólares, compro os bilhetes amanhã.

*

Depois de comprar o *Modern Chess Openings* e um livro sobre fins de partida na Morris, Beth atravessou a estrada até aos Grandes Armazéns Purcell. Pelas conversas das raparigas na escola, Beth sabia que os Purcell eram melhor do que os Ben Snyder. Descobriu o que queria no quarto piso: um jogo de xadrez quase igual ao do senhor Ganz, com cavalos esculpidos à mão e peões grandes e pesados e torres largas e sólidas. Ficou momentaneamente indecisa quanto ao tabuleiro, e quase comprou um de madeira, acabando por decidir-se por um tabuleiro de linho dobrável com grandes quadrados verdes e beges. Seria mais fácil de transportar do que os outros.

Regressada a casa, retirou as coisas de cima da escrivaninha, desdobrou o tabuleiro no tampo e organizou as peças. Arrumou os seus novos livros de

xadrez num dos lados, e colocou o grande troféu de prata, com a forma de um rei, no outro. Acendeu o candeeiro de leitura e sentou-se na cadeira, ficando simplesmente a olhar para as peças, para o modo como as suas curvas brilhavam à luz. Assim ficou durante o que lhe pareceu muito tempo, com a mente tranquila. Depois pegou no *Modern Chess Openings*. Desta vez, começou pelo início.

*

Nunca vira nada como o Hotel Gibson em toda a sua vida. O tamanho e o bulício, os lustres brilhantes do *lobby*, os grandes tapetes vermelhos, as flores, até mesmo as três portas giratórias e o porteiro de uniforme que permanecia ao lado delas, tudo aquilo era avassalador. Saídas do autocarro, a senhora Wheatley e ela caminharam até à entrada do hotel, transportando as suas malas. A senhora Wheatley recusou-se a entregá-las ao porteiro. Carregou a sua mala até à recepção e fez o *check-in* de ambas, imperturbável perante o olhar que o rececionista lhes lançava.

Já no quarto, um pouco depois, Beth começou a relaxar. Havia duas grandes janelas com vista para a Fourth Street e respectivo trânsito de hora de ponta. Lá fora, o dia estava frio e desagradável. Lá dentro, tinham um quarto bem atapetado com uma grande casa de banho e toalhas vermelhas muito macias e um enorme espelho a cobrir uma parede. Havia uma televisão a cores sobre a cómoda e uma colcha vermelho-vivo em cada uma das camas.

A senhora Wheatley estava a inspeccionar o quarto, a abrir as gavetas da cómoda, a ligar e a desligar a televisão, a alisar uma ruga numa colcha.

— Bem — disse ela —, pedi um quarto agradável e diria que mo deram.

Sentou-se na cadeira vitoriana de espaldar alto que se encontrava ao pé

da cama como se tivesse vivido toda a sua vida no Hotel Gibson.

O torneio decorria nas galerias do Salão Taft; tudo o que Beth tinha de fazer era apanhar o elevador. A senhora Wheatley descobriu um pequeno restaurante ao fundo da rua onde comeram *bacon* com ovos mexidos ao pequeno-almoço, e, depois disso, voltou para a cama com um exemplar do *Cincinnati Enquirer* e um maço de *Chesterfield*, enquanto Beth desceu até ao local do torneio para se inscrever. Ainda não tinha *rating*, mas, desta vez, um dos homens que tratava das inscrições sabia quem ela era e não a quiseram colocar na Secção dos Iniciantes. Seriam dois jogos por dia, e o controlo do tempo seria 120/40, o que significava que tinham duas horas para 40 jogadas.

Enquanto se inscrevia, ouviu uma voz profunda vinda de uma das portas duplas do Salão Taft que permanecia aberta, onde se realizariam as partidas. Beth olhou nessa direcção e viu o grande salão, com uma longa fila de mesas vazias e alguns homens a deambular pelo espaço.

Quando entrou, reparou num homem de aspecto estranho descontraidamente sentado num sofá, de botas pretas pousadas numa mesa de café.

— ... e a torre avançou até à sétima linha — dizia ele. — Era uma espinha atravessada na garganta, pá, aquela torre. Ele só olhou para aquilo uma vez e pagou. — Encostou a cabeça às costas do sofá e riu-se alegremente com o seu tom de barítono. — Vinte paus.

Como ainda era cedo, só estava meia dúzia de pessoas na sala, e nenhuma delas sentada numa das mesas com os tabuleiros de cartão. Toda a gente escutava o homem. Tinha cerca de 25 anos e parecia um pirata. Usava *jeans* sujos, uma camisola preta de gola alta e um gorro preto de lã puxado até às grossas sobrancelhas. Tinha um espesso bigode preto e era notório

que precisava de se barbear; as costas das suas mãos estavam bronzeadas e arranhadas.

— A Defesa Caro-Khan — disse ele em tom de gozo. — Uma seca, é o que é.

— Qual é o problema da Caro-Kahn? — perguntou alguém. Um jovem de ar apumado, com uma camisola de pêlo de camelo.

— Muitos peões e nenhuma esperança.

O homem baixou as pernas e sentou-se direito. Sobre a mesa repousava um velho tabuleiro bege e verde, sujo, sob um conjunto de peças maltratado. A cabeça do rei preto tinha caído algures no tempo; estava agora presa com um pedaço de fita-adesiva.

— Eu mostro-vos — disse o homem, empurrando o tabuleiro. Beth estava agora de pé a seu lado. Era a única rapariga presente. O homem inclinou-se para o tabuleiro e, com uma delicadeza surpreendente, pegou no rei branco com as pontas dos dedos e largou-o gentilmente na quarta casa da coluna do rei. Depois, pegou no peão preto da coluna do bispo da dama e largou-o na terceira casa da coluna do bispo da dama, colocou o peão branco da dama na quarta linha e fez o mesmo com o das pretas. Olhou para as pessoas em seu redor, que prestavam agora toda a atenção.

— A Caro-Khan, certo?

Beth conhecia as jogadas, mas nunca as tinha visto em prática. Contava que o homem movesse de seguida o cavalo branco da rainha, e ele assim fez. Depois, fez o peão preto capturar o branco, e capturou-o de seguida com o cavalo branco. Moveu o cavalo preto do rei para a quarta casa da coluna do bispo e fez avançar o outro cavalo das brancas. Beth lembrava-se da jogada. Olhando para ela agora, parecia-lhe demasiado contida. Deu por si a falar em voz alta:

— Eu capturava o cavalo — disse discretamente.

O homem olhou para cima e ergueu as sobrancelhas.

— Tu não és aquela miúda do Kentucky? Aquela que deu cabo do Harry Beltik?

— Sim — disse Beth. — Se capturar o cavalo, duplica os peões...

— Grande coisa — disse o homem. — Muitos peões e nenhuma esperança. Eu mostro como é que se ganha com as pretas.

Deixou o cavalo no centro do jogo e moveu o peão das pretas para a quarta casa do rei. Depois, executou os movimentos do jogo, movendo as peças com uma agilidade descontraída e ocasionalmente fazendo notar eventuais armadilhas. O jogo construiu-se até alcançar uma fuga equilibrada no centro. Era como uma sequência temporal de imagens na televisão, como quando se vê um caule verde-pálido a erguer-se sozinho do chão, crescer, inchar e explodir numa peónia ou numa rosa.

Tinham entrado mais pessoas, que se juntaram ao grupo para assistir. Beth sentia uma nova espécie de entusiasmo com esta demonstração, com o saber, a clareza e a coragem do homem de gorro preto. O homem começou a trocar peças ao centro, retirando as capturadas com a ponta dos dedos, como se fossem moscas mortas, enquanto continuava a falar suavemente sobre as necessidades e as fraquezas, os pontos fracos e as forças. Numa das vezes, ao esticar o braço por cima do tabuleiro até à última linha, movendo uma torre, para espanto de Beth, tornou-se visível a faca que ele trazia à cintura. O punho de metal e couro sobressaía do cinto. Mas o homem assemelhava-se tanto a alguém saído de *A Ilha do Tesouro* que a faca não lhe pareceu deslocada. Nesse preciso momento, o homem fez uma pausa e disse:

— Vejam isto.

E trouxe a torre preta até à quinta casa da coluna do rei, pousando-a com um floreado. Cruzou os braços.

— O que fazem as brancas nesta situação? — perguntou, olhando em volta.

Beth observou o jogo. Havia muitos problemas para as brancas. Um dos homens que assistia disse:

— A dama captura o peão?

O homem do gorro abanou a cabeça, sorrindo.

— Torre para oitava casa da coluna do rei. Xeque. E a dama cai.

Beth tinha visto isso. Parecia estar tudo terminado para as brancas, e ela ia começar a dizê-lo quando outro homem falou.

— Isso é um Mieses-Reshevsky. Dos anos 30.

O homem olhou para cima.

— Nem mais — disse ele. — Margate, 1935.

— As brancas jogaram a torre para a primeira casa da coluna da dama — disse o primeiro homem.

— Exacto — disse o outro. — O que há mais a fazer, além disso?

O homem fez a jogada e continuou. Era agora visível que as brancas estavam a perder. Seguiram-se algumas trocas rápidas e depois um final de partida que, por um momento, prometia ser lento, mas as pretas fizeram o sacrifício notável de um peão passado e, de um momento para o outro, a topologia peão-promovido-a-dama tornou claro que as pretas teriam uma dama duas jogadas antes das brancas. Era um jogo soberbo, como alguns dos melhores que Beth tinha aprendido nos livros.

O homem levantou-se, tirou o gorro e esticou-se. Olhou para Beth durante um momento.

— O Reshevsky já jogava assim com a tua idade, miúda. E mais novo do que tu.

No quarto, a senhora Wheatley continuava a ler o *Enquirer*. Olhou para Beth sobre os óculos de leitura, quando esta entrou.

— Já te despachaste? — perguntou.

— Sim.

— E como correu?

— Ganhei.

A senhora Wheatley sorriu calorosamente.

— Minha querida — disse —, tu és um tesouro.

*

A senhora Wheatley tipo visto um anúncio de saldos nos Shillito — uns grandes armazéns a poucos quarteirões do Gibson. Uma vez que a próxima partida de Beth só se realizaria daí a quatro horas, puseram-se a caminho, avançando sobre a neve suave que caía, e, chegadas lá, a senhora Wheatley procurou pechinchas na cave até Beth dizer:

— Gostava de ver as camisolas que têm.

— Que tipo de camisolas, querida?

— De caxemira.

As sobranceiras da senhora Wheatley arquearam-se.

— Caxemira? Tens a certeza de que tens dinheiro para isso?

— Sim.

Beth descobriu uma camisola cinzento-pálido em saldo, por 20 dólares, que lhe servia na perfeição. Olhando-se ao espelho, tentou imaginar-se como membro do Apple Pi Club, como a Margaret; mas o rosto diante de si ainda era o de Beth, redondo e sardento, com cabelo castanho, liso. Beth encolheu os ombros e comprou a camisola com um cheque de viagem. A caminho dos Shillito tinham passado por uma pequena e elegante sapataria

que exibia na montra sapatos de atacadores de camurça coçada. Beth levou a senhora Wheatley à loja e comprou um par para si. Depois, comprou meias axadrezadas a combinar. A etiqueta dizia: «100% lã. Feito em Inglaterra.» De regresso ao hotel, debatendo-se com uma ventania que arremessava pequenos flocos de neve contra o seu rosto, Beth não conseguia parar de olhar para os seus sapatos novos e as meias altas. Gostava do conforto que sentia nos pés, gostava da sensação de calor das meias nos seus tornozelos, e gostava do aspecto de tudo — meias alegres e caras emergindo de um par de sapatos castanhos e brancos. Continuou a olhar para os pés.

*

O seu oponente dessa tarde era um habitante de Ohio de meia-idade, com um *rating* de 1910. Beth jogou a Siciliana e obrigou-o a desistir ao fim de hora e meia. A sua mente nunca tinha estado tão lúcida, e tinha sido inclusivamente capaz de experimentar algumas das coisas que aprendera nas semanas anteriores a estudar o seu novo livro, da autoria do mestre russo Boleslavski.

Ao entregar o seu registo, viu Sizemore de pé junto à mesa. Reconheceu ainda outros rostos do torneio, e soube-lhe bem vê-los, mas a verdade é que só tinha interesse em ver um deles: Townes. Procurou-o algumas vezes, mas não o encontrou.

Nessa tarde, no quarto, a senhora Wheatley viu *The Beverly Hillbillies* e *The Dick Van Dyke Show* na televisão, e Beth preparou tudo e reviu as suas duas partidas, procurando fraquezas no seu jogo. Não havia. Então, pegou no livro de Reuben Fine sobre fins de partida e começou a estudar. O final de partida tinha um ritmo próprio, no xadrez: era quase uma nova partida.

Uma vez tendo uma ou duas peças de cada lado, tornava-se uma questão de promover um peão a dama. Podia ser horrivelmente subtil; não havia qualquer hipótese para o tipo de ataque violento de que Beth tanto gostava.

Mas acabou por se aborrecer com o livro e, passado um pouco, fechou-o e foi para a cama. Tinha dois comprimidos verdes no bolso do pijama, que tomou quando apagou as luzes. Não queria correr o risco de não conseguir dormir.

O segundo dia foi tão fácil como o primeiro, apesar de Beth ter confrontado jogadores mais fortes. Tinha demorado um pouco a libertar a mente do efeito dos comprimidos, mas, por altura da primeira partida, a sua mente estava totalmente lúcida. Até as próprias peças ela dominava com confiança, pegando nelas e pousando-as com desenvoltura.

Não havia uma sala de «Jogos Principais», naquele torneio. O Tabuleiro 1 era simplesmente o primeiro tabuleiro na primeira mesa. Na segunda partida, Beth ficou no Tabuleiro 6, em redor do qual se juntou um grupo de pessoas quando Beth forçou o mestre a desistir, após capturar uma das suas torres.

Ao olhar para cima, durante os aplausos, viu Alma Wheatley ao fundo da sala, com um grande sorriso no rosto.

Na sua partida final, no Tabuleiro 1, Beth tinha como oponente um mestre chamado Rudolph. Ele conseguiu começar a trocar peças ao centro a meio-jogo, e Beth assustou-se ao ver que tinha ficado a combater em final de partida uma pequena multidão composta por uma torre, um cavalo e três peões. Não gostava disso, além de que o bispo dele tinha uma clara vantagem. Mas Beth acabou por conseguir imobilizá-lo e trocar o seu cavalo, e, depois, jogar cautelosamente durante uma hora e meia até que Rudolph cometeu um erro e ela avançou com toda a força. Fez xeque com

um peão, trocou torres e conseguiu um peão passado com o rei a proteger. Rudolph pareceu ficar furioso consigo mesmo e desistiu.

Ouviram-se fortes aplausos. Beth olhou para a multidão ao pé da mesa. Ao fundo da sala, no seu vestido azul, a senhora Wheatley aplaudia com entusiasmo.

De regresso ao quarto, a senhora Wheatley transportava o pesado troféu e Beth levava o cheque no bolso da blusa. A senhora Wheatley tinha tudo anotado no bloco de notas do hotel que estava sobre a televisão: 66 dólares por três dias no Gibson, mais a taxa de 3,30 dólares; 23,60 dólares do autocarro, mais o preço de cada refeição, incluindo as gorjetas.

— Não considerarei 12 dólares, que serão para o nosso jantar de celebração hoje à noite, e 2 dólares para um pequeno-almoço ligeiro amanhã. Isto faz com que a nossa despesa total seja de 172,30 dólares.

— Ainda nos sobram mais de 300 dólares — disse Beth.

Durante um momento, ficaram ambas em silêncio. Beth olhou para a folha, apesar de a ter compreendido perfeitamente. Não sabia se deveria oferecer-se para dividir o dinheiro com a senhora Wheatley. Não o queria fazer. Tinha sido ela a ganhá-lo.

A senhora Wheatley quebrou o silêncio.

— Talvez me pudesses dar 10% — disse ela amavelmente. — Como se fosse uma comissão de agente.

— Trinta e dois dólares — disse Beth — e setenta e sete cêntimos.

— Bem me disseram na Methuen que eras excelente a Matemática.

Beth anuiu.

— Pode ser — disse.

*

Comeram qualquer coisa com vitela num restaurante italiano. A senhora Wheatley pediu um jarro de vinho tinto para si, que bebeu durante a refeição, fumando os seus *Chesterfield*. Beth gostou do pão e da manteiga, fria e pálida. Gostava das árvores pequenas, com laranjas, que estavam em cima do balcão, não longe da mesa delas.

A senhora Wheatley limpou o queixo com o guardanapo ao terminar o vinho e acendeu um último cigarro.

— Beth, minha querida — disse ela —, há um torneio em Houston durante as férias, a começar no dia 26. Pelo que sei, é muito fácil viajar no dia de Natal, pois a maior parte das pessoas está a comer pudim de ameixa, ou lá o que é.

— Eu vi — disse Beth.

Tinha visto o anúncio na *Chess Review* e queria muito ir. Mas Houston parecia muito longe para um prémio de 600 dólares.

— Podíamos apanhar um avião para Houston — disse alegremente a senhora Wheatley. — Podíamos fazer umas férias de Natal muito agradáveis, ao sol.

Beth estava a terminar o seu *spumoni*^[7].

— Pode ser — disse ela, e depois, olhando para o gelado: — Pode ser, mãe.

*

A ceia de Natal de ambas foi peru aquecido num microondas e servido num avião, com um copo de espumante de oferta para a senhora Wheatley e um sumo de laranja para Beth. Era o melhor Natal que ela alguma vez tivera. O avião sobrevoou um Kentucky coberto de neve e, no fim da viagem, deu a volta por cima do Golfo do México. Aterraram num dia de

sol e vento morno. Ao saírem do aeroporto, passaram de carro por estaleiros sucessivos com enormes guindastes amarelos e buldózeres parados ao pé de vigas amontoadas. Alguém tinha pendurado uma coroa natalícia num deles.

Uma semana antes de saírem de Lexington, tinha chegado um novo número da *Chess Review* por correio. Ao abri-la, Beth encontrou uma pequena fotografia de si e de Beltik no final, sob um cabeçalho que dizia: Estudante Arrebata Título do Kentucky a Mestre. A partida tinha sido publicada, e o comentário dizia: «O público ficou rendido ao seu domínio das subtilezas da estratégia. Ela revela a segurança de jogadores com o dobro da idade.» Leu-o duas vezes antes de o mostrar à senhora Wheatley, que ficou felicíssima. Ao ler o artigo do jornal de Lexington, tinha-o feito em voz alta e dito «Maravilhoso!»; desta vez, leu em silêncio, dizendo depois, em voz baixa:

— Isto é reconhecimento *nacional*, minha querida.

A senhora Wheatley tinha trazido a revista consigo, e parte da viagem de ambas foi passada a definir os torneios a que Beth iria durante os próximos meses. Decidiram que o ritmo seria de um por mês: a senhora Wheatley receava que as desculpas com a saúde terminassem, tal como, dizia ela, a sua «credibilidade», caso continuasse a escrever recados. Beth perguntava-se se não seria melhor pedirem simplesmente permissão — afinal, os rapazes podiam faltar às aulas quando tinham jogos de basquete ou de futebol americano —, mas era sensata o bastante para não o dizer. Tanto quanto lhe parecia, a senhora Wheatley sentia um gozo tremendo em fazer as coisas deste modo. Era como se fosse uma conspiração.

Saiu vencedora de Houston sem nenhuma complicação. Estava, como a senhora Wheatley dizia, «mesmo a ganhar-lhe o jeito». Beth fora forçada a pedir um empate na sua terceira partida, mas ganhou a final com uma combinação estonteante, vencendo o campeão do Sudoeste, de 40 anos,

como se ele fosse um iniciante. Ficaram mais dois dias em Houston, «pelo sol», e visitaram o Museu de Belas-Artes e o jardim zoológico. No dia a seguir ao torneio, a fotografia de Beth apareceu no jornal, e, desta vez, soube-lhe bem vê-la. O artigo chamava-lhe «Prodígio». A senhora Wheatley comprou três exemplares, dizendo:

— Acho que vou começar a coleccionar os recortes.

*

Em Janeiro, a senhora Wheatley telefonou para a escola a informar que Beth tivera uma recaída de mononucleose, e foram para Charleston. Em Fevereiro, foi Atlanta e uma constipação; em Março, Miami e uma gripe. Às vezes, a senhora Wheatley falava com o vice-reitor, e, outras, com o decano da ala feminina. Ninguém punha as desculpas em causa. Era provável que alguns dos seus colegas soubessem o que se passava, graças a jornais de outras cidades, ou algo assim, mas não houve qualquer comentário vindo de alguém com autoridade. Entre torneios, Beth praticava diariamente xadrez durante três horas, à tarde. Perdeu uma partida em Atlanta, mas acabou em primeiro, de qualquer modo, mantendo-se sem derrotas nas outras duas cidades. Beth gostava de andar de avião com a senhora Wheatley, que por vezes ficava agradavelmente embriagada com os martinis durante as viagens. Conversavam e riam. A senhora Wheatley dizia coisas divertidas sobre as hospedeiras e os seus casacos maravilhosamente passados a ferro e a sua maquilhagem, carregada e artificial, ou descrevia como alguns dos seus vizinhos em Lexington eram uns palermas. Tinha bom humor e partilhava segredos e era divertida, e Beth ria-se durante muito tempo e olhava pela janela, para as nuvens abaixo delas, e sentia-se melhor do que alguma vez se sentira, mesmo durante

aquelas alturas, na Methuen, em que tinha poupado os seus comprimidos e tomado cinco ou seis de uma só vez.

Beth acabou por adorar hotéis e restaurantes e a excitação de estar num torneio e de o vencer, subindo lentamente, jogo a jogo, e tendo uma multidão à sua volta que ia aumentando consoante as suas vitórias. Nos torneios já sabiam quem ela era. Era sempre a mais nova e, por vezes, a única mulher a jogar. Quando regressava à escola, depois disso, tudo lhe parecia incrivelmente aborrecido. Alguns dos outros alunos falavam de ir para a universidade depois do liceu, e alguns tinham já profissões em mente. Duas raparigas que conhecia queriam ser enfermeiras. Beth nunca participava nessas conversas; já era aquilo que gostaria de ser. Mas não falava com ninguém acerca das suas viagens ou da reputação que estava a granjear no mundo dos torneios de xadrez.

Quando regressaram de Miami, em Março, havia um envelope da Federação de Xadrez na caixa do correio. Era um novo cartão de membro, com o seu *rating*: 1881. Fora-lhe dito que iria demorar algum tempo até o *rating* reflectir a sua força real; para já, estava satisfeita por finalmente ser uma jogadora com *rating*. Faria aquele número subir em breve. O próximo grande passo era chegar a mestre, com 2200. Depois dos 2000, era-se tratado por «perito», mas isso pouco significava. O título de que ela gostava era «grande mestre internacional» — tinha um certo peso.

*

Nesse Verão, foram a Nova Iorque jogar no Hotel Henry Hudson. Tinham desenvolvido um gosto por comida requintada, apesar de em casa as refeições serem maioritariamente pré-cozinhadas, e, uma vez em Nova Iorque, decidiram ir a um restaurante francês, apanhando autocarros para o

outro lado da cidade, até ao Le Bistro e ao Cafe Argenteuil. A senhora Wheatley tinha comprado um guia de viagem da Mobil numa bomba de gasolina em Lexington; dali, escolhia sítios com 3 ou mais estrelas, encontrando-os depois com a ajuda do pequeno mapa que vinha como encarte. O restaurante era terrivelmente caro, mas nenhuma das duas falou sobre o preço. Beth era capaz de comer truta fumada, mas nunca peixe fresco: lembrava-lhe o peixe que tivera de comer na Methuen, à sexta-feira. Decidiu que iria inscrever-se em Francês no ano seguinte.

O único problema era que, em viagem, Beth tomava os comprimidos da senhora Wheatley para conseguir dormir à noite e, por vezes, demorava uma hora ou assim até conseguir ter a cabeça completamente lúcida de manhã. Mas os torneios nunca começavam antes das 9, e ela fazia questão de se levantar a tempo de poder beber várias chávenas de café do serviço de quartos. A senhora Wheatley não sabia nada acerca dos comprimidos e não se parecia preocupar minimamente com o apetite de Beth por café; tratava-a, em todos os aspectos, como adulta. Por vezes, chegava a parecer que Beth era a mais velha das duas.

Beth adorou Nova Iorque. Gostava de andar de autocarro, de apanhar a linha IRT[8] do metro, que rangia e chocalhava. Gostava de ir ver as montras quando tinha hipótese, e gostava de ouvir as pessoas falarem em *yiddish* ou em espanhol. Não tinha problemas com a sensação de perigo na cidade, nem com o modo arrogante como os táxis conduziam, nem com brilho sujo de Times Square. Foram ao Radio City Music Hall na última noite e assistiram ao musical *West Side Story* e às Rockettes. Sentada no topo do teatro cavernoso numa cadeira de veludo, Beth não cabia em si de contente.

Beth achara que o jornalista da *Life* ia ser um fumador compulsivo parecido com o Lloyd Nolan, mas a pessoa que apareceu à porta de sua casa era uma mulher baixa, com cabelo grisalho e um vestido escuro. O homem que a acompanhava trazia uma máquina fotográfica. A mulher apresentou-se; chamava-se Jean Balke. Parecia ser mais velha do que a senhora Wheatley, e andava pela sala com gestos rápidos, olhando freneticamente para os livros nas prateleiras e estudando alguns dos quadros nas paredes. E começou a fazer perguntas. Os seus modos eram agradáveis e directos.

— Fiquei muito impressionada, apesar de não jogar xadrez — disse ela, sorrindo. — Pelo que dizem, a Beth é mesmo muito especial.

Beth sentia-se um bocadinho envergonhada.

— E como é? Ser rapariga no meio daqueles homens?

— Não me incomoda.

— Mas não a assusta?

Estavam viradas uma para a outra. A menina Balke, ligeiramente inclinada para a frente, olhava intensamente para Beth.

Beth abanou a cabeça. O fotógrafo aproximou-se do sofá e começou a fazer medições de luz.

— Quando eu era mais nova — disse a jornalista —, nunca me deixaram ser competitiva. Costumava brincar com bonecas.

O fotógrafo recuou e começou a observar Beth através da máquina. Beth lembrou-se da boneca oferecida pelo senhor Ganz.

— O xadrez não é sempre competitivo — disse ela.

— Mas joga para ganhar.

Beth queria dizer qualquer coisa acerca de como o xadrez, por vezes, pode ser uma coisa lindíssima, mas, ao olhar para o rosto incisivo da menina Balke, não encontrou as palavras certas.

— Tem namorado?

— Não. Tenho 14 anos.

O fotógrafo começou a tirar fotografias.

A menina Balke acendera um cigarro. Inclinou-se para a frente e fez cair a cinza num dos cinzeiros da senhora Wheatley.

— Tem interesse em rapazes? — perguntou.

Beth sentia-se cada vez mais desconfortável. Só queria falar sobre a sua aprendizagem do xadrez e sobre os torneios que tinha vencido e sobre pessoas como Morphy ou Capablanca. Não gostava daquela mulher nem das suas perguntas.

— Acima de tudo, interesse-me por xadrez.

A menina Balke sorriu abertamente.

— Fale-me sobre isso — disse. — Conte-me como aprendeu xadrez e que idade tinha.

Beth contou, e ela tirou notas, mas Beth sentia que a jornalista não estava realmente interessada nesse assunto. E descobriu, conforme continuou a falar, que tinha, na verdade, muito pouco a dizer.

Na semana seguinte, durante a aula de Álgebra, Beth viu um rapaz à sua frente passar um exemplar da *Life* à rapariga a seu lado, e ambos se viraram para trás e olharam para ela como se nunca a tivessem visto. Depois da aula, o rapaz, que nunca tinha falado consigo, deteve Beth e pediu-lhe para autografar a revista. Beth ficou sem saber exactamente o que fazer. Pegou na revista e lá estava, preenchendo uma página: uma fotografia sua a olhar seriamente para o tabuleiro de xadrez. Havia ainda outra fotografia, do edifício principal da Methuen. Ao longo do topo da página, aparecia o seguinte cabeçalho: Uma Pequena Mozart Faz Tremer o Mundo do Xadrez. Beth assinou o seu nome com a caneta do rapaz, apoiando a revista numa mesa vazia.

Quando chegou a casa, viu a revista sobre no colo da senhora Wheatley.

Ela começou a ler em voz alta:

— «Para algumas pessoas, o xadrez é um passatempo, para outras, uma compulsão ou, até, um vício. E, de vez em quando, aparece uma pessoa para quem o xadrez é, simplesmente, um direito de nascença. De vez em quando, aparece um pequeno rapaz que nos surpreende com a sua precocidade naquilo que poderá muito bem ser o jogo mais difícil do mundo. Mas e se o rapaz fosse uma rapariga — uma menina que não sorri, de olhos e cabelo castanhos e vestido azul-escuro? Nunca tinha acontecido — até agora. Em Lexington, no Kentucky, e em Cincinnati. Em Charleston, Atlanta, Miami e, nos últimos tempos, Nova Iorque. Eis que, no mundo dominado por homens que são os principais torneios de xadrez da nação, surge uma rapariga de 14 anos com um olhar intenso e brilhante, estudante do 8.º ano na Fairfield Junior, em Lexington, no Kentucky. É discreta, com boas maneiras. E é implacável...» É *maravilhoso!* — exclamou a senhora Wheatley. — Continuo a ler?

— Fala do orfanato. — Beth também tinha comprado uma cópia. — E também mostra um dos meus jogos. Mas anda tudo mais à volta do facto de eu ser rapariga.

— Bem, e és.

— Não devia ser assim tão importante — contrapôs Beth. — Não publicaram metade das coisas que eu disse. Não falaram do senhor Shaibel. Não disseram nada acerca do modo como jogo a Siciliana.

— Mas, Beth — disse a senhora Wheatley —, tornou-te uma *celebridade!*

Beth olhou para ela pensativamente.

— Por ser uma rapariga, acima de tudo — disse.

*

No dia seguinte, Margaret interceptou-a no corredor. Margaret trazia um casaco de pêlo de camelo, e o seu cabelo louro caía-lhe sobre os ombros. Estava ainda mais bonita do que no ano anterior, quando Beth lhe roubara os 10 dólares da carteira.

— As outras Apple Pi pediram-me que te convidasse — disse Margaret respeitosamente. — Vamos fazer uma festa de juramento na sexta à noite, em minha casa.

As Apple Pi. Era muito estranho. Ao aceitar e pedir a morada, Beth apercebeu-se de que era a primeira vez que falava realmente com Margaret.

Passou mais de uma hora nos Purcell, nessa tarde, a experimentar vestidos, acabando por se decidir por um azul-marinho com uma gola branca, da linha mais cara da loja. Ao mostrá-lo nessa tarde à senhora Wheatley, dizendo-lhe que ia ao Apple Pi Club, ela ficou visivelmente agradada.

— Pareces mesmo uma debutante! — disse ela quando Beth experimentou o vestido à sua frente.

*

A talha branca da sala de estar de Margaret resplandecia maravilhosamente e todos os quadros nas paredes eram óleos — na sua maioria, cavalos. Apesar de ser uma tarde amena de Março, a grande lareira branca estava acesa. Quando chegou com o seu novo vestido, Beth viu catorze raparigas sentadas em sofás brancos e poltronas coloridas. A maior parte delas estava de camisola e saia.

— Foi mesmo qualquer coisa, ver a cara de alguém do liceu de Fairfield na *Life* — disse uma delas. — Ia caindo para trás.

Mas quando Beth começou a falar dos torneios, as raparigas

interromperam-na para lhe começarem a fazer perguntas sobre os rapazes que lá havia. Eram bonitos? Ela tinha ido sair com algum deles? Quando Beth lhe disse que «não havia muito tempo para isso», as raparigas mudaram de assunto.

Durante mais de uma hora, falaram sobre rapazes e namoros e roupas, vagueando erráticamente entre frieza sofisticada e risinhos, enquanto Beth permanecia desconfortavelmente sentada numa ponta do sofá central, agarrada a um copo de cristal com *Coca-Cola* e incapaz de pensar no que quer que fosse para dizer. E então, às 21h, Margaret ligou a enorme televisão junto à lareira e todas elas ficaram sossegadas, à excepção de um risinho ocasional, quando o «Filme da Semana» começou.

Beth aguentou, sem participar nas bisbilhotices e gargalhadas durante os intervalos, até terminar, às 23h. Estava perplexa com o quão entediante a noite tinha sido. Aquela era a elite do Apple Pi Club, que tão importante parecera quando ela tinha entrado na escola, em Lexington, e agora ali estava a sua festa sofisticada: um filme do Charles Bronson. A única pausa no tédio foi quando uma rapariga chamada Felicia disse:

— Será que ele tem a pila tão grande como parece?

Beth riu-se com isso, mas só com isso.

Quando se foi embora, depois das 23h, ninguém lhe pediu para ficar mais um pouco ou lhe falou sobre entrar para o grupo. Beth sentiu-se aliviada por se ver no táxi a caminho casa, e, ao lá chegar, passou uma hora no quarto a ler *The Middle Game in Chess*, traduzido do russo, de D. Luchenko.

*

No torneio seguinte, a escola já sabia, e muito bem, o que se passava com Beth, e, dessa vez, ela não precisara de utilizar uma doença qualquer como

desculpa. A senhora Wheatley falou com o reitor, e Beth teve dispensa das aulas. Não houve qualquer comentário sobre as doenças falsas. Houve um artigo sobre ela no jornal da escola, e as pessoas apontavam-na nos corredores. O torneio era em Kansas City, e, depois de ter vencido, Beth foi convidada para ir comer um bife, assim como a senhora Wheatley, pelo director, que lhes disse estar muito honrado por Beth ter participado. Era um rapaz sério, que as tratou com toda a delicadeza.

— Gostava de jogar no Open — disse Beth durante a sobremesa e o café.

— Claro — disse ele. — E talvez vencesse.

— Isso fá-la-ia jogar lá fora? — perguntou a senhora Wheatley. — Isto é, na Europa.

— Não vejo porque não — disse o rapaz.

Chamava-se Nobile. Tinha óculos grossos e não parava de beber água com gelo.

— Têm de saber quem és, antes de te convidarem.

— Vencer o Open faria com que soubessem quem sou?

— Claro. O Benny Watts joga constantemente na Europa, agora que tem o seu título internacional.

— E como é o prémio, ao nível monetário? — perguntou a senhora Wheatley, acendendo um cigarro.

— Bastante bom, creio.

— E Rússia? — perguntou Beth.

Nobile fitou-a durante um momento, como se ela tivesse sugerido algo ilícito.

— A Rússia é a morte — disse finalmente Nobile. — Eles comem americanos ao pequeno-almoço, por lá.

— Vá, *a sério*... — interveio a senhora Wheatley.

— A sério que comem — insistiu Nobile. — Não me lembro de haver

um americano contra os russos há vinte anos. É como o *ballet*. Eles *pagam* às pessoas para jogar xadrez.

Beth lembrou-se das fotografias na *Chess Review*, dos homens com expressões sombrias, inclinados sobre os tabuleiros — Borgov e Tal, Laev e Shapkin, todos eles de cenho carregado e fatos escuros. O xadrez na Rússia era diferente do xadrez nos Estados Unidos. Beth perguntou, por fim:

— Como é que entro no Open?

— Envia o pagamento da tua jóia de inscrição — disse Nobile. — É como qualquer outro torneio; simplesmente, a competição é mais renhida.

*

Beth enviou a jóia de inscrição, mas não participou no Open desse ano. A senhora Whetley apanhou um vírus que a deixou de cama durante duas semanas, e Beth, que tinha acabado de fazer 15 anos, não queria ir sozinha. Tentou ao máximo escondê-lo, mas ficou furiosa com Alma Wheatley, por ter adoecido, e consigo própria, por ter medo de viajar até Los Angeles. O Open não era tão importante como o Campeonato dos Estados Unidos, mas tinha chegado o momento de ela participar noutras coisas que não torneios escolhidos simplesmente por causa do prémio monetário. Havia um pequeno mundo exclusivo de torneios como o Campeonato dos Estados Unidos ou o Merriwether, em que se participava apenas por convite, que ela conhecia através de conversas que tinha apanhado ou de artigos da *Chess Review* — era altura de começar a participar neles e, depois, em torneios de xadrez internacionais. Às vezes, visualizava-se tornada naquilo que queria ser: uma verdadeira profissional e a melhor jogadora de xadrez do mundo, viajando sozinha com toda a confiança em voos de primeira classe, alta, impecavelmente vestida, bem-parecida e preparada para tudo — uma

espécie de Jolene branca. Pensava várias vezes em enviar um postal ou uma carta a Jolene, mas nunca o fez. Em vez disso, ficava a olhar-se ao espelho da casa de banho, procurando sinais dessa mulher bonita e equilibrada em que queria tornar-se.

Aos 16 estava um pouco mais alta e bem-parecida, tendo aprendido a fazer um corte de cabelo que lhe realçava os olhos, mas ainda parecia uma miúda. Participava em torneios a cada seis semanas, por esta altura — em Estados como o Illinois e o Tennessee e, por vezes, Nova Iorque. Ainda os escolhiam mediante o lucro que teriam, depois de pagas as despesas de ambas. A sua conta bancária crescia, o que era, sem dúvida, agradável, mas a sua carreira parecia, de algum modo, ter estagnado. E Beth era agora demasiado velha para ser considerada um prodígio.

SEIS

Apesar de o Open estar a decorrer em Las Vegas, as outras pessoas hospedadas no Hotel Mariposa pareciam não o saber. No salão principal, os jogadores das mesas de dados, roleta e *blackjack* usavam casacos de tecido duplo de cores fortes e camisas; faziam a sua vida em silêncio. No outro lado do casino situava-se o café do hotel. No dia antes do torneio, Beth atravessou o corredor ladeado pelas mesas de dados, nas quais o principal som era o de fichas de plástico e dados contra o feltro. Chegando ao café, sentou-se ao balcão e virou-se, para poder observar os lugares praticamente vazios. Reparou então num jovem bem-parecido, debruçado sobre uma chávena de café, sozinho. Era Townes, de Lexington.

Beth levantou-se e encaminhou-se para ele.

— Olá — disse ela.

Ele levantou a cabeça e pestanejou, não a reconhecendo de imediato. Depois exclamou:

— Harmon! Caramba!

— Posso sentar-me?

— Claro — disse ele. — Devia ter percebido que eras tu. O teu nome estava na lista.

— Qual lista?

— A lista do torneio. Não vou participar. A *Chess Review* enviou-me para fazer uma reportagem. — Observou-a. — Podia escrever sobre ti. Para o *Herald-Leader*.

— De Lexington?

— Nem mais. Cresceste muito, Harmon. Li o artigo da *Life* — observou-a com mais atenção. — Até ficaste bonita.

Beth sentiu-se corar, não sabendo o que dizer. Tudo em Las Vegas era estranho. Sobre cada mesa havia um candeeiro pousado numa base de vidro cheia de líquido roxo, que borbulhava e se mexia debaixo do abajur cor-de-rosa. A empregada de mesa que lhe deu o menu estava de minissaia preta e meias de rede, mas tinha a cara de uma professora de Geometria. Townes era um homem bonito, sorridente, com uma camisola preta e uma camisa listada aberta no pescoço. Beth escolheu o «Especial Mariposa»: panquecas, ovos mexidos e malaguetas, com uma «Chávena sem Fim» de café.

— Podia escrever meia página sobre ti para a edição de domingo — dizia Townes.

As panquecas e os ovos chegaram à mesa, e Beth comeu-os, acompanhando-os com duas chávenas de café.

— Tenho uma máquina fotográfica no quarto — disse ele, logo hesitando. — Também tenho um tabuleiro de xadrez. Queres jogar?

Beth encolheu os ombros.

— Pode ser. Vamos subir.

— Perfeito!

O seu sorriso era estonteante.

As cortinas estavam abertas, com vista para o parque de estacionamento. A cama era enorme e estava por fazer. Parecia preencher todo o quarto. Havia três tabuleiros montados: um sobre uma mesa ao pé da janela, outro na secretária, e ainda um outro perto do lavatório. Townes fez Beth posar junto à janela, e gastou um rolo com fotografias dela sentada diante do tabuleiro, a mover as peças. Beth tinha dificuldade em não olhar para Townes, enquanto ele cirandava pelo quarto. Quando se aproximou e segurou o pequeno medidor de luz junto ao seu rosto, Beth ficou um pouco

sem fôlego, ao sentir o calor do corpo dele. O seu coração batia com força e, ao esticar o braço para mover uma peça, os seus dedos tremiam.

O rolo chegou ao fim e Townes começou a rebobiná-lo.

— Alguma das fotografias deve estar em condições — disse ele, pousando a máquina na mesa-de-cabeceira. — Vamos jogar.

Ela olhou para ele.

— Não sei o teu primeiro nome.

— Toda a gente me trata por Townes — disse ele. — Talvez seja por isso que te trato por Harmon. Em vez de Elizabeth.

Ela começou a organizar as peças.

— Beth.

— Prefiro chamar-te Harmon.

— *Skittles*? — perguntou ela. — Podes ficar com as brancas.

Skittles eram partidas rápidas, sem muito tempo para grandes complicações. Townes foi buscar o relógio à secretária e programou-o para um jogo de cinco minutos para cada um.

— Devia era dar-te só três minutos.

— Estás à vontade — disse Beth sem olhar para ele.

Ela só queria que ele se aproximasse e lhe tocasse — talvez no braço, ou colocando a mão sobre o seu rosto. Ele era terrivelmente sofisticado, e o seu sorriso era tranquilo. De certeza que não estava a pensar nela do mesmo modo que ela estava a pensar nele. Mas Jolene tinha-lhe dito: «Eles pensam todos nisso, querida. É só nisso que pensam.» E estavam sozinhos no quarto dele, com uma cama enorme. Em Las Vegas.

Beth reparou que Townes colocou o mesmo tempo de jogo para ambos, nos relógios. Ela não queria jogar xadrez. Queria fazer amor com ele. Beth carregou no botão do relógio, que se iniciou. Ele moveu o peão para a

quarta casa da coluna do rei e carregou no relógio. Beth susteve a respiração durante um momento e começou a jogar xadrez.

*

De volta ao quarto, Beth encontrou a senhora Wheatley sentada na cama, a fumar um cigarro com uma expressão tristonha.

— Onde estiveste, minha querida? — perguntou ela.

A sua voz era baixa e denunciava a tensão que surgia quando se falava do senhor Wheatley.

— A jogar xadrez — disse ela. — A praticar.

Havia uma cópia da *Chess Review* em cima da televisão. Beth foi buscá-la e abriu-a na página da ficha técnica. O nome dele não estava entre os editores, mas, mais abaixo, sob «Correspondentes», havia três nomes e o terceiro era D. L. Townes. Beth continuava sem saber o primeiro nome dele.

Passado um momento, a senhora Wheatley disse:

— Vais buscar-me uma lata de cerveja? Estão em cima do toucador.

Beth levantou-se. Em cima de um dos tabuleiros do serviço de quartos viam-se cinco latas vazias de *Pabst* e um saco de batatas fritas meio vazio.

— Porque é que não tiras uma para ti? — sugeriu a senhora Wheatley.

Beth pegou em duas latas, frias e metálicas ao toque.

— Pode ser.

Passou-as à senhora Wheatley e foi buscar um copo limpo para si à casa de banho.

Quando Beth lhe passou o copo, a senhora Wheatley disse:

— Estou a ver que nunca bebeste cerveja.

— Só tenho 16 anos.

— Enfim... — disse a senhora Wheatley, com uma expressão carregada.

Com um pequeno *pop*, abriu a lata e despejou habilmente a cerveja no copo de Beth até a espuma ficar um pouco acima do rebordo.

— Aqui tens — disse ela, como se estivesse a dar-lhe um remédio.

Beth deu um pequeno gole. Nunca tinha provado e o sabor era basicamente o que ela suspeitava que seria, como se tivesse sempre conhecido o sabor da cerveja. Tentou não fazer uma careta de desagrado e bebeu quase metade do copo. Picou-lhe ligeiramente a garganta, mas logo depois sentiu uma sensação de calor no estômago. Tinha as faces quentes, como se estivesse a corar. Acabou o copo.

— Jesus — disse a senhora Wheatley —, não devias beber tão depressa.

— Gostava de beber outra — disse Beth.

Estava a pensar em Townes, na expressão que tinha feito depois de o jogo terminar, e em como se tinha levantado e saído. Ele tinha-lhe sorrido e pegado na mão. O bocadinho em que esteve com a sua mão na dele provocou-lhe a mesma sensação nas bochechas que a cerveja. Tinha vencido sete partidas contra ele. Segurou no copo com força e, por um segundo, quis atirá-lo ao chão com todas as forças, só para o ver partir-se. Em vez disso, dirigiu-se ao toucador, pegou noutra cerveja, enfiou o dedo na argola e abriu-a.

— Não devias — disse a senhora Wheatley.

Beth encheu o seu copo.

— Bem — disse a senhora Wheatley, resignada —, se o vais fazer, traz-me também outra. Só não quero que te sintas mal...

Beth embateu na ombreira da porta ao entrar na casa de banho, mal conseguindo chegar à sanita a tempo. O seu nariz ardia terrivelmente, enquanto vomitava. Depois de terminar, ficou junto da sanita a chorar. Ainda assim, enquanto chorava, sabia que tinha acabado de descobrir alguma coisa com as três latas de cerveja, uma descoberta tão importante

como aquela que fizera aos oito anos, quando guardara os comprimidos e os tomara ao mesmo tempo. Com os comprimidos tinha sido preciso esperar bastante tempo até a sensação de leveza se espalhar pelo seu estômago, descontraindo-o. Essa sensação, com a cerveja, fora quase imediata.

— Já chega de cerveja, minha querida — disse a senhora Wheatley quando Beth regressou ao quarto. — Só quando tiveres 18 anos.

*

O salão de baile estava preparado para receber 70 jogadores de xadrez, e a primeira partida de Beth realizou-se no Tabuleiro 8 contra um homem baixo de Oklahoma. Venceu-o como se estivesse a sonhar, em duas dúzias de jogadas. Nessa tarde, no Tabuleiro 4, destruiu a defesa de um jovem sério de Nova Iorque, ao jogar o Gambito de Rei e sacrificar o bispo, como Paul Morphy fizera.

Benny Watts andava na casa dos 20, mas parecia tão novo como Beth. Também não era muito mais alto. Beth encontrou-o algumas vezes durante o torneio. Começou no Tabuleiro 1 e aí ficou; as pessoas diziam que ele era o melhor xadrezista americano desde Paul Morphy. Beth ficou junto a ele uma vez, ao pé da máquina de *Coca-Cola*, mas não se falaram. Ele estava a conversar com outro jogador e sorria muito — debatiam amigavelmente as virtudes da Defesa Semieslava. Beth estudara-a dias antes e tinha muito a dizer sobre o assunto, mas permaneceu em silêncio, comprou a sua *Coca-Cola* e afastou-se. Ao ouvi-los, sentira qualquer coisa de desagradável e familiar: a sensação de que o xadrez era uma coisa de homens e que ela não passava de uma intrusa. Beth detestava sentir isso.

Watts usava uma camisa branca aberta no pescoço, com as mangas enroladas. A sua expressão tinha tanto de alegre quanto de manhoso. Com o

seu cabelo liso cor de palha, era uma visão tão americana como Huckleberry Finn; no entanto, havia algo de traiçoeiro no seu olhar. Também ele fora uma criança-prodígio, e isso, em conjunto com o facto de ser campeão, deixava Beth desconfortável. Lembrava-se de um livro com os jogos de Watts, no qual surgia um empate contra Borstmann, e cuja legenda dizia: «Copenhaga, 1948». Isso significava que, por altura dessa partida, Watts tinha oito anos — a idade de Beth quando ainda jogava contra o senhor Shaibel, na cave. A meio do livro surgia uma fotografia de Watts aos 13 anos, solenemente diante de uma mesa comprida, atrás da qual se encontrava um grupo de aspirantes da Marinha com tabuleiros à frente; jogou contra a equipa de 23 homens, em Annapolis, sem perder uma partida.

Ao regressar com a sua garrafa de *Coca-Cola* vazia, Beth viu que Watts continuava junto à máquina. Ele olhou para ela.

— Ei — disse ele com simpatia —, tu és a Beth Harmon.

Ela colocou a garrafa na grade.

— Sim.

— Li o artigo que fizeram sobre ti na *Life* — disse ele. — A partida que foi publicada era bastante bonita.

Tinha sido o jogo contra Beltik.

— Obrigada — respondeu ela.

— Sou o Benny Watts.

— Eu sei.

— Sabes, acho que não devias ter feito roque — disse ele a sorrir.

Ela fitou-o.

— Precisava de tirar a torre do sítio.

— Podias ter perdido o teu peão do rei.

Beth não sabia ao certo do que ele estava a falar. Lembrava-se bem do

jogo, tinha-o jogado mentalmente várias vezes e nunca encontrara defeitos. Seria possível que ele tivesse memorizado as jogadas publicadas na *Life* e descoberto uma fraqueza? Ou estaria simplesmente a exhibir-se? Beth visualizou a posição após o roque; o peão do rei parecia-lhe estar em segurança.

— Não me parece.

— Ele joga o bispo para 5B e tu tens de quebrar a imobilização.

— Espera um minuto — disse ela.

— Não posso — respondeu ele. — Tenho de ir recomeçar um jogo que ficou adiado. Organiza o jogo e pensa nisso. O teu problema é o cavalo da dama dele.

Beth sentiu-se subitamente zangada.

— Não preciso de o organizar para pensar nisso.

— Caramba! — exclamou Watts, indo-se embora.

Depois de ele se afastar, Beth ficou vários minutos parada ao pé da máquina da *Coca-Cola*, a jogar a partida mentalmente; e foi então que o viu. Havia um tabuleiro livre junto da mesa dela; Beth montou a posição prévia ao roque feito contra Beltik, só para tirar as teimas, mas sentia o estômago enrolado ao fazê-lo. Ele poderia de facto ter feito a imobilização, tornando o cavalo da sua dama numa ameaça. Beth acabaria por ver-se forçada a quebrar a imobilização e, de seguida, a proteger-se de um ataque daquele maldito cavalo e, depois disso, ele ameaçá-la-ia com a torre e, bingo, lá se ia o seu peão. Poderia ter sido uma jogada crucial. Mas o pior era Beth não o ter visto. E Benny Watts, bastando-lhe ler o artigo da *Life* sobre uma jogadora que não conhecia, tê-lo percebido. Beth olhou para o tabuleiro, mordeu o lábio, esticou o braço e fez tombar o rei. Tinha-se sentido tão orgulhosa por ter detectado um erro num jogo de Morphy

quando ainda estava no 7.º ano e agora tinha-lhe acontecido o mesmo a ela, e a sensação não era boa. Nem de perto.

*

Estava sentada atrás das brancas quando Watts se aproximou. Ao apertar-lhe a mão, disse-lhe em voz baixa:

— Cavalo para quinta casa da coluna do cavalo. Certo?

— Sim — disse Beth entre dentes.

O *flash* de uma máquina disparou. Beth empurrou o peão da sua dama para a quarta casa da coluna da dama.

Jogou o Gambito de Dama contra ele e, a meio-jogo, sentiu com desânimo que tinha sido um erro. O Gambito de Dama podia dar origem a posições complicadas, e esta era-o sobremaneira. Havia meia dúzia de ameaças de cada lado, e o que deixava Beth nervosa, e a fez por várias vezes estender o braço na direcção de várias peças e estacar antes de lhes tocar, recuando, era o facto de não estar a confiar em si mesma. Não tinha confiança na sua capacidade de ver tudo o que Benny Watts via. Ele jogava com uma precisão calma e agradável, pegando nas peças com cuidado e colocando-as sobre o tabuleiro silenciosamente, por vezes sorrindo para si próprio enquanto o fazia. Cada jogada sua tinha a solidez de uma rocha. A grande força de Beth residia no ataque rápido, e naquele momento não conseguia encontrar maneira de atacar. À décima sexta jogada, estava furiosa consigo mesmo por ter sequer pensado em jogar o Gambito de Dama.

Deviam estar cerca de 40 pessoas agrupadas em cima da mesa especialmente grande, a qual tinha uma pequena cortina castanha com os nomes Harmon e Watts pregada. O sentimento mais horrível, sob toda a

raiva e todo o medo, era o de ser a jogadora mais fraca, o de que Benny Watts sabia mais acerca de xadrez do que ela e jogava melhor. Era um sentimento novo para Beth, que parecia prendê-la e travá-la de um modo que não sentira desde a última vez que estivera no gabinete da senhora Deardorff. Olhou brevemente para a multidão em torno da mesa, tentando divisar a senhora Wheatley, mas ela não estava lá. Beth virou-se novamente para o tabuleiro e fitou Benny durante um segundo. Ele sorriu-lhe com serenidade, como se lhe estivesse a oferecer uma bebida, e não uma posição infernal de xadrez. Beth apoiou os cotovelos na mesa, encostou as bochechas aos punhos cerrados e começou a concentrar-se.

Passado um momento, ocorreu-lhe algo simples: eu não estou a jogar contra Benny Watts; estou a jogar xadrez. Voltou a olhar para ele. Os olhos de Watts observavam o tabuleiro. Ele não pode jogar até eu fazer a minha jogada. Ele só pode mover uma peça de cada vez. Beth voltou a olhar para o tabuleiro e começou a ponderar os efeitos de uma troca, imaginando o lugar onde os peões ficariam se as peças que preenchiam o centro fossem trocadas. Se capturasse o cavalo do rei de Watts com o seu bispo e ele, por sua vez, o capturasse com o peão da sua dama... Não funcionava. Ela poderia avançar o cavalo e forçar uma troca. Era melhor. Beth pestanejou e começou a descontraír, construindo e reconstruindo as relações entre peões na sua mente, procurando um modo de forçar uma vantagem para si. Não havia outra coisa diante dela naquele momento que não as 64 casas e a arquitectura sempre mutável dos peões — um horizonte entalhado de peões imaginários, pretos e brancos, que se movia e se transformava à medida que ela experimentava variante a variante, ramo a ramo pela árvore de jogo que brotava de cada conjunto de jogadas. Um dos ramos começou a afigurar-se melhor do que os restantes. Beth seguiu-o no meio-jogo até às possibilidades que daí despontavam, retendo na mente todo o conjunto de

posições imaginárias até encontrar uma que tivesse aquilo que ela queria descobrir.

Beth suspirou e endireitou-se. Ao afastar o rosto dos punhos, sentiu as bochechas doridas e os ombros tensos. Olhou para o relógio. Tinham passado 40 minutos. Watts bocejava. Beth esticou o braço e fez a sua jogada, avançando o cavalo de modo a forçar a primeira troca. Parecia uma jogada suficientemente inócua. Carregou no relógio.

Watts estudou o tabuleiro durante meio minuto e iniciou a troca. Beth entrou em pânico durante um segundo: será que ele conseguia ver o que ela tinha estado a planear? Com tanta rapidez? Tentou afastar a ideia da mente e aceitou a peça oferecida. Ele capturou outra peça, tal como ela planeara. Ela capturou outra. Watts esticou o braço para fazer uma nova captura, mas hesitou no último momento. «Fá-lo!», ordenou ela silenciosamente. Mas ele recuou. Se ele se tivesse apercebido do plano de Beth, ainda tinha hipóteses de se escapar. Beth mordeu o lábio. Watts estudava intensamente o tabuleiro. Acabaria por descobrir. O tiquetaque do relógio parecia muito alto. O coração de Beth batia com tanta força que, por um momento, receou que Watts o pudesse ouvir e perceber o quanto ela estava em pânico e...

Mas ele não ouviu. Aceitou a troca, tal como Beth tinha planeado. Beth olhou-o quase sem acreditar. Era demasiado tarde para ele. Watts carregou no botão que parava o seu relógio e iniciava o dela.

Beth empurrou o peão para a quinta casa da coluna da torre. Imediatamente, Watts retesou-se na cadeira — quase imperceptivelmente, mas Beth notou-o. Ele começou a estudar a posição com toda a concentração. Mas deve ter visto que ia ficar preso com peões duplicados; após dois ou três minutos, encolheu os ombros e fez a jogada necessária, e ela fez a sua continuação, e, na jogada seguinte, o peão estava duplicado e toda a raiva e nervosismo abandonaram Beth. Estava a caminho da vitória.

Continuaria a investir contra a fraqueza do seu oponente. Beth adorava isso. Adorava o ataque.

Benny fitou-a impassivelmente durante um momento. Depois, esticou o braço, pegou na sua dama e fez uma jogada extraordinária. Com toda a calma, capturou o peão central de Beth. O seu peão protegido. O peão que estivera a segurar a dama contra um canto quase desde o início do jogo. Ele estava a sacrificar a sua dama. Beth não conseguia acreditar no que via.

E foi então que percebeu o que isso significava, e o seu estômago retorceu-se. Como é que ela não tinha visto? Com o peão fora de jogo, estava aberta a um mate torre-bispo por causa do bispo que tinha aberto a diagonal. Poderia proteger-se recuando o seu cavalo e avançando com uma das suas torres, mas não serviria de muito — apercebia-se ela agora, horrorizada —, uma vez que o cavalo aparentemente inofensivo de Watts estaria a bloquear a fuga do seu rei. Era terrível. Era o tipo de coisa que ela fazia às outras pessoas. Era o tipo de coisa que Morphy fazia. E ela tinha estado a pensar em peões duplicados.

Ela não precisava de capturar a dama. O que aconteceria, se não o fizesse? Perderia o peão que ele acabara de capturar. A sua dama ficaria ali, no centro do tabuleiro. Pior, viria até à fileira da torre do seu rei e começaria a pressionar o rei em roque. Quanto mais olhava para o jogo, pior lhe parecia. E tinha-a apanhado completamente de surpresa. Beth pousou os cotovelos na mesa e olhou para a posição. Precisava de uma contra-ameaça, de uma jogada que o travasse subitamente.

Mas não havia nada. Beth passou meia hora a estudar o tabuleiro, para descobrir apenas que a jogada de Benny era ainda mais sólida do que ela tinha pensado.

Talvez conseguisse escapar se ele atacasse demasiado depressa.

Encontrou uma jogada com a torre e fê-la. Se ele avançasse com a dama naquele momento, haveria uma hipótese de trocar.

Mas ele não o fez. Jogou o outro bispo. Beth avançou a torre até à segunda linha. E ele avançou com a dama, ameaçando com um xeque-mate em três jogadas. Beth teria de responder recuando o cavalo para o canto. Watts continuou a atacar e, com um crescente desalento, Beth viu um jogo perdido começar a ganhar forma à sua frente. Quando ele capturou o seu peão do bispo do rei com o seu próprio bispo, sacrificando-o, estava tudo perdido. Não havia o que fazer. Beth queria gritar, mas, em vez disso, fez tombar o seu rei e levantou-se. As suas pernas e costas estavam rígidas e doridas. O seu estômago, num autêntico nó. Tudo o que ela quisera realmente fora um empate, e nem sequer isso tinha conseguido. Benny já tinha empatado duas vezes no torneio. Beth iniciara a partida com um resultado perfeito, e um empate ter-lhe-ia dado o título. Mas ela tinha tentado vencer.

— Foi um jogo duro — dizia Benny.

Tinha a mão estendida. Beth obrigou-se a apertá-la. As pessoas aplaudiam. Não ela, mas Benny Watts.

Beth ainda conseguia sentir a derrota ao fim da tarde, mas tinha acalmado. A senhora Wheatley tentara acalmá-la. O prémio monetário seria dividido. Ela e Benny seriam co-campeões, cada um teria um pequeno troféu.

— Está sempre a acontecer — disse a senhora Wheatley. — Perguntei a algumas pessoas e é muito comum o Open ser partilhado por dois vencedores.

— Eu não vi o que ele estava a fazer — disse Beth, visualizando a jogada em que a dama dele tinha capturado o seu peão.

Era como pressionar a língua contra um dente a doer.

— Não consegues dominar tudo, minha querida — disse a senhora Wheatley. — Ninguém consegue.

Beth encarou-a.

— Não percebe nada de xadrez — disse ela.

— Sei o que se sente quando se perde.

— Nisso acredito — disse Beth, com todo o veneno que conseguiu. — Acredito mesmo que sabe.

A senhora Wheatley fitou-a pensativamente durante um momento.

— E, agora, tu também sabes — disse baixinho.

*

Nesse Inverno, em Lexington, as pessoas, por vezes, olhavam para trás sobre o ombro quando passavam por ela na rua. Tinha ido ao *Morning Show*, na WLEX. A entrevistadora, uma mulher com o cabelo carregado de laca e óculos olho-de-gato, perguntou a Beth se ela jogava brídege; Beth respondeu que não. Gostava de ser a campeã do Open de xadrez? Beth respondeu que era co-campeã. Beth estava sentada numa cadeira de lona, sob luzes brilhantes que lhe batiam no rosto. Estava disposta a falar sobre xadrez, mas os modos daquela mulher, o seu falso ar de interesse, tornava isso difícil. Finalmente, perguntaram-lhe o que ela sentia acerca da ideia de o xadrez ser uma perda de tempo, e Beth olhou para a mulher sentada na outra cadeira e respondeu:

— É uma perda de tempo tão grande como o basquetebol.

Mas, antes de ter hipótese de desenvolver a resposta, o programa terminou. Tinha aparecido durante seis minutos.

O artigo de uma página que Townes escrevera sobre si aparecia na edição de domingo do *Herald-Leader*, em conjunto com uma das fotografias que

ele lhe tinha tirado junto à janela do seu quarto em Las Vegas. Beth gostava de se ver nessa fotografia, com a mão direita sobre a dama branca, e uma expressão séria, lúcida e inteligente no rosto. A senhora Wheatley tinha comprado cinco cópias para a sua colecção de recortes.

Beth estava nos últimos anos do liceu, e havia um clube de xadrez, mas ela não tinha entrado. Os rapazes que lá andavam estavam perplexos por haver uma mestra a passar nos corredores da escola, e olhavam-na com uma espécie de assombro embaraçado, quando passava por eles. Uma vez, um rapaz finalista tinha-a interceptado para lhe perguntar nervosamente se ela faria um jogo simultâneo no Clube de Xadrez num dia qualquer. Jogaria contra 30 alunos ao mesmo tempo. Beth lembrou-se do outro liceu, ao pé da Methuen, e do modo como tinham ficado a olhar para ela, embasbacados, depois do jogo.

— Desculpa — disse ela —, não tenho tempo.

O rapaz era pouco atraente e com um ar esquisito; fazia com que ela se sentisse pouco atraente e esquisita só de estar a falar com ele.

Passava mais ou menos uma hora por noite a fazer os trabalhos de casa e as suas notas eram sempre boas. Mas o trabalho de casa não significava nada para si. O centro da sua vida era ocupado pelas cinco ou seis horas de estudo de xadrez. Estava inscrita como aluna externa de Russo na universidade, e tinha aula uma vez por semana. Eram os únicos trabalhos de casa a que prestava realmente atenção.

SETE

Beth puxou o fumo e prendeu-o no peito. Era fácilimo. Passou a ganza ao rapaz à sua direita e disse:

— Obrigada.

Ele discorria sobre o Pato Donald com Eileen. Estavam no apartamento de Eileen e de Barbara, a um quarteirão da Main. Tinha sido Eileen a convidar Beth para a festa depois da aula nocturna.

— Tem de ser o Mel Blanc — dizia agora Eileen. — São todos o Mel Blanc.

Beth continuava a prender o fumo, na esperança de que a descontraísse. Estava sentada no chão com aqueles universitários havia meia hora e ainda não tinha dito uma palavra.

— O Blanc faz o Silvestre, mas não é o Pato Donald — disse o rapaz com segurança.

Virou-se para Beth.

— Sou o Tim — disse ele. — Tu és a jogadora de xadrez.

Beth soltou o fumo.

— Isso mesmo.

— És a campeã do Open.

— Sou a co-campeã do Open — corrigiu Beth.

— Desculpa. Deve ser do caraças.

Era um rapaz ruivo e magro. Beth tinha-o visto sentado a meio da sala de aula, e lembrava-se da sua voz suave quando a turma recitava em coro frases em russo.

— Jogas?

Beth não gostava da tensão que tinha na voz. Sentia-se deslocada. Devia ir para casa ou telefonar à senhora Wheatley.

Ele abanou a cabeça.

— É demasiado cerebral. Queres uma cerveja?

Não bebia cerveja há um ano, desde Las Vegas.

— Pode ser — respondeu.

Começou a levantar-se.

— Deixa estar. Eu vou buscar.

Ele levantou-se do tapete em que estavam sentados. Regressou com duas latas e entregou-lhe uma. Ela deu um longo gole. Durante a primeira hora, a música tinha estado tão alta que era impossível conversar, mas, quando o último disco parou de tocar, ninguém o foi trocar. O disco continuava a girar na aparelhagem ao fundo da sala, e Beth conseguia ver as luzinhas vermelhas do amplificador. Tinha esperança de que ninguém reparasse e colocasse outro disco a tocar.

Tim sentou-se novamente no chão, a seu lado, e suspirou.

— Costumava jogar muito Monopólio.

— Nunca joguei.

— Torna-te escravo do capitalismo. Continuo a sonhar com dólares à farta.

Beth riu-se. A ganza tinha voltado a si, e Beth segurou-a nas pontas dos dedos e retirou dela o que conseguiu, antes de a passar a Tim.

— E porque é que estás a aprender russo — disse ela —, já que és um escravo do capitalismo?

Bebeu outro gole de cerveja.

— Tens umas boas mamas — observou ele, dando uma passa. E depois, para o resto do grupo: — Precisamos de mais uma ganza.

Voltou-se para Beth.

— Queria ler Dostoiévski no original.

Beth terminou a cerveja. Alguém fez outra ganza e começou a rodá-la. Estavam 12 pessoas na sala. Tinham feito o primeiro exame na aula da noite, e Beth foi convidada para a festa que ia acontecer depois. Na companhia da cerveja e da marijuana e da conversa com Tim, com quem era muito fácil conversar, Beth sentiu-se melhor. Quando a ganza voltou a aparecer, Beth deu uma longa passa, e depois outra. Alguém colocou um disco a tocar. A música soava muito melhor, e o volume alto já não a incomodava.

De repente, pôs-se de pé.

— Devia ligar para casa — disse.

— O telefone está no quarto, ao pé da cozinha.

Na cozinha, abriu outra cerveja. Deu um longo gole, abriu a porta do quarto e passou com a mão pela parede para descobrir o interruptor. Não o conseguia encontrar. Havia uma caixa de fósforos ao pé do fogão, junto à frigideira, e Beth levou-a para o quarto. Continuava a não encontrar o interruptor, mas havia uma colecção de velas de diferentes formatos em cima da cómoda. Acendeu uma e apagou o fósforo. Ficou a olhar para a vela durante um momento. Era um pénis vertical de lavanda, com um par de testículos brilhantes na base. O pavio vinha da glande, e grande parte dela já tinha derretido. Havia algo dentro de si que se sentia em choque.

O telefone estava na mesa-de-cabeceira junto à cama por fazer. Beth levou a vela consigo, sentou-se na beira da cama e marcou o número.

A senhora Wheatley ficou inicialmente um pouco confusa; estava atordoada, fosse por causa da televisão ou da cerveja.

— Vai dormir — disse Beth. — Tenho chave.

— Disseste que estavas numa festa com colegas? — perguntou a senhora

Wheatley. — Da universidade?

— Sim.

— Bem, tem cuidado com o que fumas, minha querida.

Havia uma sensação maravilhosa sobre os ombros de Beth, e na parte de trás do seu pescoço. Por momentos, quis correr até casa e dar um abraço demorado à senhora Wheatley. Mas tudo o que disse foi:

— OK.

— Até amanhã — disse a senhora Wheatley.

Beth continuou sentada na beira da cama, a ouvir a música que vinha da sala, e terminou a cerveja. Era raro ouvir música e nunca tinha estado num baile da escola. Se não se contasse com as Apple Pi, esta era a primeira festa a que ia. Na sala, a música acabou. Momentos depois, Tim estava sentado na cama a seu lado. Parecia perfeitamente natural, como a resposta a um pedido que ela tinha feito.

— Bebe outra cerveja — disse ele.

Beth aceitou-a e bebeu. Os seus movimentos pareciam lentos e decididos.

— Jesus! — sussurrou Tim, fingindo-se alarmado. — O que é aquela coisa roxa que está ali a arder?

— Diz-me tu — disse Beth.

*

Ela entrou momentaneamente em pânico quando ele a penetrou. Parecia assustadoramente grande e ela sentia-se indefesa, como se estivesse numa cadeira de dentista. Mas o medo durou pouco tempo. Ele era cuidadoso, e não foi muito doloroso. Pôs os braços em redor do pescoço dele, sentindo o tecido rugoso da camisola. Ele começou a mexer-se. Começou a apertar-lhe os seios, por baixo da camisola.

— Não faças isso — disse-lhe ela.

E ele respondeu:

— Tu é que mandas.

E continuou a mexer-se, dentro e fora. Ela mal sentia o pênis, mas não havia problema. Tinha 17 anos e já era mais do que altura. Ele estava a usar preservativo. A melhor parte tinha sido vê-lo a colocá-lo, a fazer piadas com isso. O que eles estavam a fazer era realmente bom e nada parecido com o que aparecia nos livros ou nos filmes. Foder. Bem, enfim. Se ao menos ele fosse o Townes.

Quando terminou, Beth adormeceu na cama. Não abraçada ao seu amante, nem sequer tocando no homem com quem tinha acabado de fazer amor, mas esparramada na cama, com as roupas vestidas. Viu Tim apagar a vela e ouviu a porta fechar-se devagar atrás dele.

Quando acordou, viu no relógio eléctrico que eram quase 10 da manhã. O sol entrava no quarto pelos lados das persianas. O ar tinha um cheiro pesado. As suas pernas estavam irritadas por causa da saia de lã, e tinha dormido com a camisola contra a garganta, que parecia estar suada. Sentia uma fome avassaladora. Sentou-se na beira da cama durante um minuto, pestanejando. Levantou-se e empurrou a porta para a cozinha. Havia garrafas e latas de cerveja por todo o lado. Um cheiro terrível a fumo velho. Viu um recado no frigorífico, preso por um íman com a forma da cabeça do Rato Mickey. Dizia: «Fomos todos a Cincinnati ver um filme. Fica o tempo que quiseres.»

A casa de banho ficava longe da sala de estar. Depois de tomar um duche e de se secar, enrolou uma toalha na cabeça, regressou à cozinha e abriu o frigorífico. Havia ovos numa caixa, duas latas de *Budweiser* e alguns pickles. Na prateleira da porta estava um saquinho transparente de plástico. Beth pegou nele. Lá dentro estava uma única ganza, bem apertada. Beth retirou-a

do saco, colocou-a na boca e acendeu-a com um fósforo. Inspirou profundamente. Depois, tirou quatro ovos e pô-los a cozer. Nunca tinha sentido tanta fome em toda a sua vida. Limpou o apartamento e arrumou-o de um modo organizado, como se estivesse a jogar xadrez, pegando em quatro grandes sacos de compras para meter as garrafas e beatas, e empilhando-os nas traseiras da cozinha. Encontrou meia garrafa de *Ripple*[9] e quatro latas de cerveja por abrir no meio da confusão. Abriu uma cerveja e começou a aspirar o tapete da sala de estar.

Sobre as costas da cadeira do quarto estava um par de *jeans*. Depois de terminar de limpar, vestiu-os. Serviam-lhe na perfeição. Encontrou uma *T-shirt* branca numa das gavetas e também a vestiu. Depois bebeu o resto da cerveja e abriu outra lata. Alguém tinha deixado um batom vermelho na casa de banho. Ela foi até lá e, estudando-se ao espelho, aplicou-o cuidadosamente. Nunca tinha usado batom. Começava a sentir-se muito bem.

*

A voz da senhora Wheatley soava frágil e ansiosa.

— Podias ter *ligado*.

— Desculpa. — disse Beth. — Não te quis acordar.

— Não tinha problema nenhum...

— Seja como for, está tudo bem. Vou a Cincinnati ver um filme. Hoje também não durmo em casa.

Fez-se silêncio do outro lado da linha.

— Volto na segunda, depois das aulas.

Finalmente, a senhora Wheatley falou.

— Estás com um rapaz?

— Estive ontem à noite.

— Oh. — A voz da senhora Wheatley soava distante. — *Beth...*

Beth riu-se.

— Vá lá — disse ela. — Estou bem.

— Enfim... — O seu tom ainda era sério, mas a voz estava mais tranquila. — Suponho que estejas bem. Só tenho medo...

Beth sorriu.

— Não vou ficar grávida — disse.

Ao meio-dia, pôs os restantes ovos a cozer e ligou a aparelhagem. Nunca tinha ouvido música, mas agora estava a fazê-lo. Dançou um pouco no meio da sala, à espera dos ovos. Não ia ficar maldisposta. Comería com regularidade e beberia apenas uma cerveja — ou um copo de vinho — a cada hora. Tinha feito amor na noite anterior e agora era altura de aprender a estar bêbeda. Estava sozinha, e gostava. Tinha sido assim que aprendera tudo o que era importante na sua vida.

Às 4 da tarde, foi até à garrafeira Larry, a um quarteirão do apartamento, e comprou um quinto[10] de *Ripple*. Enquanto o homem punha a garrafa no saco, Beth perguntou:

— Tem outro vinho como o *Ripple*, mas que não seja tão doce?

— Estes vinhos com gás são todos a mesma coisa — disse o homem.

— E borgonha?

Às vezes, a senhora Wheatley pedia borgonha, quando iam jantar fora.

— Tenho *Gallo, Italian Swiss Colony, Paul Masson...*

— *Paul Masson* — disse Beth. — Duas garrafas.

Nessa noite, às 11, Beth conseguiu despir-se cuidadosamente. Já tinha encontrado umas calças de pijama e conseguiu enfiar-se nelas e arrumar as suas roupas em cima de uma cadeira, antes de se meter na cama e de se apagar.

De manhã, a casa continuava sem ninguém. Beth fez ovos mexidos e comeu-os com duas torradas antes de beber o seu primeiro copo de vinho. O dia estava novamente ensolarado. Encontrou na sala *As Quatro Estações*, de Vivaldi. Pôs o disco a tocar. E começou a beber a sério.

*

Na segunda-feira, Beth apanhou um táxi para o liceu Henry Clay e chegou dez minutos antes da sua primeira aula. Tinha deixado o apartamento vazio e limpo; os donos ainda não tinham regressado de Cincinnati. A maior parte das rugas da camisola e da saia tinha desaparecido, e ela tinha lavado as meias de xadrez. Bebera a segunda garrafa de borgonha no domingo à noite e dormira profundamente durante dez horas. Agora, no táxi, sentia uma ligeira dor na nuca e as mãos tremiam um pouco, mas, para lá da janela do táxi, a manhã de Maio estava esplendorosa, e o verde das novas folhas das árvores era delicado e fresco. Ao sair do táxi, depois de pagar, sentia-se leve e primaveril, preparada para terminar o liceu e dedicar a sua energia ao xadrez. Tinha 300 dólares na conta-poupança, já não era virgem e sabia beber.

Houve um silêncio envergonhado ao entrar em casa, depois das aulas. A senhora Wheatley, de bata azul, estava a lavar o chão da cozinha. Beth sentou-se no sofá e pegou no livro de Reuben Fine sobre fins de partida. Detestava aquele livro. Tinha visto uma lata de *Pabst* ao lado do lava-loiça, mas não sentia vontade de beber. Era melhor não beber nada durante um bom bocado. Tinha bebido o suficiente.

Quando a senhora Wheatley terminou, encostou a esfregona ao frigorífico e foi para a sala de estar.

— Estou a ver que estás de volta — começou por dizer.

A sua voz tinha um tom cuidadosamente neutro.

Beth olhou para ela.

— Diverti-me — disse.

A senhora Wheatley parecia não saber exactamente que atitude ter. Acabou por permitir-se sorrir ligeiramente. Era um sorriso surpreendentemente tímido, como o de uma rapariguinha.

— Enfim — disse ela —, o xadrez não é tudo na vida.

*

Beth terminou o liceu em Junho, e a senhora Wheatley ofereceu-lhe um relógio *Bulova*. Na parte de trás, lia-se: «Com amor, da mãe». Beth gostou disso, mas aquilo de que gostou mais foi do *rating* que chegou por correio: 2243. Na festa da escola, houve alunos do seu ano que lhe ofereceram bebida à socapa, mas Beth recusou. Bebeu um pouco de ponche de frutas e foi para casa. Precisava de estudar: dentro de duas semanas, iria competir no seu primeiro torneio internacional, na Cidade do México, e depois disso seguia-se o Campeonato dos Estados Unidos. Tinha sido convidada a participar no Remy-Vallon, em Paris, no final do Verão. As coisas começavam a acontecer.

OITO

Uma hora depois de o avião ter cruzado a fronteira, Beth estava totalmente absorvida na análise da estrutura de peões, e a senhora Wheatley bebia a sua terceira garrafa de *Cerveza Corona*.

— Beth — disse ela —, tenho de te confessar uma coisa.

A senhora Wheatley parecia nervosa.

— Sabes o que é um *pen pal*, minha querida?

— Alguém com quem trocamos correspondência.

— Nem mais! Quando eu estava na escola, a nossa turma recebeu uma lista com nomes de rapazes mexicanos que estavam a estudar inglês. Eu escolhi um e escrevi-lhe uma carta a falar de mim. — A senhora Wheatley riu-se. — Chamava-se Manuel. Correspondemo-nos durante muito tempo, já eu era casada com o Allston. Enviámos fotografias um ao outro.

A senhora Wheatley abriu a mala, procurou e retirou uma fotografia um pouco dobrada, que mostrou a Beth. Era de um homem de rosto magro, surpreendentemente pálido, com um bigode fino sobre o lábio superior. A senhora Wheatley hesitou um pouco, e disse:

— O Manuel vai esperar-nos ao aeroporto.

Beth não tinha qualquer problema com isso; até podia ser bom, ter um amigo mexicano. Mas havia qualquer coisa estranha na voz da senhora Wheatley.

— Alguma vez o viste ao vivo?

— Nunca.

A senhora Wheatley recostou-se a apertou o antebraço de Beth.

— Sabes, estou muito entusiasmada.

Beth conseguiu perceber que ela estava um bocadinho embriagada.

— Foi por isso que quiseste vir mais cedo?

A senhora Wheatley ajeitou-se e endireitou as mangas do seu casaco de malha azul.

— Foi — disse.

*

— *Sí, como no?* — disse a senhora Wheatley. — E ele veste-se tão bem e abre-me a porta e pede o jantar com tanta elegância...

A senhora Wheatley estava a puxar os *collants* para cima enquanto falava, puxando com força para os fazer passar pelas ancas largas.

O mais provável era que andassem a foder, a senhora Wheatley e Manuel Córdoba y Serano. Beth esforçava-se para não o visualizar. A senhora Wheatley tinha regressado ao hotel por volta das 3 da manhã, e, na noite anterior, pelas 2h30. Beth, fingindo estar a dormir, sentira o forte odor a perfume e a gim, enquanto a senhora Wheatley deambulava pelo quarto, despindo-se e suspirando.

— De início, julguei que fosse a altitude — disse a senhora Wheatley. — Afinal, são 2240 metros.

Sentada na banquetta de cobre, apoiou-se sobre um cotovelo e começou a pôr *rouge* nas bochechas.

— Faz uma pessoa sentir-se inebriada e feliz. Mas agora acho que é a cultura.

Parou de falar e virou-se para Beth.

— Não há pinga de ética protestante no México. São todos católicos latinos, e vivem todos no aqui e agora.

A senhora Wheatley tinha começado a ler Alan Watts.

— Acho que vou só beber uma *margarita* antes de sair. Pedes uma, minha querida?

Quando estavam em Lexington, a voz da senhora Wheatley parecia, por vezes, adquirir uma espécie de distância, como se estivesse a falar desde uma solitária tentativa de alcançar uma infância interior. Ali, na Cidade do México, a voz mantinha-se distante, mas o tom era teatralmente alegre, como se Alma Wheatley estivesse a saborear uma qualquer hilaridade incomunicável e privada. Era algo que deixava Beth desconfortável. Quis dizer qualquer coisa sobre o quão caro era o serviço de quartos, mesmo em pesos, mas não o fez. Pegou no telefone e marcou 6. O homem atendeu em inglês. Pediu uma *margarita* e uma *Coca-Cola* grande para o 713.

— Podias vir ao Folklórico — disse a senhora Wheatley. — Pelo que me disseram, só ver os fatos vale bem o preço do bilhete.

— O torneio começa amanhã. Preciso de trabalhar nos fins de partida.

A senhora Wheatley estava sentada na beira da cama a admirar os próprios pés.

— Beth, minha querida — disse ela, sonhadoramente —, talvez precisas de trabalhar em *ti mesma*. O xadrez não é tudo na vida.

— É o que eu sei fazer.

A senhora Wheatley soltou um longo suspiro.

— A minha experiência ensinou-me que aquilo que sabemos nem sempre é importante.

— E o que é importante?

— Viver e crescer — respondeu a senhora Wheatley com firmeza. — Viveres a tua vida.

«Com um vendedor mexicano de segunda?» Era o que Beth queria dizer. Mas manteve-se calada. Não gostava dos ciúmes que estava a sentir.

— Beth — continuou a senhora Wheatley, numa voz carregada de plausibilidade —, não visitaste as Bellas Artes, nem sequer o Bosque de Chapultepec. O jardim zoológico é maravilhoso. Tens comido sempre no quarto e passado o resto do tempo com o nariz enfiado nos livros de xadrez. Não devias relaxar na véspera do torneio e pensar noutra coisa além do xadrez?

Beth sentiu vontade de lhe bater. Se tivesse ido àqueles sítios, tê-lo-ia feito na companhia de Manuel e ter-se-ia visto obrigada a ouvir as suas histórias intermináveis. Ele não parava de mexer nos ombros ou nas costas da senhora Wheatley, sempre em cima dela, com um sorriso exagerado.

— Mãe — disse ela —, amanhã às 10 estou a jogar com as peças pretas contra o Octavio Marengo, o campeão brasileiro. Isso significa que ele faz a primeira jogada. É um homem de 34 anos, um grande mestre internacional. Se eu perder, vamos ter de pagar esta viagem, esta *aventura*, com o nosso próprio dinheiro. Se eu ganhar, vou jogar de tarde com alguém ainda melhor do que o Marengo. Preciso de trabalhar nos meus fins de partida.

— Mas, minha querida, tu não és uma «jogadora intuitiva»?

A senhora Wheatley nunca tinha falado sobre xadrez com Beth.

— Já me chamaram isso. De vez em quando, as jogadas vêm-me à mente.

— Já tinha reparado que as jogadas que as pessoas aplaudem mais são aquelas que fazes com rapidez. E ficas com uma certa expressão no rosto...

Beth não sabia o que dizer.

— Sim, talvez tenhas razão — disse.

— A intuição não vem dos livros. O que eu acho que se passa é que não gostas do Manuel.

— O Manuel é simpático — disse Beth —, mas não aparece para me ver, *a mim*.

— Isso não interessa nada — disse a senhora Wheatley. — Precisas de *relaxar*. Não há outro jogador de xadrez no mundo tão talentoso como tu. Não faço a mais pequena ideia de quais sejam as faculdades que uma pessoa usa para jogar bem xadrez, mas estou convencida de que estar relaxado só as pode melhorar.

Beth ficou em silêncio. Tinha-se sentido furiosa desde há dias. Não gostava da Cidade do México nem daquele enorme hotel de cimento com os seus ladrilhos rachados e torneiras a pingar. Não gostava da comida do hotel, mas não queria ir sozinha a restaurantes. A senhora Wheatley tinha ido almoçar e jantar todos os dias com Manuel, que era dono de um *Dodge* verde e parecia estar sempre disponível.

— Porque é que não vens almoçar connosco? — perguntou a senhora Wheatley. — Podemos deixar-te no hotel quando acabarmos, para estudares o que quiseres.

Beth ia responder, mas foi interrompida por pancadinhas na porta. Era o serviço de quartos com a *margarita* da senhora Wheatley. Beth assinou a entrega enquanto a senhora Wheatley bebericava pensativamente e olhava pela janela, para a luz do Sol.

— Na verdade, não tenho andado muito bem, ultimamente — disse senhora Wheatley, piscando os olhos por causa da luz.

Beth olhou-a com frieza. A senhora Wheatley estava pálida e claramente com peso a mais. Segurava o copo pelo pé, com uma mão, enquanto a outra vagueava pela sua ampla cintura. Havia qualquer coisa nela de profundamente patético, e o coração de Beth amoleceu um pouco.

— Não me apetece ir almoçar — disse Beth —, mas podem deixar-me no zoo. Depois apanho um táxi para o hotel.

A senhora Wheatley pareceu não ouvir, mas, passado um momento, ainda

segurando no copo da mesma maneira, virou-se para Beth e sorriu vagamente.

— Isso seria agradável, minha querida — disse ela.

*

Beth passou muito tempo a olhar para as tartarugas das Galápagos, criaturas grandes e desajeitadas, em permanente câmara lenta. Um dos tratadores despejou um alqueire de alface molhada e tomate maduro no recinto, e cinco delas avançaram sobre o monte, em grupo, mastigando e pisando, com patas semelhantes às poeirentas patas dos elefantes e caras inocentes e estúpidas, empenhadas em algo mais do que visão ou comida.

Aproximou-se um vendedor de cerveja gelada da vedação onde Beth se encontrava, e, quase sem pensar, ela disse «*Una Corona, por favor*», mostrando uma nota de cinco pesos. O homem abriu a garrafa e despejou a bebida num copo de papel com um logótipo da águia asteca.

— *Muchisimas gracias* — disse ela.

Era a primeira cerveja que bebia desde a escola; sob o escaldante sol mexicano, sabia maravilhosamente. Beth bebeu-a com rapidez. Alguns minutos depois, viu outro vendedor, ao pé de um círculo de flores vermelhas; comprou outra cerveja. Beth sabia que não o devia fazer; o torneio começava no dia seguinte. E ela não precisava de álcool. Nem de calmantes. Havia já vários meses que não tomava um comprimido verde. Mas bebeu a cerveja. Eram três da tarde e o sol era abrasador. O zoo estava cheio de mulheres a passear, a maioria delas com *rebozos*^[11] escuros, e crianças de olhos castanho-escuros. Os poucos homens que por lá andavam lançaram olhares pouco discretos a Beth, mas ela ignorou-os, e nenhum deles tentou meter conversa. Apesar da reputação mexicana de alegria e

liberdade, era um local sossegado, cujo público se comportava como se estivesse num museu. Havia flores em toda a parte.

Beth terminou a cerveja, comprou mais uma e continuou a passear. Começava a sentir-se embriagada. Passou por mais árvores, mais flores, jaulas com chimpanzés a dormir. Dobrando uma esquina, deparou-se com uma família de gorilas. Dentro da jaula, o grande macho e a cria dormiam com as cabeças juntas, uma contra a outra, e as costas pressionadas contra as grades. No meio da jaula, a fêmea encostava-se filosoficamente a um enorme pneu, franzindo o cenho e roendo uma unha. No asfalto, na parte de fora da jaula, estava uma família humana, também com um pai, uma mãe e uma criança, olhando atentamente para os gorilas. Não eram mexicanos. Tinha sido o homem a chamar a atenção de Beth. Reconheceu-o.

Era um homem baixo e pesado, consideravelmente parecido com um gorila, na verdade, com sobrolhos salientes, sobrancelhas peludas, cabelo preto, despenteado, e um olhar imperturbável. Beth estacou, de copo de cerveja na mão. Sentiu as bochechas a ficarem quentes. O homem era Vasily Borgov, campeão do mundo de xadrez. Era impossível não reconhecer aquele rosto russo sombrio, a expressão séria e autoritária. Tinha-o visto várias vezes na capa da *Chess Review*, uma delas com o mesmo fato preto e a mesma espampanante gravata verde e dourada.

Beth ficou a olhar para ele durante um minuto. Não sabia que Borgov estaria a participar no torneio. Já tinha recebido a indicação de qual o seu tabuleiro de jogo, por correio: Tabuleiro 9. O de Borgov seria o Tabuleiro 1. Sentiu um calafrio percorrer-lhe a nuca e olhou para a cerveja que segurava. Levou-a à boca e terminou-a, decidindo não beber mais nenhuma até ao final do torneio. Ao olhar novamente para o russo, entrou em pânico; será que ele a reconheceria? Não devia estar a beber à frente dele. Borgov olhava para a jaula como se estivesse à espera de que a gorila movesse um peão. A

gorila estava obviamente perdida nos seus pensamentos, ignorando toda a gente. Beth invejava-a.

Beth não bebeu mais cerveja e deitou-se cedo, mas foi acordada pela chegada da senhora Wheatley, algures a meio da noite. A senhora Wheatley tossiu um bom bocado enquanto se despia na escuridão do quarto.

— Podes acender a luz — disse Beth. — Estou acordada.

— Desculpa — tossiu a senhora Wheatley. — Acho que apanhei um vírus.

Ligou a luz da casa de banho e fechou parcialmente a porta. Beth olhou para o pequeno relógio japonês na mesa-de-cabeceira. Eram 4h10. Os sons que ela fazia ao despir-se — o farfalhar e a tosse mal reprimida — deixaram Beth furiosa. O jogo de Beth começaria dentro de seis horas. Ficou deitada, tensa e furiosa, à espera de que a senhora Wheatley fizesse finalmente silêncio.

*

Marengo era um homem pequeno, de tez escura, soturno, enfiado numa fulgurante camisa amarelo-canário. Praticamente não falava inglês e Beth não sabia português; começaram a jogar sem qualquer conversa preliminar. Fosse como fosse, Beth não estava com vontade de falar. Tinha os olhos a arranhar, e toda ela se sentia desconfortável. Não se sentia particularmente bem desde que aterrara no México, como se estivesse sempre à beira de ficar doente, mas nunca passando disso, além de que não tinha conseguido voltar a adormecer na noite anterior. A senhora Wheatley tinha tossido durante o sono e murmurado e feito sons com a garganta, enquanto Beth tentava forçar-se a relaxar, a ignorar as distrações à sua volta. Não tinha comprimidos verdes consigo. Os três que restavam estavam no Kentucky.

Tinha-se mantido deitada de braços abertos, como fazia aos oito anos, quando tentava adormecer ao pé da porta que dava para o corredor, na Methuen. Agora, sentada de costas direitas numa cadeira de madeira, diante de uma longa fila de mesas com tabuleiros de xadrez, num salão de baile de um hotel mexicano, sentia-se irritada e um pouco zozna. Marengo acabara de mover o peão para a quarta casa da coluna do rei. O relógio de Beth estava em andamento. Encolheu os ombros e moveu o peão para a quarta casa da coluna do bispo da dama, confiando nas manobras formais da Siciliana para se manter estável até conseguir entrar no jogo. Marengo avançou o cavalo do rei com uma ortodoxia civilizada. Beth começou a descontrair à medida que a sua mente se afastava do seu corpo e se voltava para o painel de forças diante de si.

Pelas 11h30, tinha já capturado dois peões e, pouco depois do meio-dia, ele desistiu. Não tinham chegado sequer perto de um final de partida; quando Marengo se levantou e estendeu a mão, o tabuleiro era ainda uma massa de peças por capturar.

Os três primeiros tabuleiros estavam numa outra sala, ao fundo do corredor do salão principal. Beth tinha olhado de relance nessa manhã, enquanto se apressava, cinco minutos atrasada, para o sítio em que deveria jogar, mas não se detivera para a ver com atenção. Caminhava agora para lá, atravessando o chão alcatifado e as suas filas de jogadores debruçados sobre os tabuleiros — jogadores das Filipinas e da Alemanha Ocidental e da Islândia e da Noruega e do Chile, na maioria jovens e quase todos homens. Havia outras duas mulheres: a sobrinha de um funcionário público mexicano, no Tabuleiro 22, e uma jovem e intensa dona-de-casa, de Buenos Aires, no Tabuleiro 17. Beth não parou para observar qualquer das posições.

Avistou um pequeno grupo de pessoas no corredor, à porta da sala de jogo. Beth furou por entre elas até à porta, onde, do lado oposto, no

Tabuleiro 1, dentro do mesmo fato escuro, com o mesmo rosto pesado, estava Vasily Borgov, de olhos fixos no jogo diante de si, sem expressão. Entre ela e ele erguia-se uma multidão silenciosa, respeitadora, mas os jogadores estavam sentados em cima de uma espécie de estrado de madeira, a alguma distância do chão, pelo que Beth o conseguia ver sem qualquer problema. Na parede atrás dele estava exposto um tabuleiro de xadrez com peças de cartão; um mexicano acabava de mover um dos cavalos brancos para a sua nova posição quando Beth entrou na sala. Ela observou o tabuleiro durante um momento. O jogo estava equilibrado, mas Borgov parecia ter alguma vantagem.

Beth olhou para Borgov e desviou imediatamente o olhar: a concentração espelhada no seu rosto era alarmante. Saiu, caminhando lentamente pelo corredor.

A senhora Wheatley estava deitada na cama, mas acordada. Piscou o olho a Beth, puxando o cobertor até ao queixo.

— Olá, minha querida.

— Estava a pensar que podíamos ir almoçar — disse Beth. — Só volto a jogar amanhã.

— Almoçar — disse a senhora Wheatley. — Jesus.

E depois:

— Como correu o jogo?

— Ele desistiu depois de 30 jogadas.

— És uma maravilha — disse a senhora Wheatley.

Empurrou-se cuidadosamente com os braços até ficar sentada na cama.

— Sinto-me um pouco esquisita, mas se calhar preciso de meter alguma coisa no estômago. O Manuel e eu comemos *cabrito*, ao jantar. Pode ser que ainda acabe comigo.

Estava muito pálida. Saiu da cama devagar e foi para a casa de banho.

— Talvez coma uma sanduíche ou um daqueles *tacos* menos inflamados.

*

A competição no torneio era a mais consistente, vigorosa e profissional que ela já vira. Ainda assim, o seu efeito sobre Beth, uma vez ultrapassada a primeira partida depois de uma noite quase em branco, não era perturbador. Tratava-se de um evento bem organizado, com todos os anúncios feitos tanto em espanhol como em inglês. Tudo decorria tranquilamente. Na partida do dia seguinte, jogou o Gambito de Dama Recusado contra um austríaco chamado Diedrich, um jovem pálido e bem arranjado numa camisola sem mangas, pressionando-o implacavelmente no centro do tabuleiro e forçando-o a desistir a meio-jogo. Conseguiu-o praticamente só com peões, ficando secretamente impressionada com as jogadas intrincadas que pareciam fluir da ponta dos seus dedos, depois de tomar o centro do jogo e ter começado a esmagar a posição do seu oponente como se esmagasse um ovo. Ele tinha jogado bem, sem lapsos ou o que pudesse ser considerado um erro, mas Beth movera-se com uma eficácia tão mortífera, com um controlo tão calculado, que a posição dele deixou de ter salvação a partir da vigésima terceira jogada.

*

A senhora Wheatley tinha-a convidado para jantar consigo e com Manuel; Beth recusara. Apesar de no México só se jantar às 10 horas, Beth não esperava encontrar a senhora Wheatley no quarto depois de voltar das compras, às sete.

Estava vestida, mas na cama, com a cabeça apoiada na almofada. A seu

lado, sobre a mesa-de-cabeceira, via-se uma bebida a meio. A senhora Wheatley estava na casa dos 40, mas a palidez do rosto e as rugas de preocupação na testa faziam-na parecer muito mais velha.

— Olá, minha querida — disse ela numa voz fraca.

— Estás doente?

— Um bocadinho constipada.

— Posso chamar um médico.

A palavra «médico» pareceu ficar suspensa entre elas, até que a senhora Wheatley disse:

— Não é assim tão grave. Só preciso de descansar.

Beth anuiu e foi à casa de banho recompor-se. O aspecto e o comportamento da senhora Wheatley faziam-lhe confusão. Mas, ao regressar ao quarto, Beth encontrou-a de pé e com um ar relativamente activo, a ajeitar a colcha. A senhora Wheatley sorriu amargamente.

— O Manuel não vem ter connosco.

Beth olhou para ela com uma expressão interrogativa.

— Tem negócios a tratar em Oaxaca.

Beth hesitou.

— E vai estar fora quanto tempo?

A senhora Wheatley suspirou.

— Pelo menos, até irmos embora.

— Lamento.

— Enfim — disse a senhora Wheatley —, nunca fui a Oaxaca, mas imagino que seja parecido com Denver.

Beth olhou-a durante um momento e depois riu-se.

— Podemos jantar as duas — disse. — Podes levar-me a um desses restaurantes que conheces.

— Vamos, claro — disse a senhora Wheatley, sorrindo penosamente. —

Foi bom enquanto durou. Ele tem um excelente sentido de humor.

— Isso é bom — disse Beth. — O senhor Wheatley não parecia ser muito divertido.

— Meu Deus — disse a senhora Wheatley —, o Allston não achava piada a coisa nenhuma, excepto, talvez, a Eleanor Roosevelt.

*

Naquele torneio, cada xadrezista jogava uma partida por dia. A competição durava seis dias. As primeiras duas partidas de Beth foram bastante simples, mas a terceira apanhou-a de surpresa.

Beth chegou cinco minutos mais cedo, estando já sentada ao tabuleiro quando o seu oponente apareceu, um pouco timidamente. Parecia não ter mais de 12 anos. Beth já o tinha visto no salão, passado pelos tabuleiros em que ele estava a jogar, mas sempre distraída, nunca reparando realmente no seu aspecto tão jovem. Tinha o cabelo preto e encaracolado, e vestia uma camisa desportiva antiquada, tão bem engomada que as pregas ficavam espetadas, sobressaindo dos seus braços magros. Era muito estranho, e ela sentiu-se desconfortável. O prodígio era *ela*. E ele parecia tão estupidamente *sério*.

Beth estendeu a mão.

— Beth Harmon.

Ele levantou-se, fez uma vénia discreta, apertou a sua mão com firmeza e sacudiu-a uma vez.

— Georgi Petrovitch Girev — disse ele, fazendo timidamente um pequeno e furtivo sorriso. — Tenho muita honra em conhecê-la.

Beth ficou atrapalhada.

— Obrigada.

Sentaram-se os dois e ele accionou o relógio. Beth moveu o peão para a quarta casa da coluna da dama, feliz por ser sua a primeira jogada contra aquela criança inquietante.

O jogo começou com um Gambito de Dama Aceite rotineiro; ele capturou o peão do bispo que lhe foi oferecido e desenvolveram ambos o jogo em direcção ao centro. Mas, ao chegarem a meio da partida, as coisas tornaram-se mais complicadas do que o habitual, e Beth apercebeu-se de que ele estava a manter uma defesa muito sofisticada. Georgi jogava com rapidez — com uma rapidez estonteante —, e parecia saber exactamente qual o caminho a tomar. Beth tentou algumas ameaças, mas nenhuma o perturbou. Passou uma hora e, depois, mais uma. O número de jogadas estava agora acima das 30, e o tabuleiro continuava carregado de peças. Beth olhou-o enquanto ele fazia uma jogada — olhou para o bracinho esquelético que saía daquela camisa ridícula — e odiou-o. Mais valia que ele fosse uma máquina. «Seu esquisitóide», pensou ela, apercebendo-se de que os adultos que haviam jogado contra si no passado deviam ter pensado o mesmo.

Já passava da hora de almoço e a maior parte dos jogos tinha já terminado. Eles iam na trigésima quarta jogada. Beth só queria despachar aquilo e ir ter com a senhora Wheatley. Estava preocupada com ela. Sentia-se velha e cansada de jogar contra aquele fedelho incansável, de olhinhos escuros e brilhantes e movimentos rápidos; Beth sabia que, se cometesse o mais pequeno erro, ele não perdoaria. Olhou para o relógio. Faltavam 25 minutos. Tinha de se despachar e chegar às 40 jogadas antes que a sua bandeira descesse. Se não tivesse cuidado, ver-se-ia numa enorme pressão com o tempo. Isso era algo que ela costumava fazer às outras pessoas; agora, sentia-se nervosa. Nunca tinha estado atrasada.

Nas últimas jogadas que fizeram, tinha considerado uma série de trocas

ao centro — cavalo e bispo por cavalo e bispo, e uma troca de torre algumas jogadas depois. Tornaria tudo mais simples para si, mas o problema é que isso conduziria a um final e ela tentava evitar finais de partida. Agora, ao ver que estava com um atraso de 45 minutos em relação a ele, sentia-se desconfortável. Tinha de sair daquele impasse. Pegou no seu cavalo e capturou o bispo do rei. Ele respondeu imediatamente, sem sequer olhar para ela. Capturou-lhe o bispo da dama. Continuaram com as jogadas como se tivessem sido premeditadas e, ao terminarem, o tabuleiro ficou cheio de casas vazias. Cada um deles tinha uma torre, um cavalo, quatro peões e o rei. Beth avançou com o seu rei, retirando-o da última linha, e ele fez o mesmo. Nesta fase, o poder do rei enquanto atacante tornava-se subitamente explícito; já não era necessário escondê-lo. A questão agora era conseguir levar um peão até à oitava linha e promovê-lo. Estavam no final.

Beth respirou fundo, abanou a cabeça para a aclarar e começou a concentrar-se na posição. O mais importante era ter um plano.

— Talvez devêssemos optar por um adiamento.

Era a voz de Girev, quase num sussurro. Beth fitou-o, pálido e sério, e, depois, olhou para o relógio. Ambas as bandeiras tinham descido. Isto nunca lhe tinha acontecido. Beth ficou quieta durante um momento, atrapalhada e perplexa.

— Tem de selar a jogada — disse Girev.

Parecia subitamente desconfortável e subiu a mão para chamar o director do torneio.

Um dos directores aproximou-se, caminhando calmamente. Era um homem de meia-idade, com óculos grossos.

— A menina Harmon tem de selar a jogada — disse Girev.

O director olhou para o relógio.

— Vou buscar um envelope.

Beth voltou a olhar para o tabuleiro. Parecia-lhe claro. Deveria avançar o peão da torre que escolhera, colocando-o na quarta linha. O director entregou-lhe um envelope e recuou alguns passos discretamente. Girev levantou-se e voltou-se de costas educadamente. Beth escreveu «P4TD» no seu registo, dobrou-o, colocou-o no envelope e entregou-o ao director do torneio.

Levantou-se, tensa, e olhou em redor. Já não havia qualquer partida a decorrer, apesar de ainda se verem alguns jogadores, sentados ou de pé, observando posições nos vários tabuleiros. Uns quantos aglomeravam-se em torno de tabuleiros, analisando jogos terminados.

Girev tinha regressado à mesa. O seu rosto estava muito sério.

— Posso perguntar uma coisa? — disse.

— Sim.

— Disseram-me que, na América, se vêem filmes dentro de carros. É verdade? — perguntou.

— Em *drive-ins*? — disse ela. — Estás a falar de filmes em *drive-ins*?

— Sim. Filmes do Elvis Presley que se vêem dentro de um carro. Debbie Reynolds e Elizabeth Taylor. Isso acontece?

— Acontece, pois.

Girev olhou-a e, de um momento para o outro, surgiu um grande sorriso no seu rosto sincero.

— Eu ia curtir isso — disse ele. — Ia mesmo curtir isso.

*

A senhora Wheatley dormiu profundamente toda a noite, e ainda dormia quando Beth se levantou. Beth sentia-se repousada e fresca. Tinha adormecido preocupada com a partida adiada contra Girev, mas, de manhã,

sentia-se bem com isso. A jogada com o peão era suficientemente forte. Atravessou o quarto descalça, desde o sofá onde tinha dormido até à cama onde estava deitada a senhora Wheatley, e colocou-lhe a mão na testa. Estava fria. Beth deu-lhe um beijo suave na bochecha e foi tomar um duche. Quando saiu para tomar o pequeno-almoço, a senhora Wheatley continuava a dormir.

A sua partida da manhã era contra um mexicano com pouco mais de 20 anos. Beth ficou com as peças pretas, jogou a Siciliana e apanhou-o desprevenido à décima nona jogada. A partir daí, começou a cansá-lo. Tinha a mente muito lúcida, e conseguiu de tal modo mantê-lo ocupado a defender-se das suas ameaças, que foi capaz de capturar um bispo em troca de dois peões e de levar o rei dele para uma posição exposta, em xeque com o cavalo. Ao fazer avançar a dama, o mexicano levantou-se, sorriu-lhe friamente e disse:

— Já chega. Já chega. — Abanou a cabeça com raiva. — Desisto.

Durante um momento, Beth ficou furiosa. Queria terminar o jogo, empurrar o rei dele até ao fundo do tabuleiro e fazer-lhe xeque-mate.

— Joga de uma maneira... incrível — disse o mexicano. — Faz-me sentir completamente indefeso.

Fez-lhe uma vénia ligeira e deixou a mesa.

*

Ao recommençar a partida contra Girev nessa tarde, Beth deu por si a mover-se com uma rapidez e uma força impressionantes. Desta vez, Girev usava uma camisa azul-clara que se espetava na zona dos cotovelos como se fosse um papagaio de papel. Beth esperou com impaciência que o director do torneio abrisse o envelope e fizesse a jogada que ela tinha selado

no dia anterior. Levantou-se e deu alguns passos pelo salão quase deserto, onde outras duas partidas adiadas se desenrolavam, esperando que Girev fizesse a sua jogada. Olhou para trás algumas vezes na sua direcção e viu-o debruçado sobre o tabuleiro com as pequenas mãos fechadas contra as bochechas pálidas, e a camisa azul-clara como que a brilhar sob as luzes. Beth odiava-o — odiava a sua seriedade e odiava a sua juventude. Queria destruí-lo.

Ouviu o clique do botão do relógio, a meio do salão, e dirigiu-se directamente para a sua mesa. Não se sentou, permanecendo de pé a observar a posição. Ele tinha colocado a torre na linha do bispo da dama, tal como ela previra. Estava preparada para isso, pelo que avançou o peão, virou as costas e voltou a atravessar o salão. Havia uma mesa com um jarro de água e alguns copos de papel. Encheu um dos copos, surpreendida por ver a sua mão tremer, ao pegar-lhe. Ao regressar à mesa, Girev já tinha jogado. Beth fez a sua jogada rapidamente, não trazendo a torre para o defender, mas abandonando o seu peão e avançando o rei. Pegou na peça suavemente com a ponta dos dedos, como vira o homem com ar de pirata fazer, anos antes, em Cincinnati, colocou-a na quarta casa da dama, virou-se e afastou-se uma vez mais.

Continuou assim, sem se sentar. No espaço de três quartos de hora, tinha-o na mão. Era, na verdade, muito simples — quase demasiadamente. Resumia-se tudo a trocar torres no momento certo. A troca fez Girev recuar o rei uma casa na recaptura, o suficiente para que o peão dela passasse e fosse promovido a rainha. Mas Girev não esperou por isso; desistiu imediatamente após Beth ter feito xeque com a torre e a subsequente troca. Girev caminhou até Beth como se lhe quisesse dizer alguma coisa, mas, ao ver o rosto dela, parou. Beth ganhou-lhe um pouco de simpatia durante um

momento, ao lembrar-se da criança que fora havia apenas alguns anos, e do quão devastador lhe era perder uma partida de xadrez.

Beth estendeu-lhe a mão e, quando ele a apertou, forçou um sorriso e disse:

— Também nunca fui a um *drive-in*.

Girev abanou a cabeça.

— Não devia tê-la deixado fazer aquilo. Com a torre.

— Pois — disse ela. — Começaste a jogar xadrez com que idade?

— Quatro. Era campeão distrital aos sete. Espero vir a tornar-me campeão mundial em breve.

— Quando?

— Dentro de três anos.

— Daqui a três anos tens 16.

Ele anuiu sombriamente.

— Se venceres, o que é que vais fazer a seguir?

Ele pareceu ficar confuso.

— Não compreendo.

— Se fores campeão mundial aos 16, o que é que vais fazer o resto da tua vida?

Ele continuava com uma expressão confusa.

— Não compreendo — repetiu ele.

*

A senhora Wheatley deitou-se cedo e parecia estar melhor na manhã seguinte. Levantou-se antes de Beth e, quando desceram juntas para tomar o pequeno-almoço na Câmara de Toreros, a senhora Wheatley pediu uma tortilha e duas chávenas de café, e comeu tudo. Beth sentiu-se aliviada.

*

No quadro das informações ao pé das inscrições estava afixada uma lista de participantes; Beth não olhava para ela há vários dias. Ao entrar no salão, dez minutos antes do início da partida, Beth foi verificar os resultados. Estavam listados de acordo com o seu *rating* internacional, e Borgov encontrava-se no topo da lista, com 2715. Harmon ocupava a décima sétima posição, com 2370. À frente do nome de cada jogador havia uma série de caixas com os resultados de cada partida. «0» significava uma derrota, «½», um empate, e «1», uma vitória. Havia um grande número de «½». Três nomes tinham uma fila seguida de «1»: Borgov e Harmon eram dois deles.

Os pares estavam afixados alguns passos à direita. No topo da lista estava Borgov-Rand, e, logo abaixo, Harmon-Solomon. Se ela e Borgov vencessem naquele dia, não significava necessariamente que jogassem um contra o outro na final do seguinte. Beth não sabia exactamente se queria ou não enfrentá-lo. A partida contra Girev tinha-a perturbado. Estava vagamente preocupada com a senhora Wheatley, apesar da sua aparente recuperação; a visão da sua pele branca, o *rouge* nas faces e os sorrisos forçados deixavam-na inquieta. Começou a ouvir-se um burburinho, à medida que os jogadores encontravam as suas mesas, ajustavam os relógios e se começavam a preparar para o início da partida. Beth libertou-se da sensação de inquietação tanto quanto lhe foi possível, encontrou o Tabuleiro 4 — o primeiro tabuleiro do salão —, e esperou por Solomon.

Solomon não foi, de todo, um oponente fácil, e a partida estendeu-se por quatro horas, até ele se ver forçado a desistir. No entanto, em momento algum Beth perdeu a sua vantagem — a minúscula vantagem que a jogada de abertura oferece ao jogador com as peças brancas. Solomon não disse

nada, mas, pela maneira como se afastou depois de a partida acabar, Beth percebeu que ele ficara furioso por perder contra uma mulher. Já tinha visto aquilo acontecer vezes suficientes para conseguir reconhecê-lo de imediato. Normalmente, isso deixava-a zangada, mas, naquele momento, não lhe importou. Tinha outra coisa em mente.

Depois de Solomon se ir embora, Beth foi espreitar a pequena sala onde Borgov jogava, mas estava vazia. A posição vencedora — de Borgov — continuava afixada no grande mural de exibição; era tão devastadora como a sua vitória frente a Solomon.

No salão, verificou o quadro. Já estavam afixados alguns pares para o dia seguinte, o que era surpreendente. Beth aproximou-se para ver melhor, e ficou com o coração na garganta: no topo da lista das finais, impresso em letras negras, lia-se Borgov-Harmon. Beth pestanejou e voltou a ler, sustentando a respiração.

Beth trouxera três livros consigo para o México. Depois de jantar no quarto com a senhora Wheatley, foi buscar o *Grandmaster Games*; lá dentro vinham cinco jogos de Borgov. Abriu o livro no primeiro jogo dele e começou a estudá-lo, utilizando o seu tabuleiro e peças. Era algo que não fazia com frequência, confiando na sua capacidade de visualização de uma partida enquanto a estudava, mas queria ter Borgov diante de si do modo mais palpável possível. A senhora Wheatley ficou deitada a ler enquanto Beth reconstituía as partidas, procurando pontos fracos. Não os encontrou. Voltou a jogá-los, detendo-se em determinadas posições nas quais as possibilidades pareciam praticamente infinitas, tentando contemplá-las. Ficou sentada a olhar para o tabuleiro, ignorando completamente tudo o que existia na sua vida presente, deixando que as combinações se desenvolvessem na sua mente. De vez em quando, um som feito pela senhora Wheatley ou uma tensão no ar do quarto traziam-na

momentaneamente para fora desse transe, e Beth olhava em volta, confusa, sentido a rigidez dolorosa dos músculos e a intrusiva pontada de medo no estômago.

Sentira-se assim algumas vezes no ano anterior, com a sua mente não só zozna, como também à beira do terror, com o infindável universo do xadrez. Pela meia-noite, a senhora Wheatley tinha pousado o livro e ido dormir, sem fazer barulho. Beth permaneceu sentada no cadeirão verde durante horas, não ouvindo o ressonar da senhora Wheatley, não sentindo o estranho cheiro de um hotel mexicano, mas sentindo-se como se prestes a cair de um precipício, como se estar sentada diante de um tabuleiro comprado nos Armazéns Purcell, no Kentucky, fosse na verdade estar à beira de um abismo, suspensa unicamente pelo bizarro equipamento mental que a tinha tornado tão apta para aquele jogo elegante e mortífero. No tabuleiro, o perigo estava em toda a parte. Era impossível descansar.

Só se deitou já passava das quatro e, ao adormecer, sonhou que se estava a afogar.

*

Havia algumas pessoas no salão. Reconheceu Marengo, que usava agora fato e gravata; Marengo acenou-lhe quando ela entrou, e Beth obrigou-se a sorrir na sua direcção. Até a visão deste xadrezista que ela tinha já derrotado era assustadora. Sentia-se nervosa, sabia que estava nervosa, mas não sabia o que fazer acerca disso.

Tinha tomado um duche às sete, incapaz de se libertar da tensão com que tinha acordado. Mal tinha conseguido engolir o café da manhã na cafetaria quase deserta, e passara a cara por água depois disso, com cuidado, tentando concentrar-se. Era o que fazia agora, atravessando a alcatifa

vermelha do salão e entrando na casa de banho, onde passou novamente o rosto por água. Secou-se cuidadosamente com toalhas de papel e penteou-se, observando-se no grande espelho à sua frente. Os seus movimentos pareciam forçados e o seu corpo impossivelmente frágil. A blusa e a saia, ambas caras, pareciam não lhe servir. O medo que sentia era tão intenso como uma dor de dentes.

Ao descer o corredor, viu-o. Estava de pé, seguro, junto a dois homens que ela não reconheceu. Vestiam os três fatos escuros. Estavam próximos uns dos outros, conferenciando em voz baixa. Beth baixou os olhos e passou por eles, encaminhando-se para a sala mais pequena. Lá dentro viam-se alguns homens com máquinas fotográficas. Repórteres. Beth sentou-se diante das peças pretas, no Tabuleiro 1. Olhou fixamente para o tabuleiro durante um momento, ouviu a voz do director do torneio dizer «A partida terá início dentro de três minutos» e olhou para cima.

Borgov atravessava a sala na sua direcção. O fato assentava-lhe bem, com o final das calças elegantemente por cima do topo dos seus brilhantes sapatos pretos. Beth desviou novamente o olhar para o tabuleiro, envergonhada, sentindo-se desajeitada. Borgov sentou-se. Beth ouviu a voz do director, vinda de uma grande distância, «Podem iniciar o relógio do vosso oponente», e esticou o braço, carregou no botão e olhou para cima. Borgov estava à sua frente, sólido, sombrio e pesado, olhando fixamente para o tabuleiro, e Beth sentiu-se como que a sonhar ao vê-lo mover a mão, de dedos curtos e grossos, pegar no peão do rei e colocá-lo na quarta casa. Peão para a quarta casa da coluna do rei.

Beth olhou fixamente para a jogada. Recorria sempre à Siciliana como resposta a essa abertura — a mais comum para as brancas numa partida de xadrez. Mas sentiu-se hesitante. Borgov tinha sido descrito num jornal qualquer como «o mestre da Siciliana». Quase impulsivamente, Beth fez a

mesma jogada, na esperança de jogar contra ele em terreno virgem para ambos, que não lhe desse a vantagem de um conhecimento superior. Ele avançou o cavalo de rei para a terceira casa da coluna do bispo, e ela trouxe o seu para a terceira casa da coluna do bispo da dama, protegendo o peão. Então, sem hesitar, Borgov moveu o bispo para a quinta casa da coluna do cavalo e o coração de Beth deu um salto. A Ruy Lopez. Já a tinha jogado várias vezes, mas, nesta partida, era algo que a assustava. Analisada em profundidade, era tão complexa como a Siciliana, e havia dezenas de linhas que ela conhecia mal e só tinha memorizado dos livros.

Alguém fez disparar um *flash*, para uma fotografia, e ela ouviu a voz do director do torneio sussurrar em tom zangado, dizendo para não distraírem os jogadores. Beth levou o peão até à terceira casa da coluna da torre, atacando o bispo. Borgov recuou-o para a quarta casa da coluna da torre. Beth obrigou-se a ficar focada, fez avançar o seu outro cavalo, e Borgov fez roque. Tudo isto lhe era familiar, mas não lhe trazia qualquer alívio. Beth tinha agora de decidir se avançava com a variante aberta ou fechada. Olhou de relance para Borgov e, depois, para o tabuleiro. Capturou o peão com o seu cavalo, iniciando a aberta. Ele moveu o peão para a quarta casa da coluna da dama, como ela previra, e ela moveu o peão para a quarta casa da coluna do cavalo da dama porque tinha de o fazer, de modo a estar preparada quando ele movesse a torre. O candelabro sobre eles lançava demasiada luz. Beth começou a sentir algum desalento, como se o resto do jogo fosse inevitável — como se ela estivesse presa a uma espécie de coreografia de fintas e contra-ataques, à qual era inerente uma necessidade de que Beth perdesse, como uma partida num dos livros, que se sabe como termina, mas que se joga só para ver como aconteceu.

Beth abanou a cabeça, tentando desligar-se disso. A partida ainda não tinha chegado a esse ponto. Ainda estavam a fazer jogadas comuns, e a

única vantagem das brancas era a vantagem que as brancas tinham sempre — a primeira jogada. Alguém dissera que, quando os computadores soubessem realmente jogar xadrez, ao jogarem uns contra os outros, as brancas sairiam sempre vencedoras por causa da primeira jogada. Como no jogo do galo. Mas ainda não se tinha chegado a isso. Beth não estava a jogar contra uma máquina perfeita.

Borgov retrocedeu o bispo para a terceira casa da coluna do cavalo, recuando. Beth moveu o peão para a quarta casa da coluna da dama, que ele capturou, e ela levou o bispo para a terceira casa da coluna do rei. Isto era algo que ela tinha aprendido já na altura da Methuen, ao memorizar linhas do *Modern Chess Openings* durante as aulas. Mas a partida estava agora pronta para entrar numa fase nova, plena de possibilidades e de surpresas. Beth olhou para cima exactamente no momento em que Borgov, de rosto tranquilo e imperscrutável, pegava na sua dama e a colocava em frente ao rei, na segunda casa da sua coluna. Beth pestanejou algumas vezes. O que estava ele a fazer? A ir atrás do cavalo, na quinta casa da coluna do rei? Ele poderia facilmente imobilizar o peão que protegia o cavalo com uma torre. Mas a jogada tinha qualquer coisa de suspeito. Beth sentiu o aperto no estômago, uma ponta de tontura.

Beth cruzou os braços e estudou a posição. Pelo canto do olho, viu o jovem que movia as peças no tabuleiro do público colocar a dama branca na segunda casa da coluna do rei. Beth olhou de relance para a sala. Estavam cerca de uma dúzia de pessoas a assistir. Voltou-se para o tabuleiro. Tinha de se ver livre daquele bispo. Cavalo para quarta casa da coluna da torre parecia-lhe bem. Também havia a hipótese de mover o cavalo para a quarta casa da coluna do bispo ou mover o bispo para a segunda casa da coluna do rei, mas isso era muito complicado. Ponderou as possibilidades durante um momento e acabou por descartar a ideia. Não tinha confiança suficiente em

si mesma num jogo contra Borgov com essas complicações. Colocar o cavalo na linha da torre faria com que o seu alcance ficasse reduzido a metade; mas Beth fê-lo na mesma. Tinha de se livrar do bispo. O bispo estava a planear qualquer coisa.

Borgov esticou o braço e, sem hesitar, moveu o cavalo para a quarta casa da coluna da dama. Beth foi apanhada de surpresa; achara que ele moveria a torre. De qualquer modo, não parecia daí advir qualquer problema. Avançar o seu peão do bispo da dama até à quarta casa parecia-lhe bem. Forçaria o cavalo de Borgov a capturar o seu bispo e, depois, ela poderia capturar o bispo com o cavalo e travar a pressão irritante sobre o seu outro cavalo, o que estava ligeiramente afastado demais, na quinta casa da coluna do rei, sem suficientes casas de fuga para que houvesse alguma segurança. Contra Borgov, perder um cavalo seria fatal. Beth moveu o peão do bispo da dama, segurando a peça entre os dedos durante um momento antes de a largar. Encostou-se um pouco mais para trás na cadeira e respirou fundo. A posição parecia bem.

Sem hesitar, Borgov capturou o bispo com o seu cavalo, que Beth capturou com o seu peão. Depois, ele moveu o peão do bispo da dama para a terceira linha, como ela previra, criando um espaço onde o bispo problemático se pudesse esconder. Beth capturou o bispo com alívio, livrando-se dele e retirando o seu cavalo da embaraçosa coluna da torre. Borgov permaneceu sem reacção, capturando o cavalo com o peão. Os seus olhos encontraram os de Beth de relance e voltaram-se de novo para a posição.

Ela olhou para o tabuleiro com nervosismo. Algumas jogadas atrás, parecia tudo bem; agora, nem por isso. O problema era o seu cavalo na quinta casa da coluna do rei. Ele poderia mover a dama para a quarta casa da coluna do cavalo, ameaçando a captura do peão do rei com um xeque, e,

se ela o protegesse, ele poderia atacar o cavalo com o seu peão do bispo do rei, e não haveria sítio para onde fugir. A dama de Borgov estaria pronta a tomá-lo. Havia ainda outro problema na ala da sua dama: ele poderia capturar o peão com a torre, oferecendo-a à torre de Beth, unicamente para a capturar com um xeque da dama, saindo com um peão de vantagem e com uma posição privilegiada. Não. Com dois peões de vantagem. Ela teria de mover a sua dama para a terceira casa da coluna do cavalo. Não serviria de nada movê-la para a segunda casa da coluna da dama, pois o maldito peão do bispo podia atacar o seu cavalo. Beth não gostava daquela posição defensiva e perdeu muito tempo a estudar o tabuleiro antes de fazer a sua jogada, tentando encontrar alguma espécie de contra-ataque. Mas não via nada. Via-se obrigada a mover a dama e a proteger o cavalo. Sentia as bochechas a arder. Voltou a estudar a posição. Nada. Moveu a dama para a terceira casa da coluna do cavalo, sem olhar para Borgov.

Sem a mínima hesitação, Borgov avançou o bispo para a terceira casa da coluna do rei, protegendo-o. *Como é que ela não tinha visto aquilo?* Tinha estudado a posição durante tanto tempo! Agora, se movesse o peão que pensava ir mover, perderia a dama. *Como é que lhe tinha escapado uma coisa assim?* Tinha planeado a ameaça de xeque descoberto com a nova posição da sua dama, e ele tinha-se defendido instantaneamente com uma jogada que era perturbadoramente óbvia. Beth olhou-o de relance, ao seu rosto russo impecavelmente barbeado, à gravata finamente apertada sob o queixo pesado, e o medo que sentiu quase a deixou paralisada.

Beth estudou o jogo com toda a intensidade que conseguiu, permanecendo imóvel durante os 20 minutos seguintes, olhando fixamente a posição. O seu estômago apertou-se mais ainda ao rejeitar uma dúzia de combinações que experimentara. Não conseguia salvar o cavalo. Acabou por mover o bispo para a segunda casa da coluna do rei, e Borgov, como era

expectável, colocou a sua dama na quarta casa da coluna do cavalo, ameaçando uma vez mais a captura do cavalo se avançasse o seu peão do bispo do rei. Beth tinha agora duas opções: mover o rei para a segunda casa da coluna da dama ou fazer roque. Fosse como fosse, o cavalo estava perdido. Fez roque.

Borgov moveu imediatamente o peão do bispo, atacando o cavalo. Beth sentiu-se capaz de gritar. As jogadas de Borgov eram tão óbvias, pouco originais, burocráticas. Beth sentia-se sufocada. Moveu o peão para a quinta casa da coluna da dama, atacando o bispo, e depois assistiu ao inevitável movimento do bispo de Borgov para a sexta casa da coluna da torre, ameaçando o xeque-mate. Beth teria de trazer a sua torre para proteger o rei. Ele capturaria o cavalo com a dama, e, se ela capturasse o bispo, a dama capturaria a torre do canto, fazendo xeque, e estaria tudo terminado. A única opção era trazer a torre para proteger o rei. E, no entanto, tinha já perdido um cavalo. Contra um campeão do mundo, cuja camisa era impecavelmente branca, cuja gravata estava perfeitamente apertada, cujo rosto russo de papada escura não aceitava qualquer dúvida ou fraqueza.

Beth viu a sua mão avançar, pegar no rei preto pela cabeça e tombá-lo no tabuleiro.

Ficou sentada, a ouvir os aplausos. Depois, sem olhar para quem fosse, saiu da sala.

NOVE

— Dê-me uma *tequila sunrise* — pediu ela.

O relógio na parede do bar mostrava as 12h30, e estava um grupo de quatro mulheres americanas numa das mesas do fundo, a almoçar. Beth não tinha tomado pequeno-almoço, mas não estava com vontade de almoçar.

— *Con mucho gusto* — disse o *barman*.

A cerimónia de entrega dos prémios era às 14h30. Beth continuou a beber até serem horas. Ficaria em quarto lugar, talvez quinto. Os dois que tinham obtido um empate contra um grande mestre teriam mais 5,5 pontos cada um do que ela. Borgov tinha 6 pontos. A sua pontuação era 5. Bebeu três *tequilas*, comeu dois ovos cozidos e passou para a cerveja. *Dos Equis*. Foram precisas quatro destas para que a dor que sentia no estômago desaparece, para atenuar a raiva e a vergonha. E mesmo então continuava a ver o rosto pesado e sombrio de Borgov, a sentir a frustração que sentira durante a partida. Tinha jogado como uma principiante, como uma idiota, passiva e envergonhada.

Beth bebeu muito, mas não se sentiu zozza nem arrastou a fala ao fazer o pedido. Parecia ter uma espécie de bolha à sua volta, que mantinha tudo à distância. Ficou sentada à mesa numa das pontas do bar de *cocktails*, com o seu copo de cerveja, sem ficar embriagada.

Às 15 horas, entraram no bar dois participantes do torneio, conversando sossegadamente. Beth levantou-se e foi directa para o quarto.

A senhora Wheatley estava na cama. Tinha uma mão sobre a cabeça, com os dedos enterrados no cabelo, com se estivesse com uma dor de cabeça.

Beth aproximou-se da cama. A senhora Wheatley parecia estranha. Beth pegou-lhe no braço. A senhora Wheatley estava morta.

Parecia não sentir fosse o que fosse, mas passaram-se cinco minutos até Beth conseguir largar o braço gelado da senhora Wheatley e pegar no telefone.

O gerente do hotel sabia exactamente o que fazer. Beth ficou sentada no cadeirão, a beber *café con leche* trazido pelo serviço de quartos, enquanto apareciam dois homens com uma maca e o gerente lhes dava instruções. Beth ouviu-o falar, mas não olhou. Continuou a olhar fixamente para a janela. Um pouco depois, virou-se e viu uma mulher de meia-idade num fato cinzento a auscultar a senhora Wheatley. A senhora Wheatley estava na cama e a maca por baixo dela. Estavam dois homens de uniforme verde aos pés da cama, com uma expressão embaraçada. A mulher tirou o estetoscópio, fez um movimento de cabeça ao gerente e aproximou-se de Beth. O seu rosto estava tenso.

— As minhas condolências — disse ela.

Beth desviou o olhar.

— Foi o quê?

— Provavelmente, hepatite. Sabê-lo-emos amanhã.

— Amanhã — disse Beth. — Pode dar-me um calmante?

— Tenho um sedativo...

— Não quero um sedativo — disse Beth. — Não pode passar-me uma receita para comprar *Librium*?

A médica olhou Beth fixamente durante um momento e, depois, encolheu os ombros.

— Não precisa de receita para comprar *Librium* no México. Sugiro meprobamato. Há uma *farmacia* no hotel.

*

Usando o mapa do guia de viagem da Mobil da senhora Wheatley, Beth apontou os nomes de todas as cidades entre Denver, no Colorado, e Butte, no Montana. O gerente tinha-lhe dito que o seu assistente estaria completamente disponível para a ajudar com os telefonemas e os papéis a assinar, assim como para falar com as autoridades. Dez minutos depois de terem levado o corpo da senhora Wheatley, Beth telefonou para o assistente, leu-lhe a lista de cidades e deu-lhe um nome. Ele disse que ligaria de volta. Beth pediu uma *Coca-Cola* grande e mais café, ao serviço de quartos. Depois, despiu-se rapidamente e foi tomar um duche. Havia um telefone na casa de banho, mas o assistente não ligou. Beth ainda não sentia nada.

Vestiu uns *jeans* lavados e uma *T-shirt* branca. Sobre a mesa-de-cabeceira estava um maço vazio de *Chesterfield*, amarrotado pelas mãos da senhora Wheatley. O cinzeiro ao lado estava cheio de beatas. Um cigarro, o último fumado por ela, repousava sobre um dos lados, com uma longa cinza, já fria. Beth olhou-o durante um minuto; depois, foi à casa de banho e secou o cabelo.

O rapaz que trouxe a garrafa grande de *Coca-Cola* e o café foi muito respeitador, fazendo gestos de recusa quando Beth quis assinar o recibo. O telefone tocou. Era o gerente.

— Tenho o seu telefonema em linha — disse. — De Denver.

Ouviu-se uma série de estalidos e, depois, uma voz masculina, surpreendentemente audível.

— Daqui fala Allston Wheatley,

— É a Beth, senhor Wheatley.

Houve uma pausa.

— Beth?

— A sua filha. Elizabeth Harmon.

— Estás no *México*? Estás a telefonar do México?

— É sobre a senhora Wheatley.

Olhava para o cigarro, nunca fumado, pousado no cinzeiro.

— Como está a Alma? — perguntou a voz. — Está aí contigo? No México?

O tom de interesse parecia forçado. Beth conseguia imaginá-lo, igual à pessoa que vira na Methuen, desejando estar noutra sítio, tudo nele dizendo que não tinha interesse em criar qualquer tipo de laço, querendo sempre estar noutra sítio que não aquele.

— Ela morreu, senhor Wheatley. Morreu esta manhã.

Um novo silêncio do outro lado da linha. Beth cortou-o, finalmente:

— Senhor Wheatley...

— Consegues tratar disso por mim? — perguntou ele. — Não posso ir de repente para o México.

— A autópsia é amanhã e eu tenho de comprar novas passagens de avião. Isto é, comprar uma para mim...

A sua voz quebrara subitamente. Pegou na chávena de café e deu um gole.

— Não sei onde enterrá-la.

A voz do senhor Wheatley surgiu com uma aspereza inesperada.

— Telefona para a Durgin Brothers, em Lexington. Há um jazigo de família com o seu nome de solteira. Benson.

— E a casa?

— Escuta — a voz era mais nítida —, não quero ter nada que ver com isso. Já tenho problemas que cheguem aqui em Denver. Leva-a para o Kentucky, enterra-a, e a casa fica para ti. Só tens de ir pagando a hipoteca. Precisas de dinheiro?

— Não sei. Não sei quanto custará.

— Constatou-me que te estavas a safar. A história toda da criança-prodígio. Não consegues meter isso na conta do hotel, ou qualquer coisa assim?

— Posso falar com o gerente.

— Ótimo. Faz isso. Estou sem dinheiro de momento, mas podes ficar com a casa e com o que sobrar da venda. Telefona para o Second National Bank e pede para falar com o senhor Erlich. E-r-l-i-c-h. Diz-lhe que eu quero que fiques com a casa. Ele sabe como me contactar.

Seguiu-se um novo silêncio. Então Beth perguntou, com toda a força que conseguiu:

— Não quer saber do que é que ela morreu?

— Do que foi?

— Hepatite, acho eu. Sabem de certeza amanhã.

— Oh — fez o senhor Wheatley. — Ela estava doente muitas vezes.

*

O gerente e a médica trataram de tudo, até do reembolso do bilhete de avião da senhora Wheatley. Beth teve de assinar alguns papéis oficiais, eximir o hotel de qualquer responsabilidade e preencher formulários governamentais. Um deles tinha como título «Alfândega dos EUA — Trasladação de Restos Mortais». O gerente entrou em contacto com a Durgin Brothers, em Lexington. O assistente conduziu Beth ao aeroporto no dia seguinte, seguidos discretamente pelo carro funerário pelas ruas da Cidade do México e ao longo da auto-estrada. Só viu o caixão de metal uma vez, ao olhar pela janela da sala de espera da TWA. O carro funerário tinha ido até ao 707 estacionado ao pé da porta de embarque, e o caixão foi descarregado por alguns homens, refulgindo ao sol. Tinham-no colocado

numa empilhadora, e Beth conseguira ouvir o gemer suave do motor através do vidro, à medida que elevavam a carga até ao avião. Por alguns momentos, o caixão tremeu, brilhando ao sol, e Beth teve a terrível visão dele a cair da empilhadora, embatendo na pista e fazendo com que o corpo de meia-idade embalsamado da senhora Wheatley fosse cuspidor para o asfalto a ferver. Mas nada disso aconteceu. O caixão foi habilmente colocado dentro do porão.

A bordo, Beth recusou a bebida oferecida pela hospedeira. Quando esta se afastou, abriu a sua mala e retirou um dos novos frascos de comprimidos verdes. No dia anterior, depois de assinar todos os papéis, tinha passado três horas a ir de *farmacia* em *farmacia*, comprando o limite de cem comprimidos em cada uma delas.

*

O funeral foi simples e rápido. Meia hora antes de começar, Beth tomou quatro comprimidos. Sentada na igreja, sem ninguém a seu lado, ouviu o pastor dizer as coisas que os pastores dizem, num torpor tranquilo. Havia flores no altar, e Beth viu com alguma surpresa um par de homens da agência funerária retirarem-nas mal o pastor terminou. Estavam presentes outras seis pessoas, mas Beth não conhecia nenhuma delas. Uma senhora de idade abraçou-a no final, dizendo:

— Pobrezinha.

Beth desfez as malas nessa tarde e desceu do quarto para fazer um café. Enquanto a água fervia, foi até à pequena casa de banho do piso de baixo para passar o rosto por água e, de repente, ao ver-se ali de pé rodeada de azul — o azul do tapete de banho da senhora Wheatley e o azul das toalhas de banho e o azul do sabonete e o azul das toalhas de rosto —, algo explodiu no seu ventre e o seu rosto ficou molhado de lágrimas. Pegou

numa toalha, pressionou-a contra a cara, disse «Jesus Cristo», apoiou-se no lavatório e chorou durante muito tempo.

Ainda estava a secar o rosto quando o telefone tocou.

Era uma voz de homem.

— Beth Harmon?

— Sim.

— Daqui fala Harry Beltik. Do torneio estadual.

— Eu recordo-me.

— Sim, bem, ouvi dizer que perdeste uma com o Borgov. Queria dar-te as minhas condolências.

Ao pousar a toalha nas costas do sofá cheio de coisas em cima, reparou num maço de cigarros da senhora Wheatley abandonado em cima do braço, ainda a meio.

— Obrigada — disse ela, pegando no maço e segurando-o com força.

— Estavas a jogar com quais? Brancas?

— Pretas.

— Estou a ver.

Uma pausa.

— Passa-se alguma coisa? — perguntou ele.

— Não.

— É melhor assim.

— O quê?

— Teres jogado com as pretas, já que perdeste.

— Talvez, sim.

— Jogaste o quê? A Siciliana?

Beth voltou a colocar o maço sobre o braço do sofá, com delicadeza.

— Ruy Lopez. Permitti que ele fizesse isso.

— Foi um erro — disse Beltik. — Escuta, vou estar em Lexington

durante o Verão. Estás interessada em treinar?

— Treinar?

— Eu sei. Jogas melhor do que eu. Mas, se queres jogar contra russos, precisas de ajuda.

— Estás onde?

— No Hotel Phoenix. Mas vou mudar-me para um apartamento na quinta-feira.

Beth olhou em volta, para a pilha de revistas femininas da senhora Wheatley em cima do banco de apoio, para as cortinas azul-pálido nas janelas, para os enormes candeeiros de cerâmica ainda com o plástico em volta dos abajures amarelados. Respirou fundo, deixando o ar sair silenciosamente.

— Aparece cá em casa — disse ela.

Ele apareceu passados 20 minutos, num *Chevrolet* de 1955 com chamas vermelhas e pretas pintadas no pára-choques e um farol partido, estacionando junto ao passeio, perto do fim do muro de tijolos. Beth tinha-o visto chegar e estava já no alpendre quando ele saiu do carro. Ele acenou e dirigiu-se ao porta-bagagens. Trazia uma *T-shirt* vermelha, umas calças de bombazina cinzenta e uns ténis que combinavam com a *T-shirt*. Havia algo de sombrio e rápido nele, e Beth, ao lembrar-se dos seus dentes estragados e do modo agressivo de jogo, sentiu-se retrair um pouco com a visão da sua pessoa.

Ele debruçou-se sobre o porta-bagagens e retirou uma caixa de cartão, claramente pesada, afastou o cabelo dos olhos com um movimento de cabeça e encaminhou-se para a casa. A caixa dizia Heinz Tomato Ketchup em letras vermelhas; estava aberta na parte de cima e cheia de livros.

Pousou-a no tapete da sala de estar e, sem cerimónias, tirou as revistas da senhora Wheatley de cima da mesa de centro e enfiou-as no porta-revistas.

Um a um, tirou os livros da caixa, lendo os títulos em voz alta e empilhando-os sobre a mesa:

— *Middle Game Strategy*, de A. L. Deinkopf; *My Chess Career*, de J. R. Capablanca; *Alekhine's Games, 1938-1945*, de Fornaut; *Rook and Pawn Endings*, de Meyer.

Beth já tinha visto alguns dos livros; comprara, inclusivamente, alguns deles. Mas a maioria era novidade para si, de ar pesado e deprimente. Beth sabia que ainda havia muito que ela precisava de aprender. Mas o Capablanca quase não tinha estudado, jogando com base na sua intuição e talento natural, ao contrário de jogadores inferiores, como Bogoljubov ou Grünfeld, que memorizavam linhas de jogo como pedantes alemães. Beth já tinha visto jogadores em torneios que, depois de terminarem as partidas, ficavam sentados naquelas cadeiras desconfortáveis a estudar variantes de abertura ou estratégia de meio-jogo ou teoria sobre finais de partida, completamente imóveis e alheios ao mundo em seu redor. Nunca tinha fim. Ao ver Beltik retirar metodicamente livro pesado após livro pesado de dentro da caixa, Beth sentiu-se exausta e desorientada. Olhou de relance para a televisão; uma parte de si só desejava ligá-la e esquecer para sempre o xadrez.

— A minha leitura de Verão — disse Beltik.

Beth abanou a cabeça, irritada.

— Eu estudo livros. Mas tentei sempre tocar de ouvido.

Ele interrompeu-se e olhou para ela com uma expressão carrancuda, segurando três números da *Shakhmatni Byulleten*, já com as capas gastas do uso.

— Como o Morphy e o Capablanca? — disse ele.

Beth sentiu-se envergonhada.

— Sim.

Ele anuiu severamente e pousou as revistas no chão, junto à mesa de centro.

— O Capablanca teria derrotado o Borgov — disse Beth.

— Não em todos os jogos.

— Em todos os jogos importantes — respondeu Beth, estudando-lhe o rosto.

Era mais jovem do que ela se lembrava. Mas Beth agora era mais velha. Ele era um rapaz descomprometido; tudo nele era descomprometido.

— Deves achar-me uma prima-dona.

Ele deixou escapar um sorriso discreto.

— Somos todos prima-donas — disse ele. — No xadrez é assim.

Na altura em que Beth colocou os jantares pré-cozinhados no forno, tinham montados dois tabuleiros com posições de final de jogo: o tabuleiro dele com quadrados verdes e cremes, e peças pesadas de plástico; e o seu, de madeira, com peças de pau-rosa e ácer. Ambos os tabuleiros seguiam o padrão Staunton, usado por todos os jogadores sérios; ambos tinham reis com 10,5 centímetros. Beth não o convidara para almoçar e jantar; estava subentendido. E ele tinha ido à mercearia, a alguns quarteirões de distância, enquanto ela se entretivera com algumas possíveis jogadas com a torre, tentando evitar um empate nesse jogo teórico. Enquanto fez o almoço, ele falou-lhe acerca da manutenção de uma boa forma física e de um bom regime de sono. Comprara também dois jantares congelados.

— Tens de permanecer *aberta* — disse Beltik. — Se te prendes a uma ideia como, digamos, este peão do cavalo do rei, estás feita. Repara...

Beth virou-se para o tabuleiro dele, em cima da mesa da cozinha. Ele estava de pé, com uma caneca de café numa mão e a outra a segurar o queixo, enquanto olhava para o tabuleiro com uma expressão compenetrada.

— Reparo no quê? — perguntou ela, irritada.

Ele baixou-se, pegou na torre branca, moveu-a através do tabuleiro até à primeira casa da coluna da torre do rei, no canto inferior direito.

— Agora ele fica com o peão da torre imobilizado.

— E então?

— Tem de mover o rei agora, caso contrário fica entalado mais tarde.

— Eu sei isso — disse ela, num tom mais suave —, a única coisa que não vejo...

— Repara nos peões da ala da dama, ali ao longe.

Ele apontou para o outro lado do tabuleiro, para os três peões brancos interligados. Beth aproximou-se da mesa para ver melhor.

— Ele pode fazer isto — disse ele, avançando a torre preta duas casas.

Beltik levantou os olhos para Beth.

— Experimenta — disse.

— OK.

Beth sentou-se atrás das peças.

Em seis jogadas, Beltik tinha alcançado a sétima linha com o peão do bispo da dama, e a promoção a dama era inevitável. Travá-lo custaria a torre e o próprio jogo. Ele tinha razão; era necessário mover o rei quando a torre atravessava o tabuleiro.

— Tens razão — disse ela. — Como é que viste?

— É do Alekhine, algures — disse ele. — Aprendi num livro.

Beltik voltou ao hotel depois da meia-noite e Beth ficou a ler o livro sobre meio-jogo durante várias horas, não experimentando com as peças, mas reconstituindo-o mentalmente. Havia uma coisa que a incomodava, mas não se permitia pensar demasiado nisso. Não era capaz de visualizar as peças com a mesma facilidade com que o tinha feito aos oito ou nove anos. Conseguia fazê-lo, mas exigia algum esforço e, por vezes, sentia-se

insegura acerca da posição de um determinado peão ou bispo, tendo de refazer as jogadas na mente para ter a certeza. Jogou obstinadamente noite dentro, usando apenas a mente e o livro, sentada no velho cadeirão onde a senhora Wheatley se sentava para ver televisão. De vez em quando, pestanejava e olhava em volta, quase esperando ver a senhora Wheatley sentada ao pé de si, com as meias de liga enroladas até aos pés e os sapatos rasos pretos no chão, ao pé da cadeira.

Beltik regressou às 9 da manhã, com mais meia dúzia de livros. Beberam um café e jogaram algumas partidas de cinco minutos na mesa da cozinha. Beth venceu todas, de modo decisivo, e, após a quinta partida, Beltik olhou para ela e abanou a cabeça.

— Harmon — disse ele —, tu apanhaste a coisa, sem dúvida. Mas estás a improvisar.

Beth fitou-o.

— E então? — disse ela. — Dei cabo de ti cinco vezes.

Ele olhou-a friamente do outro lado da mesa e deu um pequeno gole no café.

— Eu sou um mestre — disse —, e nunca joguei tão bem como jogo agora. Mas não sou aquilo com que te vais deparar, se fores a Paris.

— Consigo derrotar o Borgov se trabalhar um bocadinho mais.

— Consegues derrotar o Borgov se trabalhares muito mais. Durante anos. Mas quem é tu pensas que ele é? Um ex-campeão do Kentucky, como eu?

— Ele é campeão do mundo. Mas...

— Não digas disparates — cortou Beltik. — O Borgov com 10 anos vencia-nos aos dois. Tens noção da carreira que ele teve?

Beth olhou para ele.

— Não, não tenho.

Beltik levantou-se e dirigiu-se à sala com determinação. Pegou num livro

de capa verde que estava ao lado do tabuleiro de Beth e trouxe-o para a cozinha, atirando-o para cima da mesa. *Vasily Borgov: My Life in Chess*.

— Lê isso esta noite — disse ele. — Lê os jogos de 1962, em Leninegrado, e repara no modo como ele joga os finais com torre e peão. Olha para os jogos contra o Luchenko e o Spassky.

Pegou na caneca de café quase vazia.

— Pode ser que aprendas alguma coisa.

*

Era a primeira semana de Junho e o coral brilhante das camélias explodia do lado de fora da janela. As azáleas da senhora Wheatley começavam a dar flor e a relva precisava de ser cortada. Havia pássaros. Era uma semana linda, do melhor tipo de Primavera no Kentucky. Por vezes, depois de Beltik se ir embora, já noite dentro, Beth ia ao quintal sentir o calor na face, respirar o ar limpo e morno, mas durante o resto do dia ignorava o mundo que existia para lá da sua casa. Tinha-se envolvido no xadrez de um modo novo. Os seus frascos de calmantes mexicanos continuavam por abrir sobre a mesa-de-cabeceira; as latas de cerveja permaneciam no frigorífico. Depois de ficar uns cinco minutos no quintal, voltava para dentro e lia durante horas os livros de xadrez que Beltik trouxera, subindo depois as escadas e caindo na cama, exausta.

Na quinta-feira à tarde, Beltik disse:

— Devo ir para um apartamento amanhã. A conta do hotel está a dar cabo de mim.

Estavam a meio de uma Defesa Benoni. Beth tinha acabado de jogar o P5R que ele lhe ensinara, à oitava jogada, uma jogada que Beltik dizia vir de um jogador chamado Mikenas. Beth levantou os olhos da posição.

— Onde fica? O apartamento?

— New Circle Road. Não vou passar aqui tantas vezes.

— Não é assim tão longe.

— Talvez não seja. Mas vou ter aulas. Devia arranjar um *part-time*.

— Podias mudar-te para aqui. De graça.

Ele olhou para ela por um momento e sorriu. Os seus dentes, na verdade, não estavam assim tão estragados.

— Estava a ver que nunca mais dizias isso — disse ele.

*

Desde pequena que não estava tão imersa no xadrez. Beltik tinha aulas de tarde em três dias e de manhã em dois, e Beth passava esses momentos a estudar os seus livros. Jogava mentalmente jogo após jogo, aprendendo novas variantes, apercebendo-se de diferenças estilísticas no ataque e na defesa, por vezes mordendo o lábio de entusiasmo diante de uma jogada brilhante ou da subtileza numa posição, e, por outras, sentindo-se exausta e desesperada com as profundezas do xadrez, o seu infinito correr, jogada após jogada, ameaça após ameaça, complicação após complicação. Tinha ouvido falar do código genético que podia formar um olho ou uma mão através da passagem de proteínas. Ácido desoxirribonucleico. Continha todo o conjunto de instruções para a construção de um sistema respiratório ou digestivo, assim como da capacidade motora na mão de uma criança. O xadrez era igual. A geometria de uma posição podia ser lida e relida, nunca se extinguindo as suas possibilidades. Podia-se conseguir chegar a um nível profundo de leitura, mas abaixo desse havia um outro nível, e, abaixo desse, ainda outro e outro.

O sexo, não obstante a sua reputação de algo complicado, era

agradavelmente mais simples. Pelo menos, para Beth e Harry. Estavam os dois na cama, na segunda noite dele na casa. Demorou dez minutos e foi pontuado por algumas inspirações fortes. Ela não tinha tido um orgasmo e o dele fora contido. Depois disso, ele foi para a sua cama e Beth adormeceu com facilidade, com imagens não de amor, mas de peças de madeira sobre um tabuleiro de madeira. Na manhã seguinte, jogou contra ele ao pequeno-almoço e as combinações floresciam nas pontas dos seus dedos e abriam-se no tabuleiro com a beleza de uma flor. Venceu-o em quatro partidas rápidas, deixando-o jogar com as brancas e sem praticamente olhar para o tabuleiro.

Enquanto lavava a louça, Harry falou-lhe de Philidor, um dos seus heróis. Philidor fora um músico francês que tinha jogado de olhos vendados em Paris e Londres.

— Às vezes, leio sobre esses jogadores antigos e parece-me tudo tão estranho — disse ela. — Nem consigo acreditar que se está a falar de xadrez.

— Não desdenhes — disse ele. — O Bent Larsen usa a Defesa Philidor.

— É muito atabalhoada. O bispo do rei fica preso.

— É sólida — disse ele. — Mas o que te queria dizer era que Diderot escreveu uma carta ao Philidor. Sabes quem foi Diderot?

— Revolução Francesa?

— Isso. O Philidor andava a fazer demonstrações de xadrez vendado e a queimar os neurónios, ou seja lá o que eles achavam que acontecia no século xviii. E Diderot escreveu-lhe: «É tolo correr o risco de enlouquecer apenas por vaidade.» Às vezes penso nisso, quando estou a dar cabo da cabeça a analisar um jogo.

Olhou para Beth em silêncio durante um momento.

— Ontem à noite foi bom — disse ele.

Beth pressentiu que, para ele, era uma cedência falar nisso, e os

sentimentos de Beth eram ambivalentes.

— O Koltanowski não joga sempre de olhos vendados? — perguntou ela.

— E não é louco.

— Eu sei. Quem enlouqueceu foi o Morphy. E o Steinitz. O Morphy achava que as pessoas lhe queriam roubar os sapatos.

— Se calhar pensava que os sapatos eram bispos.

— Pois — disse ele. — Vamos jogar xadrez.

*

Ao fim de três semanas, Beth já tinha lido as quatro revistas *Shakhmatni* e a maior parte dos outros livros. Certa tarde, depois de ele ter passado a manhã toda numa aula de Engenharia, estudavam ambos uma posição. Ela tentava demonstrar-lhe que uma determinada jogada com um cavalo era mais forte do que parecia.

— Repara — disse ela, começando a mover as peças com rapidez. — O cavalo captura e depois este peão avança. Se não o fizer, o bispo fica preso. Quando o faz, o outro peão é capturado. *Assim*.

E retirou o peão do tabuleiro.

— E o outro bispo? Este aqui?

— Oh, pelo amor de Deus — suspirou ela. — Faz o xeque assim que o peão seja movido e o cavalo trocado. Não consegues ver?

Subitamente, ele parou e olhou para ela.

— Não, não consigo — disse ele. — Não consigo descobrir isso tão depressa.

Beth devolveu-lhe o olhar.

— Quem me dera que conseguisses — disse ela friamente.

— És demasiado inteligente para mim.

Ela percebeu que ele se sentia magoado, por baixo da raiva, e suavizou o tom.

— Às vezes também me escapam coisas — disse.

Ele abanou a cabeça.

— Não, não escapam — disse ele. — Agora já não.

*

No sábado, ela começou a jogar com a desvantagem[12] de um cavalo. Ele tentou agir com naturalidade, mas Beth percebeu o quanto ele detestava a situação. Não havia outra maneira de conseguirem jogar. Mesmo com a desvantagem, e estando ele a jogar com as brancas, Beth venceu as duas primeiras partidas e empatou a terceira.

Nessa noite, ele não apareceu na sua cama, nem na seguinte. Beth não sentia falta do sexo, que significava muito pouco para ela, mas sentia falta de alguma coisa. Na segunda noite, teve alguma dificuldade em adormecer, e deu por si a levantar-se às 2 da manhã. Foi ao frigorífico e tirou uma das latas de cerveja da senhora Wheatley. Depois, sentou-se diante do tabuleiro e começou a mover as peças distraidamente, dando pequenos goles na cerveja. Reconstituiu alguns jogos com Gambito de Dama: Alekhine — Yates; Tarrasch — Von Scheve; Lasker — Tarrasch. O primeiro era um dos que ela tinha memorizado havia anos, na livraria Morris; os outros dois, tinha-os analisado com Beltik, na primeira semana que passaram juntos. Na décima quinta jogada do último jogo havia um movimento lindo — um peão para a quarta casa da coluna da torre da dama —, tão docemente fatal como um movimento de peão consegue ser. Beth deixou-o ficar no tabuleiro durante o tempo de duas cervejas, limitando-se a olhar para ele. A noite estava quente e a janela da cozinha encontrava-se aberta; as traças

batiam contra a tela e, ao longe, um cão ladrava. Ficou sentada à mesa, com o roupão de felpa cor-de-rosa da senhora Wheatley e a beber a cerveja da senhora Wheatley, sentindo-se descontraída e tranquila consigo mesma. Estava feliz por estar ali sozinha. Havia mais três cervejas no frigorífico, que ela bebeu. Depois, voltou ao quarto e dormiu profundamente até às 9 horas.

*

Segunda-feira, ao pequeno-almoço, ele disse:

— Olha, ensinei-te tudo o que sei.

Ela começou a dizer qualquer coisa, mas calou-se.

— Tenho de começar a estudar. O plano é ser engenheiro electrotécnico, não um maltrapilho do xadrez.

— OK — disse ela. — Ensinaste-me muita coisa.

Ficaram em silêncio durante um momento. Beth terminou de comer os ovos e levou o prato para o lava-loiça.

— Vou mudar-me para o tal apartamento — disse Beltik. — Fica mais perto da universidade.

— OK — anuiu Beth, sem se virar para ele.

Ao meio-dia, ele já tinha saído de casa. Beth tirou uma refeição pré-cozinhada do frigorífico, mas não acendeu o forno. Estava sozinha naquela casa, o seu estômago estava apertado, e não sabia aonde ir. Não havia filmes que ela quisesse ver ou pessoas a quem quisesse telefonar; não havia livros que lhe apetecesse ler. Subiu as escadas e foi aos quartos. Os vestidos da senhora Wheatley ainda estavam pendurados no armário e, sobre a cómoda, meio frasco de calmantes, ao pé da cama desfeita. A tensão que sentia não desaparecia. A senhora Wheatley tinha partido, enterrada num

cemitério no fim da cidade, e Harry Beltik tinha-se ido embora no seu carro, levando os seus tabuleiros e livros, sem sequer pôr a mão de fora e acenar-lhe um adeus. Por um momento, Beth quisera gritar-lhe que ficasse, mas permaneceu calada enquanto ele descia os degraus e se dirigia ao carro. Beth pegou num dos frascos que estavam em cima da mesa-de-cabeceira e tomou quatro comprimidos, sem água, tal como fazia em criança.

Nessa tarde, comprou um bife e uma batata grande no Kroger. Antes de empurrar o seu carrinho até à caixa, foi à prateleira das bebidas e tirou uma garrafa de borgonha. À noite, viu televisão e embebedou-se. Ficou a dormir no sofá, mal tendo sido capaz de se levantar para desligar a televisão.

Algures a meio da noite, acordou com a sensação de que a sala estava a girar. Tinha de vomitar. Depois de o ter feito, ao subir as escadas e deitar-se na cama, constatou que estava completamente desperta e com a mente muito lúcida. O estômago ardia-lhe e os seus olhos estavam muito abertos, como se procurasse uma luz no meio da escuridão do quarto. Sentia uma forte dor na nuca. Inclinou-se, encontrou o frasco e tomou mais calmantes. Acabou por adormecer.

*

Acordou na manhã seguinte com uma dor de cabeça monstruosa e determinada em se dedicar à sua carreira. Henry Beltik tinha-se ido embora. O Campeonato dos EUA era daí a três semanas; fora convidada a participar antes de ir para o México, e, se o queria vencer, teria de derrotar Benny Watts. Enquanto o café filtrava na cozinha, despejou o resto de borgonha da noite anterior, deitou fora a garrafa vazia, e encontrou dois livros que encomendara na Morris no dia em que recebeu o convite. Um deles era o registo dos jogos do último Campeonato dos EUA, e o outro chamava-se

Benny Watts: My Fifty Best Games of Chess. Na sobrecapa aparecia uma ampliação do rosto à Huckleberry Finn de Benny. Ao vê-la, estremeceu com a recordação da sua derrota, da sua tola tentativa de dobrar os peões. Encheu uma caneca de café e abriu o livro, esquecendo-se da ressaca.

Ao meio-dia, tinha analisado seis das partidas e começava a sentir fome. Havia um pequeno restaurante a dois quarteirões, o tipo de sítio que tem iscas de cebolada na ementa e um mostruário com tabaco no balcão da caixa. Beth levou o livro consigo e estudou mais dois jogos enquanto comia o seu hambúrguer com batatas fritas caseiras. A *mousse* de limão da sobremesa era demasiado espessa e doce, e ela sentiu uma pontada súbita de saudades da senhora Wheatley e das sobremesas francesas que tinham partilhado em cidades como Cincinnati e Houston. Afastou o sentimento, pediu um último café e acabou de estudar o jogo: a Defesa Índia de Rei, com o bispo preto flanqueado no canto superior direito do tabuleiro, aguardando o momento do ataque na sua diagonal. As pretas pressionavam a ala do rei, enquanto as brancas pressionavam a ala da rainha após a movimentação do bispo para o canto. Benny, jogando com as pretas, tinha sido hábil.

Pagou a conta e saiu. Durante o resto do dia e da noite, até à 1 da manhã, Beth reconstituiu todos os jogos do livro. Ao terminar, sabia muito mais sobre Benny Watts e precisão no xadrez do que alguma vez soubera. Tomou dois calmantes mexicanos e foi para a cama, adormecendo imediatamente. Acordou tranquilamente às 9h30 da manhã. Enquanto os ovos do pequeno-almoço coziam, escolheu um livro para estudar de manhã: *Paul Morphy and the Golden Age of Chess*. Era um livro antigo e, de algum modo, datado. Os diagramas eram cinzentos e apertados, tornando-se difícil distinguir as peças pretas das brancas. Mas algo nela ainda se entusiasmava perante o nome Paul Morphy e a ideia desse estranho prodígio de Nova

Orleães, nascido numa boa família, advogado, filho de um juiz de um tribunal superior, alguém que, em jovem, deslumbrara o mundo com o seu xadrez, e depois desistira completamente de jogar e resvalara para uma paranóia emudecida, morrendo prematuramente. Quando Morphy jogava o Gambito de Rei, sacrificava cavalos e bispos com total abandono, avançando em seguida contra o rei preto com uma rapidez estonteante. Nunca houve um jogador como ele, antes ou depois. Arrepiava-se só de abrir o livro e olhar para a lista de jogos: Morphy — Lowenthal; Morphy — Harrwitz; Morphy — Anderssen, todos seguidos por datas na década de 1850. Em Paris, Morphy passava as noites em branco, na véspera dos jogos, bebendo em cafés e conversando com estranhos, e, no dia seguinte, jogava como um tubarão — com bons modos, bem vestido, sorrindo e movendo as grandes peças com as suas mãos pequenas, de veias azuis, quase femininas, destruindo mestre europeu após mestre europeu. Alguém lhe chamou «o orgulho e a angústia do xadrez». Se ele e Capablanca tivessem vivido na mesma altura e jogado um contra o outro... Beth começou a estudar um jogo entre Morphy e alguém chamado Paulsen, ocorrido em 1857. O Campeonato dos EUA começava dentro de três semanas. Estava na altura de ter uma mulher como vencedora. Estava na altura de ela o vencer.

DEZ

Quando entrou na sala, viu um rapaz jovem e magro sentado a uma das mesas, vestido com uns *jeans* gastos e uma camisa de ganga a condizer. O seu cabelo louro quase tocava nos ombros. Só quando ele se levantou e disse «Olá, Beth» é que ela percebeu tratar-se de Benny Watts. O cabelo dele já estava comprido na capa da *Chess Review* havia uns meses, mas não tão comprido. Parecia pálido e magro e muito calmo. Fosse como fosse, Benny sempre fora calmo.

— Olá — disse ela.

— Estive a ler sobre o teu jogo contra o Borgov — disse ele, sorrindo. — Deve ter-te custado muito.

Ela fitou-o com desconfiança, mas o rosto dele mostrava sinceridade e simpatia. E Beth já não o odiava por ele a ter vencido; só havia um jogador que Beth odiava, agora, e estava na Rússia.

— Senti-me estúpida — disse ela.

— Eu sei — respondeu ele, abanando a cabeça. — Indefesa. Experimenta-se tudo e acaba-se só a empurrar as peças à toa.

Beth olhou-o fixamente. Não era costume os jogadores de xadrez falarem de humilhações com tanto à-vontade, admitirem fraquezas. Beth ia responder quando se ouviu o director do torneio anunciar: «As partidas começam dentro de cinco minutos.» Beth anuiu para Benny, tentou um sorriso e descobriu a sua mesa.

Não havia um rosto diante de um tabuleiro que Beth não reconhecesse dos salões de hotel onde decorriam os torneios ou de fotografias publicadas

na *Chess Review*. Ela própria tinha sido capa seis meses depois de Townes a ter fotografado em Las Vegas. Metade dos outros jogadores presentes naquele *campus* universitário, naquela pequena cidade do Ohio, tinha sido capa uma ou outra vez. O homem que defrontava agora, um mestre de meia-idade chamado Phillip Resnais, surgia na capa do número mais recente. Havia 14 jogadores, muitos deles, grandes mestres. Beth era a única mulher.

Estavam a jogar numa espécie de sala de aula, com quadros verde-escuros numa das paredes e luzes fluorescentes no tecto. Havia uma fila de grandes janelas de ar institucional ao longo de uma parede azul, pelas quais se viam arbustos, árvores e uma grande parte do *campus*. Num dos lados da sala estavam cinco filas de cadeiras desdobráveis, e, no corredor, um cartaz indicava o preço para visitantes: 4 dólares por sessão. Durante o seu primeiro jogo, estavam cerca de 25 pessoas a assistir. Por cima de cada uma das sete mesas de jogo havia um mural de exibição, e os dois directores do torneio caminhavam silenciosamente pelas mesas, movendo as respectivas peças depois de as jogadas serem efectuadas nos tabuleiros reais. Os espectadores estavam sentados num estrado de madeira, o que lhes permitia ver as superfícies de jogo.

Mas era tudo de segunda categoria, até mesmo a universidade em que jogavam. Ali se encontravam os jogadores com maior *rating* a nível nacional, todos reunidos sob o mesmo tecto, e, mesmo assim, parecia um torneio de liceu. Se fosse golfe ou ténis, Benny Watts e ela estariam rodeados por jornalistas, a jogar sob outra coisa que não aquelas luzes fluorescentes, e não com aqueles tabuleiros de plástico barato e aquelas peças de plástico barato, observados por um punhado de pessoas de meia-idade sem nada melhor para fazer.

Phillip Resnais parecia levar tudo muito a sério, mas Beth tinha vontade

de, simplesmente, ir-se embora. Não o fez, contudo. Quando ele moveu o peão para a quarta casa da coluna do rei, ela empurrou o seu peão do bispo da dama e iniciou a Defesa Siciliana. Estava agora a meio do Ataque Nimzovich-Rossolimo, alcançando a igualdade à décima primeira jogada com um peão para a terceira casa da coluna da dama. Era uma jogada que tinha trabalhado com Beltik, e que funcionava tal como ele dizia.

À décima quarta jogada, Beth fazia-o fugir, e, à vigésima, era definitivo. Ele desistiu na vigésima sexta. Beth olhou em volta, para os outros jogos, todos eles ainda a decorrer, e sentiu-se melhor acerca de tudo aquilo. Seria bom ser a campeã dos Estados Unidos. Se conseguisse derrotar Benny Watts.

*

Ela tinha um pequeno quarto só para si, num dormitório com a casa de banho no final do corredor. Estava austeramente mobilado, mas não se via vestígios de ter havido alguém a viver lá, e Beth gostava disso. Durante os primeiros dias, comeu sozinha na cantina e passou as tardes no seu quarto, à secretária ou na cama, a estudar. Tinha trazido uma mala cheia de livros de xadrez. Estavam perfeitamente alinhados ao fundo da secretária. Também tinha trazido calmantes, só para prevenir, mas nem sequer abriu o frasco durante a primeira semana. As suas partidas diárias correram bem e, apesar de algumas terem durado três ou quatro horas esgotantes, nunca esteve em risco de perder. À medida que o tempo foi passando, os outros jogadores começaram a olhá-la com respeito crescente. Beth sentia-se séria, profissional, confiante.

O torneio corria a Benny Watts tão bem como a ela. Os jogos eram impressos todas as noites numa fotocopiadora da biblioteca, e as cópias

eram distribuídas pelos jogadores e espectadores. Beth estudava-os durante a tarde e a manhã, jogando alguns no seu tabuleiro, mas reconstituindo a maioria mentalmente. Dava-se sempre ao trabalho de recriar a partida contra Benny, movendo efectivamente as peças, estudando com atenção o modo como ele tinha jogado. Num sistema de todos contra todos, os jogadores defrontavam-se todos à vez e a sua décima primeira partida seria contra Benny.

Uma vez que havia 13 jogos e o torneio durava duas semanas, havia um dia de descanso: o primeiro domingo. Beth aproveitou para dormir até mais tarde, tomando depois um longo duche e dando um grande passeio pelo *campus*. Era muito tranquilo, cheio de relvados bem tratados, ulmeiros e alguns arbustos floridos — uma serena manhã de domingo do Midwest; mas ela sentia falta da competição do jogo. Ponderou ir até à cidade, pois tinha ouvido dizer que havia lá bastantes sítios para se beber cerveja, mas reconsiderou. Não queria gastar mais neurónios. Olhou para o relógio; eram 11 horas. Dirigiu-se ao edifício da associação de estudantes, onde ficava a cafetaria. Ia beber um café.

O rés-do-chão tinha um agradável átrio com painéis de madeira. Ao entrar, viu Benny Watts sentado num sofá bege de veludo, ao fundo, com um tabuleiro e um relógio pousados numa mesa à sua frente. Estavam outros dois jogadores junto dele, de pé, a quem ele sorria e explicava qualquer coisa acerca do jogo que tinha diante de si.

Beth já descia as escadas para a cafetaria quando ouviu a voz de Benny:
— Anda cá.

Beth hesitou, virou-se e foi ter com ele. Reconheceu imediatamente os outros dois jogadores; tinha derrotado um deles dois dias antes, com o Gambito de Dama.

— Olha para isto, Beth — disse Benny, apontando para o tabuleiro. — É

a vez das brancas. O que farias?

Beth olhou para o tabuleiro durante um momento.

— A Lopez?

— Nem mais.

Beth sentiu-se ligeiramente irritada. Queria beber café. A posição era delicada e requeria alguma concentração. Os outros jogadores permaneceram em silêncio. Finalmente descobriu o que era necessário. Debruçou-se sem dizer uma palavra, pegou no cavalo que estava na terceira casa da coluna do rei e colocou-o na quinta casa da coluna da dama.

— *Vêem?! —* exclamou Benny para os outros, rindo-se.

— Talvez tenhas razão — disse um deles.

— Eu sei que tenho razão. E aqui a Beth pensa do mesmo modo que eu. A jogada com o peão é demasiado fraca.

— O peão só funciona se ele jogar o bispo — disse Beth, sentindo-se melhor.

— Exacto! — disse Benny.

Vestia uns *jeans* e uma espécie de camisa branca largueirona.

— Vai uma partida rápida, Beth?

— Ia agora beber um café — disse ela.

— O Barnes vai buscar-te um café. Não vais, Barnes?

Um rapaz novo, alto e de aspecto gentil, grande mestre, anuiu.

— Açúcar e natas?

— Sim.

Benny estava a tirar uma nota de dólar dos *jeans*. Entregou-a a Barnes.

— Traz-me um sumo de maçã. Mas não num copo de plástico. Pede num copo de galão.

Benny colocou o relógio ao lado do tabuleiro. Escondeu dois peões nas

mãos e a que Beth escolheu tinha o branco. Depois de prepararem as peças, Benny disse:

— Gostavas de apostar?

— Apostar?

— Podíamos jogar a cinco dólares. Por jogo.

— OK — disse ela. — Cinco dólares.

— Bebe o teu café e eu inicio o relógio — disse Benny.

Beth pegou na caneca trazida por Barnes, deu um longo gole e pousou-a, o café bebido até meio, sobre a mesa.

— Força — disse ela a Benny.

Sentia-se muito bem. A manhã de Primavera lá fora estava agradável, mas era daquilo que ela gostava realmente.

Ele venceu com apenas três minutos no seu relógio. Ela jogara bem, mas ele tinha sido brilhante, fazendo as jogadas quase de imediato, percebendo exactamente aquilo que ela pretendia fazer-lhe. Beth entregou-lhe uma nota de cinco dólares, que retirou da carteira que tinha no bolso, e voltou a organizar as peças, desta vez ficando com as pretas. Havia agora quatro jogadores a assistir.

Tentou a Siciliana contra o seu peão na quarta casa da coluna do rei, mas ele arrasou-a com um Gambito de Peão, colocando-a numa abertura irregular. Ele era incrivelmente rápido. Ela causou-lhe problemas no meio-jogo com torres dobradas numa linha aberta, mas ele ignorou-as e atacou-a ao centro, deixando-a fazer xeque por duas vezes com as torres, expondo o rei. Mas quando ela tentou trazer o cavalo para o mate, ele soltou-se e atacou a dama e, depois o rei dela, acabando por apanhá-la numa rede de mate. Beth desistiu antes de ele conseguir avançar com o ataque. Ela deu-lhe uma nota de 10, dessa vez, e ele devolveu a nota de cinco. Ela tinha 60 dólares no bolso, e mais, no quarto.

Ao meio-dia, havia 40 ou mais pessoas a assistir. Estava lá a maior parte dos jogadores do torneio, assim como alguns dos espectadores que assistiam com regularidade aos jogos, estudantes e um grupo de homens que talvez fossem professores. Ela e Benny continuaram a jogar, sem sequer falarem entre cada jogo. Beth venceu a terceira partida, salvando-se de um modo excepcional momentos antes de a sua bandeira descer, mas perdeu as quatro seguintes e empatou a quinta. Algumas das posições eram extraordinariamente complexas, mas não havia tempo para análises. Era excitante, mas, também, frustrante. Nunca tinha sido derrotada tão consistentemente e, apesar de serem apenas partidas de cinco minutos e não algo sério, era uma total descida à humilhação silenciosa. Nunca se tinha sentido assim. Jogava magnificamente, seguia o jogo com precisão e respondia de forma adequada a cada ameaça, construía ela própria ameaças poderosas e originais, mas nada parecia importar. Benny parecia possuir uma qualquer capacidade para lá do seu entendimento, vencendo-a jogo após jogo. Beth sentia-se indefesa e dentro de si crescia um silencioso sentimento de ultraje.

Deu-lhe finalmente os seus últimos cinco dólares. Eram 17h30. Ao lado do tabuleiro repousava uma fila de copos de plástico. Ao levantar-se para se ir embora, ouviram-se aplausos e Benny apertou-lhe a mão. Beth queria dar-lhe uma estalada, mas permaneceu em silêncio. Houve mais aplausos vindos da multidão.

Quando ia a sair, o homem com quem tinha jogado o primeiro jogo da semana, Phillip Resnais, reteve-a.

— Eu não ficaria muito preocupado — disse ele. — O Benny faz partidas rápidas tão bem como qualquer outra pessoa no mundo. Não significa muito, na verdade.

Beth anuiu secamente e agradeceu. Ao sair para a luz de final de tarde,

sentiu-se envergonhada pela figura que fizera.

Ficou no quarto, nessa noite, e tomou calmantes. Quatro comprimidos.

De manhã, sentia-se descansada, mas estúpida. A senhora Wheatley descrevera as coisas, certa vez, como parecendo tortas; era assim que tudo parecia a Beth, ao acordar do seu profundo e restaurador sono. Mas já não sentia a humilhação que sentira depois das derrotas com Benny. Pegou no frasco de calmantes que estava em cima da mesa-de-cabeceira e apertou a tampa com força. Não era bom tomar mais. Pelo menos, até ao final do torneio. Pensou subitamente no dia em que defrontaria Benny, quinta-feira, e ficou tensa. Mas voltou a guardar os comprimidos na gaveta e vestiu-se. Tomou o pequeno-almoço logo cedo, acompanhando-o com três canecas de café. Depois deu um passeio rápido pelo *campus*, reconstituindo mentalmente alguns dos jogos do livro de Benny Watts. Ele era um jogador brilhante, disse para si mesma, mas não era imbatível. Fosse como fosse, só jogaria contra ele daí a três dias.

As partidas começavam às 13 horas e duravam até às 16 ou às 17. Os adiamentos eram terminados ao fim da tarde ou na manhã do dia seguinte. Ao meio-dia, a sua mente estava limpa e, quando ela começou a partida contra um californiano alto e silencioso que usava uma *T-shirt* a dizer «*Black Power*», sentia-se pronta. Apesar de o seu cabelo parecer *afro*, ele era branco — tal como todas as outras pessoas. Ela respondeu à sua Abertura Inglesa com ambos os cavalos, criando um jogo de quatro cavalos, decidindo, contra o que era seu hábito, fazer trocas até alcançar um final de jogo. Funcionou maravilhosamente bem, e Beth ficou satisfeita com o seu trabalho com os peões: tinha um na sexta linha e outro na sétima, quando ele desistiu. Foi mais fácil do que ela supusera; o seu estudo de final de jogo com Beltik tinha dado frutos.

Benny sentou-se à sua mesa nessa noite, na cafetaria, enquanto ela comia

a sobremesa.

— Beth — disse ele —, vais ser tu ou eu.

Ela levantou os olhos do arroz-doce.

— Estás a tentar dar-me a volta?

Ele riu-se.

— Não. Consigo vencer-te sem isso.

Beth voltou à sobremesa, sem dizer palavra.

— Olha — disse ele —, desculpa por ontem. Não estava a tentar sacar-te dinheiro.

Ela deu um gole no café.

— Não?

— Só queria alguma acção.

— E dinheiro — disse Beth, apesar de não ser esse o problema.

— Tu és a melhor jogadora deste torneio — disse ele. — Estive a ler os teus jogos. Tu atacas como o Alekhine.

— Aguentaste-te bastante bem, ontem.

— Isso não conta. Conheço melhor as partidas rápidas do que tu. Faço muitas, em Nova Iorque.

— Venceste-me em Las Vegas.

— Isso foi há muito tempo. Estavas demasiado focada em dobrar os meus peões. Desta vez, já não me conseguia safar com isso.

Ela terminou o café em silêncio, enquanto ele comia o seu jantar e bebia o seu leite. Quando ele terminou, Beth perguntou:

— Tu revês os jogos mentalmente quando estás sozinho? Isto é, repetes os jogos completos na tua cabeça?

Ele sorriu.

— Não é o que toda a gente faz?

*

Beth permitiu-se ver televisão no átrio do edifício da associação de estudantes, ao final do dia. Benny não estava lá, apesar de se verem alguns dos outros jogadores. Voltou ao quarto, sentindo-se só. Era o seu primeiro torneio desde a morte da senhora Wheatley, e sentia a sua falta naquele momento. Retirou o livro sobre finais de jogo da colecção que pusera em cima da secretária e começou a estudar. O Benny até era boa pessoa. Tinha sido simpático da sua parte conversar com ela daquele modo. E até já se tinha habituado ao cabelo dele; gostava que fosse comprido, tal como era. Tinha um cabelo muito bonito, na verdade.

Venceu os jogos de terça e quarta-feira. Benny ainda estava a jogar quando ela terminou, na quarta, pelo que foi até à mesa dele e, num momento, percebeu que tinha tudo na mão, só lhe faltando vencer. Ele levantou os olhos do tabuleiro e sorriu. Depois, sem som, disse uma palavra: «Amanhã.»

Havia um parque infantil na extremidade do *campus*. Beth caminhou até lá, ao luar, e sentou-se num dos baloiços. Aquilo que lhe apetecia realmente era uma bebida, mas isso estava fora de questão. Uma garrafa de vinho tinto e um bocadinho de queijo. Depois, alguns calmantes e directa para a cama. Mas não podia. Tinha de ter a cabeça no sítio de manhã, tinha de estar preparada para o jogo contra Benny Watts, às 13 horas. Talvez pudesse beber apenas um copo e ir para a cama. Ou dois. Beberia dois. Balançou-se algumas vezes, ouvindo o ranger das correntes que prendiam o baloiço, antes de se encaminhar para o dormitório com um propósito. Tomou dois comprimidos mas, mesmo assim, demorou mais de uma hora a adormecer.

*

Algo no modo deferente dos directores e na maneira como os outros jogadores olhavam para si disse a Beth que a atenção do torneio estava virada para aquela partida. Ela e Benny eram os únicos jogadores que tinham chegado tão longe sem sequer um empate. Num sistema de todos contra todos, não havia precedência de tabuleiros: jogariam na terceira mesa da fila que começava ao pé da porta. Mas a atenção estava centrada nessa mesa, e os espectadores, que já tinham preenchido todos os lugares, havendo cerca de uma dúzia de pessoas de pé, ficaram em silêncio quando ela se sentou. Benny chegou um minuto depois; ouviram-se alguns sussurros quando ele se aproximou da mesa e se sentou. Beth olhou para o público, e um pensamento que tinha andado a rondar a sua mente formulou-se subitamente: ela e Benny eram os melhores jogadores dos Estados Unidos da América.

Benny estava a usar a sua camisa de ganga gasta e trazia um medalhão de prata num fio. Tinha as mangas arregaçadas, como um trabalhador. Não sorria, parecendo muito mais velho do que os seus 24 anos. Benny olhou o público de relance, fez um gesto de cabeça quase imperceptível na direcção de Beth e ficou a olhar fixamente para o tabuleiro, enquanto o director dava início à partida. Benny estava a jogar com as peças brancas. Beth iniciou o relógio.

Ele moveu o peão para a quarta casa da coluna do rei, e Beth não hesitou; respondeu com peão para quarta casa da coluna do bispo da dama: a Siciliana. Ele avançou o cavalo do rei, e ela jogou peão para terceira casa da coluna do rei. Não valia a pena usar uma abertura obscura contra Benny. Ele conhecia as aberturas melhor do que ela. Para conseguir apanhá-lo, teria de ser no meio-jogo, caso fosse capaz de estruturar um ataque antes dele. Mas antes tinha de alcançar a igualdade.

Sentiu algo que só sentira uma vez, na Cidade do México, quando tinha

defrontado Borgov: sentiu-se como uma criança a tentar enganar um adulto. Ao fazer a sua segunda jogada, olhou por cima do tabuleiro para Benny e, vendo a seriedade no seu rosto, sentiu-se mal preparada para aquele jogo contra ele. Mas não era assim. Parte dela sabia que não, que na Cidade do México tinha arrasado uma fileira de profissionais antes de se ir abaixo no jogo contra Borgov, que tinha derrotado grande mestre atrás de grande mestre neste torneio, e que, mesmo aos oito anos, quando jogava contra o zelador da Instituição Methuen, fazia-o com uma solidez que era, por si mesma, extraordinária e digna de um profissional. Ainda assim, ilógico que fosse, sentia-se agora sem experiência.

Benny pensou durante vários minutos e fez uma jogada incomum. Em vez de jogar com o peão da dama, levou o peão do bispo da dama até à quarta linha. E aí ficou, diante do seu peão do bispo da dama, sem apoio. Beth olhou para ele durante um momento, perguntando-se qual seria a estratégia de Benny. Talvez estivesse a tentar a *Maróczy Bind*, mas fora da sequência normal. Era algo novo — provavelmente planeado para aquele jogo. Sentiu-se subitamente envergonhada, consciente de que tinha estudado o livro de jogo de Benny, mas não preparara nada de especial para o dia, abordando-o como fazia sempre, no que respeitava ao xadrez: preparada para jogar intuitivamente e ao ataque.

E foi então que começou a notar que não havia nada de sinistro na jogada de Benny, nada que ela não pudesse deslindar. Tornou-se-lhe claro que não tinha de dar seguimento a essa jogada. Poderia recusar o convite. Se jogasse o rei para a terceira casa da coluna do bispo da dama, o movimento dele poderia tornar-se inútil. Talvez ele estivesse apenas à procura de uma vantagem súbita — como se estivesse a fazer uma partida rápida. Ela avançou o cavalo. Que se lixe, como diria Alma Wheatley.

Benny jogou peão para quarta casa da coluna da dama; ela capturou o

peão, que ele tomou com o cavalo. Beth avançou o seu outro cavalo e esperou que ele avançasse o seu. Imobilizá-lo-ia quando ele o fizesse e, depois, capturá-lo-ia, dobrando os peões. Aquela jogada com o peão do bispo da dama ia pesar-lhe, apesar de a vantagem não ser muita, na verdade.

Mas ele não avançou o cavalo. Em vez disso, capturou o dela. Claramente, não estava interessado no peão dobrado. Beth ponderou sobre o assunto antes de o capturar. Era espantoso; ele estava já a defender. Minutos antes, Beth sentira-se uma amadora, e Benny Watts tentara confundi-la na terceira jogada, acabando por meter-se em sarilhos.

O mais óbvio seria capturar o cavalo com o seu peão do cavalo, fazendo capturas em direcção ao centro. Se ela fosse pelo outro lado, com o seu peão da dama, ele trocava damas. Isso faria com que ela não pudesse fazer roque, negando-lhe a dama que ela tanto gostava de usar para ataques rápidos. Beth esticou a mão para capturar o cavalo com o seu peão do cavalo, mas recuou. De algum modo, a ideia de abrir a fileira da dama, chocante que fosse, tinha algo de atractivo. Beth estudou a hipótese. E, a pouco e pouco, começou a fazer sentido. Com uma troca de damas num momento tão inicial do jogo, fazer roque tornava-se irrelevante. Beth poderia avançar o rei tal como se fazia num final de jogo. Voltou a olhar para Benny e viu que ele se perguntava qual o motivo da demora de Beth a responder com a sua recaptura do costume. Por algum motivo, Benny pareceu-lhe mais pequeno. Que se lixe, pensou novamente, e fez a captura com o peão da dama, expondo-a.

Benny não hesitou: capturou a dama de Beth com a sua e carregou no relógio com confiança. Nem sequer disse «xeque». Ela capturou-a com o seu rei, como teria de ser, e ele avançou outro peão do bispo para proteger o seu peão do rei. Era um movimento defensivo simples, mas algo em Beth se iluminou quando ele o fez. Sentira-se despida ao ficar sem dama tão cedo,

mas começava agora a sentir-se forte sem ela. Tinha já do seu lado a iniciativa, e sabia-o. Empurrou o peão para a quarta casa da coluna do rei. Não era uma jogada óbvia, nesta altura do jogo, e a sua solidez reconfortava-a. Abria a diagonal para o seu bispo da dama e aguentava o seu peão do rei na quarta linha. Ergueu o olhar do tabuleiro, olhando em volta. Os outros jogos progrediam decididamente; os espectadores estavam sossegados, a assistir. Havia mais pessoas de pé, e faziam-no em sítios onde conseguissem ver o jogo que ela e Benny disputavam. O director fez o movimento no mural de exibição diante da mesa, empurrando o peão do rei para a quarta casa da coluna do rei. Os espectadores começaram a aperceber-se. Beth olhou para o outro lado da sala, pela janela. O dia estava lindo, com folhas de um verde forte nas árvores e um céu impecavelmente azul. Beth ia vencer o jogo. Ia vencer Benny rotundamente.

A continuação que ela encontrou na décima nona jogada era uma maravilha subtil. Surgiu na sua mente totalmente desenvolvida, com 12 jogadas, tão claras como se estivessem a ser projectadas num ecrã à sua frente: a torre, o bispo e o cavalo numa dança até ao canto da ala do seu rei. No entanto, não criava xeque-mate ou qualquer vantagem material. Depois de o seu cavalo ser movido para a quinta casa da coluna da dama, na sua vigésima quinta jogada, e Benny se ver forçado a empurrar um peão por não ter qualquer alternativa de defesa, Beth trocou torre e cavalo por torre e cavalo e trouxe o seu rei para a terceira casa da coluna da dama. Apesar de as peças e peões estarem no mesmo número, era unicamente uma questão de contar jogadas. Ele precisaria de 12 para levar um peão até à oitava linha, promovendo-o a dama, enquanto Beth poderia fazê-lo em 10.

Benny fez algumas jogadas, trazendo o seu rei para a frente, na tentativa vã de capturar os seus peões antes de ela capturar os dele, mas até mesmo o seu braço, ao mover o rei, parecia apático. E quando ela capturou o peão do

bispo da dama, ele fez tombar o seu rei. Fez-se silêncio e, depois, alguns aplausos discretos. Ela tinha vencido em 30 jogadas.

Ao saírem da sala, Benny disse-lhe:

— Nunca pensei que me deixasses trocar rainhas.

— Nem eu — disse ela.

ONZE

Depois da cerimónia de entrega dos prémios, Benny levou-a a um bar na cidade. Sentaram-se num local mais resguardado e Beth bebeu a sua primeira cerveja e pediu outra. Estavam ambas deliciosas.

— Calma — disse Benny. — Calma.

Ainda não tinha acabado a sua.

— Tens razão — disse Beth, abrandando.

Já se sentia suficientemente acelerada. Nenhuma derrota. Nenhum empate. Os seus dois últimos adversários tinham oferecido um empate no meio-jogo. Mas Beth recusara.

— Um resultado perfeito — disse Benny.

— Sabe bem — disse ela, referindo-se à vitória, apesar de também ser verdade em relação à cerveja.

Olhou para Benny com mais atenção.

— O modo como estás a lidar com a derrota é muito simpático.

— É uma máscara — disse ele. — Por dentro, estou aos gritos.

— Não se nota.

— Não devia ter jogado a merda daquele bispo do rei.

Ficaram em silêncio durante um momento. Benny deu um gole pensativo na cerveja e perguntou:

— O que vais fazer em relação ao Borgov?

— Quando for onde, a Paris? Nem sequer tenho passaporte.

— Quando fores a Moscovo.

— Não sei do que falas.

— Não entregam cartas no Kentucky?

— É claro que entregam.

— O torneio por convite. O vencedor dos EUA é convidado.

— Quero outra cerveja — disse ela.

— Não sabias? — perguntou Benny, chocado.

— Bem, vou buscar a minha cerveja.

— Força.

Beth foi até ao bar e pediu outra garrafa. Já tinha ouvido falar do torneio em Moscovo, por convite, mas não fazia ideia do que se tratava. O *barman* trouxe-lhe a cerveja, e ela disse-lhe que fosse buscar mais uma. Quando voltou à mesa, Benny disse-lhe:

— Estás a beber demasiada cerveja.

— É provável.

Beth esperou que a espuma assentasse e deu um gole.

— Como é que eu chego a Moscovo, se for?

— Quando fui, a Federação pagou-me o bilhete e um grupo da Igreja ajudou com os restantes custos.

— Levaste alguém?

— O Barnes.

— O *Barnes*? — repetiu ela, embasbacada.

— Ia ser duro ir para a Rússia sozinho — respondeu ele, carregando o sobrolho. — Não devias beber cerveja assim. Aos 21 estás de rastos.

Beth pousou o copo.

— Quem mais vai estar em Moscovo?

— Quatro outros países e os quatro principais jogadores russos.

Isso significava Luchenko e Borgov. Talvez Shapkin. Beth não queria pensar nisso. Olhou para Benny durante um minuto.

— Benny, gosto do teu cabelo.

Ele olhou de volta para ela.

— Está bem — disse ele. — E a Rússia?

Beth deu mais um gole. Ela gostava mesmo do cabelo de Benny e dos seus olhos azuis. Nunca tinha pensado nele sexualmente, mas era o que estava a acontecer naquele momento.

— Quatro jogadores russos — disse ela — são muitos jogadores russos.

— É sanguinário.

Benny ergueu o copo e terminou a cerveja. Só tinha bebido essa.

— Beth — disse ele —, és a única americana que conheço capaz de vencer aquilo.

— O Borgov deu cabo de mim na Cidade do México...

— Quando é que partes para Paris? — perguntou Benny.

— Daqui a cinco semanas.

— Então, organiza a tua vida em torno disso e estuda. Arranja um treinador.

— E que tal tu?

Ele pensou durante um momento.

— Podes vir a Nova Iorque?

— Não sei.

— Podes dormir na minha sala e seguir para Paris de lá.

A ideia chocava-a.

— Tenho uma casa para cuidar no Kentucky.

— Foda-se, a casa que caia.

— Não estou pronta...

— E quando é que vais estar? Daqui a um ano? Daqui a dez?

— Não sei.

Ele inclinou-se para a frente e disse, lentamente:

— Se não o fizeres, vais acabar por dissipar todo o teu talento na bebida.

Vai tudo pelo cano.

— O Borgov fez-me fazer figura de estúpida.

— *Não estavas pronta.*

— Não sei o quão boa sou nisto, verdadeiramente.

— Mas *eu* sei — disse ele. — És a melhor que existe.

Beth respirou fundo.

— Pronto, tudo bem. Vou ter contigo a Nova Iorque.

— Podes partir já daqui comigo — disse ele. — Vamos de carro.

— Quando?

As coisas estavam a acontecer demasiado depressa. Ela sentia-se assustada.

— Amanhã à tarde, depois de estar tudo terminado. Mal possamos sair.

— Levantou-se. — E quanto a sexo...

Ela olhou para ele.

— Podes esquecer — disse ele.

*

— A Primavera é incrível. Completamente incrível.

— Como é que sabes? — perguntou Beth.

Estavam no carro, numa secção de asfalto cinzento da Pennsylvania Turnpike, suportando os buracos ao lado de camiões e carros cobertos de poeira.

— Está em toda a parte. No topo das colinas. Até mesmo em Nova Iorque.

— No Ohio estava agradável — disse Beth.

Mas era uma conversa que não queria ter. Falar do tempo não lhe interessava. Não tinha tratado de nada relativamente à sua casa em

Lexington, não tinha conseguido falar com o advogado ao telefone e não sabia o que ia encontrar em Nova Iorque. Não gostava da despreocupação de Benny diante do desconhecido, do pasmo alegre que lhe inundava o rosto de vez em quando. Estivera com esse ar durante a cerimónia de entrega dos prémios e durante todo o tempo em que ela deu entrevistas, autógrafos e agradeceu aos organizadores e ao pessoal da USCF que tinha ido desde o norte do Estado de Nova Iorque para falar sobre a importância do xadrez. A sua expressão de momento era vazia. Beth virou os olhos para a estrada.

Passado um tempo, ele falou.

— Quando fores à Rússia, quero ir contigo.

Aquilo era uma surpresa. Não tinham falado da Rússia nem de xadrez desde que tinham entrado no carro.

— Como meu acompanhante?

— É indiferente. Não tenho dinheiro para pagar as despesas.

— Então, queres que eu pague?

— Alguma coisa há-de aparecer. Enquanto estavas a ser entrevistada para aquela revista, estive a falar com o Johanssen. Ele disse que a Federação não ia pagar acompanhantes.

— Eu só estou a pensar em Paris — disse ela. — Ainda não me decidi sobre Moscovo.

— Tu vais.

— Nem sequer sei se vou estar mais do que apenas uns dias contigo. Tenho de arranjar passaporte.

— Podemos tratar disso em Nova Iorque.

Beth ia dizer qualquer coisa, mas não o fez. Olhou para Benny. Agora que a expressão vazia se tinha dissipado do rosto dele, sentia-se mais próxima. Tinha feito amor com dois homens na sua vida, e dificilmente

poderia ser considerado fazer amor; mas se ela e Benny fossem para a cama, seria diferente. Ela conseguia perceber que seria diferente. Chegariam ao apartamento pela meia-noite; talvez acontecesse alguma coisa. Talvez ele se sentisse de outro modo, uma vez em casa.

— Vamos jogar — disse Benny. — Fico com as brancas. Peão para quarta casa do rei.

Beth encolheu os ombros.

— Peão para quarta casa do bispo da dama.

— CR — disse ele, usando as primeiras letras de «cavalo» e de «rei» — 3B.

— Peão para a terceira casa da rainha.

Beth não tinha a certeza se gostava desta ideia. Nunca tinha partilhado o seu tabuleiro de xadrez interior, e havia um vago sentimento de violação desse espaço ao partilhá-lo com Benny.

— P para 4D — disse Benny.

— Peão captura peão.

— Cavalo recaptura.

— Cavalo. Terceira casa do bispo do rei.

Na verdade, era fácil. Ela podia ficar de olhos na estrada à sua frente e, ao mesmo tempo, ver o tabuleiro imaginário e as peças sem dificuldade.

— C para 3BD — disse Benny.

— Peão para terceira casa do cavalo do rei.

— P para 4B.

— P para 4B.

— A Levenfish — disse Benny, secamente. — Nunca gostei dela.

— Joga o teu cavalo.

A voz dele ficou subitamente gélida.

— Não me digas o que jogar.

Beth recuou, como se tivesse sido picada.

Seguiram em silêncio durante alguns quilómetros. Beth olhava para a barreira metalizada que os separava das faixas em sentido contrário. Depois, momentos antes de entrarem num túnel, Benny disse:

— Tinhas razão acerca do cavalo na 3B. Coloco-o aí.

Beth hesitou por um momento, antes de falar.

— OK. Capturo o cavalo.

— O peão recaptura — disse Benny.

— Peão para a quinta casa do rei.

— Peão captura novamente — disse Benny. — Sabes o que é que o Scharz diz acerca dessa jogada? Na nota de rodapé?

— Não leio as notas de rodapé — respondeu Beth.

— É altura de começares.

— Não gosto do Scharz.

— Nem eu — disse Benny —, mas leio-o. Jogas o quê?

— Dama captura dama. Xeque.

Beth conseguia notar o ressentimento na sua própria voz.

— O rei captura — disse Benny, relaxando ao volante.

A Pensilvânia passava por eles. Beth obrigou-o a desistir à vigésima sétima jogada, sentindo-se um pouco melhor com isso. Sempre gostara da Siciliana.

*

Havia sacos de plástico cheios de lixo na entrada para o apartamento de Benny, e a luz vinha simplesmente de uma lâmpada pendurada. Era um corredor com azulejos brancos, tão deprimente à meia-noite como uma casa de banho de um terminal de autocarros. A porta dele, pintada de vermelho e

com uma palavra incompreensível parecida com «Bezbo» escrita a *spray* preto, tinha três trincos.

Entrava-se para uma pequena sala de estar, atafalhada de livros. Mas a luz era agradável, quando ele a acendeu. Ao fundo estava a cozinha, junto da qual havia uma porta que ia dar ao quarto. Havia um tapete a imitar relva, mas nenhum sofá ou cadeiras — apenas almofadas pretas, com um candeeiro ao pé.

A casa de banho era bastante comum, com mosaicos pretos e brancos e o manípulo da água quente partido. Havia uma banheira com uma cortina preta, de plástico. Beth lavou as mãos e o rosto, e voltou para a sala. Benny tido ido ao quarto desfazer as malas. A sua mala permanecia no chão, ao pé da estante dos livros. Beth foi até lá e olhou para os livros, sentindo-se exausta. Eram todos sobre xadrez — cinco prateleiras. Alguns estavam em russo ou alemão, mas todos sobre xadrez. Beth atravessou o tapete rijo até ao outro lado da sala, onde havia outra estante, esta feita de tábuas assentes sobre tijolos. Mais xadrez. Uma das prateleiras estava completamente preenchida com números da *Shakhmatni Byulleten* desde a década de 50.

— Há espaço aqui no armário — gritou Benny do quarto. — Podes pendurar o que quiseres.

— OK — disse ela.

Quando estavam na auto-estrada, Beth achava que talvez fizessem amor quando chegassem a casa. Agora, a única vontade que tinha era de dormir. Mas onde, em cima de quê?

— Achei que ia haver um sofá — disse ela.

Ele apareceu à porta.

— Eu disse «sala de estar».

Ele voltou ao quarto, regressando pouco depois com uma coisa volumosa

e uma espécie de bomba de ar. Estendeu a coisa no chão e começou a dar ao pedal, e, passado um bocado, a coisa inchou e tornou-se um colchão de ar.

— Vou buscar lençóis — disse Benny.

Trouxe-os do quarto.

— Eu faço — disse ela, pegando neles.

Não gostava do aspecto do colchão, mas sabia onde estavam os comprimidos. Poderia ir buscá-los quando ele adormecesse, caso precisasse. Não haveria o que beber no apartamento. Benny não o disse, mas sabia-o.

Deve ter adormecido antes de Benny, porque se esqueceu dos comprimidos no meio das suas coisas. Acordou com o som de uma sirene — uma ambulância ou um carro de bombeiros. Quando se tentou levantar, não conseguiu; não havia borda na cama para se apoiar. Empurrou-se para cima e pôs-se de pé, de pijama, olhando em volta. Benny estava ao pé do lava-loiça, de costas para ela. Sabia onde estava, mas, de manhã, parecia tudo diferente. O som da sirene afastou-se, sendo substituído pelo do trânsito de Nova Iorque. Uma das persianas estava aberta e Beth conseguia ver a cabine de um camião tão próxima como Benny estava, e, atrás dela, os táxis que passavam. Um cão ladrava intermitentemente.

Benny virou-se e aproximou-se. Estendeu-lhe um grande copo de cartão.

Chock Full O' Nuts, dizia no copo. Havia qualquer coisa de estranho naquilo tudo. Nunca lhe tinham dado nada de manhã — garantidamente, a senhora Wheatley nunca o fizera, pois acordava sempre depois de Beth ter tomado o pequeno-almoço. Beth retirou a tampa de plástico e deu um gole no café.

— Obrigada — disse ela.

— Podes vestir-te no quarto — disse Benny.

— Preciso de tomar um duche.

— É todo teu.

*

Benny tinha aberto uma mesa desdobrável e, em cima dela, colocado um tabuleiro verde e bege. Estava a organizar as peças quando Beth entrou na sala.

— Pronto — disse ele —, começamos com estes.

Passou-lhe um rolo de brochuras e revistas, preso por um elástico. A primeira era uma brochura com uma capa de má qualidade onde se lia «Congresso de Xadrez de Natal de Hastings — Falaise Hall, White Rock Gardens», e, debaixo disto, «Registo dos Jogos». As páginas interiores eram densas, batidas à máquina e impressas com borrões. Havia dois jogos por página, com as seguintes legendas a negrito: Luchenko — Uhlmann; Borgov — Penrose. Ele passou-lhe outra para a mão, intitulada *Grandmaster Chess*. Era muito parecida com a brochura de Hastings. Das revistas, três eram alemãs, e uma, russa.

— Fazemos os jogos de Hastings — disse Benny.

Foi ao quarto e regressou com duas cadeiras de madeira, colocando uma de cada lado da mesa, ao pé da janela. O camião continuava estacionado lá fora, e a rua estava cheia de carros, avançando lentamente.

— Jogas com as brancas e eu com as pretas.

— Ainda não tomámos o pequeno-almoço...

— Há ovos no frigorífico — disse Benny. — Passamos primeiro pelos jogos do Borgov.

— Todos?

— Ele vai estar em Paris, quando lá fores.

Beth olhou para a revista que segurava e, depois, novamente para a mesa junto à janela, e, depois, para o seu relógio. Eram 8h10.

— Antes disso, vou comer os ovos — disse ela.

À hora de almoço, foram buscar sanduíches a uma cafetaria, e comeram-

nas enquanto jogavam. O jantar veio de um *take-away* chinês da 1st Avenue. Benny não a deixava avançar depressa durante as aberturas: inquiria-a sempre que ela fazia uma jogada mais obscura, perguntando-lhe o porquê da sua escolha. Fazia-a analisar tudo o que fosse fora do comum. Por vezes, quando ela ia mover uma peça, travava fisicamente a sua mão, fazendo-lhe perguntas. «Porque não avançar o cavalo?» ou «Porque é que ele não se defende da torre?» ou «O que vai suceder com o peão pendurado?». Era rigoroso e intenso, e nunca abrandou. Beth tinha noção de tais perguntas desde há anos, mas nunca as tinha analisado com aquele nível de rigor. Muitas vezes, enquanto a sua mente analisava freneticamente as possibilidades de ataque inerentes às posições que se desenvolviam diante de si, querendo empurrar Luchenko ou Mecking ou Czerniak para ataques-relâmpago contra Borgov, Benny travava-a com uma questão acerca da defesa, da abertura de quadrados claros ou escuros ou questionando uma linha com uma torre. De vez em quando, tudo isto irritava Beth, mas ela conseguia perceber a validade das perguntas. Jogava partidas de grandes mestres na sua mente desde a primeira vez que olhara para a *Chess Review*, mas nunca com disciplina. Beth reconstituía esses jogos para se deleitar com a vitória, para sentir a pontada de excitação que surgia com um sacrifício ou um mate forçado, especialmente em partidas que tinham sido publicadas exactamente devido a esse tipo de drama — como os livros de jogos de Fred Reinfeld, sempre cheios de sacrifícios da dama e melodrama. Sabia, pela sua experiência em torneios, que não era possível contar que o adversário se pusesse a jeito para um sacrifício com a dama ou um xeque-mate surpresa com um cavalo e torre; apesar disso, Beth tinha um carinho especial pela emoção de jogos assim. Era o que sempre gostara em Morphy, não as suas partidas rotineiras e, certamente, não as suas derrotas — e Morphy, como qualquer outra pessoa, tinha perdido alguns jogos. Mas

sentira-se sempre entediada com o xadrez habitual, mesmo se jogado por grandes mestres, entediada do mesmo modo que a entediavam as análises de finais de jogo de Reuben Fine e as contra-análises em publicações como a *Chess Review*, que apontavam erros a Reuben Fine. Nunca fizera nada daquilo que Benny a obrigava agora a fazer.

As partidas que jogava agora eram de um xadrez sério e profissional, jogado pelos melhores xadrezistas do mundo, e o nível de energia mental latente em cada movimento era impressionante. Ainda assim, os resultados eram, com frequência, monumentalmente aborrecidos e inconclusivos. Poderia existir um gigantesco poder de pensamento num simples movimento de um peão branco, por exemplo, iniciando uma ameaça de curto alcance que se tornaria manifesta em meia dúzia de jogadas, mas as pretas previam-na e encontravam um modo de a travar, pelo que todo o brilhantismo se tornava estéril. Era frustrante e anticlimático, mas, apesar disso — devido ao facto de Benny a travar e obrigar a ver o que estava a acontecer —, fascinante. Mantiveram o ritmo durante seis dias, apenas saindo do apartamento quando necessário, e às quartas-feiras, para irem ao cinema. Benny não tinha televisão nem aparelhagem; o seu apartamento servia para comer, dormir e jogar xadrez. Jogaram todas as partidas incluídas na brochura de Hastings e na revista russa, não saltando nem uma, à excepção dos empates entre grandes mestres.

Na terça-feira, Beth conseguiu falar com o advogado ao telefone e pediu-lhe que fosse a sua casa, para ver se estava tudo bem. Foi à agência do Chemical Bank que Benny usava e abriu uma conta com o cheque que recebera no Ohio, relativo à sua vitória. Demoraria cinco dias até o dinheiro estar disponível. Tinha consigo cheques de viagem suficientes para pagar a sua parte das despesas até então.

Falaram muitíssimo pouco durante a primeira semana. Não se passou

fosse o que fosse de sexual. Beth ainda não se tinha esquecido, mas estava demasiado ocupada com o estudo de partidas de xadrez. Quando terminavam, por vezes à meia-noite, sentava-se numa almofada durante um bocado ou ia dar uma volta pela 2nd ou 3rd Avenues, e comprava um gelado ou uma barra de chocolate da Hershey numa cafetaria. Nunca entrou num bar e raramente ficava na rua muito tempo. Nova Iorque podia ser sombria e assustadora à noite, mas o motivo não era esse. Sentia-se demasiado cansada para fazer algo que não fosse ir para casa, encher o colchão e dormir.

Às vezes, estar com Benny era como estar sozinha. Durante horas, era completamente impessoal. Algo em Beth reagia a isso, ficando ela própria mais fria e impessoal, comunicando unicamente através do xadrez.

Mas, noutros momentos, era o oposto. Certa vez, ao estudar uma posição particularmente complexa entre dois russos, uma posição que resultara num empate, Beth notou algo e seguiu-o:

— Benny, vem ver isto! — exclamou, começando a mover as peças. — Ele não viu uma jogada. As pretas têm isto com o cavalo...

E mostrou-lhe um modo de as pretas vencerem a partida. Benny, com um grande sorriso estampado no rosto, aproximou-se dela e abraçou-a pelos ombros.

O xadrez era a única língua que falavam, na maior parte do tempo. Uma tarde, após terem passado três ou quatro horas em análise de finais de jogo, ela perguntou-lhe, sentindo-se esgotada:

— De vez em quando não te aborreces com isto?

Ele olhou para ela sem expressão.

— Mas existe outra coisa? — perguntou ele em resposta.

*

Estavam a treinar finais com peão e torre quando se ouviu bater à porta. Benny levantou-se e foi abrir. Eram três pessoas, uma delas, mulher. Beth reconheceu um dos homens de um artigo na *Chess Review*, feito sobre ele havia alguns meses, e o outro era-lhe familiar, apesar de não o conseguir situar. A mulher era linda. Tinha cerca de 25 anos, cabelo preto e pele muito branca, e usava uma saia cinzenta muito curta e uma espécie de camisa militar, com dragonas.

— Esta é a Beth Harmon — disse Benny. — Hilton Wexler, Arthur Levertov, grande mestre, e Jenny Baynes.

— A nossa nova campeã — disse Levertov, fazendo uma pequena vénia. Andava pelos 30 e começava a ficar calvo.

— Olá — disse Beth, levantando-se da mesa.

— Parabéns! — disse Wexler. — O Benny precisava de uma lição de humildade.

— Eu já sou o maior em humildade — disse Benny.

A mulher estendeu a mão.

— Prazer em conhecer-te.

Parecia estranho a Beth estar tanta gente na pequena sala de estar de Benny. Sentia que vivera metade da sua vida ali com ele, a estudar xadrez, e era chocante estarem lá quaisquer outras pessoas. Estava em Nova Iorque havia nove dias. Sem saber exactamente o que fazer, voltou-se a sentar à mesa. Wexler aproximou-se e sentou-se no lugar à sua frente.

— Fazes problemas?

— Não.

Tinha experimentado alguns, em criança, mas não lhe interessavam. As posições pareciam pouco naturais. *Branças jogam e xeque-mate em dois lances*. Era, como diria a senhora Wheatley, irrelevante.

— Deixa-me mostrar-te um — disse Wexler numa voz amistosa e

agradável. — Posso desfazer o que está aqui em cima?

— Força.

— Hilton — disse Jenny, aproximando-se deles —, ela não é um dos teus maluquinhos dos problemas. É a campeã dos Estados Unidos.

— Não faz mal — disse Beth, feliz por Jenny ter dito aquilo.

Wexler dispôs as peças no tabuleiro até surgir uma posição de aspecto estranho, com ambas as damas nos cantos e as quatro torres na mesma linha. Os reis estavam praticamente ao centro, o que era difícil acontecer numa partida real. Quando terminou, cruzou os braços.

— É a minha preferida — disse ele. — As brancas vencem em três jogadas.

Beth olhou para a posição, irritada. Parecia-lhe inútil ter de lidar com uma coisa assim. Poderia nunca acontecer num jogo. Avançar este peão, fazer xeque com o cavalo, e o rei movia-se para o canto. Mas, então, o peão promovia a dama e ficava tudo num impasse. Talvez o peão promovesse a cavalo, para fazer próximo xeque. Isso funcionava. Então, se o rei não se movesse após o primeiro xeque... Beth voltou a essa hipótese durante um momento e viu o que era necessário fazer. Era como um problema de álgebra, e ela sempre fora boa nisso. Levantou os olhos para Wexler.

— Peão para a sétima casa da dama.

Ele pareceu ficar espantado.

— Jesus — disse ele —, isso foi rápido.

Jenny sorria.

— Vês, Hilton? — disse.

Benny assistira a tudo em silêncio.

— Vamos fazer uma simultânea — disse ele subitamente. — Jogas contra todos nós.

— Contra mim, não — disse Jenny. — Nem sequer sei as regras.

— Temos tabuleiros e peças que cheguem? — perguntou Beth.

— Na prateleira do armário.

Benny foi ao quarto e regressou com uma caixa de cartão.

— Montamos estes no chão.

— Com tempo? — perguntou Levertov.

Beth lembrou-se subitamente de uma coisa.

— Vamos fazer partidas rápidas.

— Isso dá-nos vantagem — observou Benny. — Podemos pensar durante as tuas outras jogadas.

— Quero experimentar.

— Não vale a pena.

O tom de Benny era severo.

— Seja como for, nem és muito boa nas partidas rápidas. Lembras-te?

Algo em Beth reagiu àquilo que ele não estava a dizer.

— Aposto 10 dólares que consigo vencer-te.

— E se não prestares atenção aos outros jogos e usares todo o teu tempo contra mim?

Beth sentiu-se capaz de lhe dar um pontapé.

— Aposto também 10 dólares em cada um dos outros jogos, então.

A firmeza da sua própria voz surpreendeu-a. Parecia a senhora Deardorff.

Benny encolheu os ombros.

— OK. O dinheiro é teu.

— Pomos os três tabuleiros no chão. Eu fico no centro.

Assim fizeram, usando três relógios. Beth estivera muito ágil mentalmente nos últimos dias, e jogou com precisão e sem hesitações, atacando os três tabuleiros em simultâneo. Venceu as três partidas com tempo de sobra.

Benny não disse nada, quando tudo terminou. Foi ao quarto, trouxe a

carteira, retirou três notas de 10 e deu-as a Beth.

— Outra vez — disse ela.

Havia um tom de amargura na sua voz; ao ouvir as suas próprias palavras, sabia que poderiam significar sexo: *outra vez*. Se era isto que Benny queria, era isto que teria. Começou a organizar as peças.

Sentaram-se em posição e Beth jogou com as brancas em todos os tabuleiros, uma vez mais. Os tabuleiros estavam em semicírculo à sua frente, pelo que ela não tinha de se virar para jogar, mas, fosse como fosse, Beth deu por si a praticamente não olhar para os consultar, a não ser no momento de fazer a sua jogada. Os tabuleiros estavam na sua mente. Até mesmo os gestos mecânicos das jogadas e carregar no relógio não lhe exigiam qualquer esforço. Na altura em que a bandeira do relógio dele caiu, a posição de Benny já não tinha salvação; Beth tinha tempo de sobra. Ele deu-lhe outros 30 dólares, e quando Beth sugeriu que tentassem uma vez mais, ele disse que não.

Sentia-se a tensão na sala, e ninguém sabia como lidar com isso. Jenny tentou fazer uma piada, dizendo «É só chauvinismo», mas isso não ajudou. Beth estava furiosa com Benny — furiosa por ele ser demasiado fácil de vencer, e furiosa pela maneira como ele estava a aceitar a derrota, tentando parecer indiferente, como se nada o afectasse.

Foi então que Benny fez uma coisa surpreendente. Estivera sempre sentado de costas direitas. Subitamente, encostou-se à parede, esticou as pernas e relaxou.

— Bem, miúda — disse ele —, acho que já lhe apanhaste o jeito.

E toda a gente se riu. Beth olhou para Jenny, que estava sentada no chão ao lado de Wexler. Jenny, que era bonita e inteligente, devolveu-lhe o olhar com admiração.

*

Beth e Benny passaram os dias seguintes a estudar as *Shakhmatni Byulletens*, regressando aos anos 50. De vez em quando jogavam uma partida, que Beth vencia sempre. Ela sentia-se a ultrapassá-lo de uma maneira quase física. Era algo de espantoso para ambos. Num dos jogos, desmascarou um ataque à sua dama na décima terceira jogada, fazendo-o tombar o rei na décima sexta.

— Bem — disse ele —, nunca me fizeram isto, em quinze anos.

— Nem o Borgov?

— Nem o Borgov.

Por vezes, o xadrez mantinha-a acordada à noite durante horas. Era como na Methuen, tirando o facto de estar mais descontraída e sem medo da falta de sono. Ficava deitada no seu colchão, na sala, a ouvir os sons da meia-noite de Nova Iorque que entravam pelas janelas abertas, e estudava posições mentalmente. Nunca tinham sido tão claras. Não tomava calmantes, o que ajudava a essa clareza. Já não eram partidas completas, mas situações particulares — posições chamadas «teoricamente importantes» e «requerentes de um estudo aprofundado». Ali ficava, ouvindo o barulho dos bêbedos na rua e dominando as complexidades de posições de xadrez clássicas pelo seu grau de dificuldade. Uma das vezes, durante uma discussão de casal em que uma mulher dizia «Estou no limite da puta da minha paciência, no *limite* da puta da minha paciência!» e o homem repetia «Como a puta da tua irmã», Beth, deitada na cama, conseguiu descobrir uma maneira de promover um peão a dama de um modo totalmente novo para si. Era uma maneira maravilhosa. E poderia usá-la. «Vai-te foder», gritava a mulher, e Beth continuava deitada, feliz, acabando por adormecer tranquilamente.

*

Passaram a terceira semana a repetir os jogos de Borgov, terminando o último na quinta-feira depois da meia-noite. Depois de Beth fazer a sua análise da desistência, notando o modo como Borgov poderia ter evitado um empate, levantou os olhos para Benny, que bocejava. A noite estava quente e as janelas encontravam-se abertas.

— O Shapkin cometeu um erro no meio-jogo — disse Beth. — Devia ter protegido a sua ala da dama.

Benny olhou para ela com um ar ensonado.

— Às vezes, até eu me canso de xadrez.

Beth levantou-se.

— Está na hora de ir dormir.

— Espera — disse Benny.

Olhou para ela durante um momento e sorriu.

— Ainda gostas do meu cabelo?

— Tenho estado a tentar aprender uma maneira de derrotar o Vasily Borgov — disse ela. — O teu cabelo não entra nisso.

— Gostava que viesses para a cama comigo.

Já estavam juntos havia três semanas, e Beth já quase esquecera o sexo.

— Estou *cansada* — disse ela, exasperada.

— Também eu. Mas gostava que dormisses comigo.

O seu ar era descontraído, agradável. Beth sentiu-se subitamente próxima dele.

— Está bem — disse.

Beth acordou sobressaltada de manhã, com alguém a seu lado, na cama. Benny tinha rebolado para o lado e tudo o que ela conseguia ver eram as suas costas despidas, pálidas, e um pouco do seu cabelo. Num primeiro

momento, sentiu-se constrangida e com medo de o acordar; sentou-se com cuidado, encostando-se à parede. Estar na cama com um homem era bom. Ter feito amor também fora bom, apesar de não ter sido tão excitante como ela esperara. Benny não tinha falado muito. Tinha sido gentil e cuidadoso com ela, mas continuava a existir aquela sua distância habitual. Beth lembrava-se de uma expressão dita pelo primeiro homem com quem tinha feito amor: «demasiado cerebral». Virou-se para Benny. A sua pele era bonita, à luz; parecia quase luminosa. Teve vontade de pôr os braços em redor dele e abraçá-lo com o seu corpo nu, mas conteve-se.

Benny acabou por acordar, deitando-se de costas e pestanejando. Ela tinha o lençol puxado para cima, a cobrir o peito. Passado um momento, ela disse:

— Bom dia.

Ele voltou a pestanejar.

— Não devias usar a Siciliana contra o Borgov — disse ele. — Ele domina-a demasiado bem.

Passaram o resto da manhã em torno de dois jogos de Luchenko; Benny focava-se mais na estratégia do que nas táticas. Estava bem-disposto, mas Beth sentia-se, de algum modo, ressentida. Queria algo mais ao fazer amor ou, pelo menos, na intimidade, e Benny estava a dar-lhe lições.

— Tu és uma estrategista nata — disse ele —, mas o teu planeamento é tosco.

Beth ficou calada, a lidar o melhor que podia com a sua má-disposição. O que ele dizia tinha uma boa dose de verdade, mas o prazer que sentia em evidenciá-lo era irritante.

Ao meio-dia, ele disse:

— Tenho de ir para um jogo de póquer.

Beth levantou os olhos da posição que estava a analisar.

— Um jogo de póquer?

— Tenho de pagar a renda.

Era surpreendente. Ela não o imaginara jogador de cartas. Quando o questionou acerca disso, ele disse que fazia mais dinheiro com póquer e gamão do que com xadrez.

— Devias aprender a jogar — disse ele, sorrindo. — És boa em jogos.

— Então, deixa-me ir contigo.

— Este é só para homens.

Ela franziu o sobrolho.

— Já ouvi dizer o mesmo acerca do xadrez.

— Aposto que sim. Podes vir e ficar a assistir, se quiseres. Mas tens de ficar calada.

— Quanto tempo demora?

— Talvez toda a noite.

Ela ia perguntar-lhe há quanto tempo sabia ele que o jogo ia acontecer, mas reconsiderou. Era óbvio que já o sabia antes da noite anterior. Apanharam o autocarro na 5th Avenue até à 44th Street, e foram até ao Hotel Algonquin. Benny parecia estar a pensar em alguma coisa sobre a qual não queria falar, pelo que caminharam em silêncio. Beth começava novamente a sentir-se zangada; não tinha vindo a Nova Iorque para aquilo, e irritava-a o modo como Benny não explicava nem a avisava do que quer que fosse. O seu comportamento era igual a um jogo de xadrez: fluido e simples à primeira vista, mas enganador e desesperante a um olhar mais atento. Não gostava de ir como pendura, mas não tinha vontade de voltar para o apartamento e ficar a estudar sozinha.

O jogo ia decorrer numa pequena *suite* do 6.º andar, e era, como ele dissera, só para homens. Havia quatro homens sentados em redor de uma mesa com copos de café, fichas e cartas. O ar-condicionado zumbia com

força. Havia outros dois homens, que pareciam apenas estar por ali. Os jogadores olharam para Benny quando este entrou, cumprimentando-o com piadas. Benny mostrou-se calmo e afável.

— Beth Harmon — disse ele, e os homens acenaram com a cabeça, sem prestar atenção.

Tinha puxado da carteira, da qual retirava agora um monte de notas, que colocou em frente do lugar vazio. De seguida sentou-se, ignorando Beth. Não sabendo qual era o seu papel em tudo aquilo, Beth foi até ao quarto, onde reparara existir uma cafeteira e copos. Encheu um copo e regressou à outra divisão. Benny tinha uma pilha de fichas diante de si e segurava nas cartas. O homem à sua esquerda disse «Eu cubro isso», secamente, e atirou uma ficha azul para o centro da mesa. Os outros imitaram-no, sendo Benny o último.

Beth permaneceu a alguma distância da mesa, a assistir. Lembrou-se de estar na cave, a ver o senhor Shaibel jogar, e da intensidade do seu interesse naquilo que ele estava a fazer, mas não sentia nada próximo disso, naquele momento. Não lhe interessavam as regras do póquer, apesar de saber que seria boa jogadora. Estava furiosa com Benny. Ele continuava a jogar, sem olhar para ela. Manejava as cartas com agilidade e atirava as fichas para o centro com uma segurança discreta, dizendo coisas como «Fico» ou «Passo». Finalmente, quando um dos homens estava a dar as cartas, Beth deu um toque no ombro de Benny e sussurrou-lhe:

— Vou-me embora.

Ele anuiu, disse «Está bem» e voltou a sua atenção de novo para as cartas. No elevador em direcção ao *lobby*, Beth sentia tanta raiva que teve vontade de lhe bater com um pau na cabeça. O filho da mãe. Era sexo rápido com ela e ela ter com os amigos. O mais provável era ele ter

planeado aquilo tudo logo no início da semana. Tática e estratégia. Estava capaz de o matar.

Mas o caminho de volta fez a sua raiva diminuir, e quando entrou no autocarro na 3rd Avenue, para sair na 78th Street, ao pé do apartamento, já se sentia calma. Estava até contente por ter algum tempo para si. Passou-o na companhia dos *Chess Informants* de Benny, uma nova colecção de livros jugoslavos, jogando as partidas mentalmente.

Ele voltou algures a meio da noite; ela acordou quando ele se meteu na cama. Estava feliz por ele ter voltado, mas não tinha vontade de fazer amor. Felizmente, ele também não. Ela perguntou-lhe como tinha corrido.

— Quase 600 — disse ele, satisfeito consigo mesmo.

Ela virou-se de lado e voltou a adormecer.

Fizeram amor de manhã, e ela não gostou muito. Ainda se sentia zangada com ele, por causa do jogo de póquer — não tanto pelo jogo em si, mas pelo modo como ele o tinha usado no momento em que tinham acabado de se tornar amantes. Quando terminaram, ele sentou-se na cama e ficou a olhar para ela durante um momento.

— Estás chateada comigo, não estás?

— Sim.

— O jogo de póquer?

— O facto de não me teres falado nisso.

Ele anuiu.

— Desculpa. É verdade, eu consigo ser distante.

Beth sentia-se aliviada ao ouvi-lo dizer aquilo.

— Eu também, na verdade — disse ela.

— Já tinha reparado.

Depois do pequeno-almoço, ela sugeriu que fizessem um jogo, ao que ele concordou com relutância. Ajustaram os relógios para 30 minutos cada um,

de modo a mantê-lo breve, e ela venceu-o prontamente com o seu Ataque Levenfish, afastando as ameaças com facilidade, enquanto perseguia implacavelmente o rei. Ao terminar, ele abanou a cabeça com ironia e disse:

— Precisava dos 600 dólares.

— Até pode ser — disse ela —, mas o teu *timing* foi mau.

— Não compensa chatear-te, pois não?

— Queres jogar outra vez?

Benny encolheu os ombros e levantou-se.

— Guarda isso para o Borgov.

Mas Beth sabia que ele teria jogado se achasse que tinha hipótese de vencer. Sentiu-se muito melhor.

*

Continuaram amantes e não jogaram mais, excepto partidas retiradas de livros. Ele foi novamente jogar póquer, uns dias mais tarde. Regressou com os 200 dólares que ganhou e tiveram uma das suas melhores noites na cama, com o dinheiro pousado na mesa-de-cabeceira, à vista. Beth tinha-lhe carinho, mas era só. E, na última semana antes de Paris, começava a sentir que ele já pouco tinha a ensinar-lhe.

DOZE

Sempre que viajava, a senhora Wheatley levava consigo os papéis da adoção e a cédula de nascimento de Beth, hábito que esta manteve, apesar de, até ao momento, nunca terem sido necessários. Durante a primeira semana em Nova Iorque, Benny levou-a ao Rockefeller Center, e Beth usou os documentos para pedir um passaporte. No México fora apenas preciso um visto de turismo, tratado na altura pela senhora Wheatley. O pequeno livrete de capa verde, dentro do qual estava a sua fotografia taciturna, chegou passadas duas semanas. Apesar de não ter a certeza se iria ou não, tinha enviado a confirmação para Paris alguns dias antes de sair do Kentucky para ir ao Ohio jogar.

Chegado o dia da viagem, Benny levou-a ao aeroporto Kennedy e deixou-a no terminal da Air France.

— Ele não é impossível — disse Benny. — Consegues derrotá-lo.

— Veremos — disse ela. — Obrigada pela ajuda.

Já tinha tirado a mala do carro e estava de pé junto da janela do condutor. Aquela era uma zona de estacionamento proibido e ele não podia deixar o carro para se ir despedir dela dentro do aeroporto.

*

Desta vez, estava preparada para sentir a hostilidade amarga que a mera visão da sua figura no outro lado de uma sala lhe provocava, mas, mesmo preparada, não conseguiu impedir que o fôlego se sustivesse. Ele

encontrava-se de costas para ela, a falar com repórteres. Beth olhou nervosamente para o lado, tal como fizera da primeira vez, no zoo da Cidade do México. Ele era apenas mais um homem num fato escuro, outro russo que jogava xadrez, disse para si mesma. Um dos repórteres fotografava-o, enquanto o outro falava com ele. Beth observou os três homens durante um momento, e a sua tensão diminuiu. Ela era capaz de o derrotar. Virou as costas e foi até à mesa de inscrição. Os jogos começavam em 20 minutos.

Era o torneio mais pequeno em que estivera, realizado num elegante edifício antigo ao pé da École Militaire. Havia seis jogadores e cinco rondas — uma por dia, durante cinco dias. Se ela ou Borgov perdessem nos primeiros jogos, não se confrontariam, e a competição era feroz. Ainda assim, e por feroz que fosse, ela não achava que nenhum dos dois ia ser derrotado por outro jogador. Beth transpôs a porta e entrou no torneio propriamente dito, não sentindo qualquer ansiedade relativamente ao jogo que ia disputar nessa manhã e aos jogos dos dias seguintes. Só jogaria contra Borgov nas rondas finais. Dentro de dez minutos, estaria diante de um grande mestre holandês, jogando com as pretas, mas não se sentia minimamente apreensiva.

França não era conhecida pelo seu xadrez, mas o salão onde as partidas decorreriam era lindíssimo. Do tecto azul pendiam dois lustres de cristal, e a alcatifa azul florida que cobria o chão era espessa e sumptuosa. Havia três mesas de noqueira polida, cada uma com um cravo cor-de-rosa num solitário ao lado do tabuleiro. As cadeiras, antigas, estavam forradas a veludo azul, combinando com a alcatifa e o tecto. Era como estar num restaurante caro, e os directores do torneio eram como empregados de mesa de fraque, bem treinados. O ambiente era silencioso e adequado. Tinha chegado de Nova Iorque na noite anterior e quase não vira nada de Paris,

mas sentia-se confortável. Dormira bem durante o voo, e outra vez no hotel; antes disso, tivera cinco sólidas semanas de treino. Nunca se sentira tão bem preparada.

O holandês jogou a Abertura Réti, e Beth lidou com ela do mesmo modo que o fez quando Benny a jogara, alcançando a igualdade na nona jogada. Começou a atacar antes de ele ter a hipótese de fazer roque, primeiro com o sacrifício de um bispo e, depois, forçando-o a oferecer um cavalo e dois peões para defender o rei. À décima sexta jogada, tinha combinações perigosas por todo o tabuleiro, e apesar de nunca ter conseguido levar uma até ao fim, a pressão bastou. Ele viu-se forçado a ir cedendo, jogada após jogada, até que, sufocado e fatalmente atrasado, desistiu. Ao meio-dia, caminhava alegremente pela Rue de Rivoli, desfrutando do bom tempo. Olhava para blusas e sapatos expostos nas montras, o que, apesar de não comprar o que quer que fosse, era um prazer. Paris era um pouco como Nova Iorque, mas mais civilizada. As ruas eram limpas, e as montras, brilhantes; havia esplanadas com pessoas sentadas, bem-dispostas, conversando em francês. Estivera tão compenetrada a pensar em xadrez que só agora tomava consciência: estava mesmo em Paris! Aquilo era Paris, a avenida em que passeava; as mulheres que, impecavelmente vestidas, caminhavam na sua direcção, eram parisienses, *parisiennes*, e ela tinha 18 anos e era campeã de xadrez dos Estados Unidos. Sentiu momentaneamente uma pressão alegre no peito e abrandou o passo. Passaram dois homens por ela, de cabeça baixa, conversando, e ouviu um deles dizer «... *avec deux parties seulement*». Franceses, e ela compreendia o que eles diziam! Parou e manteve-se quieta durante um momento, apreciando os requintados edifícios cinzentos do outro lado da rua, a luz filtrada pelas árvores, os novos cheiros daquela cidade humana. Talvez um dia tivesse lá um apartamento, no Boulevard Raspail ou na Rue des Capucines. Quando

estivesse nos 20, talvez já fosse campeã do mundo e pudesse viver onde quisesse. Poderia ter um *pied-à-terre* em Paris e ir a concertos e peças de teatro, almoçar fora todos os dias num café diferente, e vestir-se como as mulheres que tinham passado por si, de cabeça erguida e cabelo perfeitamente cortado e penteado e estruturado. Ela tinha algo que elas não tinham, algo que lhe poderia proporcionar uma vida que causaria inveja a toda a gente. Benny estivera certo ao pressioná-la a participar no torneio e, no Verão seguinte, no de Moscovo. Não tinha nada que a prendesse ao Kentucky, à sua casa; as possibilidades que se abriam diante de si eram infinitas.

Passeou pelas avenidas durante horas, não parando para comprar o que quer que fosse, limitando-se a ver as pessoas e os edifícios e as lojas e os restaurantes e as árvores e as flores. Ao esbarrar acidentalmente com uma senhora de idade, enquanto atravessava a Rue de la Paix, deu por si a dizer «*Excusez-moi, madame*» com uma facilidade tal que poderia parecer que falara francês toda a sua vida.

Estava prevista uma recepção no edifício que acolhia o torneio, às 16h30; Beth teve dificuldade em se orientar e chegou dez minutos atrasada e sem fôlego. As mesas de jogo tinham sido empurradas para um dos lados da sala, e as cadeiras, encostadas às paredes. Foi conduzida a um lugar ao pé da porta, e ofereceram-lhe um *café filtre*. Surgiu um carro de sobremesas, repleto dos bolos e doces mais bonitos que ela alguma vez vira. Foi assaltada por uma tristeza breve, pensando no quanto gostaria que Alma Wheatley ali estivesse para os ver. No momento em que tirava um mil-folhas do carrinho, ouviu uma gargalhada possante no outro lado da sala e olhou naquela direcção. Ali estava Vasily Borgov, com uma chávena de café na mão. As pessoas à sua volta inclinavam-se para ele, expectantes,

participando da sua boa-disposição. O rosto dele estava distorcido por uma hilaridade portentosa. Beth sentiu o estômago gelar.

Regressou ao hotel ao fim da tarde e, soturnamente, jogou uma dúzia de partidas de Borgov — partidas que já conhecia muito bem, devido ao seu estudo com Benny. Deitou-se às onze, não tomou quaisquer comprimidos e dormiu maravilhosamente. Borgov era grande mestre internacional havia onze anos, e campeão do mundo havia cinco, mas, desta vez, ela não se sentiria tão indefesa ao defrontá-lo. Além de que tinha do seu lado uma vantagem distinta: ele não estaria tão preparado para si como ela estava para ele.

*

Beth continuou a vencer, derrotando um francês no dia seguinte, e um inglês, no outro a seguir a esse. Borgov tinha também vencido. No penúltimo dia, voltando a jogar contra um holandês — mais velho e experiente —, deu por si numa mesa ao lado da de Borgov. Vê-lo tão perto fez com que se distraísse durante uns momentos, mas foi capaz de passar por cima disso. O holandês era um xadrezista forte, e ela concentrou-se na partida. Quando terminou, tendo forçado uma desistência após quase quatro horas de jogo, olhou para cima e reparou que as peças da mesa ao lado tinham sido retiradas, e Borgov já não estava lá.

Ao sair, parou na mesa de inscrição e perguntou com quem jogaria na manhã seguinte.

— O grande mestre Borgov, *mademoiselle*.

Beth já o esperava, mas sentiu-se apanhada de surpresa ao ouvi-lo.

Nessa noite, tomou três calmantes e deitou-se cedo, sem ter a certeza de que conseguiria ficar suficientemente descontraída para adormecer. Mas

dormiu muito bem e acordou às oito, refrescada e sentindo-se confiante, sagaz e pronta.

*

Ao entrar no salão e ao vê-lo sentado à mesa, notou que ele não estava com muito bom aspecto. Usava o seu habitual fato escuro e tinha o farto cabelo preto impecavelmente penteado para trás. O seu rosto, como sempre, estava desprovido de qualquer emoção, mas não parecia ameaçador. Borgov levantou-se educadamente, e, quando ela estendeu a mão, apertou-a, mas sem sorrir. Beth iria jogar com as peças brancas. Sentaram-se e ele carregou no botão do relógio dela.

Beth já tinha decidido o que fazer. Apesar de ir contra o conselho de Benny, moveria o peão para a quarta casa da coluna do rei e ficaria à espera da Siciliana. Beth tinha estudado todas as partidas publicadas de Borgov em que ele utilizara a Siciliana. E assim fez, pegando no peão e colocando-o na quarta linha, e quando ele jogou o seu peão do bispo da dama, Beth sentiu uma pontada de entusiasmo. Estava pronta. Jogou o seu cavalo para a terceira casa da coluna do bispo do rei; ele trouxe a dama para a terceira casa da coluna do bispo da rainha, e, à sexta jogada, tinham entrado na Boleslavski. Ela conhecia, jogada por jogada, oito partidas em que Borgov tinha utilizado esta variante, tinha-as estudado com Benny, analisando cada uma implacavelmente. Ele iniciou a variante com peão para a quarta casa da coluna do rei, na sexta jogada; ela moveu o cavalo para a terceira casa da coluna do cavalo, com uma determinação vinda da certeza de que estava certa, e olhou para ele por cima do tabuleiro. Borgov encostava uma bochecha ao punho, olhando para o tabuleiro como qualquer outro xadrezista. Era forte, imperturbável e astuto, mas não havia qualquer

espécie de magia no seu jogo. Moveu o bispo para a segunda casa da coluna do rei sem olhar para ela. Beth fez roque. Borgov fez roque. Beth olhou em redor, para o luminoso salão, esplendidamente decorado, em que estava, enquanto outras duas partidas de xadrez decorriam silenciosamente.

À décima quinta jogada, Beth começou a ver combinações a abrirem-se de ambos os lados, e, à vigésima, estava estupefacta com a sua lucidez. A sua mente funcionava de um modo fluido, escolhendo delicadamente o seu percurso por entre as combinações. Começou a pressioná-lo na coluna do bispo da dama, ameaçando com um ataque duplo. Borgov desviou-se, e ela fortaleceu os seus peões centrais. A sua posição abria-se gradualmente, e as hipóteses de ataque aumentavam, apesar de Borgov parecer conseguir desviar-se sempre a tempo. Ela sabia que isso era uma possibilidade, pelo que não desanimou; sentia dentro de si uma capacidade inesgotável de encontrar movimentos fortes e perigosos. Nunca jogara tão bem. Forçá-lo-ia a comprometer a sua posição através de uma série de ameaças, e depois criaria ameaças duplas, triplas, contra as quais ele não teria defesa. O seu bispo da dama já estava imobilizado devido a jogadas que ela forçara, e a dama estava presa a uma defesa da torre. As suas peças libertavam-se mais e mais a cada jogada. A sua capacidade de ameaçar parecia não ter fim.

Beth voltou a olhar em volta. As outras partidas já tinham terminado, o que era surpreendente. Olhou para o relógio de pulso. Eram 13 horas. A sua partida contra Borgov durava já há mais de três horas. Voltou novamente a atenção para o tabuleiro, estudando o jogo durante alguns minutos e trazendo a sua dama para o centro. Era altura de aumentar a pressão. Olhou para Borgov por cima da mesa.

Ele mantinha-se tão inexpressivo como sempre. Não cruzou o olhar com o dela, mantendo-o sempre no tabuleiro, estudando o movimento da dama de Beth. Depois, encolheu os ombros quase imperceptivelmente e atacou a

dama com a torre. Beth supusera que ele o fizesse, e tinha a resposta preparada. Interpôs um cavalo, ameaçando um xeque que capturaria a torre. Conseguia visualizar uma dúzia de ameaças a partir desta posição, mais urgentes do que as que tinha feito até ao momento.

Borgov jogou imediatamente, mas não movendo o rei. Limitou-se a avançar um peão da torre. Beth teve de estudar o movimento durante cinco minutos até perceber qual era o plano dele. Se ela fizesse xeque, ele deixá-la-ia capturar a torre, colocando depois o seu bispo à frente do peão que acabara de empurrar, obrigando-a a mover a dama. Beth susteve a respiração, assustada. A sua torre na última linha cairia, e, com ela, dois peões. Seria desastroso. Via-se obrigada a recuar a dama para um sítio donde pudesse fugir. Beth cerrou os dentes e fez a jogada.

Borgov avançou o bispo, de qualquer modo, ficando protegido pelo peão. Beth olhou fixamente para a peça até se aperceber subitamente do que significava: qualquer dos movimentos que fizesse para a tirar do sítio fá-la-ia sofrer uma perda, e, caso a deixasse onde estava, a posição de Borgov ficaria muito mais forte. Beth olhou para ele. Ele encarava-a com a sombra de um sorriso nos lábios. Beth desviou rapidamente o olhar para o tabuleiro.

Tentou contra-atacar com um dos seus bispos, mas ele neutralizou-o com um movimento de peão que bloqueava a diagonal. Jogara brilhantemente, continuava ainda a fazê-lo, mas ele estava a conseguir superá-la. Tinha de aplicar-se ainda mais.

Beth aplicou-se, e encontrou jogadas excelentes, tão boas como as melhores que alguma vez encontrara, mas não era o suficiente. À trigésima terceira jogada, tinha a garganta seca, e tudo o que via no tabuleiro era o caos da sua posição e a crescente força de Borgov. Era incrível. Jogava o seu melhor xadrez e ele conseguia vencê-la.

Na trigésima oitava jogada, Borgov avançou a sua torre secamente até à

segunda linha de Beth, na primeira ameaça de xeque-mate. Beth conseguia ver exactamente como se esquivar, mas atrás daquela ameaça existiam muitas outras, que tanto levariam a um xeque-mate como à captura da sua dama ou a uma segunda dama para Borgov. Beth sentia-se agoniada. Por um momento, sentiu-se tonta só de olhar para o tabuleiro, a manifestação visível da sua impotência.

Não fez tombar o rei. Levantou-se e, olhando-o sem qualquer emoção, disse:

— Desisto.

Borgov anuiu. Beth virou costas e saiu do salão, sentindo-se fisicamente doente.

*

O voo de regresso a Nova Iorque foi como uma armadilha: sentou-se ao pé da janela mas não se viu capaz de escapar da memória do jogo, de parar de o jogar mentalmente. Por várias vezes, a hospedeira ofereceu-lhe uma bebida, mas Beth obrigou-se a recusar. Queria demasiado beber; era assustador. Tomou calmantes, mas o nó no seu estômago não desaparecia. Não tinha cometido erros. Jogara extraordinariamente bem. E, no final da partida, a sua posição estava completamente desorganizada, e, para Borgov, parecia não se ter passado rigorosamente nada.

Não queria ver Benny. O combinado era que Beth lhe ligasse, para que ele a fosse buscar ao aeroporto, mas ela não tinha vontade de ir para o apartamento. Tinham passado oito semanas desde que deixara a sua casa em Lexington; voltaria para lá e deixaria as feridas sararem durante algum tempo. O valor do prémio de terceiro lugar em Paris fora surpreendentemente elevado; tinha dinheiro para comprar uma passagem

para Lexington. E ainda havia papéis a assinar com o seu advogado. Ficaria lá uma semana e depois regressaria e voltaria ao estudo com Benny. Mas o que mais poderia aprender com ele? Ao lembrar-se de todo o trabalho que tivera a estudar para o torneio em Paris, sentiu-se novamente agoniada. Só com algum esforço conseguiu passar por cima do mal-estar. O que importava era preparar-se para Moscovo. Ainda tinha tempo.

Telefonou a Benny do aeroporto Kennedy e disse-lhe que perdera a partida final, que Borgov jogara melhor. Benny foi compassivo, mas um pouco distante, e quando ela lhe disse que ia para o Kentucky, ele pareceu ficar irritado.

— Não desistas — disse ele. — Uma derrota não prova nada.

— Não vou desistir — afiançou ela.

*

Na pilha das cartas que a esperavam ao entrar em casa, havia várias de Michael Chennault, o advogado que tratava das questões ligadas ao seu património. Parecia existir um problema qualquer; Beth ainda não era totalmente proprietária da casa, ou algo assim. Allston Wheatley estava a criar entraves. Sem abrir o resto da correspondência, foi até ao telefone e ligou para o escritório de Chennault.

A primeira coisa que ele disse ao lhe ser passada a chamada foi:

— Tentei ligar-lhe três vezes, ontem. Onde é que tem estado?

— Em Paris — disse Beth. — A jogar xadrez.

— Que encantador deve ser. — Fez uma pausa. — É o Wheatley. Não quer assinar.

— Assinar o quê?

— O direito de propriedade — respondeu Chennault. — Pode passar por

cá? Temos de resolver isto.

— Não estou a ver por que motivo precisa de mim — disse Beth. — O advogado é o senhor. Ele disse-me que assinaria o que fosse necessário.

— Mudou de ideias. Talvez pudesse falar com ele.

— Ele está *aí*?

— Não no escritório, mas está na cidade. Acho que, se conseguisse falar com ele frente a frente e lembrá-lo de que é, legalmente, sua filha...

— Ele não quer assinar porquê?

— Dinheiro — disse o advogado. — Quer vender a casa.

— Será que podem vir os dois cá a casa, amanhã?

— Vou falar com ele — disse o advogado.

Beth olhou para a sala de estar depois de desligar. A casa ainda pertencia a Wheatley. Era um choque. Mal o vira lá e, ainda assim, era de facto *dele*. Beth não queria que ele ficasse com ela.

*

Apesar de ser uma tarde quente de Julho, Allston Wheatley estava de fato, um *tweed* sal-e-pimenta cinzento-escuro, e, ao sentar-se no sofá, puxou as pernas das calças, mostrando a brancura das canelas escanzeladas acima das meias marrom. Vivera 16 anos naquela casa e, ainda assim, não mostrava qualquer interesse pelo que havia ali dentro. Entrara como se fosse um estranho, com uma expressão que tanto podia ser de raiva como de desculpa, sentara-se no sofá, puxara as pernas das calças para cima e ficara em silêncio.

Havia algo nele que deixava Beth maldisposta. Estava igual ao dia em que ela o vira pela primeira vez, quando apareceu no gabinete da senhora Deardorff com a senhora Wheatley, para a conhecerem.

— O senhor Wheatley gostaria de fazer uma proposta, Beth — dizia o advogado.

Beth olhou para o rosto de Wheatley, ligeiramente voltado noutra direcção.

— Pode ficar cá a viver — disse o advogado —, até encontrar algo permanente.

Porque é que não era Wheatley a dizer-lhe aquilo?

O embaraço dele fazia alguma impressão a Beth, como se fosse ela própria a sentir-se envergonhada.

— Pensei que podia ficar com a casa se pagasse a hipoteca — disse ela.

— O senhor Wheatley diz que o interpretou mal.

Porque é que o *seu* advogado estava a falar por ele? Porque é que ele não arranjava o seu próprio advogado? Beth olhou para ele e viu-o acender um cigarro, com o rosto ainda voltado noutra direcção, percorrido por uma expressão dolorosa.

— Ele diz que apenas permitiu que ficasse na casa até encontrar um sítio para viver.

— Isso não é verdade — disse Beth. — Ele disse que eu podia *ficar* com ela...

Foi subitamente tomada por algo e virou-se para Wheatley.

— Sou sua *filha* — disse ela. — Adoptou-me. Porque é que não fala comigo?

Ele olhou para ela como se fosse um coelho assustado.

— A Alma — disse —, a Alma queria uma filha...

— Assinou os papéis — continuou Beth. — Aceitou uma responsabilidade. Não consegue sequer olhar para mim?

Allston Wheatley levantou-se e dirigiu-se à janela. Quando se virou, tinha-se recomposto, de algum modo, e parecia furioso.

— A Alma queria adoptar-te. Eu não. Não tens direito a nada que seja meu só porque assinei a porcaria de uns papéis para calar a Alma. — Virou-se novamente para a janela. — Não que tenha resultado.

— O senhor adoptou-me — insistiu Beth. — Eu não lhe pedi para o fazer.

Sentia um aperto enorme na garganta.

— Legalmente, é meu pai.

Quando ele se virou para ela, Beth ficou chocada com o modo como o seu rosto estava contorcido de raiva.

— O dinheiro desta casa é meu, e não é uma órfã armada em esperta que mo vai roubar.

— Não sou uma órfã — disse Beth. — Sou sua filha.

— Para mim, não, não és. E não quero saber o que é que a merda do teu advogado diz acerca disso. E também não quero saber o que é que a Alma dizia acerca disso. Aquela mulher não sabia ficar de boca *fechada*.

Ninguém falou durante um momento. Por fim, Chennault perguntou, com calma:

— O que pretende da Beth, senhor Wheatley?

— Quero-a fora daqui. Vou vender a casa.

Beth encarou-o durante um segundo, antes de falar.

— Então, venda-ma — disse ela.

— Como assim? — disse Wheatley.

— Eu compro-a. Pago-lhe a hipoteca.

— A casa vale muito mais do que isso, agora.

— Quanto mais?

— Ia precisar de sete mil.

Beth sabia que o valor da hipoteca ficava abaixo dos cinco mil.

— Tudo bem — disse ela.

— Tens esse dinheiro todo?

— Sim — disse ela. — Mas vou descontar aquilo que paguei para enterrar a minha mãe. Depois mostro-lhe os recibos.

Allston Wheatley suspirou como um mártir.

— Tudo bem — disse ele. — Podem redigir os papéis. Vou voltar para o hotel.

Caminhou até à porta.

— Está muito calor aqui dentro.

— Podia ter tirado o casaco — disse Beth.

*

Beth ficou com dois mil dólares no banco. Não gostava de ter tão pouco dinheiro, mas não fazia mal. Tinha recebido convites por correio para participar em dois torneios fortes, com bons prémios monetários. Mil e quinhentos, num deles, e dois mil, no outro. E havia ainda o pesado envelope da Rússia, convidando-a a ir a Moscovo, em Julho.

Quando voltou com a sua cópia assinada dos papéis da casa, vagueou pela sala, passando a mão gentilmente por cima da mobília. Wheatley não tinha dito nada acerca do recheio, por isso, era dela. Tinha colocado a pergunta ao advogado. Wheatley nem se dignara aparecer, e foi Chennault quem levou os papéis ao Hotel Phoenix para ele assinar, deixando Beth à espera no escritório, a ler a *National Geographic*. A casa parecia diferente, agora que era sua. Iria comprar mobília nova — um bom sofá, mais baixo, e duas poltronas pequenas, modernas. Conseguia vê-las, forradas a linho azul-pálido, com pés de um azul mais escuro. Não o azul da senhora Wheatley, mas o seu próprio. Azul de Beth. Queria que as coisas ficassem mais claras na sala de estar, mais alegres. Queria eliminar a presença semi-

real da senhora Wheatley daquele sítio. Compraria um tapete mais claro para o chão e lavaria as janelas. Compraria uma aparelhagem e alguns álbuns, uma colcha e fronhas novas para a cama. Dos Purcell. A senhora Wheatley tinha sido uma boa mãe; não tinha querido morrer e deixá-la sozinha.

*

Beth dormiu bem, mas acordou a sentir-se zangada. Vestiu o roupão de felpa, desceu as escadas com os chinelos da senhora Wheatley e deu por si furiosa por causa dos sete mil dólares que pagara a Allston Wheatley. Beth gostava muito do seu dinheiro; ela e a senhora Wheatley haviam sido muito felizes a acumulá-lo torneio após torneio, a vê-lo ganhar juros. Abriam sempre juntas os extractos bancários de Beth, para verem quanto tinha sido creditado na conta, desses juros. E, depois da morte da senhora Wheatley, tinha sido um consolo saber que continuaria a viver naquela casa, podendo fazer as suas compras no supermercado e ir ao cinema sem se sentir constrangida por causa de dinheiro ou ter de pensar em arranjar um emprego ou ir para a faculdade ou encontrar torneios para vencer.

Trouxera consigo três brochuras de Benny, de Nova Iorque. Enquanto os ovos coziam, montou o tabuleiro sobre a mesa da cozinha e abriu a que tinha os jogos do último torneio de Moscovo. As brochuras russas eram impressas em bom papel, com uma leitura fácil. As aulas nocturnas não tinham sido o suficiente para que dominasse russo, mas, ainda assim, conseguia ler os nomes e as notações sem grande dificuldade. Os caracteres cirílicos, no entanto, eram irritantes. Incomodava-a que o Governo russo investisse tanto no xadrez e usasse até um alfabeto diferente do seu. Descascou os ovos cozidos para uma taça com manteiga e começou a

reconstituir o jogo entre Petrosian e Tal. Defesa Grünfeld. A Variante Semieslava. Chegou até ao oitavo movimento, o cavalo do rei preto para a quarta da casa da coluna da dama, e aborreceu-se. Movera as peças demasiado depressa para uma análise, não se detendo como Benny a obrigaria a fazer, de modo a conseguir identificar tudo o que se passava no tabuleiro. Deu a última colherada nos ovos e saiu para o quintal das traseiras.

A manhã estava quente. A relva estava demasiado crescida, quase cobrindo o pequeno caminho de tijolo que conduzia a um roseiral mal cuidado. Voltou para dentro, moveu a torre branca para a primeira casa da coluna da dama e olhou fixamente para a posição. Não lhe apetecia estudar xadrez. Isso assustava-a; caso quisesse evitar ser humilhada em Moscovo, tinha pela frente um estudo imenso. Reprimiu o medo e subiu para tomar um duche. Enquanto secava o cabelo, apercebeu-se com uma espécie de alívio que tinha de o cortar. Teria algo que fazer durante o dia. Depois disso, iria aos Purcell ver sofás para a sala. Não devia comprar nenhum, no entanto, pelo menos até ter mais dinheiro. E como é que conseguiria aparar a relva? Quem a cortava à senhora Wheatley era um rapaz, mas Beth não sabia o seu número de telefone nem morada.

Precisava de limpar a casa. Havia teias de aranha e lençóis e fronhas por trocar. Precisava de um conjunto de cama novo. De roupa nova, também. Harry Beltik deixara a sua navalha da barba na casa de banho; será que devia devolvê-la por correio? O leite tinha azedado e a manteiga sabia a ranço. O congelador estava cheio de gelo e, preso nele, ao fundo, um monte de refeições pré-cozinhadas. O tapete do quarto tinha pó e as janelas tinham dedadas no vidro e sujidade no parapeito.

Beth tentou afastar a confusão da cabeça e fez uma marcação com a Roberta, para cortar o cabelo, às 14 horas. Perguntar-lhe-ia onde encontrar

uma senhora que pudesse limpar-lhe a casa durante as próximas semanas. Iria à Morris, encomendaria alguns livros de xadrez, e almoçaria no Toby.

Mas quem estava atrás do balcão na Morris não era o livreiro do costume, e a mulher que o substituíra não sabia acerca de livros de xadrez. Beth conseguiu que ela encontrasse um catálogo e encomendou três sobre Defesa Siciliana. Precisava de livros de jogos com partidas entre grandes mestres, e alguns *Chess Informants*. Beth não sabia que editora jugoslava publicava a colecção *Chess Informant*, nem a livreira. Era muito irritante. Precisava de ter em casa uma biblioteca tão boa como a de Benny. Melhor do que a dele. Ao pensar nisso, ocorreu-lhe, não sem alguma raiva, que poderia voltar a Nova Iorque e esquecer toda aquela confusão e recomeçar com Benny do ponto em que tinham deixado as coisas. Mas o que lhe poderia ele ensinar mais? O que poderia um americano ensinar-lhe? Ela já os tinha ultrapassado. Estava só. Teria de atravessar sozinha a ponte que separava o xadrez americano do xadrez russo.

O chefe de sala do Toby conhecia-a e colocou-a numa boa mesa junto à janela. Ela pediu *asperges vinaigrette* como entrada, dizendo ao empregado que a comeria antes de pedir o prato principal.

— Gostaria de tomar um *cocktail*? — perguntou ele amavelmente.

Beth olhou para as outras mesas do sossegado restaurante, para as pessoas a almoçar, para o carrinho de sobremesas junto ao cordão de veludo, à entrada da sala de refeições.

— Um *Gibson* — pediu ela. — Com gelo.

Chegou à mesa quase imediatamente. Era bonito. O copo baixo estava brilhante e limpo; as cebolas brancas era como duas pérolas. Ao prová-lo, sentiu-o picar o lábio superior, depois, a garganta, numa provocação doce. O efeito no seu estômago tenso foi extraordinário; tudo na bebida era gratificante. Beth bebeu-o devagar, e a fúria profunda que sentira começou

a dissipar-se. Pediu mais um. Ao fundo da sala, entre as sombras, alguém tocava piano. Beth olhou para o relógio. Faltavam 15 minutos para o meio-dia. Era bom estar viva.

Não chegou a pedir o prato principal. Saiu do Toby às 14 horas, semicerrando os olhos por causa do sol, e atravessou a estrada, fora da passadeira, da Main para a garrafeira David Manly. Usando dois dos seus cheques de viagem de Ohio, comprou uma caixa de borgonha *Paul Masson*, quatro garrafas de gim *Gordon's*, uma garrafa de vermute *Martini & Rossi*, e pediu ao senhor Manly para lhe chamar um táxi. O seu discurso estava estruturado e compreensível; o seu passo, estável. Comera seis talos de espargos e bebera seis *Gibson*. Namorava com o álcool havia anos. Era altura de consumir a relação.

O telefone estava a tocar quando Beth chegou a casa, mas ela não atendeu. O taxista ajudou-a com a caixa das garrafas, e ela deu-lhe um dólar de gorjeta. Depois de ele se ir embora, tirou-as, uma a uma, da caixa, e arrumou-as no armário por cima da torradeira, à frente das latas velhas de esparguete e chili da senhora Wheatley. Abriu uma garrafa de gim e desenroscou a de vermute. Nunca tinha feito um *cocktail*. Deitou um pouco de gim no copo baixo e juntou um pouco de vermute, misturando tudo com uma das colheres da senhora Wheatley. Levou cuidadosamente a bebida até à sala, sentou-se e deu um grande gole.

*

As manhãs eram horríveis, mas Beth conseguia lidar com elas. Ao terceiro dia, foi à Kroger comprar uma dúzia de ovos e um reforço de refeições pré-cozinhadas. Nos dias seguintes, comia sempre dois ovos antes do primeiro copo de vinho. Regra geral, por volta do meio-dia tinha

adormecido. Acordava no sofá ou na cadeira, com os braços e pernas tensos e a nuca húmida de suor quente. Por vezes, com a cabeça zonza, sentia no fundo do estômago uma raiva tão intensa como a dor de um abscesso rebentado no maxilar, uma dor de dentes potente que apenas a bebida conseguia aliviar. Por vezes, a bebida tinha de ser forçada contra a rejeição do próprio corpo, mas fazia-o. Bebia e esperava e o que sentia tornava-se um pouco mais difuso. Era como baixar o volume.

No sábado de manhã entornou vinho em cima do tabuleiro que tinha na cozinha, e, na segunda, foi contra a mesa por acidente, fazendo com que algumas peças caíssem ao chão. Deixou-as lá, só as apanhando na quinta-feira, quando o rapaz finalmente apareceu para cortar a relva. Beth ficou no sofá a terminar a última garrafa da caixa, ouvindo o motor potente da máquina e sentindo o cheiro da relva acabada de cortar. Depois de lhe pagar, foi até ao quintal, para dentro do cheiro, e olhou para o relvado, com os seus montículos de relva cortada. Comoveu-a vê-lo tão mudado, tão diferente daquilo que fora. Voltou para dentro, pegou na mala e chamou um táxi. A lei não permitia que se fizessem entregas de vinho ou bebidas brancas. Teria de ir buscar ela mesma outra caixa. O mais inteligente seria trazer duas. Experimentaria o de Almadén. Alguém lhe tinha dito que o borgonha de Almadén era melhor do que o *Paul Masson*, menos adstringente no palato. Iria experimentar. Talvez comprasse também umas garrafas de vinho branco. E precisava de comida.

Os almoços eram de lata. O chili enlatado era bastante bom, se se adicionasse um pouco de pimenta e acompanhasse com um copo de borgonha. O de Almadén era de facto melhor do que o *Paul Masson*, menos adstringente no palato. Os *Gibson*, no entanto, podiam atingi-la como se fossem um taco de beisebol, e Beth cansou-se deles, guardando-os apenas para o último momento, antes de adormecer, ou, de outras vezes, como

primeira bebida da manhã. Na terceira semana, levava um *Gibson* consigo para a cama, nas noites em que era capaz de lá chegar. Pousava-o na mesa-de-cabeceira com um *Chess Informant* por cima, de modo a que o álcool não evaporasse, e bebia-o ao acordar, a meio da noite. Se não fosse nesse momento, seria de manhã, antes de descer as escadas.

Às vezes o telefone tocava, mas Beth só o atendia quando tinha a mente e a voz normais. Dizia sempre qualquer coisa em voz alta para confirmar o seu nível de sobriedade, antes de levantar o auscultador. Dizia coisas como «o rato roeu a rolha da garrafa do rei da Rússia», e, se conseguisse, atendia. Tinha ligado uma mulher de Nova Iorque a dizer que gostavam de a ter no *Tonight Show*. Beth recusou.

Só na terceira semana a beber é que olhou para a pilha das revistas que tinham chegado durante a sua estada em Nova Iorque, e descobriu uma *Newsweek* onde aparecia a sua fotografia. Tinha-lhe sido dedicada uma página na secção de Desporto. A fotografia era da sua partida contra Benny, e ela lembrava-se do momento em que tinha sido tirada, durante a abertura. A posição das peças era visível na fotografia, e ela confirmou ter razão, tinha acabado de fazer a sua quarta jogada. Benny estava com uma expressão pensativa e distante, como habitualmente. O artigo dizia que ela era a mulher mais talentosa desde Vera Menchik. Beth leu-o, meio bêbeda, e irritou-se com o espaço dado a Menchik, demorando-se longamente com a sua morte num bombardeamento de Londres, em 1944, antes de fazer notar que Beth era melhor xadrezista. E o que é que ser mulher tinha que ver com isso? Ela era melhor do que qualquer homem que jogava xadrez na América. Lembrava-se da entrevistadora da *Life* e das perguntas sobre ser-se mulher num mundo de homens. Ela que fosse para o inferno; quando Beth terminasse, *não* seria um mundo de homens. Era meio-dia, pelo que

Beth foi pôr uma lata de esparguete a aquecer, antes de ler o resto do artigo. O último parágrafo era o mais forte.

«Aos 18 anos, Beth Harmon afirma-se como rainha do xadrez americano. É possível que seja a jogadora mais dotada desde Morphy ou Capablanca; ninguém sabe ao certo o quão dotada é e quão grande é o potencial que detém no seu corpo jovem e no seu cérebro extraordinário. Para descobri-lo, para mostrar ao mundo se a América finalmente ultrapassou o seu estatuto inferior no xadrez mundial, Harmon terá de defrontar os pesos pesados. Terá de ir à União Soviética.»

Beth fechou a revista e encheu um copo de *Almadén Mountain Chablis* para acompanhar o esparguete. Eram três da tarde e fazia um calor absurdo. E o vinho estava a acabar: só tinha duas garrafas no armário por cima da torradeira.

*

Uma semana após ter lido o artigo na *Newsweek*, acordou numa manhã de quinta-feira a sentir-se demasiado mal para se levantar. Por muito que tentasse, não se conseguia sentar. Tinha a cabeça e o estômago a doerem terrivelmente. Continuava com os *jeans* e a *T-shirt* branca da noite anterior, e sentia-se a sufocar dentro deles. Mas não era capaz de os despir. A *T-shirt* estava colada ao seu tronco e costas, e ela não tinha forças para a puxar por cima da cabeça. Havia um *Gibson* na mesa-de-cabeceira. Beth conseguiu rebolar na cama até lá e segurá-lo com as duas mãos, bebendo até metade antes de começar a ter vômitos. Achou momentaneamente que ia sufocar, mas a respiração regressou e ela acabou a bebida.

Sentiu pânico. Estava sozinha na fofalha que era aquele quarto e tinha medo de morrer. O seu estômago doía, assim como todos os seus órgãos.

Será que se tinha envenenado com vinho e gim? Tentou novamente sentar-se e, com a ajuda do gim, conseguiu. Ficou quieta durante uns minutos, a acalmar-se, antes de cambalear até à casa de banho e vomitar. A sensação era de limpeza. Conseguiu despir-se e, com medo de escorregar na banheira e partir uma anca, como acontece às velhotas sem equilíbrio, encheu-a com água morna e tomou um banho. Iria telefonar a McAndrews, o médico da senhora Wheatley, e marcar uma consulta para perto do meio-dia. Se conseguisse chegar ao consultório. O que sentia era mais do que uma ressaca; estava doente.

Mas, ao descer as escadas após o banho, sentiu-se mais forte e conseguiu comer dois ovos sem dificuldade. A vontade de pegar no telefone e ligar a alguém parecia-lhe agora uma coisa distante. Existia uma barreira entre si mesma e fosse qual fosse o mundo ao qual o telefone a iria ligar; sentia-se incapaz de quebrar essa barreira. De certeza que iria ficar bem. Beberia menos, abrandaria. Talvez tivesse vontade de ligar a McAndrews depois de uma bebida. Encheu um copo de *chablis* e bebericou. Sentiu-se curada por ele, como remédio mágico que era.

*

Na manhã seguinte, durante o pequeno-almoço, o telefone tocou e Beth atendeu sem pensar. Do outro lado da linha estava uma pessoa chamada Ed Spencer. Beth demorou um pouco a lembrar-se de que era o director do torneio local.

— É sobre amanhã — disse ele.

— Amanhã?

— O torneio. Gostávamos de saber se poderia chegar uma hora mais

cedo. O jornal de Louisville vai enviar um fotógrafo, e achamos que a WLEX vai ter cá alguém. Conseguiria estar cá às nove?

Beth sentiu um aperto no peito. Ele estava a referir-se ao campeonato estadual do Kentucky. Beth esquecera-se completamente daquilo. Esperavam-na para defender o título. Tinha de ir ao liceu Henry Clay no dia seguinte de manhã e participar num torneio de dois dias como campeã. A sua cabeça latejava e a mão que segurava a caneca de café estava a tremer.

— Não sei — disse ela. — Pode voltar a ligar daqui a uma hora?

— Claro que sim, menina Harmon.

— Obrigada. Confirmo daqui a uma hora.

Sentia-se assustada e não queria jogar xadrez. Não olhava para um livro de xadrez nem tocava numa peça desde que comprara a casa a Allston Wheatley. Nem sequer queria pensar em xadrez. A garrafa da noite anterior ainda estava pousada no balcão da cozinha, ao pé da torradeira. Encheu meio copo, mas, ao bebê-lo, picou-lhe a língua e achou o sabor horrível. Deixou o copo por terminar no lava-loiça e foi buscar sumo de laranja ao frigorífico. Se não limpasse a cabeça e participasse no torneio, estaria apenas mais bêbeda e doente no dia seguinte. Terminou o sumo de laranja e subiu, pensando em todo o vinho que bebera, quase conseguindo senti-lo no fundo do estômago. As suas entranhas sentiam-se violentadas. Precisava de tomar um duche quente e vestir roupa lavada.

Ia ser uma perda de tempo. Beltik não iria participar e não estaria lá ninguém tão bom como ele. O Kentucky não tinha qualquer relevância no xadrez. De pé no meio da casa de banho, despida, começou a reconstituir mentalmente a Variante Levenfish da Siciliana, semicerrando os olhos e visualizando as peças num tabuleiro imaginário. Fez as primeiras doze jogadas sem erros, apesar de as peças não lhe surgirem com tanta clareza como um ano atrás. Hesitou após a décima oitava jogada, quando as pretas

moveram um peão para a quarta casa da coluna do rei e alcançaram a igualdade. Botvinnik — Smyslov, 1958. Tentou jogar o resto da partida, mas doía-lhe a cabeça, e, depois de tomar duas aspirinas, não tinha a certeza de onde deveriam estar os peões. Mas conseguira fazer as primeiras dezoito jogadas. Manter-se-ia sóbria, e jogaria no dia seguinte. Tinha sido simples vencer pela segunda vez o campeonato estadual, havia dois anos. À exceção de si e, talvez, de Henry, não havia propriamente xadrezistas fortes no Kentucky. Goldmann e Sizemore não eram um problema.

Quando o telefone voltou a tocar, Beth disse a Ed Spencer que estaria lá às 9h30. Meia hora era mais do que suficiente para as fotografias.

*

Secretamente, tivera a esperança de que fosse Townes a aparecer com a máquina fotográfica, mas não havia sinal dele. O homem de Louisville também ainda não tinha aparecido. Posou para uma fotografia do *Herald-Leader* ao pé do Tabuleiro 1, concedeu uma entrevista de três minutos a um homem de uma estação televisiva local e, pedindo desculpa, saiu para dar um passeio à volta do quarteirão antes de o torneio começar. Tinha conseguido passar o resto do dia anterior sem beber, e dormira suficientemente bem com a ajuda de três comprimidos verdes, mas sentia-se agoniada. Ainda era cedo, mas o sol estava demasiado brilhante; começara a suar após a primeira curva. Os seus pés doíam. Tinha dezoito anos, mas sentia-se com quarenta. Precisava de parar de beber. O seu primeiro oponente era alguém chamado Foster, com um *rating* na casa dos 1800. Ela estaria a jogar com as pretas, mas deveria ser um jogo fácil — especialmente se ele movesse o peão para a quarta casa da coluna do rei e a deixasse entrar na Siciliana.

Foster parecia bastante calmo, considerando que estava a jogar contra a campeã nacional na sua primeira ronda. Tivera o bom senso de não abrir com o peão do rei contra ela. Moveu o peão para a quarta casa da coluna da dama, e Beth decidiu evitar o Gambito de Dama e tentar levá-lo por território inexplorado com a Defesa Holandesa. Isso significava um peão para a quarta casa da coluna do bispo do rei. Deram continuidade dentro dos movimentos tradicionais durante algum tempo, até que, de algum modo, ela deu por si a entrar na formação Stonewall. Não era uma posição de que gostasse particularmente e, ao começar a considerar o aspecto do jogo, sentiu-se irritada consigo mesma. A coisa a fazer era quebrar a posição e atirar-se directamente ao pescoço de Foster. Estivera simplesmente a brincar com ele, e já era altura de acabar com isso. A cabeça ainda lhe doía e sentia-se desconfortável, mesmo na confortável cadeira giratória. Havia demasiados espectadores no salão. Foster era um louro pálido na casa dos 20; fazia os seus movimentos com um cuidado tão empertigado que a levava à loucura. Após a décima segunda jogada, olhou para a posição apertada e avançou rapidamente um peão para o centro, para o sacrificar; conseguiria, assim, abrir o jogo e começar a atacar. Devia ter mais uns 600 pontos de *rating* do que aquele tipo sinistro; iria dar cabo dele, almoçar bem, beber um café e preparar-se para Goldman e Sizemore, à tarde.

O sacrifício do peão, no entanto, fora um pouco precipitado. Quando Foster o capturou com o cavalo e não com o peão, como ela supusera que ele fizesse, Beth apercebeu-se de que ou se defendia, ou teria de perder mais um peão. Mordeu o lábio, irritada, e procurou algo com que o aterrorizar. Mas não encontrava o que quer que fosse. A sua mente estava a funcionar com uma lentidão estúpida. Recuou o bispo para proteger o peão.

Foster ergueu ligeiramente as sobrancelhas perante o movimento e trouxe

a torre até à linha da dama, a que Beth abrira com o sacrifício do peão. Beth pestanejou. Não lhe agradava o rumo que o jogo estava a tomar. A sua dor de cabeça piorara. Levantou-se da mesa, foi ter com o director e pediu-lhe aspirinas. Ele descobriu algumas e deu-lhe três, as quais Beth tomou com um copo de água, antes de voltar ao jogo com Foster. Ao atravessar novamente o torneio, notava os olhos dos outros jogadores, desviados das partidas e fixos nela. Beth sentiu-se subitamente zangada por ter concordado em participar naquele torneio de segunda categoria, e zangada por ter de regressar ao seu lugar e defrontar Foster. Odiava toda aquela situação: vencê-lo não significaria nada para si, mas, se perdesse, faria uma figura terrível. Mas isso não ia acontecer. Se Benny Watts não conseguia vencê-la, não seria um estudante empertigado de Louisville quem a encostaria ao canto. Encontraria uma combinação qualquer e destruí-lo-ia com isso.

Mas não havia qualquer combinação à vista. Beth estudava fixamente a posição, que mudava de jogada a jogada e continuava a não mostrar qualquer abertura. Foster era bom — claramente melhor do que o seu *rating* dava a entender —, mas não era assim tão bom. O público que enchia o pequeno salão observava-a em silêncio, via Beth entrar cada vez mais na defensiva, tentando que o seu rosto não denunciasse o nervosismo que começava a dominar as suas jogadas. E o que é que se passava com a sua *mente*? Não bebia uma pinga de álcool há uma ou duas noites. O que é que se estava a passar consigo? Beth começava a sentir-se apavorada. E se, de algum modo, o seu talento se tivesse deteriorado...

E então, à vigésima terceira jogada, Foster iniciou uma série de trocas ao centro e Beth não se sentia capaz de o travar, desesperadamente assistindo ao desaparecimento das suas peças e à decadência crescente e imparável da sua posição. Deu por si a jogar uma partida já perdida, esmagada pela

vantagem de dois peões de um jogador com um *rating* de 1800. Não havia nada que ela pudesse fazer. Ele iria promover um peão a dama e humilhá-la com isso.

Beth levantou o rei do tabuleiro antes de ele conseguir fazê-lo, e deixou o salão sem olhar para ele, furando através do público, evitando os seus olhares, quase sem respirar, dirigindo-se à mesa.

— Estou a sentir-me mal — disse ao director. — Vou ter de abandonar o torneio.

Subiu a Main, pesada e agitada, tentando não pensar no jogo. Era horrível. Tinha tornado aquele torneio num teste pessoal — o tipo de teste viciado que um alcoólico faz a si mesmo — e, mesmo assim, tinha falhado. Não podia beber quando chegasse a casa. Devia ler e jogar xadrez e ficar em condições. Mas pensar em ir para uma casa vazia era algo que a assustava. O que mais podia ela fazer? Não havia o que lhe apetecesse fazer ou pessoas a quem quisesse telefonar. A partida que perdera era inconsequente e o torneio não significava nada, mas a humilhação que sentia era insuportável. Não queria ouvir discussões acerca do modo como tinha perdido com Foster, nem queria voltar a ver Foster. *Não podia beber*. Tinha um torneio a sério na Califórnia daí a cinco meses. E se tivesse já estragado tudo? E se tivesse eliminado da superfície do cérebro as interligações sinápticas que constituíam o seu dom? Lembrava-se de ter lido nalgum sítio a história de um artista *pop* que conseguira comprar um desenho original de Miguel Ângelo, pegado numa borracha e *apagado* tudo, deixando a folha completamente em branco. A perda, gratuita, tinha-a chocado. Sentia agora um choque parecido, ao imaginar o seu talento para o xadrez apagado da superfície do seu cérebro.

Chegada casa, experimentou um livro de jogos russo, mas não se conseguiu concentrar. Começou a reconstituir o jogo contra Foster,

montando o tabuleiro na cozinha, mas as jogadas eram demasiado dolorosas. A estupidez da Stonewall e o peão precipitadamente trazido para a frente. Uma jogada de principiante. Mau xadrez. Xadrez ressacado. O telefone tocou, mas Beth não atendeu. Ficou sentada com o tabuleiro à sua frente e, por um momento, doloroso, desejou ter alguém a quem telefonar. Harry Beltik estava em Louisville. E ela não queria contar-lhe o jogo com Foster. Ele acabaria por ficar a saber disso num instante. Podia telefonar a Benny. Mas Benny tinha-se mostrado frio depois de Paris, e Beth não queria falar com ele. Não havia mais ninguém. Levantou-se e, arrastando-se, abriu a porta do armário ao lado do frigorífico, retirou uma garrafa de vinho branco e encheu um copo. Uma voz dentro de si reclamava ferozmente diante daquele absurdo, mas Beth ignorou-a. Bebeu metade num único longo gole, e ficou quieta, à espera de o conseguir sentir. Acabou o copo e voltou a enchê-lo. Era possível viver sem xadrez. A maioria das pessoas vivia.

Ao acordar no sofá, na manhã seguinte, ainda com as roupas de Paris que usara ao perder com Foster, sentia-se assustada de um modo até então desconhecido. Conseguia sentir o seu cérebro ficar fisicamente turvo por causa do álcool, o seu alcance posicional a tornar-se desleixado, o seu entendimento a ficar enevoado. Mas, depois do pequeno-almoço, tomou um duche, mudou de roupa e encheu um copo de vinho. Era quase mecânico; aprendera a bloquear o pensamento enquanto o fazia. O importante era comer umas torradas, de modo a que o vinho não lhe causasse azia.

Continuou a beber durante dias, mas a memória do jogo que perdera e o medo do que estava a fazer ao seu dom, tão aguçado, não desapareciam, excepto nos momentos em que estava tão bêbeda que não era sequer capaz de pensar. Havia um artigo no jornal de domingo sobre si, com uma das fotografias tiradas nessa manhã, na escola, e um cabeçalho onde se lia

«Campeã de Xadrez Desiste de Torneio». Deitou o jornal fora sem ler o artigo.

E então, uma manhã, antecedida por uma noite de sonhos sinistros e confusos, Beth acordou com uma clareza mental a que já não estava habituada: se não parasse de beber imediatamente, arruinaria tudo o que alcançara. Deixara-se afundar naquela escuridão assustadora. Tinha de encontrar um apoio onde firmar o pé e impelir-se para fora dela. Tinha de encontrar ajuda. Então, com uma enorme sensação de alívio, soube subitamente quem queria que a ajudasse.

TREZE

Jolene não aparecia na lista telefónica de Lexington. Beth telefonou para as informações em Louisville e Frankfort. Nenhuma Jolene DeWitt. Talvez tivesse casado e mudado de nome. Do mesmo modo, também podia estar em Chicago ou no Klondike; Beth não a tinha visto nem falado com ela deste que saíra da Methuen. Só havia uma maneira de ir em diante com tudo aquilo: os papéis da adopção que estavam guardados na gaveta da escrivaninha da senhora Wheatley. Beth foi buscar a pasta e encontrou uma carta com o nome e o lema da Methuen no topo, a vermelho. Tinha o número de telefone. Beth segurou o papel nervosamente. No final, assinado com uma letra pequena e bonita: Helen Deardorff, Directora.

Era quase meio-dia e ela ainda não tinha bebido. Pensou momentaneamente em se acalmar com um *Gibson*, mas não era capaz de esconder a estupidez dessa ideia de si mesma. Um *Gibson* seria o fim da resolução que fizera. Podia ser alcoólica, mas não era estúpida. Subiu ao piso de cima, pegou no seu frasco mexicano de *Librium* e tomou dois. Enquanto esperava que a tensão se comesçasse a dissipar, foi até ao quintal, tratado pelo rapaz no dia anterior. As rosas haviam finalmente desabrochado. As pétalas já tinham caído, na sua maioria, e no final dos caules surgiam ancas esféricas, parideiras, sobre as quais as flores tinham estado. Não reparara nelas quando desabrochavam, em Junho e Julho.

Voltando à cozinha, sentiu-se mais tranquila. Os calmantes estavam a funcionar. Quantos neurónios matavam *elas* a cada miligrama? Não podia

ser tão mau como com o álcool. Foi até à sala e ligou para a Instituição Methuen.

A telefonista da Methuen colocou-a em espera. Beth alcançou o frasco, abanou-o até sair um comprimido verde e engoliu-o. A voz surgiu no outro lado da linha, surpreendentemente audível.

— Daqui fala Helen Deardorff.

Beth ficou sem conseguir falar durante um momento, quis desligar, mas inspirou fundo e acabou por dizer:

— Senhora Deardorff, daqui fala Beth Harmon.

— A sério?

Parecia surpreendida.

— Sim.

— *Bem...*

Durante a pausa que se seguiu, ocorreu a Beth que talvez a senhora Deardorff não tivesse nada a dizer. Talvez achasse tão difícil falar com Beth como ela achava difícil o contrário.

— Bem — repetiu a senhora Deardorff —, temos lido muitas coisas sobre ti, nos jornais.

— Como está o senhor Shaibel? — perguntou Beth.

— O senhor Shaibel continua connosco. É esse o motivo do teu telefonema?

— Estou a telefonar por causa da Jolene DeWitt. Gostava de entrar em contacto com ela.

— Lamento — disse a senhora Deardorff —, mas a Methuen não pode dar a morada ou o número de telefone das pessoas que teve a seu cargo.

— Senhora Deardorff — disse Beth, ouvindo a sua voz quebrar de emoção —, senhora Deardorff, faça isso por mim. Preciso de falar com a Jolene.

— Há leis...

— *Por favor*, senhora Deardorff — interrompeu Beth.

O tom da senhora Deardorff mudou.

— Pronto, Elizabeth. A DeWitt mora em Lexington. O número de telefone é este.

*

— Foda-se! — exclamou Jolene ao telefone. — Foda-se!

— Como estás, Jolene?

Beth tinha vontade de chorar, mas tentou que a voz não tremesse.

— Meu Deus — disse Jolene a rir —, é tão bom ouvir a tua voz. Continuas feia?

— Continuas negra?

— Sou uma senhora negra — disse Jolene. — E tu deixaste de ser feia. Já te vi mais vezes em revistas do que à Barbra Streisand. És a minha amiga famosa.

— Porque é que não me ligaste?

— Inveja.

— Jolene — disse Beth —, chegaste a ser adoptada?

— Achas? *Formei-me* naquele sítio. E porque é que nunca me enviaste a porcaria de um postal ou uma caixa de bolachas?

— Pago-te o jantar hoje à noite. Consegues estar no Toby, na Main Street, às sete?

— Falto a uma aula — disse Jolene. — Filha da mãe! Campeã dos EUA no histórico jogo de xadrez. Uma verdadeira vencedora.

— É sobre isso mesmo que te quero falar — disse Beth.

Quando se encontraram no Toby, toda a espontaneidade desapareceu.

Beth tinha passado o dia sem beber, cortara o cabelo na Roberta e limpou a cozinha, fora de si de entusiasmo por ter falado com Jolene. Chegou ao restaurante quinze minutos antes da hora, recusando nervosamente quando o empregado de mesa perguntou se ela queria um aperitivo. Quando Jolene chegou, tinha uma *Coca-Cola* à sua frente.

Beth não a reconheceu logo. A mulher que se dirigia para a sua mesa estava a usar aquilo que parecia ser um conjunto *Coco Chanel* e exibia uma cabeleira afro tão volumosa que Beth não conseguia acreditar tratar-se de Jolene. Parecia uma estrela de cinema ou uma princesa do *rock and roll* — com mais corpo do que a Diana Ross e a pinta da Lena Horne. Mas, ao ver que se tratava de Jolene, com o sorriso e os olhos de Jolene de que se lembrava, Beth levantou-se, um pouco envergonhada, e abraçaram-se. O perfume de Jolene era forte. Beth sentiu-se inibida. Jolene deu-lhe palmadinhas nas costas enquanto se abraçavam e disse:

— Beth Harmon. A velha Beth.

Sentaram-se e olharam uma para a outra com algum embaraço. Beth decidiu que precisava de uma bebida que a ajudasse a ultrapassar aquilo, mas quando o empregado se aproximou da mesa, quebrando, felizmente, o silêncio, Jolene pediu uma gasosa e Beth outra *Cola*.

Jolene trazia consigo um envelope castanho com qualquer coisa lá dentro, que colocou na mesa, diante de Beth. Beth pegou nele. Era um livro, e Beth adivinhou imediatamente qual seria. Retirou-o do envelope. *Modern Chess Openings*. O seu exemplar antigo, gasto.

— É verdade, fui eu — disse Jolene. — Furiosa contigo por teres sido adoptada.

Beth sorriu, abrindo o livro na folha de rosto, onde estava escrito, com letra de criança: «Elizabeth Harmon, Instituição Methuen».

— E não por ser branca?

— Quem é que se esqueceria desse pormenor?

Beth olhou para o rosto de Jolene, bondoso e bonito, com aquele cabelo incrível e longas pestanas pretas, para os seus lábios carnudos, e a sua inibição desapareceu com um alívio que, de tão simples, se tornava físico. Sorriu abertamente.

— É bom voltar a ver-te.

O que queria dizer era «gosto muito de ti».

Durante a primeira hora da refeição, Jolene falou acerca da Methuen: como adormecia durante a catequese e detestava a comida; o senhor Schell, a menina Graham e os filmes cristãos de sábado à noite. Quando falava da senhora Deardorff, era hilariante, conseguindo imitar a sua voz tensa e o modo como atirava com a cabeça. Há muito que Beth não se ria, e nunca se sentira tão à vontade com ninguém — nem sequer com a senhora Wheatley. Jolene pediu um copo de vinho branco para acompanhar a vitela, e Beth hesitou antes de pedir ao empregado que lhe trouxesse uma água com gelo.

— Ainda não tens idade? — perguntou Jolene.

— Não é isso. Tenho 18.

Jolene ergueu as sobrancelhas e voltou à vitela. Passado um minuto, voltou a falar.

— Quanto foste para a tua casa feliz, comecei a jogar voleibol a sério. Acabei a escola aos 18 e a universidade ofereceu-me uma bolsa em Educação Física.

— E gostas?

— Não me chateia — respondeu Jolene um pouco depressa. — Mentira, chateia. É uma seca, é o que é. Não quero ser professora de Ginástica.

— Podes fazer outra coisa.

Jolene abanou a cabeça.

— Só quando acabei o bacharelato, no ano passado, é que percebi.

Tinha estado a falar de boca cheia. Engoliu a comida e inclinou-se para Beth, apoiando os cotovelos na mesa.

— Devia ter ido para Direito ou Administração Pública. Estes são os tempos certos para as minhas capacidades, e eu dei cabo de tudo em cima de um arção e a aprender os principais músculos do abdómen. — A sua voz baixou de volume, mas ganhou intensidade. — Sou uma mulher negra. Sou *órfã*. Devia estar em Harvard. Devia ter a minha fotografia na *Time*, como tu.

— Ias ficar muito bem ao lado da Barbara Walter — disse Beth. — Podias falar acerca da privação emocional dos órfãos.

— Se podia — disse Jolene. — Adorava falar da Helen Deardorff e da merda dos calmantes dela.

Beth hesitou, acabando por perguntar:

— Ainda tomas calmantes?

— Não — disse Jolene. — Não mesmo.

Riu-se.

— Nunca mais me esqueci de quando roubaste o frasco inteiro. Ali, na Sala de Actividades, em frente do *orfanato* inteiro, foda-se, e a velha da Helen pronta a ficar numa autêntica estátua de sal, e nós todos de boca aberta.

Riu-se novamente.

— Tornaste-te a minha heroína. Contava isso aos miúdos novos que chegavam, depois de teres ido embora.

Jolene tinha terminado a refeição; encostou-se à cadeira e empurrou o prato para o centro da mesa. Depois, tirou um maço de *Kents* do bolso do casaco e olhou para ele durante um momento.

— Quando a tua fotografia apareceu na *Life*, fui eu quem a pôs no quadro de informações da biblioteca. Tanto quanto sei, ainda lá está.

Acendeu o cigarro com um pequeno isqueiro preto, inspirando profundamente.

— «Uma Pequena Mozart Faz Tremer o Mundo do Xadrez». Sim, senhora.

— Ainda tomo calmantes — disse Beth. — Demasiados.

— Pobrezinha — disse Jolene com ironia, olhando para o cigarro.

Beth ficou calada durante uns momentos. O silêncio entre ambas era palpável. Depois disse:

— Vamos à sobremesa.

— *Mousse* de chocolate — disse Jolene.

Durante a sobremesa, Jolene parou de comer e olhou para Beth.

— Não estás com *bom* ar, Beth — disse. — Estás inchada.

Beth anuiu e terminou a *mousse*.

Jolene levou-a até casa no seu *Volkswagen* cinzento. Quando chegaram a Janwell, Beth disse:

— Gostava que entrasses, Jolene. Quero que conheças a minha casa.

— Claro — disse Jolene.

Beth mostrou-lhe onde estacionar, e, quando saíram do carro, Jolene disse:

— A casa é toda tua?

— Sim — respondeu Beth.

— Não és órfã nenhuma — disse ela. — Agora, já não.

Mas o cheiro que se sentia quando se entrava, açucarado e velho, era chocante. Beth nunca tinha reparado. Houve um silêncio de embaraço quando Beth ligou os candeeiros da sala e olhou em volta. Não reparara no pó em cima da televisão e nas manchas em cima da banqueta de apoio. Num dos cantos do tecto da sala, ao pé das escadas, havia uma densa teia de aranha. A casa estava sombria e bafienta.

Jolene deu uma volta pela sala, olhando em redor.

— Não andas só a tomar calmantes, querida — disse ela.

— Tenho bebido vinho.

— Acredito que sim.

Beth fez-lhe um café na cozinha. Pelo menos, o chão estava limpo nessa zona. Abriu a janela que dava para o quintal, para deixar entrar ar fresco.

O tabuleiro de xadrez continuava montado, e Jolene pegou na rainha, segurando-a durante um momento.

— Farto-me de jogos — disse ela. — Nunca aprendi este.

— Queres que te ensine?

Jolene riu-se.

— Isso ia dar que falar.

Pousou a rainha novamente no tabuleiro.

— Ensina-me andebol, raquetebol e *paddle*. Jogo ténis, golfe, ao mata e faço luta greco-romana. Não preciso de xadrez. Aquilo que me interessa é que me fales sobre a história do vinho.

Beth entregou-lhe uma caneca com café.

Jolene sentou-se e tirou um cigarro do maço. Naquela cozinha banal, com o seu fato azul-marinheiro-vivo e a sua cabeleira, Jolene era como um novo centro da divisão.

— Começou com os comprimidos? — perguntou.

— Costumava adorá-los — disse Beth. — Mesmo.

Jolene abanou a cabeça duas vezes, pronunciadamente.

— Não bebi nada hoje — disse Beth abruptamente. — Devo ir jogar à Rússia no ano que vem.

— Luchenko — disse Jolene. — Borgov.

Beth ficou surpreendida pelo facto de ela conhecer os nomes.

— Tenho medo.

— Então, não vás.

— Se não for, não tenho mais nada que fazer. Vou passar os dias a beber.

— Ao que parece, é isso que já andas a fazer, seja como for.

— Só preciso de parar de beber e parar de tomar aqueles comprimidos e dar uma volta a este sítio. Olha para a gordura em cima do fogão.

E apontou para lá.

— Tenho de estudar xadrez oito horas por dia e tenho de participar nalguns torneios. Querem que eu vá jogar a São Francisco e querem que eu vá ao *Tonight Show*. Devia fazer isso tudo.

Jolene observou-a atentamente.

— Aquilo que me apetece é uma bebida — disse Beth. — Se não estivesse aqui, estava a beber uma garrafa de vinho.

Jolene franziu o sobrolho.

— Pareces a Susan Hayward naqueles filmes — disse ela.

— Isto não é filme nenhum — respondeu Beth.

— Então, pára de falar como se estivesse num filme. Deixa-me dizer-te o que tens de fazer. Vais ter ao ginásio universitário amanhã às 10, na Euclid Avenue. É quando eu treino. Traz os teus ténis e uns calções. Tens de perder esse aspecto inchado, antes de fazeres outros planos.

Beth olhou fixamente para ela.

— Sempre detestei ginástica...

— Eu lembro-me — disse Jolene.

Beth pensou no assunto. Havia garrafas de vinho tinto e de vinho branco no armário atrás de si, e, por um momento, quis que Jolene se fosse embora para poder ir lá buscar uma, tirar a rolha e encher um copo. Conseguia sentir a sensação ao fundo da garganta.

— Não é assim tão mau — disse Jolene. — Eu arranjo-te toalhas lavadas e podes usar o meu secador.

— Não sei ir lá ter.

— Apanha um táxi. Caramba, *vai a pé*.

Beth olhou para ela, desanimada.

— Tens de mexer esse cu, miúda — disse Jolene. — Tens de parar de ficar sentada em cima do rabo.

— OK — disse Beth. — Eu apareço.

Quando Jolene saiu, Beth bebeu um copo de vinho, mas não o segundo. Abriu todas as janelas da casa e bebeu o vinho no quintal, com a Lua, quase cheia, directamente em cima do pequeno barracão do fundo. Sentia-se uma brisa fresca. Demorou muito a terminar o copo, deixando que a brisa entrasse pela janela da cozinha, fazendo as cortinas ondular e, passando pela cozinha e pela sala, limpando o ar.

*

O ginásio tinha tecto alto e paredes brancas. A luz entrava por uma enorme janela na parede lateral, ao longo da qual estavam alinhadas várias máquinas estranhas. Jolene tinha *collants* amarelos e ténis. A manhã estava quente, e Beth saíra de casa de calções brancos, apanhando um táxi. Ao fundo do ginásio, um rapaz com ar tristonho levantava pesos e gemia, deitado em cima de um banco. Não havia mais ninguém.

Começaram nas bicicletas. Jolene programou a de Beth no 10, e a sua no 60. Ao fim de dez minutos a pedalar, Beth estava coberta de suor e os seus gémeos doíam.

— Vai piorar — disse Jolene.

Beth cerrou os dentes e continuou a pedalar.

Não conseguiu ajeitar-se com o ritmo na máquina de exercício lombar, e o seu rabo deslizava pelo couro falso em que tinha de estar deitada

enquanto empurrava os pesos para baixo com as pernas. Jolene regulara a máquina para vinte quilos, mas até isso parecia demasiado. E depois havia a máquina em que subia os pesos com os tornozelos, o que fazia com que os tendões na parte superior das pernas ficassem salientes e começassem a doer. Depois de tudo isso, teve de sentar-se de costas direitas naquilo que lhe fazia lembrar uma cadeira eléctrica e usar os ombros para empurrar os pesos.

— Ajuda a fortalecer os peitorais — explicou Jolene.

— Não faço ideia do que isso seja — disse Beth.

Jolene riu-se.

— Confia em mim, querida. O que precisas é disto.

Beth fez todos os exercícios — furiosa e terrivelmente sem fôlego. A sua fúria piorou ao ver que Jolene estava a usar pesos muito maiores do que os dela. Mas, por outro lado, a figura de Jolene era perfeita.

O duche a seguir soube maravilhosamente. Os jactos de água eram fortes, e Beth aproveitou-os, retirando todo o suor do corpo. Ensaboou-se cuidadosamente e ficou a ver a espuma dançar sobre a tijoleira branca enquanto a empurrava para o ralo com um jacto de água quente.

Quando, no refeitório, a empregada passou o bife a Beth, Jolene empurrou o seu tabuleiro para junto do dela.

— Nada disso — disse, retirando-lhe o prato das mãos e devolvendo-o.
— Nada de molho nem de batatas.

— Não estou com peso a mais — disse Beth. — Não me faz mal nenhum comer batatas.

Jolene não respondeu. Ao passarem pelas gelatinas e tartes de creme, Jolene abanou a cabeça.

— Comeste *mousse* de chocolate ontem à noite — disse Beth.

— Ontem foi um dia especial — respondeu Jolene. — Hoje é diferente.

Estavam a almoçar às 11h30 porque Jolene tinha uma aula ao meio-dia. Quando Beth lhe perguntou sobre o que era, Jolene disse:

— Europa de Leste no século xx.

— Isso faz parte de Educação Física?

— Não te contei tudo ontem. Estou a fazer um mestrado em Ciência Política.

Beth olhou para ela fixamente.

— *Honi soít qui mal y pense* — disse Jolene.

Ao levantar-se, na manhã seguinte, Beth sentiu os gêmeos e as costas doridos, pelo que decidiu não ir ao ginásio. Mas quando abriu o frigorífico para fazer o pequeno-almoço, viu no congelador as pilhas de refeições pré-cozinhadas e lembrou-se subitamente do aspecto pálido das pernas da senhora Wheatley, quando ela descia os *collants* até aos tornozelos. Abanou a cabeça com repulsa e começou a soltar as caixas. Só de pensar em galinha frita, ou rosbife ou peru congelados, ficava agoniada; despejou todas as caixas para um saco de plástico. Ao abrir o armário, para ver que enlatados tinha, deparou-se com três garrafas de *Almadén Mountain Rhine*. Beth hesitou, mas fechou a porta. Pensaria naquilo mais tarde. Comeu torradas e bebeu café. A caminho do ginásio, deixou o saco cheio de refeições congeladas no lixo.

Ao almoço, Jolene falou-lhe de um quadro de anúncios na associação de estudantes, no qual havia uma lista de contactos de alunos que faziam trabalhos não especializados por dois dólares à hora. Jolene levou Beth até lá, a caminho da aula, e Beth anotou dois números. Às 15h, tinha um aluno de Administração e Gestão de Empresas a bater os tapetes, e um de História da Arte a limpar o frigorífico e os armários da cozinha; Beth não ficou a dar-lhes indicações; passou esse tempo a trabalhar em variantes da Defesa Nimzoíndia.

Na segunda-feira da semana seguinte, já usava todas as sete máquinas de exercício e fazia abdominais a seguir. Na quarta-feira, Jolene aumentou cinco quilos a cada um dos exercícios, e pô-la a fazer abdominais com um peso de dois quilos e meio sobre o peito. Na semana a seguir, começaram a jogar andebol. Beth era um pouco desajeitada e ficava rapidamente sem fôlego. Jolene venceu-a sem qualquer dificuldade. Beth continuou a jogar afincadamente, arfando e suando e, por vezes, magoando a palma da mão com a pequena bola preta. Foram precisos dez dias e alguns ressaltos de sorte para que Beth alcançasse a sua primeira vitória.

— Eu sabia que não ia demorar muito até começares a ganhar — disse Jolene.

Estavam no centro do campo, a suar.

— Detesto perder — disse Beth.

Ao chegar a casa, encontrou uma carta à sua espera, enviada por uma coisa chamada Cruzada Cristã. O papel timbrado tinha cerca de vinte nomes na parte lateral, por baixo de uma cruz em relevo. A carta dizia:

Estimada Menina Harmon,

Não tendo tido oportunidade de a contactar por via telefónica, escrevemos-lhe com o intuito de saber se gostaria de contar com o apoio da Cruzada Cristã na competição que se avizinha, na URSS.

A Cruzada Cristã é uma organização sem fins lucrativos que se dedica à abertura de Portas Fechadas à Palavra de Cristo. Consideramos a sua carreira enquanto Aluna de uma Instituição Cristã, a Instituição Methuen, digna de nota. Gostaríamos de ajudá-la na luta que tem pela frente, uma vez que partilha dos nossos ideais e aspirações cristãs. Em caso de interesse no nosso apoio, por favor contacte-nos através dos nossos escritórios em Houston.

Na paz de Cristo,

Crawford Walker

*Director
Cruzada Cristã
Divisão Internacional*

Beth esteve quase a deitar a carta fora, mas lembrou-se de Benny lhe dizer que tinha sido um grupo da Igreja a dar-lhe dinheiro para a sua viagem à Rússia. Ela tinha o número de telefone dele, numa folha dobrada e guardada dentro da caixa do seu relógio de xadrez. Foi buscá-lo e telefonou-lhe. Benny atendeu ao terceiro toque.

— Olá — disse ela. — É a Beth.

De início, o tom de Benny foi um pouco distante, mas quando ela lhe falou da carta, ele disse imediatamente:

— Aceita. Estão cheios de dinheiro.

— Achas que me pagavam o bilhete de avião para a Rússia?

— Até mais. Se lhes pedires, enviam-me também a mim, como acompanhante. Em quartos separados, sendo eles quem são.

— Mas porque é que estão dispostos a gastar tanto dinheiro?

— Querem que a gente vença os comunistas em nome de Jesus. Foram eles que pagaram parte da minha ida, há dois anos. — Fez uma pausa. — Estás a pensar em regressar a Nova Iorque?

A sua voz era cuidadosamente neutra.

— Preciso de ficar no Kentucky durante mais algum tempo. Tenho estado a treinar num ginásio e inscrevi-me num torneio na Califórnia.

— Claro — disse Benny. — Parecem-me boas notícias.

Beth respondeu à carta da Cruzada Cristã nessa tarde, dizendo que tinha muito interesse na oferta deles e que gostava de levar Benjamin Watts como acompanhante. Usou o papel de carta azul, riscando «Senhora Alma Wheatley» no topo, e escrevendo «Elizabeth Harmon». No caminho para o marco de correio que havia na esquina, decidiu que iria à baixa comprar lençóis e fronhas novas, e uma toalha de mesa para a cozinha.

A luz de Inverno em São Francisco era linda; nunca tinha visto nada assim. Trazia aos prédios uma clareza de linhas sobrenatural, e ao chegar ao topo da Telegraph Hill, olhando para trás, os contornos nítidos das casas e hotéis que ladeavam a longa rua inclinada, e, abaixo deles, o azul perfeito da baía, eram de tirar o fôlego. Havia uma banca de flores numa esquina, e ela comprou um molho de margaridas. Ao olhar para a baía, viu um casal a subir a colina na sua direcção, a cerca de um quarteirão de distância. Estavam claramente sem fôlego, parando para descansar. Beth apercebeu-se com surpresa de que a subida lhe tinha sido fácil. Decidiu dar longas caminhadas durante a semana que lá estaria. Talvez conseguisse encontrar um ginásio.

Na manhã seguinte, ao subir a colina para o torneio, o ar continuava límpido e as cores vívidas, mas Beth sentia-se tensa. No grande hotel, o elevador estava cheio de gente. Várias pessoas lá dentro olharam fixamente para ela e Beth desviou o olhar, com nervosismo. O homem que se encontrava na mesa de inscrições interrompeu o que estava a fazer assim que a viu aproximar-se.

— É aqui que me inscrevo? — perguntou ela.

— Não é necessário, menina Harmon. Pode entrar.

— Qual é o tabuleiro?

O homem ergueu as sobrancelhas.

— Tabuleiro 1.

O Tabuleiro 1 tinha uma sala só para si. A mesa encontrava-se em cima de um estrado com cerca de um metro de altura e, pendurado atrás dela, havia um tabuleiro com o tamanho de uma tela de projecção. Em cada um dos lados da mesa, uma grande cadeira rotativa cromada, com pele castanha. Faltavam cinco minutos para o início do torneio, e a sala estava cheia de gente; Beth teve de furar por entre as pessoas para conseguir

chegar à área de jogo. Ao fazê-lo, o burburinho cessou. Toda a gente olhou para ela. Quando subiu os degraus até à mesa, começaram a aplaudir. Beth tentou que o seu rosto não deixasse transparecer qualquer emoção, mas sentiu-se assustada. A sua última partida fora há cinco meses e tinha sido derrotada.

Nem sequer sabia quem era o seu oponente; não se tinha lembrado de perguntar. Deixou-se ficar sentada por um momento, com a sua mente praticamente vazia, e foi então que um rapaz de expressão arrogante surgiu subitamente de entre a multidão e subiu os degraus. Tinha cabelo comprido, preto, e um bigode largo e descaído. Beth reconhecia-o de algum sítio, e, quando ele se apresentou como Andy Levitt, ela lembrou-se de ver o seu nome na *Chess Review*. Sentou-se rigidamente. O director do torneio foi até à mesa e falou com Levitt, num tom discreto.

— Pode iniciar o relógio dela.

Levitt estendeu o braço, com um ar indiferente, e carregou no botão do relógio. Beth manteve-se calma e jogou o seu peão da dama, de olhos no tabuleiro.

A meio-jogo, o público já se apertava à entrada da porta, e alguém pedia que se fizesse silêncio, tentando manter a ordem. Beth nunca tinha visto tanto público numa partida. Voltou a atenção novamente para o jogo e avançou cuidadosamente uma torre para uma linha vazia. Se Levitt não encontrasse um modo de o prevenir, Beth poderia tentar atacar dentro de três jogadas. Caso não lhe estivesse a escapar nada na posição. Começou a avançar com precaução, libertando os peões do roque do seu rei. Depois, respirou fundo e levou a torre até à sétima linha. Conseguiu ouvir, no recôndito da sua mente, a voz de um vadio de Cincinnati que jogava xadrez: «Uma espinha na garganta, a torre na sétima linha.» Beth levantou os olhos para Levitt. Estava com o ar de quem tinha realmente uma espinha bem

enterrada na garganta. Algo nela exultou, ao vê-lo tentar esconder a sua confusão. E quando deu seguimento com a dama ao movimento da torre, que permanecia em toda a sua brutalidade na sétima linha, ele desistiu imediatamente. Os aplausos que se ouviram foram retumbantes. Ao descer da plataforma, Beth sorria. Havia pessoas à sua espera com exemplares antigos da *Chess Review* para que ela autografasse a capa, em que aparecia. Outras queriam que ela assinasse os programas ou, simplesmente, folhas de papel.

Enquanto autografava uma dessas revistas, olhou por um momento para a fotografia a preto e branco, na qual aparecia a segurar o grande troféu que recebera no Ohio, e, ao fundo, os rostos desfocados de Benny e Barnes e algumas outras pessoas. O seu rosto parecia cansado e vulgar, e Beth lembrou-se subitamente, com alguma vergonha, que a revista tinha ficado durante um mês numa pilha em cima do banco de apoio, ainda dentro do envelope castanho, até ela a abrir e ver a sua fotografia. Alguém lhe colocou outra revista à frente para assinar, e Beth afastou a recordação. Foi dando autógrafos até conseguir sair da sala apinhada e, novamente, furando através de uma pequena multidão que a esperava do outro lado da porta, preenchendo o espaço entre a sua área de jogo e o resto do salão onde ainda decorriam as outras partidas. Dois directores faziam por calar as pessoas, tentando que as outras partidas não fossem perturbadas enquanto ela passava. Alguns jogadores desviaram o olhar dos tabuleiros e voltaram-na na direcção de Beth, irritados. Era excitante e assustador, ter todas aquelas pessoas tão próximas, empurrando-se para se conseguirem aproximar dela, por admiração. Uma das mulheres que tinha conseguido o seu autógrafo disse-lhe:

— Não percebo nada de xadrez, minha querida, mas estou muito contente por si.

Um homem de meia-idade insistiu em apertar-lhe a mão, dizendo:

— É a melhor coisa que aconteceu a este jogo desde Capablanca.

— Obrigada — disse ela. — Quem me dera que fosse assim tão fácil para mim.

«Talvez até seja», pensou ela. O seu cérebro parecia estar bem. Talvez não o tivesse arruinado.

Sob um sol brilhante, desceu a rua até ao hotel, sentindo-se cheia de confiança. Iria à Rússia daí a seis meses. A Cruzada Cristã concordara em comprar bilhetes da Aeroflot para ela, para Benny e para uma mulher da USFC, além de pagar o hotel. O torneio de Moscovo providenciaria as refeições. Estudava agora xadrez seis horas por dia, e sentia-se capaz de continuar. Parou para comprar mais flores — cravos, desta vez. A recepcionista tinha-lhe pedido um autógrafo na noite anterior, quando Beth regressou do jantar; de certeza que arranjará outra jarra. Antes de partir para a Califórnia, Beth subscrevera todas as revistas de xadrez que Benny recebia. Chegariam números da *Deutsche Schachzeitung*, a mais antiga revista de xadrez, da *British Chess Magazine* e, vinda da Rússia, da *Shakhmatni v USSR*. Chegariam números da *Échecs Europe* e do *American Chess Bulletin*. O seu plano era estudar todas as partidas de grandes mestres que lá fossem publicadas e, no caso de partidas importantes, memorizá-las e analisar cada movimento que tivesse consequência ou desenvolvesse qualquer ideia que não lhe fosse familiar. Talvez fosse a Nova Iorque no início da Primavera, para competir no U.S. Open e passar algumas semanas com Benny. As flores na sua mão resplandeciam de carmesim, os seus novos *jeans* e a camisola de algodão deixavam o ar de São Francisco refrescar-lhe a pele e, ao fundo da rua, o azul do oceano estendia-se placidamente como um sonho de possibilidades. A sua alma era silenciosamente embalada por isso, expandindo-se em direcção ao Pacífico.

*

Ao regressar a casa, com o troféu e o cheque do prémio para o primeiro lugar, encontrou dois envelopes formais entre o correio recebido: um deles era da USFC, com um cheque de 400 dólares e um pedido de desculpa por não poderem enviar mais. O outro era da Cruzada Cristã. Trazia uma carta de três páginas a falar da necessidade de promover um entendimento internacional através dos princípios cristãos, e de aniquilar o comunismo, em prol do desenvolvimento desses mesmos princípios. A maiúscula na palavra «Seu» deixava Beth desconfortável. A carta vinha assinada «Na paz de Cristo» por quatro pessoas. Dobrado, dentro dela, havia um cheque de 4000 dólares. Beth segurou no cheque durante muito tempo. O prémio de São Francisco era de 2000 dólares, aos quais havia que retirar as despesas de viagem. A sua conta bancária tinha vindo a diminuir nos últimos seis meses. A sua esperança fora a de conseguir um máximo de 2000 dólares dos texanos. Fossem quais fossem as suas ideias tresloucadas, o dinheiro enviado por eles era uma dádiva dos céus. Telefonou a Benny para lhe contar as novidades.

*

Ao chegar a casa na quarta-feira, depois do jogo de *squash* da manhã, o telefone estava a tocar. Beth despiu o sobretudo rapidamente, atirou-o para cima do sofá e atendeu o telefone. A voz era de mulher.

— Elizabeth Harmon?

— Sim.

— Daqui fala Helen Deardorff, da Methuen.

Ficou demasiado espantada para falar.

— Tenho uma coisa para te dizer, Elizabeth. O senhor Shaibel morreu ontem à noite. Pensei que quisesses saber.

Beth conseguiu ver subitamente o velho zelador gordo na cave, debruçado sobre o seu xadrez sob a luz da lâmpada, e ela, ao pé da mesa, observando aquela deliberação, a *estranheza* da solidão daquele homem ao pé da caldeira.

— Ontem à noite?

— De ataque cardíaco. Estava na casa dos 60.

O que Beth disse a seguir surpreendeu-a. Saiu-lhe quase inconscientemente.

— Gostava de ir ao funeral.

— Ao funeral? — perguntou a senhora Deardorff. — Não sei exactamente quando... Ele tinha uma irmã solteira, Hilda Shaibel. Talvez seja melhor telefonares-lhe.

*

A viagem para Lexington de há seis anos, com os Wheatley, tinha sido feita por estradas estreitas que atravessavam cidades, nas quais, quando paravam num semáforo, Beth via pela janela pessoas de roupas coloridas a atravessar na passadeira, a passear pelos passeios movimentados, cheios de lojas. Agora, regressando com Jolene, a maior parte do percurso era feita em quatro vias de betão, e das cidades só se viam os nomes, impressos em placas verdes.

— Sempre me pareceu um filho da mãe sinistro — disse Jolene.

— E também não era fácil jogar xadrez com ele. Acho que, na verdade, tinha medo dele.

— Eu tinha medo deles todos — disse Jolene. — Filhos da puta.

Beth ficou surpreendida. Sempre tinha visto Jolene como alguém destemido.

— Então e o Fergussen?

— O Fergussen era um oásis naquele deserto, mas, ao início, também me metia medo. Acabou por se revelar um tipo simpático — respondeu Jolene, sorrindo depois. — O bom velho Fergussen.

Beth hesitou.

— Aconteceu alguma coisa entre vocês?

Lembrava-se dos comprimidos verdes a mais que Jolene recebia. Ela riu-se.

— Quem me dera.

— Que idade tinhas, quando foste para lá?

— Seis.

— Sabes alguma coisa sobre os teus pais?

— Só sobre a minha avó, que já morreu. Para os lados de Louisville. Não quero saber nada sobre eles. Não me interessa se sou ilegítima ou porque é que me quiseram deixar com a minha avó ou porque é que ela me quis enfiar na Methuen. Estou é contente por me ter visto livre disso tudo. Terminei o mestrado em Agosto e vou-me embora de vez deste Estado.

— Ainda me lembro da minha mãe — disse Beth. — Do meu pai, não tão bem.

— O melhor é esqueceres isso — disse Jolene. — Se conseguires.

Encostou à esquerda e ultrapassou um camião de carvão e duas caravanas. Mais à frente, um sinal indicava a distância até Mount Sterling. Era Primavera, quase exactamente um ano depois da última viagem de carro de Beth, com Benny. Lembrou-se de como a Pennsylvania Turnpike era deprimente. Esta estrada de betão branco era arejada e nova, ladeada pelos campos e vedações brancas e quintas do Kentucky.

Passado um bocado, Jolene acendeu um cigarro e Beth perguntou:

— Vais para onde, depois de te formares?

Começava a pensar que Jolene não a tinha ouvido, quando esta respondeu.

— Tenho uma oferta de uma sociedade de advogados brancos de Atlanta que parece promissora.

Voltou a ficar em silêncio.

— O que eles querem é importar uma preta, para se armarem que estão a acompanhar os tempos.

Beth olhou para ela.

— Eu não iria mais para sul, se fosse negra — disse.

— Isso não és, garantidamente — disse Jolene. — O pessoal de Atlanta paga-me quase o dobro do que eu ganharia em Nova Iorque. Vou ficar na parte de relações públicas, o que é o tipo de treta que eu domino, e ainda me oferecem um gabinete com duas janelas e uma miúda branca para bater as minhas cartas à máquina.

— Mas tu não estudaste Direito.

Jolene riu-se.

— Imagino que até prefiram assim. A Fine, Slocum e Livingston não quer nenhuma mulher negra a mexer em Direito Civil. O que eles querem é uma mulher negra asseada com um bom rabo e um bom vocabulário. Na entrevista usei muitas palavras como «repreensível» e «dicotomia», e eles ficaram logo interessados.

— Jolene — disse Beth —, és demasiado inteligente para uma coisa dessas. Podias dar aulas na universidade. E és uma excelente atleta...

— Eu sei o que estou a fazer — respondeu ela. — Sei jogar ténis e golfe e sou ambiciosa.

Deu uma longa passa no cigarro.

— Não fazes ideia de como sou ambiciosa. Apliquei-me a sério no desporto e tive treinadores a garantirem-me que me tornaria profissional, se continuasse.

— Não me parece mal.

Jolene soltou o fumo devagar.

— Beth, o que eu quero é aquilo que *tu* tens. Não quero ter de andar a treinar o meu lançamento durante dois anos só para me tornar profissional numa liga de segunda. Tu tens sido a melhor no que fazes há tanto tempo que já não sabes como é para as outras pessoas.

— E eu gostava de ter metade da tua beleza...

— Deixa-te de coisas — disse Jolene. — Não podes passar a tua vida à frente de um espelho. Seja como for, já nem és feia. Eu estou é a falar do teu talento. Dava o rabo para jogar ténis como tu jogas xadrez.

A convicção na voz de Jolene era impressionante. Beth olhou para o perfil do seu rosto, com a cabeleira a roçar no tecto do carro, para os seus braços castanhos e suaves, descendo até às mãos, seguras ao volante, para a raiva que lhe turvava a expressão, e ficou em silêncio.

Um minuto depois, Jolene disse:

— Bem, cá estamos.

A pouco mais de um quilómetro, à direita, surgiam os edifícios de tijolo escuro, os telhados e estores pretos. A Instituição Methuen para Crianças Órfãs.

*

No final do acesso pavimentado erguia-se uma escadaria de madeira, pintada de amarelo, que conduzia ao edifício. Em pequena, os degraus pareciam largos e imponentes, e a placa de bronze manchado, um aviso

severo. Agora, parecia apenas a entrada de uma instituição provinciana miserável. A tinta das escadas estava a pelar. Os arbustos que a flanqueavam não eram tratados e tinham as folhas cobertas de pó. Jolene estava no recreio, a olhar para os baloiços ferrugentos e para o antigo escorrega, que não podiam usar senão quando Fergusson estava a vigiar. Beth permaneceu no acesso, ao sol, estudando as portas de madeira. Lá dentro ficava o grande gabinete da senhora Deardorff, os outros gabinetes e, preenchendo uma ala inteira, a biblioteca e a capela. Havia duas salas de aula na outra ala e, depois delas, a porta que conduzia à cave, no final do corredor.

Na altura, tinha acabado por aceitar as partidas de xadrez das manhãs de domingo como sua prerrogativa. Até àquele dia. A garganta ainda se lhe apertava ao lembrar-se do quadro silencioso que surgiu depois de a voz da senhora Deardorff gritar «Elizabeth!» e da cascata de comprimidos e vidro partido. Depois disso, foi o fim do xadrez. Em vez dele, a hora e meia de catequese completa e ajudar a menina Lonsdale com as cadeiras e ouvir as suas prelecções. Depois de as cadeiras serem novamente arrumadas, demorava mais uma hora a compor o resumo que a senhora Deardorff queria. Beth escreveu-o todos os domingos durante um ano, e a senhora Deardorff devolvia-o na segunda-feira cheio de marcas vermelhas e uma ordem amarga como «Reescreve. Mal organizado.» Tivera de pesquisar na biblioteca o significado de «comunismo» para o primeiro resumo. Algo dizia a Beth que o cristianismo estava de alguma maneira metido naquilo.

Jolene tinha-se aproximado e ficado a seu lado, semicerrando os olhos por causa do sol.

— Foi aqui que aprendeste a jogar?

— Na cave.

— Merda — disse Jolene. — Deviam ter-te encorajado. Deviam ter-te

enviado a mais exposições, depois da primeira. Gostam de publicidade, como toda a gente.

— Publicidade?

Beth sentia-se atordoada.

— Faz entrar dinheiro.

Ninguém a encorajara naquele sítio. Começava agora a ficar claro na sua mente, diante daquele edifício. Podia ter competido em torneios aos 9 ou 10 anos, como Benny. Fora uma criança inteligente e ávida por aprender, com um apetite voraz por xadrez. Podia ter estado a jogar contra grandes mestres e a aprender coisas que pessoas como Shaibel ou Ganz nunca lhe poderiam ensinar. Girev estava a competir pelo título de campeão do mundo aos 13. Se tivesse tido metade das oportunidades que ele tivera, teria sido tão boa como ele aos 10. Por um momento, toda a instituição autocrática que era o xadrez russo fundiu-se com a autocracia do sítio diante do qual ela agora estava. Instituições. O xadrez não representava qualquer violação do cristianismo, não mais do que era uma violação do marxismo. Não era ideológico. Deardorff não teria tido qualquer problema, se a tivesse deixado jogar, se a tivesse *encorajado* a jogar. Teria sido, na verdade, algo de que a Methuen se poderia gabar. Beth conseguia ver o rosto de Deardorff — as faces magras com *rouge*, o sorriso estreito e reprovador, o brilho sádico nos olhos. Tinha-lhe dado prazer ter afastado Beth do jogo que amava. Tinha-lhe dado *prazer*.

— Queres entrar? — perguntou Jolene.

— Não. Vamos procurar o motel.

O motel tinha uma pequena piscina a apenas alguns metros da estrada, com alguns *maples* de ar gasto ao lado. O fim do dia estava suficientemente quente para dar um mergulho rápido depois do jantar. Jolene revelou-se

uma nadadora soberba, dando voltas à piscina quase sem perturbar a água, enquanto Beth se mantinha à tona debaixo da prancha. Jolene nadou até ela.

— Fomos umas covardes — disse ela. — Devíamos ter ido ao edifício da Administração. Devíamos ter entrado no gabinete dela.

O funeral foi na manhã seguinte, na Igreja Luterana. Estavam presentes umas doze pessoas e um caixão fechado. O tamanho do caixão era normal, e Beth perguntou-se como teriam sido capazes de lá meter um homem com a largura do senhor Shaibel. Apesar de ser uma igreja mais pequena, foi um funeral muito parecido com o da senhora Wheatley, em Lexington. Ao fim de cinco minutos, Beth estava aborrecida e irrequieta e Jolene dormitava. Depois da cerimónia, houve um pequeno cortejo até ao cemitério.

— Lembro-me de uma vez em que ele me assustou de morte, pôs-se a gritar comigo para eu não pisar o chão da biblioteca — disse Jolene. — Tinha acabado de o lavar, mas o senhor Schell tinha-me dito para lá ir buscar um livro. O filho da mãe detestava crianças.

— A senhora Deardorff não estava na igreja.

— Não estava ninguém de lá.

O serviço no enterro foi anticlimático. Baixaram o caixão e o pastor fez uma oração. Ninguém chorou. Pareciam pessoas à espera na fila do banco. Beth e Jolene eram as únicas jovens presentes, e ninguém lhes falou. Foram-se embora mal terminou, percorrendo um estreito carreiro pelo antigo cemitério, passando por lápides gastas e dentes-de-leão. Beth não sentia qualquer dor pelo falecido, qualquer tristeza pela sua partida. A única coisa que sentia era culpa por nunca lhe ter devolvido os 10 dólares — deveria ter-lhe enviado um cheque por correio, havia anos.

Tinham de passar pela Methuen a caminho de Lexington. Mesmo antes da saída, Beth disse:

— Vamos entrar. Quero ver uma coisa. — E Jolene virou na direcção do

acesso ao orfanato.

Jolene ficou no carro. Beth saiu e empurrou a porta principal do edifício da Administração. Estava escuro e frio, lá dentro. Mesmo à sua frente via a porta onde se lia Helen Deardorff — Directora. Beth seguiu ao longo do corredor vazio até à porta que se encontrava no final. Ao empurrá-la, viu que a luz de baixo estava acesa. Desceu lentamente os degraus.

Nem o tabuleiro nem as peças se encontravam lá, mas a mesa onde costumava jogar permanecia ao pé da caldeira, e a cadeira não pintada dele mantinha-se na mesma posição. Beth sentou-se pensativamente na cadeira do senhor Shaibel, olhou para cima e reparou numa coisa que nunca tinha visto.

Atrás do sítio onde Beth se costumava sentar havia uma espécie de divisória feita de placas de madeira pregadas a algumas tábuas. Habitualmente estava lá pendurado um calendário com imagens da Baviera. O calendário tinha desaparecido e, em seu lugar, cobriam a divisória recortes com fotografias, artigos e capas da *Chess Review*, cada um deles cuidadosamente preso com fita-cola à madeira e metido num plástico para que não se sujasse nem ficasse com pó — ao contrário de tudo o resto naquela cave sombria. Havia fotografias dela. Havia jogos publicados na *Chess Review*, e artigos do *Herald-Leader*, de Lexington, e do *New York Times* e de algumas revistas alemãs. O velho artigo da *Life* estava lá e, ao lado dele, a capa da *Chess Review* em que ela aparecia a segurar o troféu do Campeonato dos EUA. A preencher os espaços mais pequenos havia fotografias de artigos, algumas em duplicado. Deviam estar lá, no total, cerca de vinte fotografias.

*

— Encontraste o que querias? — perguntou Jolene quando Beth regressou ao carro.

— Mais, até — respondeu Beth.

Ia dizer mais qualquer coisa, mas reconsiderou. Jolene fez marcha-atrás, saiu do lugar e regressou à rota que levava à auto-estrada.

Ao subirem a rampa e entrarem na interestadual, Jolene carregou no acelerador e o *Volkswagen* seguiu em frente a toda a velocidade. Nenhuma delas olhou para trás. Por essa altura, Beth já tinha parado de chorar e limpava o rosto com um lenço.

— Foi mais difícil do que pensavas? — perguntou Jolene.

— Não — respondeu Beth, assoando-se. — Estou bem.

*

A mais alta das duas mulheres parecia Helen Deardorff. Ou, na verdade, não era tanto o facto de ser fisicamente parecida, mas mais o de mostrar todos os sinais de que partilhava com ela uma espécie de irmandade espiritual. Usava um fato bege, sapatos rasos, e sorria muito, de um modo completamente desprovido de emoção. Chamava-se senhora Blocker. A outra mulher era anafada e ligeiramente tímida, e tinha um vestido com um estampado florido escuro e uns sapatos severamente normais. Era a menina Dodge. Iam a caminho de Cincinnati, vindas de Houston, e tinham parado para conversar um pouco. Sentaram-se no sofá de Beth, uma de cada lado, e falaram acerca do *ballet* em Houston e do modo como a cidade estava a ficar com mais cultura. Era óbvio que queriam que Beth percebesse que a Cruzada Cristã não era meramente uma organização antiquada e

fundamentalista. E era também óbvio que tinham aparecido para ver quem Beth era. Tinham-lhe escrito a avisar.

Beth ouviu-as educadamente enquanto elas falavam de Houston e da agência que ajudavam a montar em Cincinnati — uma agência que tinha qualquer coisa que ver com a protecção do ambiente cristão. A conversa esmoreceu por um momento, e a menina Dodge falou.

— O que nós gostaríamos realmente, Elizabeth, era de obter uma espécie de declaração da sua parte.

— Uma declaração?

Beth estava sentada na poltrona da senhora Wheatley, de frente para elas. A senhora Blocker assumiu o controlo.

— A Cruzada Cristã gostaria que a Beth tornasse a sua posição pública. Num mundo em que tantos se mantêm em silêncio...

Não terminou a frase.

— Que posição? — perguntou Beth.

— Como todas sabemos — disse a senhora Dodge —, o avanço do comunismo é também o avanço do ateísmo.

— Imagino que sim — disse Beth.

— Não se trata de uma questão de imaginação — disse a senhora Blocker com rapidez. — É um facto. Um facto marxista-leninista. A Palavra Sagrada é anátema para o Kremlin, e um dos principais propósitos da Cruzada Cristã é combater o Kremlin e os ateus que lá se sentam.

— Não tenho qualquer problema com isso — disse Beth.

— Ótimo. O que queremos é uma declaração.

O modo como a senhora Blocker disse aquilo evocou em Beth algo que ela tinha reconhecido anos antes, na voz da senhora Deardorff. Era o tom do rufia experiente. Sentiu-se como quando um jogador avançava demasiado cedo a dama contra ela.

— Querem que eu faça uma declaração à imprensa?

— Exacto! — exclamou a senhora Blocker. — Se a Cruzada Cristã vai...

— Interrompeu-se e pegou no envelope castanho que tinha no colo, como se lhe sentisse o peso. — Preparámos uma coisa.

Beth fitou-a, odiando-a e nada dizendo.

A senhora Blocker abriu o envelope e retirou uma folha de papel cheia de texto. Entregou-a a Beth.

Era o mesmo papel timbrado da primeira carta que recebera da parte deles, com a sua lista de nomes num dos lados. Beth olhou para a lista de relance e leu «Tesla R. Blocker, Secretário Executivo», logo acima de uma dúzia de nomes masculinos precedidos da abreviatura «Rev.». Depois leu a declaração rapidamente. Havia passagens sublinhadas, como «o elo ateu-comunista» e «uma Demanda Cristã militante». Beth levantou os olhos do papel na direcção da senhora Blocker, que se mantinha sentada de joelhos juntos, olhando para a sala com uma discreta expressão de desagrado.

— Sou xadrezista — disse Beth calmamente.

— Claro que é, minha querida — disse a senhora Blocker. — E também é cristã.

— Não tenho a certeza acerca disso.

A senhora Blocker fitou-a.

— Oiça — disse Beth —, não tenho qualquer intenção de declarar coisas como esta.

A senhora Blocker inclinou-se e retirou o papel das mãos de Beth.

— A Cruzada Cristã já investiu uma considerável quantia de dinheiro...

Havia um brilho no olhar dela que Beth já tinha visto. Levantou-se.

— Eu devolvo-o.

Foi até à escrivaninha e encontrou o livro de cheques. Por um momento, sentiu-se pedante, estúpida. Era o dinheiro para o seu bilhete de avião,

assim como para o de Benny e da mulher da Federação. Pagaria as despesas do hotel e gastos na viagem. Mas no final do cheque que lhe tinham enviado há um mês, no espaço onde normalmente se escreve «renda» ou «electricidade», de modo a indicar qual a finalidade do dinheiro, alguém — talvez a senhora Blocker — escrevera «Para serviço cristão». Beth passou um cheque de 4000 dólares à Cruzada Cristã, escrevendo nesse espaço «Reembolso total».

A voz da menina Dodge foi surpreendentemente gentil.

— Espero que saiba o que está a fazer, querida.

Parecia genuinamente preocupada.

— Também eu — disse Beth.

O voo para Moscovo era daí a cinco semanas.

*

Benny atendeu logo.

— És louca — disse ele quando Beth lhe contou o que se passara.

— Seja como for, está feito — disse Beth. — É demasiado tarde para voltar atrás.

— Os bilhetes estão comprados?

— Não — disse Beth —, não está nada comprado.

— Tens de adiantar o dinheiro do hotel à Intourist[13].

— Eu sei.

Beth não estava a gostar do tom de Benny.

— Tenho 2000 dólares na minha conta. Podia ser mais, mas tive de ir mantendo esta casa. Vão ser precisos 3000 dólares. Pelo menos.

— Não tenho — disse Benny.

— Como assim? Tens dinheiro.

— *Não tenho.*

Seguiu-se um longo silêncio.

— Telefona para a Federação. Ou para o Departamento de Estado.

— A Federação não gosta de mim — disse Beth. — Acham que não joguei tanto xadrez como podia.

— Devias ter ido ao *Tonight* e ao *Phil Donahue*.

— Merda, Benny — disse Beth —, esquece isso.

— És louca — disse ele. — Não importa em que é que aqueles maluquinhos acreditam. Estás a tentar provar o quê?

— *Benny*. Não quero ir à Rússia sozinha.

A voz de Benny ficou subitamente alta.

— Sua *imbecil!* — gritou ele. — Sua imbecil, louca de merda!

— Benny...

— Primeiro, não vens a Nova Iorque, e, depois, esta treta. Foda-se, bem que podes ir sozinha.

— Talvez não o devesse ter feito. — Beth sentia-se a gelar por dentro. — Talvez não devesse ter devolvido o cheque.

— «Talvez» é uma palavra de falhados.

A sua voz era gélida.

— Desculpa, Benny.

— Vou desligar — disse ele. — Eras insuportável quando te conheci e continuas insuportável. Não quero falar mais contigo.

O som que ouviu foi *clic*. Beth pousou o auscultador. Tinha estragado tudo. Tinha perdido Benny.

Telefonou para a Federação e foi deixada em espera durante dez minutos até o director atender. Foi agradável e compreensivo e desejou-lhe toda a sorte em Moscovo, mas não havia mais dinheiro para dar.

— Os nossos fundos provêm maioritariamente da revista. Tudo o que

conseguimos dar são os 400 dólares.

Só lhe ligaram de volta de Washington na manhã seguinte. Era alguém chamado O'Malley, dos Assuntos Culturais. Quando Beth lhe expôs o problema, ele discorreu sobre o quão excitada estava toda a gente no Departamento de Estado por ela ir dar um «abanão aos Russos no seu próprio jogo». Perguntou como podia ajudar.

— Preciso de 3000 dólares imediatamente.

— Vou ver o que posso fazer — disse O'Malley. — Volto a telefonar daqui a uma hora.

Mas só voltou a ligar quatro horas depois. Beth passou esse tempo para a frente e para trás na cozinha e no quintal, fazendo um telefonema rápido a Anne Reardon, a acompanhante requerida pela Cruzada Cristã. Anne Reardon tinha um *rating* feminino de aproximadamente 1900 e, pelo menos, conhecia o jogo. Beth dera cabo dela uma vez, algures no Oeste, quase reduzindo a pó as suas peças. Ninguém atendeu. Beth fez café e folheou alguns exemplares da *Deutsche Schachzeitung* enquanto esperava pelo telefonema. Sentia-se quase agoniada, ao pensar no modo como tinha deixado fugir o dinheiro da Cruzada Cristã. Quatro mil dólares — por um gesto. O telefone tocou finalmente.

Era O'Malley. Nada feito. Lamentava muito, mas não havia maneira de colocar fundos governamentais à sua disposição em tão pouco tempo e sem aprovação oficial.

— No entanto, vamos enviar um dos nossos homens consigo.

— Não há um fundo de maneiio para despesas de representação ou qualquer coisa assim? — perguntou Beth. — Não preciso de fundos para derrubar o Governo em Moscovo. Só preciso de levar algumas pessoas comigo para me ajudarem.

— Lamento — disse O'Malley. — Lamento imenso.

Depois de desligar, Beth voltou ao quintal. Enviaria o cheque para o escritório da Intourist, em Washington, de manhã. Iria sozinha, ou com quem fosse que o Departamento de Estado encontrasse para ir consigo. Tinha estudado russo e não estaria completamente perdida. Fosse como fosse, os jogadores russos falaria inglês. Podia treinar sozinha. Treinava sozinha havia meses. Bebeu o resto do café. Na verdade, treinara sozinha a maior parte da sua vida.

CATORZE

Tiveram de ficar sentados na sala de espera do aeroporto de Orly durante sete horas, e, quando chegou o momento do embarque no avião da Aeroflot, uma rapariga num uniforme cor de azeitona teve de carimbar o bilhete de toda a gente e estudar o passaporte de toda a gente, enquanto Beth e o senhor Booth esperaram no fim da fila durante mais uma hora. Mas alegrou-a um pouco chegar ao início da fila e a mulher dizer «A campeã de xadrez!», sorrindo abertamente e surpreendendo Beth com a súbita leveza de expressão. Beth sorriu de volta, e a mulher disse «Boa sorte!», parecendo sincera. A mulher era, claro, russa. Nenhum funcionário americano teria reconhecido o nome de Beth.

O seu lugar era à janela, próximo da cauda; os bancos estavam pesadamente forrados com um plástico castanho, e os braços dos assentos tinham um pequeno pano branco. O senhor Booth ficou a seu lado. Olhou pela janela do avião para o céu cinzento de Paris, para os lençóis de água sobre a pista e para o brilho dos aviões que reflectiam a chuva da tarde. A sensação era a de que estavam já em Moscovo. Passados alguns minutos, uma hospedeira começou a distribuir copos de água. O senhor Booth bebeu cerca de meio copo e depois procurou qualquer coisa no bolso do casaco. Depois de alguma busca, retirou um pequeno frasco metalizado e puxou a tampa com os dedos. Encheu o copo com *whiskey*, voltou a colocar a tampa no frasco e arrumou-o novamente no bolso do casaco. Ergueu o copo na direcção de Beth, de um modo formal, e Beth abanou a cabeça. Não era

fácil. Uma bebida cairia bem. Não gostava do aspecto estranho do avião e não gostava do homem que estava sentado a seu lado.

Tinha antipatizado com o senhor Booth desde o momento em que o vira, no Kennedy, e ele se tinha apresentado. Assistente do Subsecretário. Assuntos Culturais. Iria mostrar-lhe como é que as coisas funcionavam em Moscovo. Beth não queria que lhe mostrassem o que quer que fosse — especialmente vindo daquele velho de voz grave, com o seu fato escuro, as sobrancelhas em arco e a constante gargalhada teatral. Quando ele informou espontaneamente Beth que tinha jogado xadrez em Yale, nos anos 40, ela ficou em silêncio; falara no assunto como se fosse uma perversão que partilhassem. O que ela queria era estar a viajar com Benny Watts. Não tinha conseguido falar com ele ao telefone na noite anterior; a linha estivera ocupada nas duas primeiras tentativas e, depois, não atendera. Tinha uma carta do director da USCF a desejar-lhe felicidades e mais nada.

Beth recostou-se, fechou os olhos e tentou relaxar, alheando-se das vozes, russas, alemãs e francesas, que a rodeavam. No bolso da sua mala de mão estavam trinta comprimidos; não tomava um havia mais de seis meses, mas tomaria um neste avião, caso fosse necessário. Era certamente melhor do que beber. Precisava de descansar. A longa espera no aeroporto tinha-a deixado com os nervos em franja. Tinha tentado falar com Jolene ao telefone por duas vezes, mas ela não tinha atendido.

O que precisava mesmo era de ter Benny Watts ali com ela. Se ao menos não tivesse sido estúpida a ponto de devolver aquele dinheiro, tomando uma posição relativamente a uma coisa que não a preocupava particularmente. Não era verdade. Não havia nada de imbecil em não aceitar que abusassem de si, de expor o *bluff* daquela mulher. Mas precisava de Benny. Por um momento, deixou-se imaginar uma viagem ao lado de D. L. Townes, os dois sentados juntos, a caminho de Moscovo. Mas não servia de nada. Ela tinha

saudades de Benny, não de Townes. Sentia falta da mente rápida e sóbria de Benny, do seu julgamento e tenacidade, do seu conhecimento do xadrez e do seu conhecimento dela mesma. Ficaria sentado ao seu lado e poderiam conversar sobre xadrez, e, em Moscovo, poderiam analisar os jogos que Beth fizesse e planejar uma estratégia contra o oponente seguinte. Tomariam as suas refeições no hotel, tal como fizera com a senhora Wheatley. Poderiam passear por Moscovo e, sempre que quisessem, poderiam fazer amor no hotel. Mas Benny estava em Nova Iorque e ela estava naquele avião sinistro a caminho da Europa de Leste.

Quando começaram a descer através das nuvens pesadas e ela teve a sua primeira visão da Rússia, que, vista de cima, se assemelhava tanto ao Kentucky como a qualquer outro sítio, Beth já tinha tomado três comprimidos e dormido algumas horas, e sentia aquela espécie de dormência nos olhos que se sente depois de uma longa viagem num autocarro expresso. Lembrava-se de ter tomado os comprimidos a meio da noite. Percorrera o corredor de pessoas adormecidas até à casa de banho e tomara-os com água, num curioso pequeno copo de plástico.

O senhor Booth acabou por revelar-se útil na alfândega. Falava bem russo e encaminhou-a ao posto certo para a inspecção. A descontração de todo o processo foi surpreendente: um velhote bem-educado, de uniforme, revistou casualmente a sua bagagem, abriu as suas duas malas, olhou para dentro delas durante um momento e fechou-as. E pronto.

Ao saírem, tinham uma limusina da embaixada à espera. Passaram por campos onde homens e mulheres trabalhavam sob o sol da manhã, e, a determinado momento, Beth viu três enormes tractores, muito maiores do que algum que tivesse visto nos Estados Unidos, a atravessarem lentamente um campo, cuja extensão se perdia no horizonte. Havia muito poucos carros na estrada. O carro prosseguiu por entre filas de prédios de seis e oito

andares, ambos com janelas muito pequenas, e, uma vez que era uma manhã quente de Junho, apesar de estar nublado, havia pessoas sentadas nos degraus da entrada. A estrada começou a alargar e eles passaram por um pequeno parque verde, depois por outro, maior, e por alguns prédios, enormes e de aspecto recente, que pareciam ter sido construídos para durarem eternamente. O trânsito tinha aumentado e havia agora pessoas em cima de bicicletas num dos lados da estrada, assim como muita gente no passeio.

O senhor Booth ia recostado, com o fato amarrotado e os olhos semiabertos. Beth permanecia sentada de costas direitas no banco de trás do comprido carro, olhando pela janela; podia estar a entrar em qualquer outra grande cidade. Mas não conseguia sentir-se tranquila. O torneio começava na manhã seguinte. E ela sentia-se completamente sozinha e assustada.

*

O seu professor tinha dito que os russos bebiam chá em copos, sorvendo-o por um cubo de açúcar que prendiam entre os dentes, mas o chá servido na grande sala de visitas daquele quarto escuro vinha em chávenas de porcelana fina, decoradas com uma chave grega dourada. Sentada com os joelhos juntos na sua cadeira vitoriana de costas altas, segurando o pires com a chávena e um pequeno bolinho comprido e rijo, Beth tentava ouvir com atenção o director. Ele dizia algumas frases primeiro em inglês, e depois, em francês. E em inglês novamente: os xadrezistas eram bem-vindos à União Soviética; as partidas teriam início às 10 horas em ponto; cada tabuleiro teria um árbitro, que deveria ser consultado na eventualidade de ocorrer alguma irregularidade. Não era permitido fumar ou comer durante a partida. Caso os jogadores precisassem de ir à casa de banho,

seriam acompanhados por um auxiliar. O indicado seria erguer a mão direita, nesses casos.

As cadeiras estavam arrumadas em círculo e o director encontrava-se à direita de Beth. À sua frente estavam sentados Dimitri Luchenko, Viktor Laev e Leonid Shapkin, cada um deles usando um fato à medida, camisa branca e gravata escura. O senhor Booth tinha dito que os homens russos se vestiam como se as roupas viessem de um catálogo da Montgomery Ward dos anos 30, mas aqueles homens apresentavam-se com toda a elegância nas suas dispendiosas fazendas de lã cinza. Só estes três — Luchenko, Laev e Shapkin — eram como um pequeno panteão, ao lado do qual o circuito de xadrez norte-americano não faria mais do que gaguejar de humilhação. E à sua esquerda estava Vasily Borgov. Beth não conseguia olhar para ele, mas conseguia sentir o aroma da sua água-de-colónia. Entre ele e os outros três russos estava um outro panteão, apenas ligeiramente mais pequeno: Jorge Flento, do Brasil, Bernt Hellström, da Finlândia, e Jean-Paul Duhamel, da Bélgica, também eles usando fatos sóbrios. Beth bebericou o seu chá e tentou parecer calma. Havia pesadas cortinas castanhas nas janelas, compridas, e as cadeiras estavam forradas com veludo castanho, cosido a linha dourada. Eram 9h30 da manhã e o dia de Verão lá fora estava esplêndido, mas as cortinas permaneciam bem fechadas. O tapete oriental que existia no chão parecia saído de um museu. As paredes estavam cobertas por painéis de pau-rosa.

Tinha sido levada ali por duas mulheres, que a tinham ido buscar ao hotel; tinha apertado a mão aos outros jogadores, e estavam ali sentados havia meia hora. Na noite anterior, algures no seu grande quarto uma torneira não parava de pingar, e ela pouco tinha conseguido dormir. Estava dentro do seu caro vestido azul-marinho, feito à medida, desde as 7h30, e conseguia sentir-se a suar; os *collants* revestiam as suas pernas num abraço

quente. Era difícil conseguir sentir-se mais deslocada. Sempre que olhava de relance para um dos homens à sua volta, ele sorria vagamente. Sentia-se como uma criança num encontro social de adultos. A cabeça doía-lhe. Teria de pedir aspirinas ao director.

E então, de um momento para o outro, o director parou de falar e os homens levantaram-se. Beth saltou da cadeira, fazendo barulho com a chávena e o pires. O empregado de camisa à cossaco, que lhe tinha servido o chá, correu para lhos tirar das mãos. Borgov, que, à excepção de um aperto de mão formal ao início, a tinha ignorado, voltou a fazê-lo, passando-lhe à frente e saindo quando o director abriu a porta. Os outros seguiram-no, ficando Beth atrás de Shapkin e à frente de Hellström. Ao saírem para o corredor alcatifado, Luchenko parou por um momento e virou-se para ela.

— É um prazer tê-la cá — disse ele. — Aguardo com muita expectativa a nossa partida.

Ele tinha o cabelo grisalho e comprido, como o de um maestro, e a sua gravata cinzenta prateada era muito elegante, com um nó impecável por baixo do colarinho branco engomado. O calor da sua expressão era inegável.

— Obrigada — disse ela.

Tinha lido sobre Luchenko na escola preparatória; a *Chess Review* escrevia sobre ele com o tipo de reverência que Beth sentia naquele momento. Era, na altura, campeão do mundo, tendo perdido o título para Borgov numa longa partida, havia vários anos.

Continuaram pelo corredor ainda durante algum tempo até o director os fazer parar ao pé de outra porta, abrindo-a. Borgov foi o primeiro a entrar, e os outros seguiram-no.

Estavam numa espécie de antecâmara, em cuja parede do fundo se via

uma porta. Beth conseguia ouvir um distante som ondeante, e, quando o director abriu a porta, o som ficou mais alto. Nada se via, à excepção de uma cortina escura, mas, ao ver o que estava do outro lado, Beth ficou sem ar. Estava diante de um vasto auditório, cheio de pessoas. Devia ser a visão que se tinha no palco do Radio City Music Hall com a plateia esgotada. O público estendia-se por várias centenas de metros, e as laterais tinham pequenas cadeiras dobráveis abertas, junto das quais se reuniam pequenos grupos, a conversar. Quando os xadrezistas surgiram no palco alcatifado, o som esmoreceu. Toda a gente olhou para eles. Acima do piso principal havia um balcão largo com uma enorme faixa vermelha estendida a todo o comprimento, acima da qual se via mais uma fila de rostos.

Havia quatro grandes mesas no palco, cada uma do tamanho de uma secretária, cada uma claramente nova e com um tabuleiro de xadrez embutido, sobre o qual já se viam as peças arrumadas. À direita das pretas estava um gigantesco relógio de madeira e à direita das brancas um grande jarro de água e dois copos. As cadeiras rotativas de costas altas estavam posicionadas de modo a que os jogadores ficassem de perfil para a plateia. Atrás de cada mesa estava um árbitro de camisa branca e laço preto, e, atrás dele, um grande mural de exibição com as peças colocadas nas suas posições iniciais. A luz era forte, mas indirecta, vinda de um tecto luminoso situado acima da área de jogo.

O director sorriu para Beth, tomou-lhe a mão e conduziu-a até ao centro do palco. Não se ouvia um único som vindo do auditório. O director falou para um microfone antiquado que estava aí montado. Apesar de falar em russo, Beth compreendeu as palavras «xadrez» e «Estados Unidos», e, no final, o seu nome: Elizabeth Harmon. Os aplausos irromperam, calorosos e entusiásticos; Beth sentiu-os de forma física. O director acompanhou-a até à cadeira mais ao fundo e sentou-a diante das peças pretas. Ficou a vê-lo

levar cada um dos outros xadrezistas estrangeiros ao centro do palco para uma apresentação breve a aplausos. Depois foi a vez dos russos, começando por Laev. Os aplausos tornaram-se ensurdecedores, e quando chegou o momento do último deles, Borgov, pareciam ir prolongar-se indefinidamente.

O seu primeiro oponente era Laev. Estava sentado à sua frente durante a ovação a Borgov, e Beth tinha olhado para ele de relance nessa altura. Laev estava na casa dos 20. O sorriso no seu magro e jovem rosto era tenso, tinha o cenho carregado numa expressão de irritação, e batia audivelmente no tampo da mesa com os dedos de uma das suas mãos magras.

Quando os aplausos esmoreceram, o director, corado de excitação, dirigiu-se à mesa onde Borgov jogava com as brancas e carregou no botão do relógio com determinação. Dirigiu-se à mesa seguinte e fez o mesmo, e assim sucessivamente. Chegando à mesa de Beth, sorriu para ambos com importância e carregou secamente no botão do lado de Beth, iniciando o relógio de Laev.

Laev suspirou discretamente e moveu o seu peão do rei para a quarta linha. Sem hesitar, Beth moveu o peão do bispo da dama, aliviada por estar simplesmente a jogar xadrez. As peças eram grandes e sólidas; destacavam-se com uma clareza reconfortante no tabuleiro, cada uma delas perfeitamente centrada da sua casa de partida, cada uma delas perfeitamente delineada, claramente esculpida, finamente polida. O tabuleiro tinha um acabamento mate com um embutimento de bronze ao longo do perímetro. A sua cadeira era sólida e suave, firme; Beth ajustou-se, sentindo o seu conforto, e viu Laev jogar o cavalo do rei para a terceira casa da coluna do bispo. Beth pegou no seu cavalo da dama, saboreando o peso da peça, e colocou-o na terceira casa da coluna do bispo da dama. Laev moveu o peão para a quarta casa da coluna da dama; Beth capturou-o com o seu peão,

colocando a peça dele à direita do relógio. O árbitro, de costas para eles, repetia cada movimento no tabuleiro grande. Ainda sentia alguma tensão nos ombros, mas começava a descontraír. Era a Rússia e era estranho, mas, no final de contas, era apenas xadrez.

Beth conhecia o estilo de Laev dos boletins que estudara, e sentiu-se segura de que, se jogasse o peão para a quarta casa da coluna do rei na sexta jogada, ele daria seguimento com a Variante Boleslavsky, levando o seu cavalo para a terceira casa da coluna do bispo e, depois, fazendo roque na ala do rei. Tinha-o feito tanto contra Petrosian como contra Tal, em 1965. Por vezes, os jogadores partiam para inesperadas linhas novas em contexto de torneio, linhas que poderiam ter sido preparadas durante semanas, mas algo nela lhe dizia que os russos não se teriam dado a tanto trabalho por causa dela. Tanto quanto sabiam, o seu nível de jogo era aproximadamente o mesmo do de Benny Watts, e homens como Laev não dedicavam muito do seu tempo a prepararem-se para jogar contra Benny. De acordo com os seus padrões, ela não era uma jogadora importante; a única coisa que tinha de incomum era o sexo, e mesmo isso não era inédito na Rússia. Havia Nona Gaprindashvili, que não era uma jogadora ao nível deste torneio, mas já se tinha cruzado com todos aqueles grandes mestres russos muitas vezes. Laev estaria a contar com uma vitória fácil. Avançou o cavalo e fez roque, tal como ela previra. Beth sentiu-se otimista relativamente às leituras que tinha feito nos seis meses anteriores; era bom saber o que esperar. Fez roque.

O jogo começou a abrandar gradualmente, à medida que passavam a abertura sem cometer quaisquer erros, entrando num meio-jogo ponderado, com ambos sem um cavalo e um bispo, e com os reis bem protegidos, sem buracos nas suas posições. À décima oitava jogada, o tabuleiro estava num equilíbrio perigoso. Aquilo não era o tipo de xadrez de ataque pelo qual era

conhecida nos Estados Unidos; era a música de câmara do xadrez, subtil e intrincada.

Por jogar com as brancas, Laev tinha a vantagem. Os seus movimentos ocultavam astutas ameaças veladas, mas Beth afastava-as sem perder tempo ou posição. À vigésima quarta jogada, Beth encontrou a oportunidade para uma subtilidade, abrindo uma coluna para a sua torre da dama ao mesmo tempo que o obrigava a recuar um bispo, e, ao executá-la, Laev viu-se forçado a estudá-la durante muito tempo, acabando por olhar para Beth de um novo modo, como se a estivesse a ver pela primeira vez. O corpo de Beth foi atravessado por um arrepio de prazer. Laev voltou a estudar o tabuleiro, recuando depois o bispo. Beth avançou a torre. Tinha alcançado a igualdade.

Cinco jogadas depois, descobriu um modo de reforçar a sua posição. Levou um peão até à quinta linha, oferecendo-o em sacrifício. Com a jogada, a mais discretamente bela que fizera até à data, Laev passava a uma posição defensiva. Ele não capturou o peão, mas viu-se forçado a recuar o cavalo que este atacava novamente para a casa em frente da dama. Beth levou a torre até à terceira linha, e ele teria de responder. Não era tanto uma questão de pressão directa, mas de tensão crescente. E Laev começou a ceder, tentando manter uma postura despreocupada. Mas, por dentro, devia estar atónito. Não era de supor que as raparigas americanas fizessem aquilo aos grandes mestres russos. Beth continuou a trabalhá-lo, chegando finalmente ao momento em que ela podia colocar em segurança o cavalo que restava na quinta casa da coluna da dama, donde ele não o poderia retirar. Beth colocou o cavalo nessa casa e, duas jogadas depois, trouxe a torre até à coluna do cavalo, directamente por cima do rei dele. Laev estudou a posição durante um longo momento, enquanto o seu relógio tiquetaqueava com força, e foi então que fez aquilo que Beth desejara

ardentemente que ele fizesse: empurrou o peão do bispo do rei para atacar a torre. Ao carregar no relógio, não olhou para Beth.

Sem a mínima hesitação, ela capturou o peão com o seu bispo, oferecendo-o para sacrifício. Quando o árbitro replicou a jogada, ela sentiu a reacção audível dos espectadores, seguida de alguns sussurros. Laev teria de fazer alguma coisa; não podia ignorar o bispo. Começou a mexer no cabelo com os dedos de uma das mãos, enquanto os da outra tamborilavam na mesa. Beth recostou-se e esticou-se. Tinha-o apanhado.

Laev estudou a posição durante 20 minutos, até que se levantou de repente e estendeu a mão a Beth. Ela levantou-se e apertou-lha. O público estava em silêncio. O director do torneio aproximou-se e apertou também a mão de Beth, que saiu do palco a seu lado, acompanhada subitamente por aplausos inesperados.

*

Tinha combinado almoçar com o senhor Booth e algumas pessoas da embaixada, mas, ao chegar ao vasto átrio do hotel, que se assemelhava quase a um ginásio alcatifado com poltronas vitorianas junto às paredes, ele não estava lá. A recepcionista tinha uma mensagem para si numa folha de papel: «Lamento profundamente, mas surgiram questões de trabalho das quais não consigo fugir. Manter-me-ei em contacto.» A nota estava batida à máquina, assinada pelo senhor Booth no final, também à máquina. Beth encontrou um dos restaurantes do hotel — uma outra divisão parecida com um ginásio alcatifado — e, num russo suficiente, pediu *blinchiki* e chá, com compota de amora. O empregado era um rapaz sério com cerca de 14 anos, que lhe serviu os pequenos bolos de trigo-sarraceno, espalhando depois a manteiga derretida, caviar e natas azedas com uma pequena colher de prata.

À exceção de um grupo de homens mais velhos com uniformes militares e dois homens de ar autoritário com fatos de três peças, não estava mais ninguém no restaurante. Passado um momento, outro jovem empregado aproximou-se com uma bandeja de prata, sobre a qual estava pousado um jarro, contendo aquilo que parecia ser água, e um pequeno copo de *shot*. Sorriu agradavelmente.

— *Vodka?*

Beth abanou rapidamente a cabeça.

— *Nyet.*

E pegando no jarro de vidro que estava ao centro da mesa, serviu-se de um copo de água.

Tinha a tarde livre, e podia visitar a Praça Sverdlov e a Bely Gorod e o museu da Catedral de São Basílio, mas, apesar de estar um lindo dia de Verão, não lhe apetecia. Talvez daí a um dia ou dois o fizesse. Sentia-se cansada e a precisar de dormir uma sesta. Tinha vencido a sua primeira partida contra um grande mestre russo, e isso era-lhe mais importante do que tudo aquilo que pudesse ver lá fora, na enorme cidade que a rodeava. Estaria em Moscovo durante oito dias. Poderia vê-la noutra altura. Eram duas horas quando acabou de almoçar. Apanharia o elevador até ao quarto e tentaria dormir uma sesta.

Descobriu que estava demasiado entusiasmada para dormir, depois de ter vencido Laev. Ficou deitada sobre a enorme cama macia, a olhar para o tecto, durante quase uma hora, voltando à partida uma e outra vez, por vezes procurando fraquezas no seu jogo, por vezes deliciando-se com um ou outro movimento que fizera. Sempre que chegava ao momento em que lhe oferecera o bispo, exclamava *zap!* ou *tau!* Era maravilhoso. Não tinha cometido qualquer erro — ou, pelo menos, nenhum que conseguisse identificar. Não havia quaisquer pontos fracos. Laev tinha aquele modo

nervoso de tamborilar com os dedos na mesa enquanto cerrava o cenho, mas, ao desistir, parecera apenas distante e cansado.

Tendo descansado um pouco, acabou por se levantar, vestir os *jeans* e a *T-shirt* branca, e abrir as cortinas pesadas que tapavam a janela. Oito andares abaixo havia uma espécie de convergência de avenidas, cujo vazio era pontuado por alguns poucos carros, e, para lá delas, estendia-se um denso parque cheio de árvores. Decidiu ir dar um passeio.

Mas, enquanto calçava as meias e os sapatos, começou a pensar em Duhamel, com quem jogaria na manhã seguinte, com as brancas. Só conhecia dois dos seus jogos, e ambos tinham já alguns anos; devia revê-los. E depois havia a partida dele contra Luchenko, que ainda estava a decorrer quando Beth saíra. Seria impressa, assim como as outras três, e distribuída pelos jogadores nessa noite, num jantar oficial que iria decorrer no hotel. O melhor seria fazer alguns abdominais e agachamentos, e deixar o passeio para outra altura.

O jantar fora um aborrecimento, mas, mais do que isso, exasperante. Beth estivera sentada numa das pontas da mesa com Duhamel, Flento e Hellström; os jogadores russos tinham ficado na outra ponta, com as esposas. Borgov ficara à cabeceira da mesa, ao lado da mulher que Beth vira no jardim zoológico da Cidade do México. Os russos riram durante toda a refeição, bebendo grandes quantidades de chá e fazendo gestos largos, enquanto as mulheres olhavam para eles num silêncio de adoração. Até Laev, que fora tão reservado durante o torneio, nessa manhã, estava entusiasmado. Todos eles pareciam ignorar intencionalmente o lado da mesa onde Beth se encontrava. Tentou conversar um pouco com Flento, mas o inglês dele era fraco, além de que o seu sorriso constante a deixava desconfortável. Após alguns minutos de tentativa, Beth concentrou-se na

sua refeição e fez o que pôde para se desligar do barulho que vinha da outra ponta da mesa.

Depois do jantar, o director do torneio entregou as folhas com as partidas do dia. Beth pôs-se a analisá-las logo no elevador, começando com a de Borgov. As outras duas partidas tinham resultado num empate, mas Borgov vencera. De modo decisivo.

*

Na manhã seguinte, o motorista levou-a ao auditório por um percurso diferente, e Beth conseguiu ver a enorme multidão que esperava na rua para entrar, algumas pessoas erguendo guarda-chuvas escuros contra os chuviscos matinais. O motorista levou-a até à mesma entrada lateral do dia anterior. Havia cerca de vinte pessoas à porta, que a aplaudiram quando saiu do carro e passou por elas apressadamente. Alguém gritou «Lisabeta Harmon!» mesmo antes de o porteiro fechar a porta atrás de si.

À nona jogada, Duhamel cometeu um erro de julgamento e Beth aproveitou, imobilizando o cavalo dele em frente a uma torre. Mantê-lo-ia de mãos atadas momentaneamente, enquanto ela fazia sair o seu outro bispo. Sabia, de estudar os seus jogos, que ele era cauteloso e forte na defesa; decidira na noite anterior esperar até surgir uma oportunidade e, nesse momento, arrasá-lo. À décima quarta jogada, Beth tinha ambos os bispos com o rei em mira, e, à décima oitava, abriu as suas diagonais. Duhamel tentou esconder-se, usando habilmente os seus cavalos de modo a atrasá-la, mas Beth avançou a dama e tudo se tornou demasiado para ele. A vigésima jogada de Duhamel fora apenas uma tentativa desesperada de afastar. Desistiu duas jogadas depois. A partida durara pouco mais de uma hora.

Beth jogara na ponta mais afastada do palco; Borgov, que defrontava Flento, estava junto da ponta mais próxima. Quando Beth passou pela sua mesa, ouvindo-se ainda o final dos aplausos do público, que ocorriam enquanto ainda havia jogos em desenvolvimento, Borgov levantou os olhos brevemente na sua direcção. Era a primeira vez desde a Cidade do México que ele a olhava directamente, e o seu olhar assustou-a.

Agindo por impulso, Beth esperou um pouco fora do campo de visão da área de jogo, e regressou ao final da cortina para a observar. O lugar de Borgov estava vazio. Ele encontrava-se de pé do outro lado do palco, a observar o mural de exibição com o jogo que Beth acabara de fazer. Tinha uma das suas largas mãos debaixo do queixo, e a outra, no bolso do casaco. Franzia o sobrolho enquanto estudava a posição. Beth virou costas rapidamente e foi-se embora.

Depois do almoço, atravessou a avenida e cortou numa rua estreita em direcção ao parque. A avenida revelou ser, afinal, a Rua Sokolniki, onde havia bastante trânsito, reparou Beth ao atravessá-la com uma grande multidão de transeuntes. Algumas pessoas olhavam para ela, e umas quantas sorriam, mas nenhuma lhe falava. A chuva parara e o dia tinha ficado agradável, com o Sol bem alto e os enormes edifícios que ladeavam a estrada a perderem o tom prisional à sua luz.

O parque era parcialmente arborizado e, ao longo do caminho, havia muitos bancos de ferro com idosos sentados. Beth foi caminhando, tentando ao máximo ignorar os olhares, passando por recantos escurecidos pelas árvores, e acabando por alcançar uma grande praça com flores em canteiros triangulares, aqui e ali. Debaixo de uma espécie de pavilhão coberto, viu filas de pessoas sentadas. Estavam a jogar xadrez. Deviam ser cerca de quarenta tabuleiros. Já vira pessoas de idade a jogar no Central Park e na Washington Square, em Nova Iorque, mas apenas em pequenos grupos.

Naquele caso, tratava-se de uma pequena multidão de homens que enchia aquele grande pavilhão, chegando até às escadas.

Beth hesitou ao fundo das escadas de mármore que a conduziam até lá. Havia dois homens a jogar em cima de um velho tabuleiro de pano, nas escadas. O mais velho, desdentado e careca, estava a jogar o Gambito de Rei. O outro recorria ao Contragambito Falkbeer. Era um pouco antiquado para Beth, mas, ainda assim, era um jogo sofisticado. Os homens ignoraram a sua presença, enquanto ela subia os degraus e penetrava na sombra lançada pelo pavilhão.

Eram quatro filas de mesas de cimento, em cujas superfícies estavam pintados os tabuleiros, e às quais se sentava um par de xadrezistas, todos eles homens. Havia pessoas de pé, a assistir, comentando. Mas pouco se conversava. Atrás dela ouviam-se os ocasionais gritos das crianças, que em russo soavam ao mesmo que os gritos de crianças noutra qualquer língua. Caminhou calmamente entre duas filas de jogos, sentindo o forte cheiro a tabaco vindo dos cachimbos dos jogadores. Alguns deles olhavam quando ela passava, e sentiu nalguns rostos terem-na reconhecido, mas ninguém lhe dirigiu palavra. Eram todos velhos — muito velhos. Muitos deles deviam ter assistido à revolução, em crianças. Regra geral, as roupas eram escuras, até mesmo as camisas de algodão que usavam naquele tempo quente eram cinzentas; pareciam-se com velhos de qualquer parte do mundo, como uma multitude de encarnações do senhor Shaibel, jogando partidas que nunca seriam vistas por ninguém. Sobre várias mesas repousavam exemplares do *Shakmatni v USSR*.

Beth parou um momento ao pé de um tabuleiro onde notou uma posição interessante. Era a Richter-Rauzer, da Siciliana. Beth escrevera um pequeno artigo sobre ela na *Chess Review* havia algum tempo, quando tinha 16 anos. Os homens estavam a jogá-la do modo correcto, e as pretas apresentavam

uma ligeira variante que Beth nunca vira, mas era claramente forte. Era bom xadrez. Xadrez de topo, jogado por dois velhotes com roupas de trabalho baratas. O homem que jogava com as brancas moveu o seu bispo do rei, olhou para ela e franziu a testa. Por um momento, Beth sentiu-se poderosamente inibida entre todos aqueles velhos russos, pensando nos seus *collants* e saia azul-pálida e camisola de caxemira cinzenta, de cabelo cortado e penteado à rapariga americana, com sapatos que provavelmente custavam mais do que o que aqueles homens ganhavam num mês.

Então, o rosto do homem que a fitava foi atravessado por um grande sorriso desdentado, e ele disse «Harmon? Elisabeta Harmon?», e Beth, surpreendida, respondeu «*Da*». Antes de conseguir reagir, ele levantou-se, lançou os braços à sua volta, abraçou-a e riu-se, repetindo «Harmon! Harmon!» sem parar. E reuniu-se então um grupo de homens velhos de roupa cinzenta em torno de si, sorrindo e estendendo as mãos para a cumprimentar, com oito ou dez deles a falarem-lhe em russo ao mesmo tempo.

*

As partidas contra Hellström e Shapkin foram rigorosas, pesadas e esgotantes, mas Beth nunca esteve verdadeiramente em perigo. O trabalho que tivera ao longo dos seis meses anteriores ofereceu uma solidez às suas jogadas de abertura que ela conseguiu manter no meio-jogo, fazendo com que tanto um como outro acabassem, a determinado ponto, por ter de desistir. Hellström levou a derrota claramente a mal e não lhe falou após a partida, mas Shapkin era um homem muito civilizado, muito decente, e desistira com graciosidade, mesmo tendo a vitória dela sido decisiva e implacável.

Ocorreria um total de sete partidas. Tinham sido entregues horários aos xadrezistas durante o longo discurso de orientação do primeiro dia; Beth guardara o seu na gaveta da mesa-de-cabeceira, ao pé do frasco de comprimidos verdes. No último dia, jogaria com as brancas contra Borgov. Hoje, a partida era contra Luchenko, com as pretas.

Luchenko era o jogador mais velho da competição; tinha sido campeão do mundo antes de Beth nascer, jogara contra o grande Alekhine, vencendo-o numa partida de exibição ainda em criança, e, em Havana, empatara com Botvinnik e arrasara Bronstein. Já não era o tigre que fora outrora, mas Beth sabia que era um jogador perigoso se tivesse oportunidade de atacar. Tinha estudado dezenas de jogos dele, publicados na colecção *Chess Informant*, alguns durante o mês que passara com Benny em Nova Iorque, e o poder do seu ataque era chocante, até mesmo para ela. Era um xadrezista formidável e um homem formidável. Beth teria de ser muito cuidadosa.

Estavam na primeira mesa — na qual decorrera a partida de Borgov no dia anterior. Luchenko fez uma pequena vénia, aguardando de pé enquanto ela se sentava. O fato que usava era de seda cinza, e Beth tinha reparado nos seus sapatos quando ele se aproximara da mesa — pretos e brilhantes, de aspecto confortável, provavelmente importados de Itália.

Beth usava um vestido de algodão verde-escuro, com um remate branco na zona da garganta e das mangas. Tinha dormido profundamente na noite anterior. Estava pronta para ele.

Mas, na décima segunda jogada, ele começou a atacar — muito subtilmente, num primeiro momento, com um peão para a terceira casa da coluna da torre da dama. Meia hora mais tarde, ele organizava uma tempestade de peões na ala da dama, e Beth viu-se forçada a adiar o que tinha planeado de modo a conseguir lidar com isso. Estudou o jogo durante um longo momento até se decidir por usar um cavalo para se defender. Não

queria muito tê-lo feito, mas era necessário. Levantou os olhos para Luchenko. Ele fez um pequeno aceno de cabeça — teatral —, e um pequeno sorriso despontou nos seus lábios. Depois, esticou o braço e continuou a avançar o peão do cavalo, como se não tivesse notado a casa em que Beth colocara o seu cavalo. *O que estava ele a fazer?* Beth voltou a estudar a posição e, em choque, apercebeu-se. Se não encontrasse uma saída rapidamente, teria de capturar o peão da torre com o seu cavalo e, quatro movimentos depois, ele seria capaz de trazer o seu inocente bispo da linha de trás para a quinta casa da coluna do cavalo, directamente na ala fragilizada da dama, capturando na troca a sua torre da dama. Estava a sete jogadas de acontecer e Beth não o tinha visto.

Apoiou os cotovelos na mesa e encostou as bochechas aos punhos. Tinha de arranjar maneira de resolver aquilo. Ignorou Luchenko e o auditório cheio e o tiquetaque do relógio e tudo o resto, e estudou a posição, analisando dezenas de continuacões cuidadosamente. Mas não encontrava soluçãO. O melhor que tinha a fazer era desistir da troca e capturar o seu peão da torre como consolaçãO. E ele manteria de pé o seu ataque à ala da dama. Beth detestava o cenário, mas era a soluçãO necessária. *Devia tê-lo visto.* Empurrou o seu peão da dama, tal como era obrigada, e viu os movimentos desenrolarem-se diante de si. Sete jogadas depois, Luchenko capturou a torre em troca do bispo, e o estômago de Beth apertou ao vê-lo pegar na peça e colocá-la ao lado do tabuleiro. Capturar o peão da torre, passadas duas jogadas, acabava por não servir de muito. Estava em desvantagem e sentia-se tensa.

Só deter o avanço dos peões na sua ala da dama era terrivelmente trabalhoso. Tivera de devolver o peão que lhe havia capturado e, ao fazê-lo, ele dobrava as torres na coluna do rei. Não desistia. Beth fez uma ameaça ao rei como distracção, e conseguiu trocar uma das suas torres pela que lhe

restava. Não era aconselhável fazer trocas quando se estava em desvantagem, uma vez que fortalecia a vantagem do adversário, mas Beth tinha de fazê-lo. Luchenko abdicou casualmente da peça trocada, e Beth detestou-o, a ele e à visão do seu cabelo branco enquanto capturava a sua peça. Detestou-o pelo seu cabelo teatral e detestou-o por se manter com vantagem na troca. Se continuassem a trocar peças, em breve Beth seria pouco mais do que nada. Tinha de encontrar uma maneira de o travar.

O meio-jogo estava complexo. Encontravam-se ambos entrincheirados, com cada peça apoiada pelo menos uma vez, e, muitas delas, várias vezes. Beth lutou para evitar trocas, tentando encontrar uma brecha que a fizesse regressar à igualdade; Luchenko respondia a cada movimento de Beth com segurança, movendo as peças com a sua mão impecavelmente tratada. Os intervalos entre os movimentos eram longos. Muito de vez em quando, Beth vislumbrava uma hipótese a oito ou dez jogadas, mas nunca era capaz de a concretizar. Luchenko trouxera a sua torre para a terceira linha, colocando-a acima do seu rei em roque; o seu movimento ficava aí limitado a três casas. Se ao menos ela conseguisse descobrir um modo de a encurralar antes de ele mover o cavalo que a detinha... Beth concentrou-se nisso com todas as forças que conseguia, tendo a sensação, por breves momentos, de que a sua concentração poderia pulverizar a torre, como um raio laser. Atacou-a mentalmente com os cavalos, os peões, a dama, e até mesmo com o rei. Queria forçá-lo mentalmente a levantar um peão, de modo a que limitasse as casas de fuga da torre, mas não era capaz de encontrar modo de fazê-lo.

Sentindo-se zozna do esforço, retirou os cotovelos de cima da mesa, pousou as mãos no colo, abanou a cabeça e olhou para o seu relógio. Tinha menos de 15 minutos. Alarmada, olhou para o seu registo. Teria de fazer mais três movimentos antes de a bandeira descer, caso contrário, perderia por desistência. Luchenko tinha 40 minutos no seu relógio. Não havia outra

coisa a fazer que não mover uma peça. Já tinha considerado mover o cavalo para a quinta casa da coluna do cavalo, e sabia que era um movimento forte, ainda que não a ajudasse particularmente. Fez o movimento. A resposta foi a esperada, forçando-a a recuar o cavalo até à quarta casa da coluna do rei, posição que fizera parte dos planos de Beth desde o início. Tinha sete minutos. Estudou cuidadosamente o jogo e colocou o seu bispo na diagonal da torre de Luchenko. Ele moveu a torre, tal como ela previra. Beth fez sinal ao director do torneio, anotou a sua próxima jogada no registo, usando a outra mão para o esconder de Luchenko, e dobrou a folha. Quando o director se aproximou, Beth disse «Adiamento», e esperou que ele fosse buscar o envelope. Estava exausta. Não houve aplausos quando, esgotada, saiu pesadamente do palco.

*

A noite estava quente, e Beth tinha aberto a janela, estando agora sentada defronte da ornamentada secretária a estudar a posição adiada no seu tabuleiro, tentando encontrar maneiras de perturbar a torre de Luchenko ou de usar a sua vulnerabilidade como distração, enquanto o atacava noutro lado. Após duas horas disso, o calor no quarto tornara-se insuportável. Beth decidiu descer até ao átrio e dar uma volta pelo quarteirão — caso fosse seguro e legal. Sentia-se tonta de tanto xadrez e tão pouca comida. Saber-lhe-ia bem comer um *cheeseburger*. Riu-se ironicamente de si mesma; um *cheeseburger* era o tipo de coisa que um certo género de americano, em que ela pensava nunca se vir a tornar, queria comer ao estar no estrangeiro. Meu Deus, sentia-se tão cansada! Daria um passeio breve e voltaria para a cama. O adiamento só seria disputado na noite do dia seguinte; haveria tempo para estudar, depois da partida contra Flento.

O elevador ficava na ponta oposta do corredor. Devido ao calor, havia vários quartos de porta aberta e, ao aproximar-se de um deles, ouviu vozes graves masculinas a discutirem qualquer coisa. Ao passar pela entrada do quarto, olhou lá para dentro. Devia ser parte de uma *suite*, pois o que ela via era uma grande sala de visitas, com um candelabro de cristal pendendo de um tecto elaboradamente trabalhado, um par de grandes e ostensivos sofás verdes, óleos escuros pendurados na parede mais distante e uma porta aberta que dava para o quarto. Estavam três homens em mangas de camisa em redor de uma mesa que ficava entre os sofás. Sobre ela repousava um decantador de cristal e três copos de *shot*. No centro da mesa, um tabuleiro de xadrez que dois dos homens observavam e comentavam, enquanto o terceiro movia as peças com as pontas dos dedos, especulando. Os dois homens que observavam eram Tigran Petrosian e Mikhail Tal. Quem mexia as peças era Vasily Borgov. Três dos melhores xadrezistas mundiais, a analisar aquilo que devia ser a posição de Borgov no momento do adiamento da sua partida contra Duhamel.

Certa vez, em criança, ao descer o corredor do edifício da Administração, Beth tinha parado diante da porta da senhora Deardorff, que, ao contrário do que era habitual, estava aberta. Ao olhar furtivamente lá para dentro, vira a senhora Deardorff na sala de espera do seu gabinete a conversar com um homem mais velho e com uma mulher, de cabeças próximas, num gesto de uma intimidade que Beth julgara não ser possível numa pessoa como ela. Tinha sido um choque, aquele vislumbre do mundo adulto. A senhora Deardorff batia na lapela do homem com o indicador enquanto falava com ele, olhando-o nos olhos. Beth nunca mais viu aquele casal e não fazia ideia do que estariam a falar, mas nunca se esquecera da cena. Ao ver Borgov na sala de visitas da sua *suite*, a planear as suas jogadas com a ajuda de Tal e Petrosian, sentiu exactamente o mesmo que sentira nessa altura. Sentiu-se

irrelevante — uma criança a espreitar o mundo dos adultos. Quem era ela, para estar com suposições? Precisava de ajuda. Passou rapidamente pelo quarto e entrou no elevador, sentindo-se constrangida e terrivelmente sozinha.

*

A multidão que aguardava ao pé da porta lateral aumentara. Ao sair da limusina, nessa manhã, as pessoas tinham começado a gritar «Harmon! Harmon!» em unísono, acenando com as mãos e sorrindo. Algumas esticaram os braços à sua passagem, para lhe tocar, e Beth furou por entre elas nervosamente, tentando sorrir-lhes de volta. Tivera um sono sobressaltado, na noite anterior, levantando-se por várias vezes para estudar a posição da sua partida adiada contra Luchenko ou para andar pelo quarto descalça, pensando em Borgov e nos outros dois, com os nós das gravatas desfeitos e mangas arregaçadas, a estudarem o tabuleiro como se fossem Roosevelt, Churchill e Estaline diante de um mapa da última ofensiva da Segunda Guerra Mundial. Por muito que dissesse a si mesma que era tão boa como qualquer um deles, sentia, com desânimo, que aqueles homens e os seus pesados sapatos pretos sabiam algo que ela desconhecia, e que nunca viria a saber. Tentava concentrar-se na sua carreira, na sua rápida ascensão até ao topo do xadrez americano e mais além, no modo como se tinha tornado mais poderosa enquanto jogadora do que Benny Watts, no modo como tinha derrotado Laev sem uma sombra de dúvida sobre os seus movimentos, no modo como, ainda criança, encontrara um erro num jogo do grande Morphy. Mas tudo isso se tornava insignificante e trivial diante do vislumbre que tivera da instituição que era o xadrez russo, do vislumbre que tivera do quarto onde os homens conferenciavam com as suas vozes

graves, estudando o tabuleiro com uma segurança que parecia completamente fora do seu alcance.

A boa notícia era que ia defrontar Flento, o jogador mais fraco do torneio. Já não estava sequer na corrida para o título, tendo uma derrota e dois empates. Só Beth, Borgov e Luchenko não tinham qualquer empate ou derrota. Bebeu uma chávena de chá antes de a partida começar, e isso ajudou um pouco. Mais importante, o simples facto de estar naquela sala com os outros jogadores fazia com que parte do que sentira durante a noite se atenuasse. Borgov bebia um chá, quando ela entrou. Como habitualmente, ignorou-a, e ela, o mesmo, mas, com uma chávena de chá na mão e a expressão vagamente aborrecida que tinha no rosto pesado, não era tão assustador como ela o tinha imaginado na noite anterior. Quando o director apareceu para os acompanhar até ao palco, Borgov olhou para ela de relance ao sair da sala, erguendo ligeiramente as sobrancelhas, como se dissesse «Aí vamos nós outra vez!», e Beth deu por si a sorrir-lhe timidamente. Pousou a chávena e seguiu-o.

Beth conhecia muito bem a carreira errática de Flento, além de ter memorizado uma dúzia de partidas dele. Decidira, ainda antes de sair de Lexington, que, caso ficasse com as peças brancas, o caminho a seguir contra ele era a Abertura Inglesa. E era o que fazia agora, ao empurrar o peão do bispo da dama até à quarta linha. Era como uma Siciliana invertida. Sentia-se confortável com essa escolha.

Venceu, mas para isso foram precisas quatro horas e meia de um jogo muito mais violento do que ela imaginara. Ele tinha não só aguentado as duas principais diagonais, como jogado a abertura dos quatro cavalos com uma sofisticação que, durante um momento, superou grandemente a de Beth. Mas, ao alcançarem o meio-jogo, Beth viu uma oportunidade de ir trocando até sair da posição, e aproveitou. Acabou por fazer uma coisa que

raramente tinha feito: proteger o peão ao longo do tabuleiro até que ele alcançasse a sétima linha. Capturá-lo custaria a Flento a sua última peça[14]. Flento desistiu. Os aplausos foram ainda mais intensos do que de todas as outras vezes. Eram 14h30. Não tinha tomado o pequeno-almoço e sentia-se exausta. Precisava de almoçar e de dormir uma sesta. Precisava de descansar antes de finalizar a partida adiada, à noite.

Foi ao restaurante do hotel e almoçou rapidamente uma quiche de espinafres e uma espécie de *pommes frites* eslavas. Mas, ao subir para o quarto às 15h30 e meter-se na cama, percebeu que dormir estava completamente fora de questão. Havia um martelar intermitente acima da sua cabeça, como se alguém estivesse a colocar uma alcatifa nova. Conseguia ouvir o barulho das botas no chão e, de vez em quando, parecia que alguém deixava cair uma bola de bólingue. Beth ficou deitada durante 20 minutos, mas não conseguiu adormecer.

Depois do jantar, ao entrar na sala de jogo, não se lembrava de alguma vez se ter sentido tão cansada. Doía-lhe a cabeça, e tinha o corpo dorido por ter estado debruçada sobre o tabuleiro. Desejava ardentemente que lhe tivessem dado um *shot* que a deixasse a dormir durante a tarde, que pudesse defrontar Luchenko com algumas boas horas de sono pesado. Gostava de ter arriscado e tomado um *Librium*. Sentir os efeitos vagos do calmante seria melhor do que o que sentia naquele momento.

Luchenko estava com um ar calmo e repousado quando entrou na sala onde se jogaria o adiamento. O seu fato, desta feita de fazenda escura, assentava-lhe impecavelmente nos ombros. Beth supôs que ele comprasse todas as suas peças de roupa no estrangeiro. Sorriu a Beth com uma delicadeza contida; ela conseguiu acenar com a cabeça e dizer «boa noite».

Estavam duas mesas montadas para as partidas adiadas. Um final torre-peão clássico esperava Borgov e Duhamel num dos tabuleiros. A sua

posição com Luchenko estava montada no outro. Quando Beth se sentou no seu lugar, Borgov e Duhamel entraram em conjunto, caminhando num silêncio pesado até ao tabuleiro situado no outro lado do palco. Havia um árbitro destacado para cada partida, e os relógios estavam já preparados. Beth tinha os seus 90 minutos de compensação, assim como Luchenko, além dos outros 35 minutos que lhe sobravam do dia anterior. Beth não se lembrava da existência daquele tempo de compensação. Isso criava-lhe três problemas: Luchenko estar com as peças brancas, o seu ataque ainda por travar e a adição de tempo extra.

O árbitro trouxe o envelope, abriu-o, mostrou a folha de registo a ambos os jogadores e fez ele próprio o movimento de Beth. Carregou no botão que iniciava o relógio de Luchenko, que, sem hesitação, avançou o peão que Beth previra. Causou-lhe um certo alívio vê-lo fazer a jogada. Beth vira-se forçada a considerar várias outras respostas da parte dele; agora podia esquecer essas linhas. Ouviu Borgov tossir com força e assoar-se no outro lado do palco. Tentou não pensar em Borgov. Jogaria contra ele no dia seguinte, mas agora era altura de se concentrar na partida que tinha diante de si, de dar tudo o que tinha. O mais provável era que Borgov vencesse Duhamel e entrasse invicto no jogo do dia seguinte. Se queria vencer o torneio, tinha de salvar a partida que estava diante de si. Luchenko tinha a vantagem por causa da troca, o que era mau. Mas ele tinha uma torre inoperante com que lidar, e, após várias horas de estudo, Beth encontrara três maneiras de a usar contra ele. Se conseguisse fazê-lo, poderia trocar um bispo por ela e equilibrar o resultado.

Esquecendo-se do cansaço que sentia, meteu mãos à obra. Era um percurso difícil e intrincado. E Luchenko tinha aquele tempo extra. Decidiu avançar com um plano que desenvolvera a meio da noite, e começou a recuar o cavalo da ala da dama, levando-o num autêntico passeio até à

quinta casa da coluna do rei. Luchenko estava claramente pronto para isso — ele próprio o teria analisado, algures desde a manhã do dia anterior. Muito provavelmente, com ajuda. Mas havia algo que ele poderia não ter analisado, por bom que fosse, e que talvez não notasse naquele momento. Beth afastou o bispo da diagonal em que se encontrava a torre de Luchenko, e esperou que ele não reparasse no que ela estava a planear. À primeira vista, pareceria que ela estava a atacar a formação de peões, forçando-o a fazer um avanço instável. Mas Beth não estava preocupada com a posição dos seus peões. Beth queria tanto retirar aquela torre do tabuleiro que sentia-se capaz de matar por isso.

Luchenko limitou-se a avançar o peão. Podia ter pensado um pouco mais sobre isso — *devia* ter pensado um pouco mais —, mas não o fez. Moveu o peão. Beth sentiu uma sombra de entusiasmo. Retirou o cavalo da diagonal e, em vez de o colocar na quinta casa da coluna do rei, colocou-o na quinta casa da coluna do bispo da dama, oferecendo-o à dama dele. Se a dama o capturasse, ela capturaria a torre com o seu bispo. Só por si, essa jogada não lhe traria nada de bom — pagando pela torre com um cavalo e um bispo —, mas o que Luchenko não tinha notado era que Beth poderia capturar o seu cavalo em troca, por causa do movimento da dama. Era bom. Era muito bom. Olhou para ele, hesitante.

Não olhava para ele há quase uma hora e o seu aspecto surpreendeu-a. Tinha afrouxado o nó da gravata, que estava agora torta no colarinho. Estava despenteado. Mordia o polegar e a sua expressão era de um cansaço chocante.

Luchenko estudou o tabuleiro durante meia hora, sem encontrar saída. Acabou por capturar o cavalo. Beth capturou a torre, cheia de vontade de gritar de alegria ao vê-la sair do tabuleiro, e ele capturou o bispo. Beth fez xeque, ele interpôs, e ela empurrou o peão até ao cavalo. Voltou a olhar para

ele. O jogo estava equilibrado. A elegância de Luchenko desaparecera. Tornara-se um velho amarrotado dentro de um fato caro, e foi então que Beth se apercebeu de que não era a única a sentir-se exausta ao fim de seis dias de xadrez. Luchenko tinha 57 anos. Ela 19. E andava a treinar com Jolene há cinco meses, em Lexington.

A partir daquele momento, a resistência dele desapareceu. Não havia qualquer motivo posicional concreto para que ela devesse apressar uma desistência após a captura do cavalo; era uma partida teoricamente equilibrada. Os peões de Luchenko situados na ala da dama estavam em posições fortes; mas Beth conseguia dispersá-los, ameaçando-os subtilmente enquanto atacava o bispo que restava, e forçando-o a proteger o peão principal com a dama. Quando o fez, trazendo a sua dama para aguentar os peões no mesmo sítio, Beth soube que o tinha na mão. Focou-se no rei dele, dedicando toda a sua atenção ao ataque.

Restavam-lhe 25 minutos no relógio, e Luchenko tinha ainda cerca de uma hora, mas despendeu 20 minutos a planeá-lo e, depois, atacou, trazendo o seu peão da torre do rei até à quarta linha. Era uma declaração clara das suas intenções, e Luchenko pensou longa e duramente antes de jogar. Beth aproveitou esse tempo, marcado pelo tiquetaque do relógio dele, para delinear o seu plano — cada variante de cada um dos movimentos que ele pudesse fazer. Encontrou resposta para qualquer que fosse o seu movimento, e quando ele finalmente jogou, avançando inconsequentemente a dama para dar protecção, Beth ignorou a hipótese de capturar um dos seus peões de ataque e avançou a sua torre do rei mais uma casa. Era um movimento esplêndido, e Beth sabia-o. O seu coração explodiu de alegria. Levantou os olhos para Luchenko.

Ele parecia perdido nos seus pensamentos, como se tivesse estado a ler um livro de filosofia e, acabando de o pousar, contemplasse agora uma

proposição complexa. Estava pálido, com pequenas rugas reticulando a pele seca. Mordiscava novamente o polegar, e Beth notou, chocada, que a maravilhosa manicura do dia anterior tinha sido roída. Luchenko levantou brevemente os olhos cansados para Beth — um olhar que continha todo o enorme peso da experiência e de uma longa carreira enquanto xadrezista —, voltando a olhar, por uma última vez, para o peão da torre dela, agora na quinta linha. E levantou-se.

— Excelente! — disse ele. — Uma recuperação maravilhosa!

As suas palavras eram tão conciliatórias que Beth foi apanhada de surpresa. Não sabia exactamente o que dizer.

— Excelente! — disse ele novamente.

Esticou o braço, pegou no rei, segurou-o entre os dedos pensativamente e fê-lo tombar no tabuleiro. Sorriu, esgotado.

— Desisto, com alívio.

A sua naturalidade e ausência de rancor fizeram com que Beth se sentisse subitamente envergonhada. Estendeu-lhe a mão, e ele apertou-a carinhosamente.

— Estudo os seus jogos desde criança — disse ela. — Admiro-o desde sempre.

Luchenko olhou-a pensativamente.

— Tens 19 anos?

— Sim.

— Estive a rever os teus jogos deste torneio. — Fez uma pausa. — És uma maravilha, minha querida. É provável que tenha acabado de jogar contra a melhor xadrezista que já defrontei.

Beth não conseguiu falar. Olhou para ele sem acreditar no que acabara de ouvir. Luchenko sorriu-lhe.

— Vais acabar por habituar-te — disse ele.

A partida entre Borgov e Duhamel tinha terminado mais cedo, e nenhum deles se encontrava já presente. Depois de Luchenko sair, Beth foi até ao outro tabuleiro e olhou para as peças, ainda em posição. As pretas estavam acumuladas em redor do rei, numa tentativa falhada de o proteger, e a artilharia branca encurralava-o, atacando por todos os lados. O rei preto estava tombado. Borgov jogara com as peças brancas.

No átrio do hotel, um homem sentado nas poltronas ao pé da parede deu um salto quando a viu e veio ter com ela, sorrindo. Era o senhor Booth.

— Parabéns! — disse ele.

— O que se passou consigo? — perguntou ela.

Ele abanou a cabeça em tom de desculpa.

— Washington.

Beth pensou em dizer qualquer coisa, mas deixou passar. Estava contente por ele não ter andado a incomodá-la.

O senhor Booth trazia um jornal dobrado debaixo do braço. Puxou dele e entregou-o a Beth. Era o *Pravda*. Beth não conseguia decifrar o cirílico a negrito do cabeçalho, mas, ao abri-lo, viu uma fotografia sua no final da primeira página, a jogar contra Flento. O artigo preenchia três colunas. Beth olhou para a legenda com atenção e acabou por conseguir traduzi-la: «Uma força surpreendente vinda dos EUA.»

— É bom, não é? — disse Booth.

— Espere até amanhã, por esta hora — respondeu ela.

*

Luchenko tinha 57 anos, mas Borgov tinha 38. Era também conhecido como jogador de futebol amador, e fora detentor de um recorde universitário de lançamento do dardo. Dizia-se que levantava pesos durante

o torneio, utilizando um ginásio que o Governo mantinha aberto até mais tarde só para si. Não fumava nem bebia. Era mestre desde os 11 anos. O mais alarmante das suas partidas publicadas na *Chess Review* ou na *Shakmatni vs USSR* era o facto de ter perdido tão poucas.

Mas Beth estava a jogar com as brancas. Tinha de se agarrar a essa vantagem com unhas e dentes. Jogaria o Gambito de Dama. Discutira isso com Benny durante horas, havia meses, acabando ambos por concordar que seria essa a melhor opção, caso Beth jogasse com as peças brancas contra ele. Não queria jogar contra a Siciliana de Borgov, por muito que conhecesse a abertura, e o Gambito de Dama era a melhor maneira de o evitar. Conseguiria aguentá-lo, se mantivesse a concentração. O problema era que Borgov não cometia erros.

Ao atravessar o palco do auditório, mais cheio do que ela acreditara ser possível, com cada centímetro da plateia e das coxias ocupado, e espectadores de pé atrás da última fila de cadeiras, ouvindo o silêncio abater-se sobre a enorme multidão e olhando na direcção de Borgov, já sentado à sua espera, Beth apercebeu-se de que não tinha de lutar apenas contra o seu xadrez implacável. Borgov aterrorizava-a. Aterrorizava-a desde que o vira em frente à jaula dos gorilas, na Cidade do México. Ele estava simplesmente a olhar para as peças pretas, intocadas, mas o coração e a respiração de Beth pararam, quando o viu. Não havia qualquer sinal de fraqueza na sua figura, imóvel diante do tabuleiro, alheio a ela e aos milhares de pessoas que olhavam para si. Era como um ícone ameaçador. Poderia estar pintado na parede de uma gruta. Beth aproximou-se devagar e sentou-se diante das peças brancas. Ouviram-se aplausos suaves e discretos.

O árbitro carregou no botão e Beth começou a ouvir o tiquetaque. Moveu o peão para a quarta casa da coluna da dama, olhando para as peças. Não se sentia preparada para o olhar no rosto. As outras três partidas já se tinham

iniciado, ao longo do palco. Beth ouvira os movimentos dos jogadores atrás de si, a prepararem-se para o trabalho dessa manhã, o clique dos botões dos relógios, ao serem pressionados. E, depois, silêncio. De olhos no tabuleiro, Beth só conseguia ver a parte de trás da mão de Borgov, com os seus dedos grossos cobertos de pêlo escuro e denso acima dos nós, enquanto ele movia o peão para a quarta casa da coluna da dama. Beth moveu o peão para a quarta casa da coluna do bispo da dama, oferecendo o Gambito de Peão. A mão recusou-o, movendo o peão para a quarta casa da coluna do rei. O Contragambito Albin. Borgov tentava ressuscitar uma resposta antiga, mas Beth conhecia o Albin. Capturou o peão, olhou de relance para o rosto dele e desviou o olhar. Ele moveu o peão para a quinta casa da coluna da dama. A sua face mantinha-se impassível, e não era tão assustadora como Beth recebera. Moveu o seu cavalo do rei, e ele, o cavalo da dama. A dança desenrolava-se. Beth sentia-se pequena, peso-pluma. Sentia-se uma criança. Mas a sua mente estava lúcida, e ela conhecia os movimentos.

A sétima jogada de Borgov foi surpreendente, e tornou-se imediatamente claro que era algo que ele tinha guardado só para ela. Beth perdeu 20 minutos a estudá-la, penetrando-a tanto quanto conseguia, e respondeu com um desvio completo do Albin. Estava aliviada por se ter escapado e entrado em campo aberto. O combate, a partir dali, seria entre as suas inteligências.

A inteligência de Borgov, no entanto, era formidável. À décima quarta jogada, tinha alcançado a igualdade, se não mesmo a vantagem. Beth manteve-se calma, manteve o olhar longe do rosto dele e jogou o melhor xadrez que sabia, desenvolvendo as suas peças, defendendo todas as frentes, ficando atenta a qualquer oportunidade de coluna livre, diagonal livre, de peão dobrado, de garfo potencial ou imobilização ou de saltar por cima de alguma peça ou espeto. Desta vez via o tabuleiro completo na sua mente, apercebendo-se de qualquer alteração no equilíbrio de poder que ocorresse

na sua superfície. Cada partícula era neutralizada pela sua contrapartícula, mas ambos os lados estavam preparados para se soltarem disso, caso houvesse abertura, abrindo a estrutura do jogo. Se Beth deixasse que a torre dele avançasse, seria destruída por ela. Se ele permitisse que a dama dela alcançasse a coluna do bispo, o seu rei ficaria sem protecção. Ela não podia permitir que ele fizesse xeque com o bispo. Ele não podia permitir que ela levantasse o peão da torre. Durante horas, Beth não olhou para ele, nem para o público, nem para o árbitro. Toda a sua mente, toda a sua atenção observava unicamente aquelas encarnações do perigo: cavalo, bispo, peão, rei e dama.

Foi Borgov quem pronunciou a palavra «Adiamento». Disse-o em inglês. Beth olhou para o seu relógio sem perceber o que se estava a passar, até que se apercebeu de que nenhuma das bandeiras tinha descido e a de Borgov estava mais próxima disso do que a dela. Faltavam-lhe sete minutos. Beth ainda tinha 15. Olhou para a sua folha de registo. O último movimento era o quadragésimo. Borgov queria adiar a partida. Beth olhou para trás; o palco estava vazio, as outras partidas tinham terminado.

Depois, olhou para Borgov. Não tinha afrouxado o nó da gravata nem tirado o casaco ou mexido no cabelo. Não parecia cansado. Desviou o olhar. No momento em que viu aquele rosto impávido e silenciosamente hostil, ficou petrificada.

*

Booth estava no átrio do hotel. Desta vez, vinha acompanhado por meia dúzia de repórteres. Estava lá o homem do *New York Times* e a mulher do *Daily Observer* e o homem da Reuters e da UPI. Ao aproximarem-se dela, Beth reparou em dois rostos novos.

— Estou completamente de rastos — disse Beth a Booth.

— Imagino que sim — disse ele —, mas garanto-lhe que estas pessoas...

E apresentou-a aos novos rostos. O primeiro era da *Paris-Match* e o segundo, da *Time*. Beth olhou para este último e perguntou:

— Vou aparecer na capa?

Ao que ele respondeu:

— Vai conseguir derrotá-lo?

E Beth não soube o que responder. Estava assustada. Continuava ainda em jogo e, de algum modo, à frente dele. Não tinha cometido qualquer erro. Tal como Borgov.

Havia dois fotógrafos, e Beth posou para algumas fotografias, e quando um deles perguntou se podia tirar-lhe uma fotografia em frente de um tabuleiro de xadrez, ela levou-os até ao seu quarto, onde o tabuleiro continuava montado, e com a posição da partida contra Luchenko. Parecia ter sido há já muito tempo. Beth sentou-se ao tabuleiro, sem se importar — na verdade, até lhe sabia bem —, enquanto eles tiravam fotografias de vários pontos no quarto. Parecia uma festa. Enquanto os fotógrafos a estudavam e ajustavam as máquinas e mudavam objectivas, os repórteres faziam-lhe perguntas. Beth sabia que devia preparar a posição do adiamento e concentrar-se no seu estudo, de modo a delinear uma estratégia para o dia seguinte, mas aquela distração ruidosa sabia-lhe bem.

Borgov devia estar naquela sua *suite*, muito provavelmente na companhia de Petrosian e Tal — e talvez de Luchenko e de Laev e do restante *establishment* russo. Teriam despido os seus dispendiosos casacos e enrolado as mangas das camisas, e exploravam agora a sua posição, procurando pontos fracos imediatamente visíveis ou que surgissem daí a dez jogadas, investigando a organização das peças brancas como se elas fossem o seu corpo, e eles, cirurgiões prontos a dissecá-la. Havia algo de

obsceno nesta imagem. Eles continuariam naquilo ao longo da noite, jantando a olhar para o tabuleiro pousado naquela mesa enorme que existia na sala de visitas de Borgov, preparando-o para a manhã seguinte. Mas Beth gostava do que estava a fazer naquele momento. Não queria pensar na posição. Além de que sabia que a posição não era o problema. Poderia testar todas as possibilidades nalgumas horas depois do jantar. O problema residia no modo como Borgov a perturbava. Era bom esquecer isso durante um bocado.

Fizeram-lhe perguntas sobre a Methuen e, como sempre, Beth foi contida nas respostas; mas um deles pressionou-a um pouco mais, e ela deu por si a dizer:

— Impediram-me de jogar. Foi um castigo.

O repórter pegou imediatamente nisso. Parecia uma coisa saída de um livro de Dickens, disse.

— Porque é que a castigaram desse modo?

— Acho que eles eram cruéis, por princípio. Pelo menos, a directora era. A senhora Helen Deardorff. Vão publicar isto?

Estava a falar com o homem da *Time*. Ele encolheu os ombros.

— Isso é com o departamento jurídico. Se vencer amanhã, talvez publiquem.

— Nem todos eles eram cruéis — disse ela. — Havia um homem chamado Fergusen, uma espécie de ajudante. Penso que gostava de nós.

O homem da UPI, que a tinha entrevistado no seu primeiro dia em Moscovo, falou.

— Quem a ensinou a jogar, visto que eles não queriam que a Beth o fizesse?

— Chamava-se Shaibel — disse ela, recordando-se da parede com fotografias na cave. — William Shaibel. Era o zelador.

— Fale-nos sobre isso — pediu a mulher do *Observer*.

— Jogávamos xadrez na cave, depois de ele me ensinar a fazê-lo.

Era óbvio que os repórteres estavam a adorar a história. O homem da *Paris-Match* abanava a cabeça, sorrindo.

— Foi o *zelador* quem a ensinou a jogar xadrez?

— É verdade — disse Beth, com um tremor involuntário na voz. — O senhor William Shaibel. E era um jogador e peras. Passava muito tempo a jogar, e era bom.

Depois de se irem embora, Beth tomou um banho quente, esticando-se na enorme banheira de metal. Depois, vestiu os *jeans* e começou a organizar as peças. Mas, assim que as dispôs no tabuleiro e olhou para elas, toda a tensão regressou ao seu corpo. Em Paris, por aquela altura, a sua posição parecia mais forte, e tinha sido derrotada. Afastou-se da secretária e foi até à janela, abrindo as cortinas e olhando para Moscovo. O Sol continuava alto, e a cidade lá em baixo parecia muito mais leve e alegre do que se supunha Moscovo. O parque distante onde os velhotes jogavam xadrez era de um verde brilhante, mas Beth sentia medo. Sentia que não tinha força suficiente para enfrentar e derrotar Vasily Borgov. Não queria pensar em xadrez. Se houvesse uma televisão no quarto, tê-la-ia ligado. Se tivesse uma garrafa do que quer que fosse, tê-la-ia bebido. A ideia de chamar o serviço de quartos passou-lhe pela mente, mas conseguiu dominar-se no último momento.

Suspirou e voltou ao tabuleiro. Tinha de ser estudado. Tinha de ter um plano para a manhã seguinte, às 10 horas.

*

Beth acordou antes de amanhecer e deixou-se ficar na cama durante um

bocado, até olhar para o relógio. Dormira duas horas e meia. Fechou os olhos obstinadamente e tentou voltar a adormecer. Mas não conseguia. A posição da partida adiada entrava à força na sua mente. Lá estavam eles, os seus peões, e lá estava ela, a sua dama. Lá estava Borgov. Ela via tudo isto, não conseguia parar de o ver, mas não fazia sentido. Beth olhara para o tabuleiro durante horas, tentando delinear uma qualquer espécie de plano para o resto do jogo, movera as peças, por vezes no tabuleiro real, por vezes, na sua mente, mas nada funcionava. Poderia avançar o peão do bispo da dama ou recuar o cavalo até à ala do rei ou colocar a dama na segunda casa da coluna do bispo. Ou na segunda casa da coluna do rei. Isto, caso o movimento de Borgov que estava dentro do envelope fosse cavalo para quinta casa da coluna do bispo. Se movesse a dama, as respostas seriam outras. Se a intenção dele fosse inutilizar a análise dela, poderia jogar o bispo do rei. Cinco e meia da manhã. Faltavam quatro horas e meia para a partida. Borgov, por esta altura, já teria os seus movimentos preparados e um plano de jogo a que chegara através de um processo de consulta; e estaria certamente ferrado a dormir. De repente, entrou pela janela um som semelhante a um alarme, e ela deu um salto. Era apenas uma simulação de incêndio russa ou algo assim, mas as suas mãos ficaram a tremer durante um momento.

Comeu *kasha* e ovos ao pequeno-almoço, e voltou a sentar-se ao tabuleiro. Eram 7h45. Mas, mesmo depois de três chávenas de chá, continuava incapaz de o penetrar. Tentou à força manter a mente aberta, deixar a sua imaginação funcionar do modo como tantas vezes funcionava sobre um tabuleiro de xadrez, mas não lhe surgia nada. Via apenas as suas respostas às ameaças futuras de Borgov. Era passivo, e Beth sabia-o. Tinha sido a sua derrota no México e podia sê-lo novamente. Levantou-se, abriu as cortinas e, ao voltar-se para o tabuleiro, o telefone tocou.

Beth ficou a olhar para ele. Não tinha tocado uma vez que fosse durante a semana que ali estivera. Nem sequer o senhor Booth lhe tinha telefonado. E, agora, tocava intermitentemente, muito alto. Beth aproximou-se e atendeu. Uma voz feminina disse qualquer coisa em russo. Beth não conseguiu perceber uma palavra.

— Daqui fala Beth Harmon — disse ela.

A voz disse qualquer coisa em russo. Ouviu-se um clique no auscultador e surgiu uma voz masculina, nítida como se estivesse no quarto do lado.

— Se ele mover o cavalo, ataca-o com o peão da torre do rei. Se ele for para o bispo do rei, faz o mesmo. Depois, abre a tua coluna da dama. Isto está a custar-me uma pipa de massa.

— *Benny!* — exclamou ela. — *Benny!* Como é que sabes...

— Aparece no *Times*. Aqui é de tarde e estamos a trabalhar nisto há três horas. O Leverton e o Wexler estão comigo.

— *Benny* — disse ela —, é bom ouvir a tua voz.

— *Tens de conseguir abrir essa coluna*. Tens quatro maneiras de o fazer, dependendo do movimento que ele faça. Tens tudo à mão?

Ela olhou para a mesa.

— Sim.

— Começamos com o cavalo dele para 5B, onde tu avanças com o peão da torre do rei. Percebeste?

— Sim.

— Pronto. Há três coisas que ele pode fazer. B para 4B é a primeira. Se o fizer, a tua dama salta logo para a quarta casa do rei. Ele pode estar à espera disso, mas não disto: peão para a quinta casa da dama.

— Não estou a ver...

— Olha para a torre da dama dele.

Beth fechou os olhos e viu-o. Só tinha um dos peões entre o seu bispo e a

torre. E se ele tentasse bloquear o peão, abriria um buraco para o cavalo dela. Mas Borgov e os outros não teriam deixado escapar isso.

— Ele tem o Petrosian e o Tal a ajudarem-no.

Benny assobiou.

— Imagino que sim — disse. — Mas vê mais para a frente. Se ele mover a torre antes de a tua dama avançar, coloca-a onde?

— Na coluna do bispo.

— Tu jogas o peão para a quinta casa do bispo da dama e tens a coluna quase aberta.

Benny tinha razão. Começava a parecer possível.

— E se ele não fizer B para 4B?

— Vou passar ao Leverton.

A voz de Leverton surgiu no auscultador.

— Ele poderá jogar o cavalo para 5B. Se assim for, as coisas ficam muito complicadas. Tenho tudo pensado para que consigas recuar no momento imediatamente antes.

Beth não tinha ligado muito a Leverton quando o conheceu, mas agora estava capaz de o abraçar.

— Dá-me os movimentos.

Ele começou a recitá-los. Era complicado, mas Beth não teve quaisquer problemas em ver como funcionava.

— Isso é lindo — disse ela.

— Vou passar outra vez ao Benny — disse Leverton.

Continuaram, explorando as possibilidades, seguindo linha após linha, durante quase uma hora. Benny era incrível. Tinha pensado em tudo: Beth começava a ver maneiras de entupir o jogo de Borgov, de aligeirá-lo, enganá-lo, prendê-lo em certos sítios, forçá-lo a comprometer-se e a recuar.

Beth olhou finalmente para o relógio e disse:

— Benny, são 9h15 aqui.

— OK — disse ele. — Vai lá vencê-lo.

*

Havia uma multidão à entrada do edifício. Tinha sido erguido um mural de exibição em cima da entrada principal para aqueles que não conseguiam entrar no auditório; Beth reconheceu imediatamente a posição, ao vê-la da janela do carro. Ali, sob o sol da manhã, via o peão que iria avançar, a coluna que abriria à força.

A multidão junto à porta lateral tinha o dobro do tamanho da do dia anterior. Começou a entoar «Harmon! Harmon!» antes sequer de ela abrir a porta da limusina. Era constituída, na sua maioria, por pessoas mais velhas; muitas delas esticaram o braço, sorrindo, tentando tocar-lhe enquanto ela passava.

Só havia agora uma mesa no centro do palco. Borgov já estava sentado quando ela entrou. O árbitro acompanhou-a à cadeira, e, quando ela se sentou, abriu o envelope e estendeu a mão em direcção ao tabuleiro. Pegou no cavalo de Borgov e moveu-o para a quinta casa da coluna do rei. Era o movimento que Beth queria. Ela avançou o peão da torre uma casa.

Os cinco movimentos seguintes seguiram uma linha que ela e Benny tinham trabalhado ao telefone, e Beth conseguiu abrir a coluna. Mas, na sexta jogada, Borgov avançou a sua torre restante até ao centro do tabuleiro, e, ao olhar para ela, colocada na quinta casa da dama dele, uma casa que a análise não previra, Beth sentiu o estômago apertar, sabendo que o telefonema de Benny tinha apenas disfarçado o seu medo. Beth tivera sorte em isso a ter acompanhado tantas jogadas. Borgov dava agora início a uma

linha de jogo para a qual ela não tinha qualquer continuação preparada. Estava sozinha uma vez mais.

Com esforço, Beth levantou os olhos do tabuleiro e olhou para o público. Jogava ali há dias e, ainda assim, o tamanho da plateia era chocante. Voltou-se novamente para o tabuleiro, insegura, para a torre no centro. Tinha de fazer alguma coisa em relação àquela torre. Fechou os olhos. O jogo ficou imediatamente visível na sua imaginação, com a lucidez que possuía em criança, deitada na cama do orfanato. Manteve os olhos fechados e examinou a posição minuciosamente. Era mais complicada do que as que alguma vez vira jogadas num livro e não existia uma análise publicada que mostrasse a próxima jogada ou quem sairia vencedor. Não havia peões atrasados nem outros pontos fracos, nenhuma linha de ataque que fosse clara para qualquer dos jogadores. O jogo estava equilibrado, mas a torre dele poderia dominar o tabuleiro como um tanque no meio da cavalaria. Estava num quadrado preto, e o seu bispo das casas pretas tinha desaparecido. Os seus peões não a conseguiam atacar. Seriam necessárias três jogadas para que um cavalo se aproximasse o suficiente. A sua própria torre estava presa na casa de partida, ao canto. Só tinha uma coisa à sua disposição: a dama. Mas onde poderia colocá-la em segurança?

Beth apoiava as bochechas nos punhos, mas os seus olhos permaneciam fechados. A dama repousava inocentemente na última linha, na casa do bispo da dama, onde estivera desde a nona jogada. Só poderia sair pela diagonal, e tinha três casas. Todas elas pareciam fracas. Ignorou as fraquezas e examinou cada uma separadamente, terminando com a quinta casa do cavalo do rei. Se a dama estivesse aí, ele poderia passar a torre por trás e ocupar a linha num movimento. Seria catastrófico, a não ser que ela tivesse uma resposta — um xeque ou um ataque à dama preta. Mas o único xeque possível era com o bispo, e isso seria um sacrifício. A dama dele

limitar-se-ia a capturar o bispo. Mas, depois disso, Beth poderia atacá-la com o cavalo. E onde o colocaria? Teria de ir para um daqueles dois quadrados pretos. Começava a ver qualquer coisa. Poderia conduzir a dama para um garfo rei-dama, com o cavalo. Ele capturaria a dama e Beth continuaria a perder por um bispo. Mas o seu cavalo ficaria em posição para um novo garfo. E capturaria o bispo dele. Não seria um sacrifício. Voltariam a estar em igualdade, e o seu cavalo poderia começar a ameaçar a torre.

Beth abriu os olhos, pestanejou e moveu a dama. Ele moveu a torre para trás dela. Sem hesitar, Beth pegou no bispo, levou-o para o xeque e esperou que a dama o capturasse. Borgov olhou para o tabuleiro e não se moveu. Beth susteve o fôlego. *Ter-lhe-ia escapado alguma coisa?* Voltou a fechar os olhos, assustada, e visualizou a posição. Ele poderia mover o seu rei, em vez de capturar o bispo, podia interpor-se...

Subitamente, ouviu a voz de Borgov, no outro lado da mesa, dizer uma palavra espantosa: «Empate». Era uma afirmação, não tanto uma questão. *Ele estava a oferecer-lhe um empate.* Beth abriu os olhos e fitou-o. Borgov nunca oferecia empates, mas eis que lhe propunha um. Beth poderia aceitar, e o torneio chegava ao fim. Levantar-se-iam os dois para os aplausos e Beth abandonaria o palco empatada com o campeão do mundo. Algo dentro dela amoleceu, e Beth ouviu a sua própria voz silenciosa dizer: «Aceita!»

Voltou a olhar para o tabuleiro — para o tabuleiro real que estava entre eles, e viu o final de jogo que emergiria quando o pó assentasse. Borgov era letal nos finais de jogo; era famoso por isso. Beth sempre os detestara — detestara até o livro de Reuben Fine sobre a matéria. Devia aceitar o empate. As pessoas considerá-lo-iam um feito.

Um empate, no entanto, não era uma vitória. E se havia uma coisa na sua vida que sabia adorar era uma vitória. Beth voltou a olhar para o rosto de

Borgov e, com uma ligeira surpresa, viu que ele estava cansado. Abanou a cabeça. *Não*.

Borgov encolheu os ombros e capturou o bispo. Por um momento, Beth sentiu-se estúpida, mas afastou a sensação e atacou a dama com o seu cavalo, deixando a sua *en prise*, em risco de captura. Borgov moveu a sua dama para onde era obrigado a fazê-lo, e Beth avançou o cavalo para o garfo. Ele moveu o rei e Beth retirou a sua pesada dama do tabuleiro. Borgov capturou a dela. Ela atacou a torre e ele recuou-a numa casa. Fora este o objectivo de toda a sequência iniciada com o bispo — reduzir o campo de acção da torre, forçando-a a recuar para uma linha menos perigosa —, mas, agora que lá estava, Beth não tinha a certeza do que fazer. Tinha de ter cuidado. Iam a caminho de um final de torre e peão; não havia espaço para qualquer imprecisão. Beth sentiu-se encurralada durante um momento, sem imaginação ou propósito, e com medo de errar. Fechou novamente os olhos. O seu relógio indicava uma hora e meia; tinha tempo para fazê-lo, e para fazê-lo bem.

Não abriu sequer os olhos para ver quanto tempo lhe restava ou para olhar para Borgov ou para ver a enorme multidão que se tinha reunido naquele auditório para vê-la jogar. Beth deixou tudo isso desaparecer da sua mente, permitindo-se apenas ver o tabuleiro da sua imaginação e o seu intrincado impasse. Já não interessava quem jogava com as peças pretas ou se o tabuleiro físico estava em Moscovo ou Nova Iorque ou na cave de um orfanato; aquela imagem eidética era o seu reino.

Beth não ouvia sequer o tiquetaque do relógio. Mantinha a mente em silêncio e deixava-a mover-se sobre a superfície do tabuleiro imaginado, combinando e recombinao as ligações das peças de modo a que as pretas não conseguissem travar o avanço do peão que ela escolheria. Via agora que seria o seu peão do cavalo do rei, na quarta linha. Moveu-o mentalmente

para a quinta e observou o modo como o rei preto avançaria para o bloquear. O cavalo branco travaria o rei ao ameaçar um peão preto vital. Se o peão branco avançasse até à sexta linha, seria necessário preparar o movimento. Demorou muito tempo até que o conseguisse ver, mas não cedeu. A sua torre era a chave, com a ameaça de um salto — quatro movimentos no total —, mas o peão poderia dar o passo. Teria de avançar novamente. Tudo isto era avanço centímetro a centímetro, mas era o único modo de o fazer.

Devido ao cansaço, a sua mente ficou momentaneamente entorpecida e o tabuleiro difuso. Conseguiu ouvir-se a suspirar, à medida que o forçava a ficar novamente focado. Em primeiro lugar, o peão tem de ser apoiado pelo peão da torre, e para avançar o peão da torre era necessário criar uma diversão, sacrificando outro peão no lado oposto do tabuleiro. Isso daria uma dama às pretas em três jogadas, custando a torre às brancas para evitá-lo. *Então*, o peão branco, momentaneamente a salvo, avançaria até à sétima linha, e, quando o rei preto se aproximasse, o peão branco da torre avançaria para segurar a posição. E surgia a jogada final, o avanço para a oitava linha, para a promoção.

Beth chegara até aí — esses 12 movimentos que tinham partido da posição no tabuleiro que Borgov via — através de palpites e suposições, que concretizava mentalmente. Não havia dúvida de que era possível. Mas não conseguia encontrar maneira de avançar o peão essa casa final sem ter o rei preto a colhê-lo no momento antes da sua promoção, como uma flor por abrir. O peão parecia pesado e impossível de avançar. Beth não o conseguia mover. Chegara até aqui e era impossível ir mais longe. Não valia a pena. Fizera o esforço mental mais exigente da sua vida, e tinha sido um desperdício. O peão não conseguiria ser promovido a dama.

Encostou as costas à cadeira, esgotada, e, sempre de olhos fechados,

deixou o ecrã da sua mente apagar-se por um momento. Depois, fê-lo regressar para uma última observação. E, desta vez, viu-o. Ele tinha usado o bispo para capturar a torre, ficando impossibilitado de travar o cavalo. *O cavalo forçaria o rei a desviar-se*. O peão branco seria promovido a dama, e o xeque aconteceria após quatro jogadas. Mate em dezanove jogadas.

Abriu os olhos, sentindo dificuldade em mantê-los completamente abertos por causa do brilho da luz, e olhou para o relógio. Sobravam-lhe 12 minutos. Estivera de olhos fechados durante mais de uma hora. Caso tivesse cometido um erro, não haveria tempo para uma nova estratégia. Inclinou-se e moveu o peão do cavalo do rei para a quinta linha. Sentiu uma pontada no ombro ao pousá-lo; tinha os músculos rígidos.

Borgov avançou o seu rei para travar o peão. Ela avançou o cavalo, forçando-o a proteger-se. Tudo corria como Beth tinha visto. A tensão do seu corpo diminuiu e, nas jogadas seguintes, começou a ser invadida por uma subtil sensação de calma. Movia as peças com rapidez deliberada, carregando firmemente no relógio após cada uma, e, a pouco e pouco, as respostas de Borgov foram perdendo o ritmo. Demorava mais tempo entre cada jogada. Beth notava alguma incerteza na mão que segurava as peças. Quando a ameaça do salto foi feita e ela moveu o peão para a sexta linha, olhou para o rosto de Borgov. A expressão mantinha-se igual, mas ele tinha-se endireitado e passava os dedos pelo cabelo, despenteando-o. Beth foi invadida por uma onda de entusiasmo.

Ao avançar o peão para a sétima linha, ouviu um pequeno gemido vindo de Borgov, como se lhe tivesse dado um soco no estômago. Ele demorou muito tempo a trazer o rei para o bloquear.

Beth fez uma pausa antes de deixar que a sua mão fosse até ao tabuleiro. Ao pegar no cavalo, sentiu nos dedos o poder tremendo da peça. Não olhou para Borgov. Quando a pousou, fez-se silêncio absoluto. Passado um

momento, ouviu o ar a sair do peito de Borgov, e olhou para ele. Tinha o cabelo despenteado e, no rosto, um sorriso amargo. Falou em inglês.

— O jogo é seu.

Empurrou a cadeira para trás, levantou-se e, depois, inclinou-se e pegou no rei. Em vez de o fazer tombar, segurou-o na direcção de Beth, que ficou a olhar para a peça.

— Pegue nele — disse Borgov.

Os aplausos começaram. Beth pegou no rei preto e virou-se para o auditório, deixando-se ser banhada pelo peso gigantesco da ovação que ouvia. O público pôs-se de pé, aplaudindo cada vez com mais força. Beth recebeu tudo aquilo com o corpo, sentindo-se corar e ferver e suar, à medida que o clamor dos aplausos limpava a sua mente.

Vasily Borgov estava ao seu lado e, para seu total espanto, abriu os braços e abraçou-a carinhosamente.

*

Durante a festa na embaixada, um empregado ofereceu-lhe um copo de champanhe. Beth abanou a cabeça. Todas as outras pessoas bebiam, fazendo-lhe alguns brindes. O próprio embaixador aparecera durante cinco minutos, oferecendo-lhe champanhe, mas ela bebeu uma gasosa. Comeu algum pão escuro com caviar e respondeu a perguntas. Estavam presentes uns quantos repórteres e vários russos. Luchenko encontrava-se lá, novamente bonito, mas Beth sentiu-se desapontada com a ausência de Borgov.

Era ainda meio da tarde, e ela não tinha almoçado. Sentia-se aérea e cansada, como se estivesse fora do seu próprio corpo. Nunca gostara de festas, e, apesar de ser a estrela naquele caso, sentia-se deslocada. Algumas

peessoas da embaixada olhavam para ela de forma estranha, como se fosse uma raridade excêntrica. Diziam-lhe que não eram suficientemente inteligentes para jogar xadrez ou que só o tinham feito em crianças. Beth estava cansada dessa conversa. Queria fazer outra coisa. Não sabia exactamente o quê, mas queria afastar-se daquelas pessoas.

Furou pela multidão e agradeceu a uma texana que tinha o papel de anfitriã. Disse ao senhor Booth que precisava de boleia para o hotel.

— Vou arranjar um carro e um motorista — disse ele.

Antes de sair, reencontrou Luchenko, que conversava com outros russos, impecavelmente vestido e com um ar descontraído. Estendeu-lhe a mão.

— Foi uma honra jogar contra si — disse ela.

Ele pegou-lhe na mão e fez uma pequena vénia. Beth achou por um segundo que lha ia beijar, mas ele não o fez. Apertou-a com as suas duas mãos.

— Tudo isto — disse ele — não é nada parecido com xadrez.

Ela sorriu.

— Pois não.

*

A embaixada ficava em Ulitsa Tchaikovskogo, a uma meia hora de carro do hotel, parte dela através de um tráfego intenso. Quase não vira Moscovo e partiria de manhã, mas não sentia vontade de olhar pela janela. Tinham-lhe dado o troféu e o dinheiro depois da partida. Dera entrevistas, recebera parabéns. Agora, sentia-se perdida, sem saber aonde ir ou o que fazer. Talvez pudesse dormir um pouco, jantar tranquilamente e deitar-se cedo. *Tinha-os vencido*. Tinha derrotado o xadrez russo, derrotado Luchenko, Shapkin, Laev, e forçado Borgov a desistir. Dentro de dois anos, poderia

defrontá-lo no campeonato do mundo. Teria de se qualificar, antes de tudo, ao vencer a prova de candidatos, mas conseguiria fazê-lo. Seria escolhido um lugar neutro, e jogaria frente a frente com Borgov, numa competição de 24 jogos. Teria 21 anos, nessa altura. Não queria pensar nisso agora. Fechou os olhos e dormitou no banco traseiro da limusina.

Ao olhar pela janela, sonolenta, viu que estavam parados num semáforo. Mais acima e à direita ficava o parque que via da janela do seu quarto. Despertou e inclinou-se para o motorista.

— Deixe-me no parque.

O sol passava por entre as árvores. As pessoas sentadas nos bancos pareciam ser as mesmas da vez anterior. Não importava se sabiam ou não quem ela era. Passou por elas e alcançou a praça. Ninguém olhava para ela. Foi até ao pavilhão e subiu as escadas.

A meio da primeira fila de mesas de cimento estava sentado um velhote, sozinho, com as peças arrumadas à sua frente. Tinha cerca de 60 anos e usava a habitual boina cinzenta e camisa de algodão cinza, com as mangas enroladas. Quando Beth parou junto à sua mesa, ele olhou para ela com curiosidade, mas sem qualquer sinal de reconhecimento. Ela sentou-se atrás das peças pretas e disse cuidadosamente, em russo:

— Quer jogar xadrez?

- [1] Hino *gospel* norte-americano, escrito em 1874 por Knowles Shaw. (*N. da T.*)
- [2] Utiliza-se a notação descritiva — e não a algébrica — ao longo da tradução, seguindo a escolha do autor no original. (*N. da T.*)
- [3] Publicado em 1911 por Richard Clewin Griffith e John Herbert White, é ainda um dos mais importantes livros sobre aberturas de xadrez. (*N. da T.*)
- [4] *The Funnies*, revista semanal ilustrada, considerada a precursora da banda desenhada, fundada em 1929. A partir de 1942, mudou de nome para *New Funnies*. (*N. da T.*)
- [5] Analgésico composto por uma mistura de aspirina e cafeína. (*N. da T.*)
- [6] Laxante comercializado nos EUA. (*N. da T.*)
- [7] Gelado multicolor, de vários sabores, que contém fruta cristalizada e frutos secos. (*N. da T.*)
- [8] Interborough Rapid Transit. (*N. da T.*)
- [9] Vinho fortificado gaseificado. (*N. da T.*)
- [10] Cerca de 750 ml. (*N. da T.*)
- [11] Lenço típico do México, próximo do xaile, geralmente muito colorido. (*N. da T.*)
- [12] Em inglês, *odds*. Variante que permite a um jogador mais fraco ter mais hipóteses de vencer o jogo. Poderão ser materiais (o jogador mais forte entrega uma peça ou peças no início da partida), movimentos extra ou tempo extra (no caso da existência de um relógio de xadrez). (*N. da T.*)
- [13] Operadora turística fundada em 1929. Foi a principal operadora turística da União Soviética, tendo sido privatizada em 1992. (*N. da T.*)
- [14] Dependendo do contexto, o termo «peça» exclui por vezes os peões. Será o presente caso. (*N. da T.*)

**O romance que deu origem à série mais vista da
história de Netflix**

A série da moda. O livro do momento.

A personagem da sua vida.

**Com um ritmo acelerado e escrito com elegância,
Gambito de Dama é uma história fascinante
disfarçada de romance de xadrez - um romance
que não vai poder deixar de ler e com uma
conclusão tão elegante e satisfatória quanto um
mate em quatro.**



Quando a mãe de Beth Harmon, de oito anos, morre num acidente de viação, a menina é enviada para orfanato em Mount Sterling, Kentucky. Simples, taciturna e tímida, ao que tudo indica, Beth não se destaca# até jogar a sua primeira partida de xadrez. Os seus sentidos ficam mais

aguçados, o pensamento mais claro e, pela primeira vez na sua vida, ela sente-se totalmente no controlo

Sem dinheiro nenhum, Beth está desesperada para aprender mais sobre esse jogo que se tornou a sua vida - rouba uma revista de xadrez, dinheiro suficiente para entrar num torneio e também alguns dos tranquilizantes da mãe adoptiva, nos quais está viciada.

Aos treze anos, vence um torneio de xadrez; aos dezasseis, compete no US Open Championship; aos dezoito, é campeã dos Estados Unidos - e a Rússia espera por ela# Mas, à medida que Beth aprimora as suas habilidades no circuito profissional, as apostas ficam mais altas, o seu isolamento fica mais assustador, as suas incontroláveis adicções e a ideia de escapar tornam-se ainda mais tentadoras.

Os elogios da crítica:

«Apaixonante. Uma leitura viciante.»

Financial Times

«Hipnótico.»

Newsweek

«Excepcional.»

Time Out

«Convincente. Uma obsessão magnífica.»

Los Angeles Times

«Beth Harmon é uma criação inesquecível - e Gambito de Dama é a obra mais consumada e comovente de Walter Tevis.»

Jonathan Lethem

«*Gambito de Dama* é puro entretenimento. É um livro que releio frequentemente... pelo puro prazer e pela habilidade do autor.»

Michael Ondaatje

Walter Tevir foi professor de Literatura Inglesa na Universidade de Ohio. É autor de sete romances, incluindo três que deram origem a filmes de grande sucesso: *O homem que veio do espaço*, *A vida é um jogo* e *A cor do dinheiro*.

Os seus romances foram traduzidos para 18 idiomas. Morreu em 1984.

Título original: *The Queen's Gambit*

Edição em digital: fevereiro de 2021

Copyright © 1983, 2014 por Walter Tevis

© Todos os direitos reservados, incluindo o direito de reprodução no todo ou em parte em qualquer forma.

As instruções escritas, as fotografias, os designs, os projectos e padrões são destinados ao uso pessoal não comercial do comprador e estão protegidos pelas leis do copyright federal, não podem ser reproduzidos de qualquer forma para uso comercial.

Esta edição é publicada por acordo com Susan Schulman A Literary Agency, Nova Iorque

Esta obra foi publicada originalmente em inglês, em 2014,

por RosettaBooks LLC

2021, Penguin Random House

Grupo Editorial Unipessoal, Lda.

Av. da Liberdade, 245 – 7.º A

1250-143 Lisboa

correio@penguinrandomhouse.com

www.gostodeler.pt

#gostodeler

Edição: C. Santos

Revisão: Maria de Fátima Carmo

Capa: adaptação de Teresa Coelho

Design da capa: © Netflix [2021]. Com permissão de uso.

Adaptação de Pedro Aires Pinto

ISBN: 978-989-784-224-5

Composição digital: Newcomlab S.L.L.

Suma de Letras é uma chancela de:



O nome Companhia das Letras e o logótipo associado são marcas comerciais registadas da Editora Schwarcz S. A. usados com autorização

Este livro não pode ser reproduzido, no todo ou em parte, por qualquer processo mecânico, fotográfico, electrónico ou por meio de gravação, nem ser introduzido numa base de dados, difundido ou de qualquer forma copiado para uso público ou privado, além do uso legal como breve citação em artigos e críticas, sem a prévia autorização por escrito do editor.

Índice

Gambito de dama

Nota do autor

Um

Dois

Três

Quatro

Cinco

Seis

Sete

Oito

Nove

Dez

Onze

Doze

Treze

Catorze

Notas

Sobre o livro

Sobre Walter Tevir

Créditos